

ROSANA MARIA RIBEIRO BORGES

**A PEDAGOGIA *BONAESPERENSE*:
UM ESTUDO DE CASO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO***

Goiânia
2000

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Mestrado em Educação Brasileira

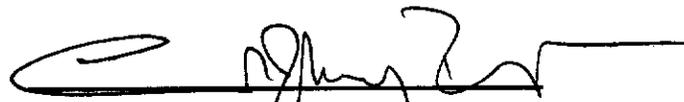
**A PEDAGOGIA *BONAESPERENSE*:
UM ESTUDO DE CASO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO***

ROSANA MARIA RIBEIRO BORGES

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação Brasileira, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Walderês Nunes Loureiro.

Goiânia
2000

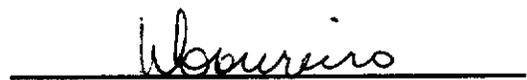
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão



Prof. Dr. Luiz Fernandes Dourado



Prof.^a Dr.^a Walderês Nunes Loureiro
(orientadora)

À minha mãe Glória, mulher-fortaleza, mãe dialógica, doce amiga, que não se curva perante os desafios do viver, e aponta, a cada dia, que é necessário arrancar as raízes e lançar-se ao vento, já que a ele não se impõem cancelas.

Ao meu pai Vicente, infante-engraxate do interior de Minas Gerais, que com perseverança, dignidade, honradez e humildade, ousou sonhar e alçou novos vôos, transpondo barreiras, construindo exemplos de vida. A seus onze filhos, ensinou verbos complexos: recomeçar, perseverar, estudar... proferindo, a cada conquista edificada, que além de ser necessário, o conhecimento é uma fonte de prazer e realização pessoal.

Ao meu companheiro Sandro e minha filha Luna, luzes a brilhar em tons coloridos, entre aflitos transeuntes. Alegres seres que a cada instante, poetizam a beleza do viver.

Ao querido e sempre Professor Geraldo de Faria Campos, Educador de grande importância e significação na vida de muitos estudantes goianos, sempre afirmando, em seus diálogos eternizados na memória, que saber o caminho não é o bastante. Preciso mesmo, é querer percorrê-lo.

DOS AGRADECIMENTOS...

Nomes... o que significam?
O que trazem em si?
Muito mais que a aparência
É o inaudito que carregam em teu seio

Para além da formalidade das palavras
Está a imensurável instância do ser
Algo tão sublime e transcendente
Que não se prende em morfemas

No entanto é no dia-a-dia
Que o etéreo se desnuda
Nos envolvendo com forças distintas
Hora acalanto, hora direção
Às vezes companhia e ainda,
Necessidade da solidão presente

Trago nas lembranças
Cada gesto, cada passo,
Cada abraço, cada dito,
Tão imensos que estão além
Mesmo das palavras que recito

Gratidão é fruto
Do escombro do passado
Dos momentos contorcidos
Desfigurados no presente que foi um dia
Mas nos dá a capacidade de aquilatar cada gesto,
No futuro que já é o dia

Neste momento único que acontece
Trago presente todos os que foram presença
A felicidade que compartilho, reflita em cada semblante
Deste orvalho de gratidão que se plenifica

Mas se as palavras são frágeis testemunhas para expressar tal gratidão

Registro neste instante

Deixando o meu muitíssimo obrigada

Aos familiares, irmãos, irmãs, amigos, colegas do Mestrado,

Professores, funcionários da FE/UFG.

Muito agradeço também aos Professores Luiz Dourado e Maurinha

Por suas contribuições na Qualificação deste trabalho.

À Professora Walderês, meu eterno agradecimento

Pela orientação, profissionalismo, coerência, diálogos e amizade.

À comunidade da Fazenda-Escola *Bona Espero*,

Mais que meus agradecimentos pela abertura à pesquisa e colaboração,

Expresso aqui não o final de uma relação,

Mas o início de uma nova caminhada...

RESUMO

Esta Dissertação é fruto de um estudo de caso que visa discutir os princípios e práticas pedagógicos da Fazenda-Escola *Bona Espero*, instituição educacional esperantista fundada em 1957, com sede no município de Alto Paraíso de Goiás. *Bona Espero* atende em regime de internato, crianças, adolescentes e jovens órfãos e/ou de baixa renda, sendo mantida através de doações e trabalho voluntário advindos do movimento esperantista brasileiro e mundial.

Como procedimentos metodológicos, utilizou-se da observação participante na instituição durante os anos de 1999 e 2000, buscando-se uma integração com sua dinâmica de funcionamento, cotidiano e moradores. A reconstituição da história e da trajetória da Fazenda-Escola foi realizada através de seus arquivos, do estudo dos objetos iconográficos presentes em seu interior e do uso da história oral.

Na análise dos dados, foram feitos vários diálogos com autores que discutem questões pertinentes à temática deste trabalho, tanto em nível metodológico, que inclui principalmente os que se relacionam aos estudos historiográficos e à história oral, quanto no que se refere aos princípios e práticas pedagógicos estudados, englobando uma diversidade de obras que retratam, entre outros itens, sobre disciplina, trabalho, cultura, infância, emancipação humana, socialização e recepção televisiva.

Acredita-se que este estudo possa trazer contribuições à história das instituições educacionais brasileiras e goianas, a medida em que discute a realidade de uma escola quase anônima, mas que há 43 anos, tem cumprido um importante papel na região Nordeste do Estado, considerada uma das mais pobres de Goiás. Isso porque entende-se que *Bona Espero*, além de incluir em seu quadro sócio-institucional crianças, adolescentes e jovens que, por direito, deveriam ter acesso à educação formal e a uma série de bens materiais e culturais que são inacessíveis às suas famílias de origem, oferece ainda uma "educação humanística" a seus alunos, que extrapola a educação escolar formal e estende-se à outras esferas da vida.

ABSTRACT

This dissertation is a study of case that intends to discuss the pedagogical principles and practices in Fazenda-Escola *Bona Espero* (*Bona Espero Farm-School*), educational esperantist institution found in 1957, in Alto Paraíso de Goiás. *Bona Espero* is a boarding school for children, adolescents and young orphans and/or young people coming from families with low wages; the institution is maintained through donations and volunteer work of Brazilian and world esperantist actions.

As methodological procedures, it was used the participating observation in the institution in 1999 and 2000, searching for an integration with its working, daily routine and residents. The reconstitution of the historiography and trajectory of the Farm-School were done through its files, the study of the iconography's objects present in its interior and the use of oral history.

In the analysis of the data, it was done various dialogues with actors who discuss questions related to the theme of this work, as in methodological level that includes mainly those that relate to the historiography and related to the oral history, as what relates to the studied pedagogical principles and practices, comprising a diversity of works that, among other items, show discipline, work, culture, infancy, human emancipation, socialisation and television influences.

It is believed that this study can bring contributions to the history of Brazilian and Goiana educational institutions, since it discusses the reality of an almost anonymous school, but that has done an important work in the Northeast region of the state of Goiás for 43 years, considered to be one of the poorest regions of this state. This is because *Bona Espero*, besides including in its social and institutional program children, adolescents and young people who, by law, should have access to formal education and various material and cultural benefits, which are not available to their families, yet the institution offers a humanised education to its students, which exceeds the formal education and spreads out to other spheres of life.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	13
1. O caminho percorrido até <i>Bona Espero</i>	16
2. Referencial teórico	20
3. Procedimentos metodológicos	24
I – A CONSTITUIÇÃO DA FAZENDA-ESCOLA <i>BONA ESPERO</i> , SEUS CONDICIONANTES SOCIAIS E HISTÓRICOS	35
1. Algumas considerações sobre o Esperanto	37
2. O fazer-se de <i>Bona Espero</i> : da fundação aos primeiros anos de existência.	43
2.1. O panorama brasileiro e goiano no período da fundação de <i>Bona Espero</i> . .51	
3. A condução de <i>Bona Espero</i>	55
4. A esperança de <i>Bona Espero</i> : inovar para continuar.	63
II – A FAZENDA-ESCOLA <i>BONA ESPERO</i> NA ATUALIDADE	70
1. A atual estrutura administrativa	70
2. A estrutura física	74
2.1. Os contratos de comodato	77
2.2. A Casa do Estudante	81
3. O processo seletivo dos alunos	86
4. Caracterização e cotidiano dos alunos	91
5. Perfil e processo de saída dos ex-alunos	103
6. <i>Bona Espero</i> : “Uma comunidade antiga em tempos modernos”	112

III – PRINCÍPIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICOS DA FAZENDA-ESCOLA <i>BONA ESPERO</i>	123
1. O referencial teórico adotado em <i>Bona Espero</i>	124
2. O Esperanto como princípio pedagógico	132
3. O trabalho voluntário	137
3.1. As aulas de música e suas contribuições pedagógicas	141
4. O Projeto <i>Bona Espero</i> : "produção de vídeos a partir da ótica infantil"	148
5. A televisão no cotidiano de <i>Bona Espero</i>	152
6. O contato com outras pessoas nas escolas de Alto Paraíso de Goiás	162
7. A divisão de tarefas e a disciplina como princípios pedagógicos	167
8. O princípio do trabalho como processo educativo e emancipatório	176
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
1. O papel social de <i>Bona Espero</i>	187
2. Os conceitos de infância e adolescência em <i>Bona Espero</i>	190
3. A diversidade cultural em <i>Bona Espero</i>	195
V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	204
VII – ANEXOS	210

LISTA DE ABREVIATURAS

- ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- B.E. – *Bona Espero*
- C.E. – Colégio Estadual
- CD – Compact Disc
- E.M. – Escola Municipal
- FACOMB – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
- FIAT – Fábrica Internacional de Automóveis de Turim
- FUNABEM – Fundação Nacional do Bem Estar do Menor
- FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
- INDUR – Instituto Nacional de Desenvolvimento Urbano
- IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PNAD – Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio
- PSD – Partido Social Democrata
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- MCM – Meios de Comunicação de Massa
- MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- SAM – Serviço de Atendimento ao Menor
- SBT – Sistema Brasileiro de Televisão
- SUS – Serviço Único de Saúde

UDN – União Democrática Nacional

UEA – Associação Universal de Esperanto

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação é fruto de um estudo de caso que visa discutir a prática pedagógica da Fazenda-Escola *Bona Espero*, instituição educacional esperantista de caráter filantrópico, que está instalada há 43 anos em Alto Paraíso de Goiás, tendo oferecido educação (formal e informal) para mais de trezentos crianças, adolescentes e jovens¹ da região.

O município de Alto Paraíso de Goiás está localizado no Nordeste Goiano, que ocupa 11,40% do território do Estado, sendo dividido nas microrregiões da Chapada dos Veadeiros e do Vão Paranã. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considera que a região Nordeste está entre as mais pobres do Estado, acumulando problemas econômicos e sociais, tais como o isolamento geográfico, os baixos salários, a falta de oportunidades de crescimento, a seca, os altos índices de desemprego e o analfabetismo (ASSUNÇÃO, 2000:2).

As estradas desta região estão entre as mais precárias do Estado e não existe, atualmente, um único leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) credenciado pelo Serviço Único de Saúde (SUS) em todo o Nordeste Goiano. O principal reflexo da situação sócio-econômica da região encontra-se no esvaziamento das cidades, pois a migração da população em busca de melhores oportunidades de emprego e sobrevivência é crescente:

De 1991 a 1996, pelo menos 6 dos 20 municípios da região encolheram o número de habitantes, enquanto outros estagnaram o crescimento. Além disso, a vida sem infra-estrutura e com poucos atrativos nas cidades da

¹ De acordo com Ariès (1981: 47), no limiar do século XX, a infância e a juventude passaram a ser delimitadas a partir da adolescência, que se inicia com a puberdade e termina com seu fim, empurrando a infância ao passado, e a juventude ao futuro. Entretanto, acredito que a delimitação da infância, adolescência e juventude, não segue uma escala etária, igualmente pré-fixada a todos os indivíduos. De acordo com Perroti (1982: 12), tal delimitação, antes de ser simplesmente uma questão etária, é uma questão histórica. Isso porque a criança, o adolescente e o jovem são seres históricos em constante relação com o ambiente sócio-cultural em que vivem, não sendo "...um simples organismo em mudança, (...) apenas uma quantidade de anos, um dado etário, mas algo bem mais complexo e completo".

região desestimulam a morar na zona urbana, e a densidade de habitantes da zona rural continua sendo muito grande. No início da década de 90, menos de 50% moravam nas cidades no Nordeste Goiano, enquanto a média no Estado era de 88% na zona urbana (*Ibid.*: 1).

O desequilíbrio sócio-econômico do Nordeste Goiano em relação às outras regiões do Estado, é fruto de um processo histórico que tem como marco a modernização agrícola dos municípios goianos próximos de São Paulo, fato que os tornou mais produtivos e competitivos. Estando a região Nordeste no outro extremo, fazendo divisas com a Bahia, a mesma foi caindo no esquecimento, e nem a proximidade com Brasília pôde superar o desequilíbrio regional e o seu isolamento (*Ibid.*: 2).

Um dos principais reflexos do isolamento e desequilíbrio econômico do Nordeste Goiano, pode ser visto na média de arrecadação dos municípios da região. Quase todos eles têm como principal fonte de recursos financeiros os Governos Federal e Estadual, o que indica que nas cidades, as Prefeituras são as maiores empregadoras, sendo rara a presença de indústrias. Nestes municípios, a média de arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) industrial gira em torno de 0,56% (*Ibid.*: 2).

Além disso, diversos dados de órgãos governamentais como o Ministério do Trabalho, a Secretaria Nacional de Assistência Social, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e o IBGE, denunciam que o Nordeste Goiano é uma das regiões do Estado que mais exploram o trabalho infantil (BORGES, 2000: 2).

O Mapa Indicativo do Trabalho da Criança e do Adolescente, elaborado pelo Ministério do Trabalho em 1999, indica que, em Goiás, a utilização da mão-de-obra infantil é mais freqüente nas atividades relacionadas à produção de carvão vegetal e cerâmica. Dezessete municípios goianos são acusados de envolverem crianças em tais serviços, com maior ocorrência na região Nordeste, em especial, no entorno de Brasília, onde está localizado o município de Alto Paraíso de Goiás (*Ibid.*: 2).

Tais atividades são apontadas pelo Ministério do Trabalho (2000: 1,2) como altamente insalubres, pois além de não contarem com equipamentos de

proteção, as crianças são submetidas a bruscas mudanças de temperatura, estando ainda expostas à lesões por excesso de peso, poeira sílica, ferimentos por falta de proteção nas máquinas, quedas de alturas, choque elétrico e problemas respiratórios causados pela fumaça. Os baixos salários, as jornadas excessivas de trabalho, incluindo o trabalho noturno, a remuneração por produção e a falta de vínculo empregatício, também fazem parte das precárias condições de trabalho destas crianças.

Em todos os casos de utilização do trabalho infantil, as crianças e os adolescentes não têm qualquer registro na Carteira de Trabalho, pois a legislação brasileira só permite o trabalho de adolescentes a partir dos dezesseis anos, na condição de aprendizes e com regras que resguardem a frequência escolar e as condições de saúde (*Ibid.*: 2). Além disso, o artigo 70 da Constituição Federal proíbe o “...trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de dezoito anos” (PASSETTI, 1996: 148).

O principal reflexo da utilização da mão-de-obra infantil em Goiás, pode ser visto na defasagem da carreira escolar das crianças. De acordo com os índices apontados pela Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD), do IBGE, 59,7% das crianças goianas entre sete e quatorze anos de idade – o equivalente a 270 mil estudantes – enfrentam atraso escolar igual ou superior a um ano, sendo que destes, 18,6%, ou seja, mais de 84 mil, estão fora da escola (MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2000: 1,2).

Nesse panorama do Nordeste Goiano está localizada a Fazenda-Escola *Bona Espero*, uma organização não-governamental, que vem incluindo em seu quadro sócio-institucional, crianças, adolescentes e jovens que, pela estrutura na qual suas famílias estão inseridas, encontram-se excluídos do universo da cultura letrada e da seguridade social que deveriam ser oferecidas pelo Estado aos cidadãos.

Assim, percebo que *Bona Espero* atua em dois sentidos: o primeiro, oferecendo a seus alunos o contato com a cultura letrada e com bens culturais que eles não teriam acesso no seio de suas famílias; e o segundo, na prevenção de uma possível situação de vida na rua que os mesmos poderiam vir a atingir, tendo em

vista a precariedade de condições econômicas, habitacionais, emocionais e psicológicas de suas famílias. De acordo com a administração:

Nós trabalhamos antes que a criança vai para a rua e eu acho esta a única solução para este país maravilhoso. Cuidar de criança de rua é tarde. É como cuidar de um agonizante. Porque nós fizemos a prova, fomos falar com crianças da rua: "Você quer ir? Te dou não um Real ou cinco, eu te dou um mil, eu te dou estudo, casa, comida". "Não quero. A rua me dá liberdade, me dá dinheiro." Nenhuma de nossas 250 que já tivemos, ninguém foi para a rua, ninguém foi para a favela (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 49'32).

Partindo deste raciocínio, considero como hipóteses deste estudo que a Fazenda-Escola *Bona Espero*, pela forma como está estruturada, assume um papel de referência familiar e social para seus alunos, atuando diretamente na elevação intelectual e moral dos mesmos, pois sua proposta de trabalho inclui tanto a educação escolar, quanto a formação humana, direcionada para outros aspectos da vida que extrapolam o âmbito dos conhecimentos escolares.

1. O caminho percorrido até *Bona Espero*

Em 1996, no decorrer do último ano do Curso de Rádio e Televisão da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG), entrei em contato, através da Disciplina Comunicação Comunitária, com um Projeto Piloto, que objetivava trabalhar a produção e a execução de vídeos com crianças e adolescentes que, de alguma forma, encontram-se marginalizados da sociedade, habitando as periferias do campo e das cidades.

O Projeto propunha às crianças e adolescentes a realização de vídeos em que eles seriam, ao mesmo tempo, roteiristas, produtores, cinegrafistas, atores, apresentadores, repórteres e editores. Os estudantes da FACOMB dariam suporte

técnico e humano ao Projeto, que buscava envolver também a comunidade local onde ele aconteceria.

O Projeto começou a ser desenvolvido na quarta série matutina de uma escola municipal localizada em um bairro periférico próximo ao Campus II da UFG, sendo “batizado” pelos estudantes de “Projeto TV Criança Lambança”. Ainda no ano de 1996, o Projeto também foi implantado em um acampamento organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no município de Itaberaí. Neste acampamento, os participantes nomearam o Projeto de “TV Che”, já que a Fazenda foi desapropriada, transformando-se em um Assentamento Rural com o nome de Ernesto Che Guevara.

No segundo semestre de 1997, o Projeto foi estendido à Fazenda-Escola *Bona Espero*. Como o curso de Rádio e Televisão foi concluído em 1996, somente tive contato com essa instituição durante o Primeiro Circo Infanto-Juvenil de Comunicação Comunitária, evento realizado pela FACOMB em 1998, dentro da programação da sua IV Semana de Comunicação e Extensão, que reuniu o público participante dos três Projetos de vídeos.

Inicialmente, a proposta de elaboração desta Dissertação visava realizar uma pesquisa sobre estes Projetos. O objetivo inicial do estudo foi centrado no “TV Criança Lambança”, pois sua localização geográfica seria favorável à pesquisa, visto que era o único Projeto desenvolvido em Goiânia. Posteriormente, decidi que também faria um estudo do Projeto “*Bona Espero*”, com o intuito de cruzar os dados das duas escolas nas quais eles aconteciam.

Porém, no decorrer do trabalho de campo, diversos problemas relacionados ao “TV Criança Lambança” interferiram na relação que pretendi estabelecer com a escola. Em contrapartida, observei que ao mesmo tempo em que a pesquisa de campo nesta escola não avançava, apresentando inúmeras dificuldades para sua realização, o estudo em *Bona Espero* evoluía significativamente.

Assim, a recepção da Fazenda-Escola e a colaboração da comunidade *bonaesperense* para com a pesquisa, impulsionaram uma nova reestruturação do Projeto de Dissertação, centrando o estudo nos vídeos desenvolvidos pela FACOMB

na Fazenda-Escola *Bona Espero*. Nesse momento, estabeleci os seguintes objetivos específicos:

- 1) As relações de ensino-aprendizagem que envolviam o Projeto, com ênfase nas interações que o permeavam;
- 2) A possível melhoria da capacidade crítica, da socialização e da auto-estima dos alunos de *Bona Espero* a partir do envolvimento no Projeto;
- 3) A influência do Projeto no desempenho escolar e no comportamento dos alunos da Fazenda-Escola em outros momentos de suas vidas;
- 4) A interferência do Projeto na vida cotidiana da Fazenda-Escola *Bona Espero*.

Entretanto, no decorrer do trabalho de campo, percebi que não havia continuidade na execução do Projeto desenvolvido pela FACOMB em *Bona Espero*. Desde o segundo semestre de 1998 até o mês de agosto de 2000, por exemplo, a equipe responsável por ele realizou apenas um vídeo na Fazenda-Escola, para ser apresentado no “II Circo Infanto-Juvenil de Comunicação Comunitária”, evento promovido pela FACOMB em Alto Paraíso de Goiás, de 21 a 25 de novembro de 1999.

Além disso, detectei também um desencontro de informações a respeito do Projeto “*Bona Espero*”. Segundo dados divulgados na imprensa goiana pela coordenação, aquele seria um Projeto de Pesquisa e Extensão da FACOMB (BRAGA, 1998:12). Entretanto, a administração da Fazenda-Escola não tem o mesmo entendimento, pois para os administradores, cada vídeo produzido é único e não implica em uma nova produção:

Nós tentamos considerar cada evento único. Nós não fazemos promessas que não podemos manter. E achamos extremamente perigoso na pedagogia e na educação dessas crianças prometer algo e não manter. Porque isso pra mim é o maior erro de pais, de prometer para as crianças e depois não manter. Você perde a credibilidade, eles perdem a confiança no adulto, e portanto, entram na droga, porque eles precisam da confiança. É primordial. Eu nunca prometo nada, e também o professor Nilton não

prometeu nunca que ele vai fazer um terceiro vídeo. Nunca foi falado, nunca. Portanto, ninguém está na expectativa disso (Entrevista nº 1).

A falta de continuidade sistemática do Projeto "*Bona Espero*" criou novos empecilhos para a pesquisa, tendo em vista que eu não conseguia visualizar as informações anteriormente mencionadas como objetivos específicos do estudo. As entrevistas com os alunos da Fazenda-Escola não diziam muita coisa sobre o Projeto de vídeo da FACOMB, assim como eu também não percebia a sua influência no cotidiano, na melhoria da auto-estima e da socialização dos alunos. Em *Bona Espero* não se falava no Projeto, exceto quando era perguntado.

Percebi que o Projeto de produção de vídeos da FACOMB na Fazenda-Escola estava constituindo-se muito mais em um instrumento de divulgação da instituição em eventos (regionais, nacionais e internacionais) do que em um instrumento educativo de influência em seu cotidiano. Diversos são os relatos da administração de *Bona Espero* que contam como os vídeos foram bem recebidos em congressos esperantistas e em encontros ligados à infância e juventude. Além disso, várias vezes presenciei a apresentação dos vídeos aos visitantes que chegam na Fazenda-Escola, diferentemente dos alunos novatos, que não têm informações a respeito da existência dos vídeos e do Projeto.

Entretanto, apesar do Projeto "*Bona Espero*" estar se desenvolvendo sem um cronograma específico e sem uma continuidade sistemática, percebo que ele exerce influência na Fazenda-Escola, não tão intensa quanto a que inicialmente tinha como hipótese, mas também importante, reconhecida tanto pelos alunos, que afirmam gostar de participar da produção dos vídeos, quanto pela administração da instituição, que sempre recebe bem a equipe da FACOMB em suas instalações.

Observei também que existem outras atividades presentes no cotidiano de *Bona Espero* que exercem muita influência na vida de seus alunos, contribuindo de forma mais sistemática na socialização, na auto-estima, no desempenho escolar e no desenvolvimento deles, tais como: as aulas de música que acontecem quinzenalmente; o contato diário do grupo, que por ser composto por muitas pessoas constitui-se em um rico espaço de aprendizagem e desenvolvimento; a utilização do Esperanto, que confere um *status* de internacionalidade à Fazenda-

Escola; o contato com os voluntários que chegam de diversas partes do país e do mundo, em sua maioria esperantistas; a divisão de trabalho; a vida com regras e disciplina; e o contato com a televisão, que apesar de ser conflituoso, visto que ainda não é uma coisa estabelecida na instituição, começa a aparecer no cotidiano dos seus moradores.

Diante de tais constatações, decidi reformular novamente o projeto da pesquisa, centrando-o em um estudo da Fazenda-Escola *Bona Espero*, que visa discutir os princípios e as práticas pedagógicas presentes nesta instituição. Compreendo tais mudanças na definição do objeto da pesquisa, como parte integrante do próprio processo de investigação que vai delineando o estudo, em um movimento de desnudamento e aproximação perante os olhos de quem pesquisa.

Ademais, ressalto que a proposta aqui apresentada, de um estudo de caso da prática e do projeto pedagógico da Fazenda-Escola *Bona Espero*, pretende constituir-se em mais que uma descrição a respeito de tal instituição, pois ao mesmo tempo em que busco um retorno às suas origens, procuro também entender os processos históricos que contribuíram para sua formação e consolidação enquanto uma instituição educativa inserida em um contexto que é local, mas que também tem suas características universais.

Compreendo que, apesar de não ser uma instituição conhecida da sociedade goiana, *Bona Espero* cumpre um importante papel na educação de crianças, adolescentes e jovens que, por direito, necessitam de uma intervenção em suas vidas que deveria ser oferecida pelo poder público. Além disso, a Fazenda-Escola é hoje uma referência para a região do Nordeste de Goiás, tendo também destaque junto aos órgãos ligados à infância e juventude do Estado e às organizações não governamentais do movimento esperantista brasileiro e mundial.

2. Referencial teórico

Tenho o entendimento de que seria necessária uma opção teórico-metodológica que pudesse servir de guia no desvelamento das relações presentes

na história e na prática pedagógica da Fazenda-Escola *Bona Espero*, buscadas tanto nas fontes documentais da referida instituição, quanto no estudo do seu cotidiano.

Como ponto de partida, realizei leituras relacionadas à História da Educação e aos Estudos Historiográficos, que têm se afirmado enquanto possibilidades de resgate da história de instituições científicas e culturais. Pesquisadores como Ester Buffa (1990;1995), Ecléa Bosi (1987), Maria de Lourdes A. Fávero (1995), Anamaria Casassanta Peixoto (1995) e Helena Vasconcelos (1999), além de apresentarem caminhos a serem desvendados, indicam também possibilidades e justificativas da pesquisa de instituições educacionais e culturais, mostrando que existe um universo a ser explorado nesse tipo de estudo.

Analiso que tais leituras contribuíram tanto no aspecto metodológico, quanto na própria compreensão da dimensão e contextualização do estudo realizado, visto que esclarecem que a pesquisa histórica institucional concretiza-se em uma arma a favor das escolas, capaz de auxiliar na recuperação da memória e da identidade dessas.

Na revisão da literatura sobre a temática, percebi que são vários os pesquisadores que têm alertado que ante à crise de identidade expressa pela escola brasileira, o resgate da memória destas instituições constitui-se em um desafio a ser enfrentado com uma certa urgência, pois os dados a respeito da educação no Brasil têm se perdido pela ausência de preservação e/ou pela dispersão na qual se encontram, de modo que, num futuro próximo, não mais será possível reconstruir o passado cultural do Brasil expresso através da educação (BUFFA, 1990; FÁVERO, 1995; NUNES, 1990, PEIXOTO, 1995). Entendendo que “... *o ontem é fundamental para a compreensão do hoje*”, a escola está, pela dispersão em que se encontra sua memória, sujeita a ser “... *remetida ao futuro, sem base no presente, perdendo, definitivamente, sua identidade*” (PEIXOTO, 1995:11).

Além disso, de acordo com indicações dos Grupos de Trabalho de História da Educação e de Sociologia da Educação, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), existe hoje uma necessidade da pesquisa em educação no Brasil afastar-se do genérico e do paradigmático para voltar-se ao circunscrito, investindo em estudos de instituições específicas que

focalizem aspectos do cotidiano escolar. Tal indicação está enraizada num movimento internacional iniciado pela Escola dos *Annales*², que visa o estudo do singular, do cotidiano e de suas ligações diretas com o universal (BUFFA, 1995:69).

Em um artigo que problematiza a produção historiográfica brasileira no campo da educação, Vasconcelos (1999: 41) faz referência às análises de Moraes (1993), acerca da questão da singularidade adotada nos estudos historiográficos. De acordo com esta autora, o campo apresentado pelo estudo do singular e/ou particular é uma possibilidade privilegiada do conhecimento da história:

... se a crise e o mergulho no fragmento são traços peculiares à nossa época, é preciso enfrentá-los correta e criticamente (...) trata-se de resgatar o fragmento de sua nudez imediata, de romper o silêncio de sua individualidade sensível, fazendo aparecer a trama das mediações que tomam dizível, pelo conceito, sua própria singularidade, sua própria especificidade (*Apud* VASCONCELOS, 1999: 41).

Isso quer dizer que o fato de se adotar objetos de estudo singulares, não implica em negação ou em empecilho para as análises conjunturais mais amplas, tendo em vista que o singular e o universal estão em constante relação. Não se trata, portanto, de opor o singular ao universal, e sim, de se buscar “a ponta do iceberg (...) cristizador e revelador das estruturas” (*apud ibid.*: 41).

Na composição desta Dissertação, utilizei também subsídios teóricos das obras de autores como Jean-Claude Forquin (1993) e Maria Teresa Estrela (1992), por entender que oferecem elementos reforçadores da discussão acerca da diversidade cultural e da disciplina no interior da escola.

Sobre tais questões, além dos autores supracitados, recorri também ao pensamento de Antônio Gramsci (1989-a; 1989-b), pois este autor traz inúmeras contribuições para a compreensão da escola enquanto espaço de luta e construção

² A Escola dos *Annales* teve sua origem na França, no início do século XX, desenvolvendo-se a partir de uma resignificação do pensar e do fazer a História, que englobou novos temas, problemas, objetos de estudo e fontes, como as orais e iconográficas, que até então não eram valorizadas e reconhecidas enquanto documentos (LOURO, 1990: 22).

social, no qual estão inseridas tanto as ideologias dominantes, quanto as ideologias de quem cotidianamente a constrói como espaço cultural.

Além disso, considero que é de fundamental importância para este estudo, a discussão presente na obra de Gramsci acerca da disciplina e do trabalho, enquanto importantes princípios pedagógicos na manutenção e consolidação da escola unitária, de formação humanística, uma vez que interpreto que tais categorias se fazem presentes na constituição e na vida cotidiana da Fazenda-Escola *Bona Espero*.

Outro autor que adotei como referencial teórico desta Dissertação é o psicólogo russo Lev Semionovich Vygotsky (1998), por entender que suas reflexões sobre as relações existentes entre o desenvolvimento infantil e o meio social trariam contribuições significativas ao trabalho. Isso porque o campo deste estudo é constituído por uma Fazenda-Escola na qual, diariamente, convive um grupo heterogêneo composto por cerca de quarenta pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, com as mais diferenciadas formações, histórias de vida e anseios. A partir das considerações de Vygotsky sobre o papel do meio social no desenvolvimento infantil, pude compreender melhor o processo de desenvolvimento educacional, social e cultural dos alunos de *Bona Espero*.

Ainda a respeito da questão da infância, a discussão de Philippe Ariès (1981) acerca da formação histórica da noção de criança e de adolescente, bem como de seus reflexos na atual sociedade, trouxe incontáveis contribuições à compreensão da noção de infância e adolescência em *Bona Espero*, desatando "nós" e avançando no processo de análise dos dados.

Pesquisadores como Jesús Martín-Barbero (1995;1997) e Guillermo Orozco (1997-a; 1997-b), que discutem a questão da recepção dos meios de comunicação, também foram utilizados nesta Dissertação, que contou ainda com alguns autores que retratam a problemática das crianças, adolescentes e jovens em situação de rua e as políticas públicas voltadas para esta área, tais como Sílvia H. Koller (1996) e Raul Aragão Martins (1996), além de outros que debatem sobre as chamadas "comunidades alternativas".

Ressalto que o referencial teórico acima descrito está presente em todo o texto, tendo em vista que o mesmo subsidia reflexões e análises acerca dos dados e da própria realidade estudada.

3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caso, entendido como *"...uma investigação sistemática de uma instância específica (...) podendo ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola, uma instituição, um programa, etc."* (Apud ANDRÉ, 1984: 51).

Segundo alguns autores, o estudo de caso enquadra-se entre os mais relevantes tipos de pesquisa qualitativa, expressando-se em uma importante tendência desse tipo de investigação na área educacional:

... o estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade é compreendê-la como uma unidade. Isso não impede, no entanto, que ele esteja atento ao seu contexto e às suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação (ANDRÉ, 1995:31).

Enquanto pesquisa acerca de uma questão específica, o estudo de caso não apresenta uma padronização metodológica, e sim, formas particulares de abordagem e desenvolvimento, cuja metodologia é diversificada, podendo incluir *"...observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo."* (Ibid., 1984:52).

Como ponto de partida desta pesquisa, iniciei um estudo na Fazenda-Escola *Bona Espero* englobando os documentos escritos pertencentes aos arquivos da instituição, o seu corpo administrativo, os alunos e os voluntários que lá atuam. Para tanto, utilizei a observação participante do início do ano letivo de 1999 até o mês de agosto de 2000. As observações realizadas durante as visitas foram

anotadas em um Diário de Campo, encontrando-se dispostas ao longo deste trabalho em forma de narração ou citação.

De acordo com André (1995: 28), a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que existe uma constante interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, ou seja, ao mesmo tempo que o pesquisador observa determinadas situações, também participa delas, afetando-as e por elas sendo afetado.

...a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias (sic.) na situação do observado, mas participar de sua vida (Apud BOSI, 1987:2)

Com o objetivo da pesquisa centrado em *Bona Espero*, a partir do mês de junho de 1999, visitei a Fazenda-Escola com maior frequência. As visitas, que antes eram mais espaçadas no tempo, durando apenas um final de semana, passaram a ocorrer amiúde, sendo que minha permanência em Alto Paraíso de Goiás variou de quatro dias a uma semana.

Durante todas as estadias, hospedei-me em *Bona Espero*, tanto na fazenda, quanto na Casa do Estudante, localizada na cidade. Isso contribuiu de forma positiva no desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que o convívio diário com os moradores facilitou minha imersão e integração na Fazenda-Escola e estreitou as relações que estabeleci com seus membros.

Concomitantemente à observação participante, dei início a uma pesquisa nos arquivos de *Bona Espero* com o objetivo de buscar dados sobre sua história e sua formação enquanto instituição. Para tanto, utilizei os documentos escritos pertencentes à Fazenda-Escola, em especial, o Livro Ata, o Estatuto e as fichas individuais dos alunos, sendo que os mesmos apresentaram grandes contribuições no entendimento de sua história, bem como dos processos que gestaram suas administrações e manutenção ao longo dos anos.

Entretanto, apenas os documentos escritos não responderam suficientemente à problematização acerca dos processos históricos constituidores de *Bona Espero*, pois somente parte do que acontece em uma instituição educacional fica escrita ou registrada de alguma forma. Boa parte do que acontece se apaga porque faz parte da rotina da instituição e como tal não se arquivava. Costuma-se registrar o resultado de alguma atuação institucional, mas os processos tendem a ficar sem memória.

Nesse sentido, as fontes utilizadas para o estudo de *Bona Espero* são as mais variadas, numa convicção de que a percepção de sua totalidade não se fará através de uma só fonte nem de uma só vez. Assim, inúmeras e demoradas foram as visitas feitas à instituição para estudo de documentos, observação de suas atividades cotidianas e realização de entrevistas.

Na utilização das fontes documentais pertencentes à *Bona Espero*, compartilho da posição de alguns autores que conceituam o documento enquanto *“tudo o que se puder conseguir”* (PEIXOTO, 1995:10) que estiver relacionado ao objeto da pesquisa, incluindo o documento escrito, ilustrado, sonoro e mnemônico, ou seja, englobando todos os objetos iconográficos possíveis de serem detectados, tendo em vista que as fontes documentais são um importante instrumento de valorização da memória coletiva (FÁVERO, 1995:20).

Nesta perspectiva, os objetos iconográficos são fontes de percepção de realidades cotidianas, ideologias e mentalidades, que podem revelar um grande potencial para a reconstrução de um determinado passado, especialmente no campo da educação, visto que esta área de investigação oferece um leque de objetos materializados em seus prédios, mobiliários e equipamentos que refletem as relações sociais existentes. Assim, os objetos iconográficos expressam as formas de pensar, sentir e fazer das sociedades que os compuseram, constituindo-se em *“memória captada não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, menos no tempo e mais nas imagens, nos objetos, no som, nos gestos, seu estudo pode cooperar para clarear aspectos importantes de nossa educação”* (PEIXOTO, 1995:10).

Além disso, tanto os documentos advindos de fontes específicas, quanto os que advêm de fontes não específicas, foram elaborados em um determinado

período histórico e são produto das sociedades que os produziram, de modo que se constituem em importantes instrumentos de acesso à memória coletiva de determinada sociedade ou grupo social. Em razão disso, está a necessidade de se fazer uso dos mesmos, recuperando-os, analisando-os e estabelecendo as relações existentes entre o conjunto que os forma enquanto patrimônio cultural:

O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro (...) determinada imagem de si próprias (...) é preciso começar a desmontar, demolir esta imagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção de documentos/monumentos (*Apud FÁVERO, 1995:22*).

A partir destas concepções, busquei novos elementos para ampliar o diálogo com as fontes documentais sobre *Bona Espero*, tendo em vista que somente o documento escrito e a observação do seu cotidiano, não foram capazes de responder às indagações acerca do desenvolvimento histórico e da vida cotidiana da Fazenda-Escola. Assim, no decorrer da coleta de dados, optei pela utilização da história oral, tendo em vista que através dela tem-se a possibilidade de entrar em contato com vozes, dados e realidades que o documento escrito não contempla:

Acredito que a história oral pode e deve ser realizada não só para pesquisar sujeitos ou temas aos quais não se teria outra forma de acesso, mas também, e com destaque, para responder a novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos temas, abrir outras perspectivas de análise, estabelecer relações e articulações entre fatos, sujeitos e dimensões de um estudo (*LOURO, 1990:23*).

Neste trabalho, compartilho da opinião de Amado & Ferreira (1998: XVI) de que a história oral seja uma metodologia que se remete à duas dimensões, sendo elas a técnica e a teórica, com o objetivo de estabelecer e ordenar os procedimentos de pesquisa, funcionando como uma ponte entre a teoria e a prática. Assim, entendo que a história oral seja o resultado de uma pesquisa empírica de campo, somado à

reflexão teórica sobre as problemáticas e os métodos que a envolvem, caracterizando-se como:

... um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social das pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva. Como história contemporânea, a história oral tem de responder a um sentido de utilidade prática e imediata (MEIHY, 1996:13).

Tendo o testemunho falado dos depoentes como o núcleo da investigação, e não parte acessória, o uso da história oral permite o esclarecimento de trajetórias pessoais e coletivas, uma vez que a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, mas que refletem estruturas do corpo coletivo da sociedade, que são expressos nas entrevistas e legitimados pelo pesquisador enquanto fontes (Cf. AMADO & FERREIRA, 1998: XIV).

Nesse contexto, cabe ao pesquisador recuperar e recriar o objeto de estudo através da memória dos informantes, gerando documentos por meio das entrevistas. De acordo com Bosi (1987: 49), existe uma relação íntima entre o ouvinte e o narrador, apoiada no comum interesse de conservação do que é narrado, para sua reprodução:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão (...) A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.

Além disso, a autora esclarece a existência de uma relação dialética entre os elementos da memória pessoal e coletiva:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação (*Ibid.*: 332-333).

A memória individual é antes coletiva e social, porque parte da interação sócio-cultural para atingir o ser individual, assim como a memória coletiva é composta pela memória pessoal, visto que é a interação do indivíduo com o meio que a compõe e personifica: “...cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (*Apud ibid.*: 335).

Assim, compreendo que a história oral traz para a narrativa as vozes dos sujeitos sociais que de alguma forma estão envolvidos na constituição dos fatos, abrindo assim novas possibilidades de desnudamento e interpretação do real: “Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral” (MEIHY, 1996:10).

Entretanto, segundo alguns autores, sendo o presente a perspectiva temporal da história oral, a mesma caracteriza-se não enquanto uma categoria particular de fontes, mas enquanto “arquivos provocados” que podem tomar a forma oral ou escrita (Cf. BACKER, 1998: 27). De acordo com este autor, os “arquivos provocados” têm sempre o inconveniente de terem sido constituídos após o acontecimento, podendo resgatar lembranças equivocadas, transformadas em função de fatos posteriores, para coincidirem com o que é pensado na atualidade, justificando assim, posições e atitudes (*Ibid.*: 28).

Tenho clareza de que grande parte da reconstituição dos processos formadores de *Bona Espero*, foi realizada a partir do diálogo estabelecido com seus interlocutores, expressando, portanto, os seus pontos de vista. Entretanto, esses dados foram cruzados com outras fontes – tanto orais, quanto escritas – de modo que acredito que as versões do desenvolvimento histórico da instituição presentes

neste trabalho, não apresentam distorções comprometedoras em relação à sua veracidade.

Ademais, em que pese os documentos constituídos através de fontes orais virem incorporados de valores individuais, como a subjetividade, as emoções e o cotidiano, analiso que, no caso específico desta pesquisa, a história oral ofereceu uma possibilidade de se ouvir diversas vozes que compõe o cenário de *Bona Espero*, trazendo uma carga subjetiva que não é aqui considerada enquanto um problema, e sim, enquanto um recurso a mais para se entender a história da Fazenda-Escola, que se confunde com a vida dos depoentes.

Além disso, sobre a problemática levantada por Backer (1998) em relação aos inconvenientes ocasionados pelos “arquivos provocados”, concordo com a opinião de Bosi (1987) acerca do caráter pessoal dos fatos narrados em pesquisas com fontes orais, bem como dos possíveis erros e lapsos que podem conter na memória dos depoentes:

Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raros desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História oficial (*Ibid.*: 4).

Assim, entendo que a história oral possibilita no mínimo dois movimentos importantes: o primeiro, de inovar em seus objetos, dando especial atenção aos “dominados”, aos excluídos da história oficial, ao cotidiano e à vida privada; e o segundo, de trazer novas abordagens, que expressam o pensamento e o sentimento de pessoas e grupos específicos, constituindo-se numa “história vista de baixo”, uma vez que assume a perspectiva de micro-história (Cf. FRANÇOIS, 1998: 4). Para Lazano: “... a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (1998:16. Grifos do autor).

Nessa perspectiva, para enriquecer o diálogo com as fontes documentais escritas às quais tive acesso e com os dados observados, formei uma rede de

entrevistados. Tais entrevistas foram semi-estruturadas, e ocorreram tanto formalmente, com a utilização de gravador, quanto informalmente, através de conversas e bate-papos, totalizando-se, ao final da pesquisa, em 34 entrevistas que foram gravadas e posteriormente transcritas para sistematização e análise.

Como ponto de partida para a realização das entrevistas, escolhi os atuais administradores de *Bona Espero*, por ter o entendimento de que esses poderiam fornecer informações mais consistentes sobre a instituição, além de outras pistas acerca dos passos seguintes da pesquisa, colaborando de forma incisiva no tecer e desvendar dos dados, que até então se apresentavam de forma embaçada, num emaranhado de anotações ainda não sistematizadas e analisadas.

Em seguida, entrevistei: os alunos; os voluntários que exercem algum tipo de trabalho na instituição; os ex-alunos (que se foi possível fazer contato); o corpo docente da Escola Municipal (E.M.) Zeca de Farias e do Colégio Estadual (C.E.) Moisés Nunes Bandeira, escolas situadas na cidade de Alto Paraíso de Goiás nas quais os alunos de *Bona Espero* estudam; e alguns comodatários que atualmente residem na Fazenda-Escola.

Em relação aos alunos, procurei identificar: quem são; de onde vieram; qual é a situação sócio-econômica de suas famílias; quais são suas escolaridades; como foi o processo que os encaminhou para morar em *Bona Espero*; qual o tempo de suas estadias; e quais são as suas opiniões a respeito da referida instituição. Esclareço que as entrevistas com os alunos de *Bona Espero* presentes neste trabalho, estão identificadas apenas com um número, pois na realização das mesmas, a maioria deles solicitou a garantia do anonimato das informações. Além das entrevistas individuais, realizei uma entrevista coletiva com os alunos, que não foi programada, ocorrendo de forma espontânea dentro do grupo.

Já em relação aos ex-alunos, além dos tópicos mencionados anteriormente, procurei identificar: quantos anos permaneceram em *Bona Espero*; por que saíram; qual o grau de escolaridade que adquiriram; quais são as suas atuais profissões e/ou ocupações; qual é a influência de *Bona Espero* nestas profissões; se atualmente fazem uso do Esperanto; e qual é o significado da Fazenda-Escola para suas vidas.

No processo de elaboração desta Dissertação, considero que foi imprescindível as interpretações e impressões daqueles que participaram e construíram a história da Fazenda-Escola *Bona Espero*, de modo que a memória oral de administradores, voluntários, alunos, ex-alunos e pessoas que estabeleceram – e/ou que ainda estabelecem algum vínculo com a instituição – apresentaram grandes contribuições.

A construção de um objeto de estudo requer constante reinvenção e reflexão por parte de quem o desenvolve, incluindo tudo o que se refere à teoria a ser utilizada como complemento da pesquisa e avanço do conhecimento elaborado. “A interpretação é explosiva, se quiser detonar a vida” (NUNES, 1990:42), ou seja, a interpretação consegue abranger aspectos não visíveis do cotidiano, se ela não se fechar em si mesma, através de couraças teóricas, metodológicas, resultados pré-definidos e soluções preestabelecidas. Para “*explodir a vida*” deve-se levar em conta um conjunto de relações sociais, em detrimento de sujeitos já definidos; os processos que engendram tais relações, e não seus resultados; as características do campo de possibilidades que as constitui, e não seus eventos; e a proposição de problemas, e não suas soluções:

Trata-se de elaborar, ao mesmo tempo em que se constrói o objeto, um instrumento teórico que (...) penetre o ponto visceral do movimento de sujeitos em expansão. Trata-se de forjar uma sutil força teórica que invade não para possuir o objeto (leia-se sujeito), mas para arrancá-lo dos lugares comuns em que foi encarcerado (*Ibid.*: 42).

A articulação dos fatos históricos a partir de operações práticas promove um movimento de organização do pensamento que ordena o que se encontra disperso, irregular, acidental e diverso no conteúdo das fontes históricas. Assim, os vários campos de circulação do pesquisador constroem seu campo semiótico, estabelecendo estratégias e táticas interpretativas das diversas “partes” a serem registradas e interpretadas, para que se possa formar o “todo” do estudo em questão (*Ibid.*, 1995:55). Na visão de Schaff (1991): “*Toda obra histórica traz o cunho da individualidade do historiador, da sua percepção da história, da sua concepção do*

processo histórico, da sua compreensão dos homens e dos seus atos" (Apud VASCONCELOS, 1999: 55).

Enquanto resultado da elaboração do pesquisador, a escrita manipula dimensões epistemológicas, estéticas e morais, explicando ou representando dados, realizando a tensão necessária entre a teoria e a empiria (*práxis*), estendendo o caminho percorrido e as conclusões derivantes desse às outras pessoas (NUNES, 1995:64).

Embora seja o produto final da pesquisa, o movimento da escrita não aconteceu de forma separada, fragmentada, nem linear, pois acompanhou todo o processo de coleta, análise e interpretação dos dados. Assim, o texto aqui apresentado é fruto de um processo, em alguns momentos prazeroso, em outros sofrido, que expressa o caminho percorrido em busca do desvelamento das relações que envolvem o tema que, no decorrer do trabalho de campo, acabou sendo definido como central, ou seja, as relações pedagógicas presentes na Fazenda-Escola *Bona Espero*.

Esta Dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, analisa a constituição histórica de *Bona Espero*, a partir de três momentos específicos, conforme impõem a trajetória e a consolidação da instituição, de acordo com os depoentes. Entretanto, esse capítulo tem início com uma breve abordagem acerca da língua internacional Esperanto, pois compreendo que a história de *Bona Espero* está intimamente relacionada ao movimento esperantista. O capítulo contém ainda uma análise da conjuntura histórica goiana e brasileira no período de fundação e consolidação da instituição.

A Fazenda-Escola *Bona Espero* na atualidade é o tema do segundo capítulo, que se atém a sua contextualização, englobando aspectos da estrutura física, administrativa e cotidiana, tais como o processo seletivo e o perfil de alunos e ex-alunos. Posteriormente, são discutidos os fatores que diferenciam a Fazenda-Escola das demais "comunidades alternativas" que se instalaram em Alto Paraíso de Goiás.

O terceiro capítulo analisa os princípios e práticas pedagógicos mais presentes em *Bona Espero*. Para melhor clareza expositiva, decidi dividi-los em: a utilização do Esperanto, o trabalho voluntário, o contato que os internos estabelecem

com outras pessoas nas escolas que eles freqüentam em Alto Paraíso de Goiás, a televisão, o grupo, a disciplina e a divisão de tarefas.

Posteriormente, são apresentadas as considerações finais do trabalho. A partir das observações e depoimentos, busquei realizar uma articulação entre o papel social e a prática pedagógica de *Bona Espero*, com as noções de infância e adolescência que circulam nessa instituição. As considerações finais são encerradas com um debate sobre a questão da diversidade cultural, visando um diálogo com as demais categorias educativas presentes no cotidiano e na pedagogia de *Bona Espero*.

Dessa forma, apresento aqui o fruto de uma caminhada em busca do que muitos denominam de "objeto da pesquisa", mas que acredito ser mais um "caminho da pesquisa" do que um objeto propriamente dito, pois no decorrer do trabalho de campo, acaba-se envolvendo com o pesquisado, sendo que, neste envolvimento, aprende-se muito – e ensina-se também.

CAPÍTULO I

A CONSTITUIÇÃO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO*, SEUS CONDICIONANTES SOCIAIS E HISTÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo principal fazer uma apresentação da história da Fazenda-Escola *Bona Espero*. Para tanto, traz um resgate de sua trajetória, dividida em três momentos estabelecidos a partir das entrevistas com os depoentes, refletindo assim o modo com que esses representam e interpretam sua própria história.³

De acordo com os dados, observa-se que a história dos depoentes está intimamente relacionada à história de *Bona Espero*. Desde a fundação até os dias de hoje, pode-se observar a presença de duas gerações distintas de administradores, além de uma tentativa de consolidação de uma nova direção. Percebe-se que as histórias de vida e atuações dessas pessoas delinearão os rumos tomados pela instituição, uma vez que sua dinâmica administrativa e vida cotidiana depende e está intimamente relacionada às suas administrações.

O trabalho dos dirigentes da Fazenda-Escola imprime-lhe uma marca muito pessoal, pois os mesmos tiveram a instituição como um objetivo de vida, de modo que cada geração, a seu tempo e a seu modo, apresenta contribuições para o desenvolvimento histórico e cotidiano de *Bona Espero*.

O capítulo inicia-se com uma localização histórica da língua internacional Esperanto, pois se analisa que esse é um fator de agregação e integração na Fazenda-Escola, tanto na esfera social-institucional, que diz respeito à própria trajetória e consolidação da instituição, quanto na esfera individual, ou seja, na

³ A cronologia estabelecida a partir da fonte oral foi assumida no decorrer da pesquisa e trazida para a narrativa. De acordo com Warde (*Apud* VASCONCELOS, 1999: 53), a periodização da pesquisa deve ser delimitada pelo objeto de estudo, o que é confirmado por Cardoso (*Apud* *ibid.*: 53), ao afirmar que “a periodização provém sempre da própria natureza do objeto”.

história de vida das pessoas que mantiveram e/ou que mantêm algum vínculo com ela.

A justificativa para a inclusão desse breve debate acerca da origem e do desenvolvimento do Esperanto, simboliza uma tentativa de contextualizar discussões posteriores sobre a língua internacional em *Bona Espero*, já que aquela se apresenta como mediação institucional, social, cultural e pessoal na consolidação e no cotidiano da Fazenda-Escola.

Posteriormente, são discutidos os momentos que fazem parte da construção de *Bona Espero*. De acordo com os depoentes, a história da instituição começa a ser contada em 1957, ano de sua fundação. Este primeiro momento, aqui denominado de “O Fazer-se de *Bona Espero*”, perdurou até a primeira metade da década de 1970, correspondendo ao período de atuação da primeira geração de seus administradores, composta por alguns dos sócios fundadores.

Segundo os depoimentos, o momento seguinte da história de *Bona Espero* tem início em 1974, quando uma segunda geração de administradores assume o comando da Fazenda-Escola, permanecendo até os dias de hoje. No texto, tal momento é discutido enquanto “O fazer-se de *Bona Espero*”.

Até o mês de julho de 2000, a comunidade *bonaesperense* estava se preparando para um período de transição administrativa que, de acordo com os depoimentos, chegou a ser considerado enquanto um terceiro momento na história da instituição. Tal questão também é discutida neste capítulo, pois entende-se que o processo sucessório ainda está em curso, sendo que somente faltam voluntários que se candidatem ao cargo de administradores.

Entretanto, ressalta-se que esses momentos da história da Fazenda-Escola não ocorreram de forma fragmentada, linear ou mesmo isolada uns dos outros. Como partes integrantes do desenvolvimento histórico da instituição, eles não se apresentam como rompimento, fratura ou ruptura. Ao contrário, interagem-se, integrando-se e complementando-se na totalidade da constituição de *Bona Espero*.

O capítulo inclui também uma discussão acerca do contexto social, político e econômico, do Brasil e de Goiás, no período de fundação da Fazenda-Escola, visando realizar um diálogo com a conjuntura histórica em sua formação.

1. Algumas considerações sobre o Esperanto

O Esperanto é uma língua artificial⁴ criada no século XIX por Lázaro Luiz Zamenhof, com o objetivo de superar as barreiras lingüísticas existentes entre povos de etnias diferentes. O contexto histórico da Polônia, país de origem de Zamenhof, teve grande influência na criação e no desenvolvimento do Esperanto, pois no início do século XIX, ela vivia sob dominação russa. A região localizada na fronteira da Polônia com a Lituânia era habitada por quatro povos com culturas e línguas distintas, sendo eles os judeus, os alemães, os poloneses e os russos.

A convivência desses quatro povos em Bialostoque, cidade natal de Zamenhof, apresentava muitos conflitos oriundos das diferenças culturais, étnicas e lingüísticas, que geravam dificuldades de comunicação entre os moradores, pois os povos não se comunicavam, e portanto, não se entendiam. Em uma pequena cidade, cuja população estimada era de seis mil habitantes, falava-se polonês, russo, ídiche e lituano (Cf. CHAVES, 1995:17).

Nesse ambiente conflituoso vivia uma família judia de origem polonesa. Lázaro Luiz Zamenhof, nascido no ano de 1859, era o filho mais velho desta família, cujo pai lecionava línguas estrangeiras. Desde pequeno, Zamenhof enfrentou muitas dificuldades de convivência com as demais crianças da cidade, pois além das diferenças lingüísticas e de comunicação, existia ainda uma grande hostilidade e rivalidade entre os povos que ali viviam, advinda da necessidade de cada um afirmar-se enquanto raça e língua predominante naquele meio social.

Zamenhof cresceu sentindo necessidade de suprir os problemas de comunicação existentes em sua cidade, e sonhava inventar uma língua que unisse os povos. Como seu pai era professor de línguas estrangeiras, estudou várias, e aos quinze anos de idade já dominava Hebraico, Latim, Grego, Inglês, Francês, Polonês e Alemão. Transitando por tantas línguas, ele fez uma síntese de todas, criando uma nova com o objetivo de oferecê-la à humanidade.

⁴ O Esperanto, por ter sido idealizado e criado por uma pessoa, enquadra-se nas chamadas "línguas artificiais", cuja criação e difusão não está relacionada ao desenvolvimento histórico de nenhum país, povo ou cultura específicos.

Quando Zamenhof terminou o ginásio, o pai o enviou à Moscou para que estudasse medicina. Após alguns anos, já formado, o rapaz voltou à terra natal e procurou em vão pelo projeto da língua que tinha criado, pois seu pai havia queimado seus escritos.

Em seguida, já com 25 anos de idade, Zamenhof mudou-se para Viena para cursar uma especialização. Lá, conheceu Clara Zivanic, com a qual veio a casar-se posteriormente. Na ocasião do casamento, o pai de Zivanic ofereceu como dote da filha, a edição de um livro com uma nova formulação da língua idealizada pelo rapaz.

Após dois anos de trabalho, em 1887, Zamenhof conseguiu melhorar a língua que havia criado e traduziu várias obras clássicas para a mesma, por ele denominada Esperanto, destacando-se as traduções da Bíblia e de obras de Goethe e Shakespeare.

As traduções de Zamenhof, juntamente com manuais de Esperanto, foram editadas e impressas, sendo enviadas mil cópias do material para as universidades européias, com especial distribuição na Sorbone, considerada sede da cultura letrada naquele período histórico. A aceitação da língua artificial nas universidades da Europa surpreendeu seu criador. No ano de 1905, ele organizou o Primeiro Congresso de Esperanto na França, que contou com a participação de cerca de mil pessoas de diversas nacionalidades.⁵

O Esperanto (...) baseia-se nas principais línguas do mundo moderno, aproveitando de cada uma o que tem de melhor. Combina, por exemplo, a flexibilidade do inglês com a sonoridade e a clareza de pronúncia do italiano. Embora não seja o idioma pátrio de nenhum povo, já é falado por mais de um milhão de pessoas espalhadas por todo mundo, colocando todos em pé de igualdade em suas relações internacionais (MARINHO, 1995: contra-capa).

⁵ A trajetória do Esperanto foi recomposta através de entrevista com Ursula Grattapaglia e de material impresso sobre o assunto.

Hoje, o Esperanto é bem visto e aceito enquanto uma possibilidade de romper barreiras lingüísticas, conferindo um certo *status* de internacionalidade para quem o domina. Entretanto, durante períodos de guerra, em especial no decorrer da Segunda Guerra Mundial, os esperantistas foram perseguidos em diversas partes do mundo, chegando a compor as fileiras dos campos de concentração alemães, russos e espanhóis:

O movimento esperantista se pôs além de todas as considerações de política nacional e está oferecendo uma bandeira, a única bandeira que não tem sangue, sangue de agressão, sangue de vítimas. Eu estudei esperanto e todos os meus ensinantes, meus professores, eram todos homens sobreviventes dos campos de concentração de Hitler, porque Hitler, Stálin e Salazar, todos eles colocaram os esperantistas no campo de concentração. Porque o cara de um país que tem uma mentalidade internacional é uma potência perigosa. Eram perseguidos. Não só eram clandestinos, como eram também perseguidos. Stálin pôs milhões de esperantistas no campo de concentração. Na Alemanha Ocidental, eu vivi em Berlim, na Alemanha Ocidental, meus professores em 1949, 1950, eram ex-presidiários de campo de concentração. Contra a guerra, contra as armas, eram pacifistas esperantistas, e portanto, dos campos eles me deram aquele espírito de democracia, de justiça social e de uma solução do problema lingüístico através de uma língua neutra que seja de todos mas de ninguém, não é propriedade de ninguém. Esperanto é uma proposta de ser de ninguém. Ele é apenas um instrumento de comunicação (...) Esperanto é um instrumento neutro de comunicação, uma proposta pacífica, portanto, não tem interesse de grandes potências militares que o Esperanto se divulgue. Aliás, nós temos até gente que bate muito contra a gente (Entrevista nº 7).

De acordo com os esperantistas, desde a criação do Esperanto, o mesmo tem se afirmado enquanto um meio de superação de diferenças lingüísticas, étnicas, culturais, sociais e políticas, relacionando-se à ideários pacifistas que primam pelo respeito aos povos:

A atual geração de esperantistas já é pioneira da Língua Internacional na vida prática. Todavia que eles nunca se esqueçam de que o Esperanto não

é somente um meio de comunicação, mas que é eternamente ligado aos grandes e altos ideais como a solidariedade entre os povos, o progresso da humanidade e a paz no mundo! (*Apud* GRATTAPAGLIA, G., 1995:47).

Baseados no princípio da soberania dos povos, incluindo a soberania lingüística, o movimento esperantista carrega a bandeira da paz mundial, declarando-se contra as guerras e contra qualquer tipo de colonização e/ou afirmação hegemônica de uma nação ou raça sobre a outra (Cf. ZAMENHOF, 1988).

Na visão dos esperantistas, ao longo da história da humanidade, sempre existiram povos que se impuseram sobre outros, fazendo-os inclusive substituir sua língua pátria pela dos colonizadores e/ou dominadores. Segundo eles, na atualidade, o processo de afirmação hegemônica de um povo sobre outro ocorre de forma mais veloz e apresenta interfaces mais amplas e subjetivas, pois além da força bruta, conta-se também com todo o aparato tecnológico-comunicacional que afirma diminuir as distâncias, mas que na verdade, impõe-se enquanto tentativa de consolidação da dominação lingüística e cultural de determinados povos sobre o resto do mundo (Cf. *apud ibid.*:5).

Entretanto, é interessante notar que embora os esperantistas se autodenominem defensores da democracia e dos direitos dos povos, atuando contra imposições ou dominações de um povo, raça, cultura, religião ou ideologia sobre outros, existe um discurso no seio do movimento que é bastante imponente, com ares futurísticos até. Tal discurso afirma que a humanidade terá, indubitavelmente, que adotar o uso do Esperanto como língua internacional, o que sugere que a sua adoção em nível mundial é um fato que certamente acontecerá, mais cedo ou mais tarde, como se fosse algo preestabelecido e independente do próprio desenvolvimento histórico da humanidade. Em prol da defesa dos direitos de escolha dos povos, alguns princípios esperantistas estabelecidos pelo criador da língua artificial acabam contradizendo o próprio ideário do movimento, uma vez que a colocam numa posição quase que fora da história, como uma certeza absoluta, uma verdade indiscutível:

- 1) A adoção de uma língua internacional será de grande valia para a humanidade;
- 2) A adoção de uma língua internacional é perfeitamente possível;
- 3) A adoção de uma língua internacional se efetivará, mais cedo ou mais tarde, necessária e indubitavelmente, não importa o quanto batalhem contra isso os conservadores;
- 4) Não será jamais escolhida como língua internacional uma língua que não seja artificial;
- 5) Não será jamais escolhida como internacional outra língua além do Esperanto; ele será adotado para sempre na sua forma atual ou nele serão feitas, posteriormente, algumas modificações (*Ibid.*: 48).

Além disso, segundo os esperantistas, a língua internacional é considerada neutra, uma vez que ela não pertence a nenhuma nacionalidade, ideologia ou raça, não conferindo, portanto, hegemonias a determinados povos sobre outros:

O objetivo do Esperanto não é o de substituir os idiomas nacionais, mas o de ser a segunda língua de um povo. A principal vantagem desta língua, é a de ser neutra, não estando assim ligada a nenhum país, religião ou ideal. (LIGA BRASILEIRA DE ESPERANTO, 1999:1)

Apesar do Esperanto ser uma língua artificial que não se relaciona a nenhum país específico, afirmar sua neutralidade é uma questão bastante delicada, pois seria o mesmo que negar sua historicidade e todo o seu ideário. Isso porque o Esperanto foi criado em um contexto histórico e social que é produto da ação humana, com objetivos bastante específicos que refletem opiniões, anseios e desejos, não sendo, portanto, neutro em sua própria criação. Ademais, o Esperanto vem acompanhado por ideologias e filosofias de vida que também não são neutras. Ao contrário, refletem formas bastante específicas de pensar, atuar e intervir na sociedade, compondo-se em um pensamento ideológico que se insere no meio

social, buscando formas de crescimento e afirmação, como qualquer outra ideologia existente.⁶

Assim, entende-se que o Esperanto seja uma ideologia historicamente orgânica, tendo em vista que o mesmo mantém uma determinada estrutura, no caso, o movimento esperantista, que além de o aceitar, o legitima em suas concepções, ações e empreendimentos. Além disso, o Esperanto também cumpre um papel organizador na sociedade, em especial, na comunidade esperantista, fato que se expressa tanto na forma institucionalizada de existência do movimento, quanto nos micro-grupos que se formam apoiados no ideário da língua internacional, como é o caso da Fazenda-Escola *Bona Espero*.

Atualmente, o movimento esperantista está espalhado por praticamente todos os continentes. Como organização internacional, conta com um Parlamento Mundial, com sede na Holanda, com o nome de Associação Universal de Esperanto (UEA). A UEA tem encontros congressuais anualmente, renovando-se a sua direção a cada três anos. Esta entidade possui uma executiva de cinco pessoas e uma diretoria de oitenta membros, indicados pelas Federações Nacionais Esperantistas de seus respectivos países, tendo como objetivos:

- a) divulgar o uso da língua internacional Esperanto;
- b) agir para a solução do problema lingüístico nas relações internacionais e facilitar a comunicação internacional;
- c) facilitar as relações materiais e espirituais de toda espécie entre os homens, sem distinção de nacionalidade, raça, sexo, religião, política ou língua;
- d) fazer crescer entre seus membros um forte sentimento de solidariedade e desenvolver entre eles a compreensão e a estima por outros povos (KULTURA CENTRO DE ESPERANTO, 1999:2).

⁶ De acordo com Antonio Gramsci (1989-b: 63), o conceito de ideologia, que inicialmente significava a ciência sobre a origem das idéias, e que posteriormente passou a ter a conotação de sistema de idéias, é composto por várias faces, sendo uma delas as "ideologias historicamente orgânicas", que são necessárias à manutenção de uma determinada estrutura. Segundo Gramsci, as principais características dessas ideologias encontram-se no fato de conterem aceitação social, cumprindo um papel de organização na sociedade.

Diante dos objetivos da UEA, pode-se perceber que ela adota uma prática de atuar política e ideologicamente na sociedade, não sendo, portanto, uma entidade neutra diante do mundo. Em especial, a UEA tem feito intervenções junto à Organização das Nações Unidas (ONU), através da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), no tocante à defesa dos direitos de soberania dos povos, incluindo a lingüística, bem como na afirmação do Esperanto enquanto uma língua capaz de solucionar o problema lingüístico da humanidade, facilitando assim a comunicação e as relações humanas e internacionais (*Ibid.*: 2).

A atuação política e institucional da UEA fez com que, por duas vezes, o Esperanto fosse reconhecido pela ONU, através da UNESCO, como um instrumento de intercâmbio internacional e de compreensão mútua entre os povos. O primeiro reconhecimento ocorreu durante a Quarta Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1954 em Montevideu, no Uruguai; e o segundo, em 1985, durante a Vigésima Terceira Conferência Geral, em Sófia, na Bulgária. Ambas resoluções indicam aos estados-membros da UNESCO que ampliem o ensino e a difusão do Esperanto em seus respectivos países (*Ibid.*: 1).

No Brasil, o Esperanto difundiu-se no início do século XX associado ao trabalho voluntário de pessoas vinculadas às diversas áreas do conhecimento. Atualmente, o movimento esperantista se faz presente em todos os Estados, através dos Centros de Esperanto ligados à Federação Nacional (Cf. MARINHO, 1995: contracapa).

2. O fazer-se de *Bona Espero*: da fundação aos primeiros anos de existência

A Fazenda-Escola *Bona Espero* é uma instituição educacional esperantista fundada em 25 de julho de 1957 por nove pernambucanos, sendo cinco mulheres e quatro homens. Entretanto, de acordo com os depoimentos, dos nove fundadores, somente seis mudaram-se para o Estado de Goiás, e assumiram na

prática a consolidação da Fazenda-Escola. Desse modo, na visão da comunidade *bonaesperense*, o número de fundadores constitui-se em seis, e não em nove.

Num primeiro momento, os fundadores idealizaram uma comunidade com sede em Pernambuco. Posteriormente, migraram para o Estado de Goiás, a procura de terras devolutas para a instalação de uma organização social educativa, por eles denominada "Mansão *Bona Espero*" (LIVRO ATA DE *BONA ESPERO*, 1957:1), instituição educacional esperantista, criada conforme os seguintes fundamentos:

O trabalho primordial da B.E. é a educação de crianças órfãs e desamparadas, educadas e amparadas sob os auspícios de *Bona Espero*, organização esperantista, anti-sectarista e apolítica (...). É importante lembrar que a essência da B.E. é o amparo à criança abandonada, como instituição pró-infância (*Ibid.*:2-3).

Após estabelecerem os princípios gerais da instituição idealizada, os sócios fundadores enviaram cartas para diversas prefeituras de cidades interioranas dos Estados de Minas Gerais e de Goiás, solicitando a doação de terras devolutas para a instalação de *Bona Espero*. Pelo constante na segunda ata da Fazenda-Escola, redigida no dia cinco de outubro de 1957, diversas prefeituras do interior do Estado de Goiás manifestaram interesse em discutir a instalação da instituição em suas cidades. Além disso, o clima e as características naturais do Estado de Goiás foram decisivos no processo de escolha do município-sede de *Bona Espero*:

Os sócios fundadores, com exceção do Sr. Gileno Bello de Miranda e da Sr^a Irene Lima de Miranda viajarão no dia seguinte rumo a cidade de Anápolis no Estado de Goiás, para darem início a busca da gleba onde será instalada a Mansão *Bona Espero*, sendo todos de comum acôrdo que seria no Planalto Goiano, dada a fartura de águas e salubridade do clima (*Ibid.*:5).⁷

⁷ A região do Planalto Central é um importante centro dispersor de águas regionais e locais. A vegetação predominante é o cerrado, com variação para o campo-cerrado e para o campo. O clima da região apresenta verões suaves e invernos amenos, com tendência à mesotérmico, estando a temperatura média anual variando entre 18° a 20° graus (Cf. EXÉRCITO/INDUR, 1977).

Entretanto, segundo a atual administradora de *Bona Espero*, o motivo da migração dos fundadores para o Estado de Goiás foi outro, pois envolveu questões espirituais:

Bona Espero é uma instituição educacional esperantista e foi fundada (...) por seis esperantistas de Pernambuco. Eles queriam criar esta comunidade lá em Pernambuco, na beira do mar, porque lá é bonito, é o mar. Mas a espiritualidade deu ordens bem claras que tem que ir para o alto e não descer. Tem que ir para o Planalto Central (...) Eles foram em muitas cidades, procurando a terra prometida, porque foi dito que não precisa comprar a terra. A terra é de Deus, a terra não precisa pagar e eles conseguiram receber a terra em doação em parte e em pequena parte comprada lá na Chapada dos Veadeiros, no ponto mais alto do Planalto Central e isso antes da fundação de Brasília. Brasília foi inaugurada nos anos sessenta e *Bona Espero* foi fundada em cinquenta e sete (GRATTAPAGLIA, U., 1997, 11'06).

A viagem dos fundadores de *Bona Espero* para o Estado de Goiás ocorreu no dia seis de outubro de 1957, partindo de Recife, Pernambuco, com destino à Anápolis, sendo subsidiada pelos próprios sócios fundadores, que doaram parte ou a totalidade de seus bens em prol da instituição recém criada (LIVRO ATA DE BONA ESPERO, 1957:2).

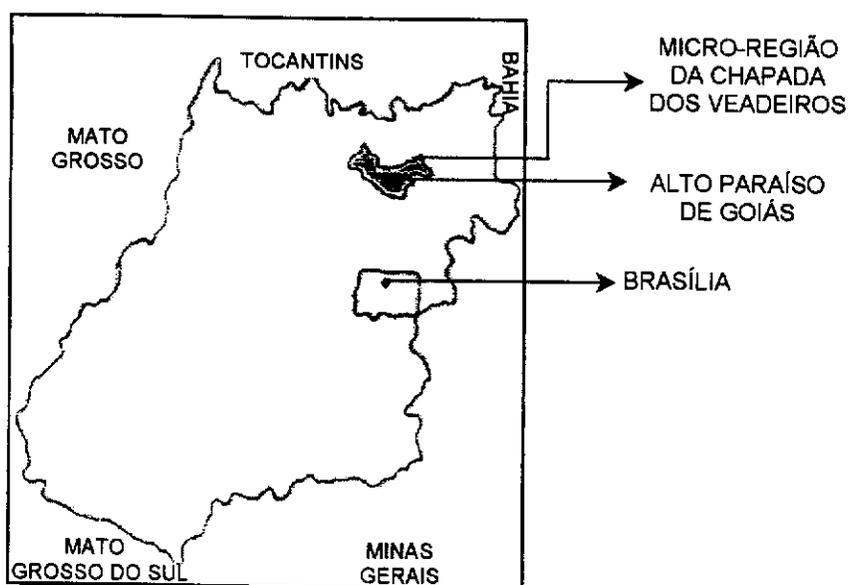
A terceira ata de *Bona Espero*, datada de três de fevereiro de 1958, traz um relato da viagem que os fundadores fizeram pelo interior de Goiás em busca do local de instalação da Fazenda-Escola:

Depois de uma busca incessante de quatro meses a procura da gleba desejada para a instalação definitiva da *Mansão Bona Espero*, tendo-se visitado os municípios de Anápolis, Goiania (sic.), Corumbá de Goiás, Aparecida, Brasília, Niquelandia (sic.), Peixe, Porto Nacional, Lusiânia, Planaltina, Formosa, S. João da Aliança, Sítio D'Abadia, chegamos a conclusão final que o lugar indicado e apropriado seria então aqui em

Veadeiros⁸ na fazenda Porta da Serra. Os Srs. Delfino Szervinsk e João Bernardes Rabelo comprometeram-se a doar a área necessária para B.E. (*Ibid.*:7).

A fazenda escolhida como sede de *Bona Espero*, foi recebida em grande parte através de doação, sendo composta por gleba de terra que totaliza mil hectares, fazendo divisas com a Unidade de Preservação Biológica do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A cidade situa-se a 1.230 metros de altitude, sendo sua localização determinada pelas coordenadas 47°30'53" WGr e 14°17'48" de latitude sul.

MAPA DO ESTADO DE GOIÁS



Fonte: Governo do Estado de Goiás (Folhimapa Educativo)

O povoado que originou o município de Veadeiros foi fundado por volta de 1750, em decorrência da colonização de áreas vizinhas⁹. Na divisão administrativa

⁸ A denominação da localidade deve-se à grande presença de veados campeiros que habitavam a região no período correspondente ao povoamento (GOVERNO DE GOIÁS/SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1974: 61)

⁹ O povoamento desta região teve como marco a fazenda de Francisco de Almeida, instalada na segunda metade do século XVII, passando a se constituir num pequeno núcleo de colonização denominado Veadeiros, no qual foram se agrupando lavradores. Neste mesmo período, radicaram-se na região os fazendeiros Firmino de Almeida Salerno, João Pereira Barbosa e Manoel Cabocio, que se dedicaram à pecuária e ao cultivo do café (Cf. EXÉRCITO/INDUR, 1977).

do Estado em 1933, assim como no Decreto-Lei Estadual nº 557, de 30/03/1938, Veadeiros foi incorporado como Distrito de Cavalcante. Em 1953, pelo Decreto-Lei Estadual nº 808, de 12/12, Veadeiros foi elevado à categoria de município, mantendo a mesma denominação, mas desmembrando-se de Cavalcante e passando a constituir-se em Termo Judiciário na Comarca de Formosa. Somente através da Lei Estadual nº 4.685, de 15/11/1963, Veadeiros passou a denominar-se Alto Paraíso de Goiás (Cf. GOVERNO DE GOIÁS/SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1974: 61).

Os primeiros anos de existência de *Bona Espero* não foram fáceis, tendo em vista os escassos recursos financeiros e materiais que a instituição dispunha, inclusive para a edificação de casas e prédios que servissem de abrigo aos moradores e dessem suporte à Fazenda-Escola. Além disso, os fundadores de *Bona Espero* pretendiam trabalhar no setor agropecuário para a sua manutenção, tirando do excedente da produção, os recursos necessários para a construção dos prédios:

A Mansão "B.E." terá que trabalhar no setor agropecuário para a sua auto-suficiência e, ao mesmo tempo, com os excedentes de sua produção, começar a construir os prédios necessários para a instalação (...) do "Lar das Crianças" (LIVRO ATA DE *BONA ESPERO*, 1957: 2).

Com o objetivo de explorar atividades agropecuárias para a manutenção de *Bona Espero* e para a construção de alojamentos adequados às demandas da Fazenda-Escola, os fundadores enfrentaram grandes problemas, pois embora possuía água em abundância, o solo da região de Alto Paraíso de Goiás não é fértil, contando com grande quantidade de cristais, rochas e minérios de diversos tipos, como salitre, calcário, ouro e manganês, necessitando de uma análise profunda e posterior correção para utilização (EXÉRCITO/INDUR, 1977).

... a realidade de *Bona Espero*, no ano de 1974 era de extrema precariedade. Sem recursos materiais e poucos recursos humanos, o único patrimônio da instituição era os quase mil hectares de terras, em parte doada, cuja excessiva acidez do solo requeria grandes investimentos para

torná-lo produtivo. Mas o objetivo prioritário de *Bona Espero*, o amparo a crianças necessitadas, encontrava na região de Alto Paraíso, um vastíssimo campo de aplicação (GRATTAPAGLIA, G., 1995:45).

Mesmo com tantas dificuldades, desde a fundação de *Bona Espero*, a escola que funcionava na fazenda manteve-se em funcionamento, acolhendo crianças, adolescentes e jovens órfãos e/ou sem condições básicas de sobrevivência junto às suas famílias, tendo em vista as precárias condições de vida às quais essas se inseriam. Além de casa, alimentação, vestuário e educação, os alunos que permaneceram em *Bona Espero* também foram alfabetizados, pois a instituição sempre manteve sua escola em funcionamento, através do trabalho voluntário de seus fundadores:

Eu conheci quando começô a *Bona Espero*, então aí era, toda vida aí foi bom, *Bona Espero* pra mim até hoje eu num tem o que clamá, nem dos primeiro diretor, nem depois dos outro que entraro. Pra mim foi tudo bom, tudo normal, tudo legal pra mim, porque graças a Deus toda vida eu me dei bem com os pessoal, toda vida eu achei bom aí (...) As escola toda vida foi boa, eles são bons assim diretor, bons professor, insinam bem, inclusive meus minino que istudaro cum ela aqui em escola dela nunca foi prciso fazê teste pra entrá na iscola (...) Sobre negócio de criança, toda vida eles com criança eles foro bom sim com criança, eles tratava muito bem sim as criança (...) Toda vida a casa deles lá é cheia de criança. Nunca ficô vazio aí não, todo tempo é cheio de minino (Entrevista nº 29).

Tendo em vista o agravamento das dificuldades financeiras que vinha passando *Bona Espero*, no ano de 1962 foi firmado um convênio entre a Fazenda-Escola e o Serviço de Atendimento ao Menor (SAM), órgão ligado ao Ministério da Justiça do Governo Federal¹⁰. Tal convênio oferecia à *Bona Espero* o pagamento de uma certa quantia em dinheiro para a manutenção dos alunos a ela encaminhados:

¹⁰ O SAM foi criado em 1941 e, nos meses que sucederam ao golpe militar de 1964, foi transformado na Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM). Ambos os espaços estavam ligados à idéia de assistência aos “menores abandonados, infratores e delinqüentes” (PASSETTI, 1996: 151).

Este ano foi o início do Convênio entre B.E. e o SAM, do Ministério da Justiça, região de Goiás, convênio para dez crianças. Para este ano, de sessenta e dois, tiveram duzentos e quarenta mil cruzeiros, de ajuda de custo, pelo internamento de dez crianças (LIVRO ATA DE *BONA ESPERO*, 1962:9).

De acordo com depoimentos, a experiência com este convênio foi difícil para os administradores da Fazenda-Escola, pois os adolescentes e jovens encaminhados pelo SAM tinham características e perfis muito diferentes dos demais alunos de *Bona Espero*, tendo em vista que a maioria deles já estava afastada de suas famílias, além de contar com uma história de vida repleta de infrações e delitos contra a ordem social estabelecida. Dessa maneira, suas idas para *Bona Espero* eram concebidas como uma última opção de recuperação, além de, praticamente, serem uma imposição do SAM:

Eles corrigia muito, mais só qui a mininada de antigamente eles num dava conta. Uma que eles trazia era esses minino que já era preso em penitenciária, minino difícil, esses minino de rua, esse é difícil di educá, mas eles lutava muito, mais num dava conta. Os minino atentava dimais, mais eles corrigia muito pra vê se botava os minino na linha, mais os minino num dexava de atentá um poquinho, mais aí ficava melhó um poco, era menos. (...) a primeira turma, os primero que tivero aí eles sofrero cus minino custoso aí. Aqueles minino era difícil, pegava mais só esses minino di rua, aqueles é difícil di pô na linha, e dava trabaio pra eles. Mais memo assim eles dero bem cum eles assim memo (Entrevista nº 29).

O Livro Ata de *Bona Espero* não retrata com exatidão o término do convênio com o SAM, mas analisando-se o conteúdo dos documentos manuscritos ali registrados pelos então administradores, calcula-se que o mesmo tenha perdurado até meados de 1970, o que indica sua continuidade após o golpe militar de 1964, com a extinção do SAM e a consecutiva criação da FUNABEM.

Entretanto, o convênio de *Bona Espero* com o SAM/FUNABEM não bastou para suprir as necessidades financeiras e habitacionais dos moradores da

instituição, e a saída encontrada veio da língua internacional Esperanto, através de uma carta-circular enviada pelos fundadores no final da década de sessenta, às entidades esperantistas de diversas partes do mundo. Na carta, além de apresentarem os propósitos da Fazenda-Escola, os fundadores também fizeram um pedido de ajuda material e humanitária.

Desde então, iniciou-se uma nova fase na história da Fazenda-Escola *Bona Espero*, tendo em vista que a partir da carta-circular enviada aos esperantistas, começaram a chegar voluntários, recursos financeiros e materiais. De acordo com o depoimento de uma das primeiras alunas de *Bona Espero*, a chegada dos esperantistas melhorou qualitativamente a vida na instituição:

Naquele tempo num tinha assim as casa confortáve como é agora, porque tudo naquele tempo era mais difícil. Então eles té lutava muito, mais tudo era cum muita dificuldade, até mesmo a ajuda do guverno pra eles aí era muito difíci assim, tinha muita dificuldade memo antes, por eles memo eles num tinha força pra fazê coisa muito boa assim, então se as pessoas num têm ajuda, num tem força pra consigui o qui qué. Aí depois é que foi melhorano. Aí já entrô esse pessoal dos esperantista tamém que já deu uma força pra eles e eles arranjo uma força mais forte e eles tamém já tinha otra força maió tamém e favoreceu bem mais do que era antigamente. (*ibid.*)

Entre os diversos voluntários esperantistas que visitaram *Bona Espero* oferecendo ajuda humanitária, encontram-se os atuais administradores, que no início dos anos setenta, vieram ao Brasil como turistas, e resolveram conhecer *Bona Espero*, encontrando seus moradores, inclusive os alunos, em uma situação financeira e habitacional bastante precária, pois todos viviam em uma casa de palha construída às margens do Córrego Mulungú, denominada “a pioneira”:

As condições eram bem diferentes. Eles viviam em uma casa de palha, sem estrutura, sem remédios, sem recursos, e tanto é que nós chegamos porque eles tinham mandado cartas para a Europa, para os Centros de Esperanto,

pedindo ajuda. E nós, em vez de dar o que sobra, nós demos nós mesmos (Entrevista nº 1).

2.1. O panorama brasileiro e goiano no período da fundação de *Bona Espero*

Para estar contextualizando a conjuntura brasileira e goiana desde a década de cinquenta, período de fundação de *Bona Espero*, entende-se que é necessário retornar a pelo menos duas décadas atrás, nos meados da crise do capitalismo mundial de 1930, pois observa-se que a mesma trouxe transformações significativas na história do Brasil e de Goiás.

Em Goiás, a mudança na conjuntura estadual no pós-30 pode ser expressa através da alteração do poder político no Governo Estadual, com a queda da oligarquia ruralista, materializada na família Caiado, e a ascensão de uma força dissidente representante dos interesses do desenvolvimento capitalista que se expandia no Sul e Sudeste do Estado. Tal força tinha como representante Pedro Ludovico Teixeira, que passou a expandir os investimentos na agricultura e na mercantilização da produção, afirmando o Estado na economia nacional (Cf. CANESIN & LOUREIRO, 1994: 72-73).

No plano educacional, a representação política do governo de Pedro Ludovico Teixeira assumiu o eixo das políticas que vinham sendo implementadas pelo Governo Federal, com um discurso de que a educação redimiria o Estado do atraso desenvolvimentista que apresentava até então. Entretanto, nesse período, o quadro do ensino formal em Goiás não era muito animador, pois necessitava da criação de uma infra-estrutura mínima para o cumprimento dos objetivos almejados pelo então Governo Estadual:

Praticamente tudo estava por ser feito no plano educacional quando as forças oligárquicas dissidentes chegaram ao poder. O índice de analfabetismo foi estimado, na época, em 86,3%. Em trinta, Goiás contava com um jardim de infância e o ensino primário era restritamente difundido

pelo interior do Estado, só funcionando em todas as modalidades apenas na Capital (NEPOMUCENO, 1994: 55).

Como resposta a essa realidade, o Governo Estadual adotou uma série de medidas visando intervir no setor educacional, iniciando o que Nepomuceno chama de *“...uma intervenção objetiva e deliberada do Estado em matéria de educação”* (Ibid.: 56).

No que se refere especificamente ao ensino rural, objeto de estudo desta Dissertação, observa-se que um dos principais reflexos da crise de 1930 em Goiás pode ser expresso através da preocupação, até então inédita no Brasil, de que o Estado deveria incentivar e financiar as escolas rurais, entendidas como um meio de inibição do êxodo, através da fixação da população no campo. Como uma das formas de enfrentar a recessão, a partir de 1934, as escolas rurais foram aparecendo no bojo das preocupações dos governos e educadores goianos, encontrando a regulamentação na Constituição do Estado de Goiás de 1935, que: *“...estabelece em seu artigo 109 que o plano educacional: a) criará e subvencionará escolas rurais; b) criará escolas ambulantes para adultos e analfabetos das zonas rurais”* (CANESIN & LOUREIRO, 1994: 83).

De acordo com Nepomuceno (1994: 115), a partir de 1935, o Governo Estadual passou a incentivar a fundação dos chamados “clubes agrícolas de Goiás”, que visavam uma adequação dos trabalhadores rurais goianos necessários ao desenvolvimento capitalista daquele período. Para tanto, de acordo com dados oficiais, os clubes tinham como principais objetivos:

- a) mostrar os perigos do urbanismo e do abandono dos campos;
- b) incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas racionais, pondo em prática os princípios da agricultura científica;
- c) dignificar o trabalho manual, bem como elevar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador;

- d) inculcar na consciência de seus sócios o amor à terra, o sentimento de nobreza das atividades agrícolas e a idéia do seu valor econômico e político;
- e) registrar informações estatísticas e outras relacionadas com a produção, a indústria, o comércio e o transporte (*Apud ibid.*: 115).

Depois de 1937, com os incentivos advindos da "Marcha para o Oeste"¹¹, a educação rural em Goiás ganhou novos impulsos:

Dentro dos propósitos de desencadear a "Marcha para o Oeste", o ensino na área rural passou a ser amplamente defendido e difundido, associado à necessidade de orientar os alunos para o trabalho e como antídoto no combate ao êxodo rural (...). A educação rural era oferecida como forma de fazer o homem unidade produtiva e sempre romper com o atraso tecnológico da produção agrícola. Goiás, como um Estado agrícola que deveria inserir-se na lógica da expansão capitalista, deveria ser, por excelência, o *locus* de implantação do ensino rural (CANESIN & LOUREIRO: 83. Grifos das autoras).

Goiás foi o primeiro Estado brasileiro a se preocupar em estabelecer políticas públicas para o ensino rural. Diante desse panorama, analisa-se que os fundadores de *Bona Espero* encontraram no solo goiano um ambiente bastante acolhedor, pois pretendiam criar uma escola agrícola. Na década de cinquenta, Goiás contava com uma legislação sobre o ensino rural e diversos incentivos relacionados à área, o que pode ser visto no interesse manifestado por diversas prefeituras goianas, em doarem terras devolutas para a instalação de *Bona Espero* em seus municípios.

¹¹ A "Marcha para o Oeste" foi uma das principais vertentes do programa de governo de Getúlio Vargas, após o golpe de Estado por ele comandado em 1937. Com um discurso desenvolvimentista, Vargas pretendia buscar a sintonia das áreas agrícolas com a lógica produtiva industrial. Sua proposta foi avançar pelo Oeste do Brasil até a Amazônia, criando colônias de povoamento e fundações para estimularem a ocupação do Planalto Central. Tanto a criação de Goiânia, inaugurada oficialmente em 1942, quanto a de Brasília, inaugurada vinte anos depois, se inserem no bojo das obras realizadas através da "Marcha para o Oeste" (Cf. CANESIN & LOUREIRO, 1994: 80-83).

Além disso, os fundadores migraram para Goiás num momento de explosão demográfica e econômica do Estado. De acordo com dados censitários, de 1948 a 1955, a renda goiana cresceu 525,1%, contra 330,4% da brasileira. De 1940 a 1950, a população do Brasil aumentou 26% e a de Goiás, 47,08%. O aumento populacional do Estado também se fez presente na década seguinte, de 1950 a 1960, na qual a população brasileira apresentou um índice de crescimento de 36,6%, enquanto a goiana atingiu 60,9% (Cf. CANESIN & LOUREIRO, 1994: 102-103).

O crescimento econômico e populacional que Goiás apresentou a partir da década de quarenta, em grande medida, é atribuído às políticas públicas geradas pela "Marcha para o Oeste", que foram incorporadas pelo Governo Estadual, tanto nas administrações de Pedro Ludovico Teixeira, quanto nas que o sucederam até 1964.¹²

Após 1937, com a instalação do Estado Novo, o governo de Getúlio Vargas aumentou a intervenção na economia, através da diversificação agrícola e do desenvolvimento da indústria sob proteção estatal. Nesse período, Goiás também viveu um momento de expansão agrícola e econômica, pois o Governo Estadual agia em consonância com as idéias e projetos de Vargas, o que transformou o Estado em um pólo produtivo de alimentos, principalmente para o Centro-Sul do país: *"A produção de arroz quadruplicou; o café, o milho e o feijão também tiveram sua produção aumentada. Essa expansão agrícola conferiu à economia goiana uma característica nova, pois até então a pecuária era a principal fonte de receita"* (Ibid.: 93).

Na década de cinquenta, o cenário político goiano teve como marco a campanha sucessória do Governo Estadual. Para competir com a indicação da União Democrática Nacional (UDN)¹³, Pedro Ludovico Teixeira lançou-se candidato pelo Partido Social Democrata (PSD), sendo eleito com expressiva votação. A plataforma de governo de Pedro Ludovico centrou-se, principalmente, na geração de

¹² Segundo Nepomuceno (1994: 106), os governos que sucederam Pedro Ludovico Teixeira até 1964, orientaram-se na mesma direção político-administrativa, buscando o aperfeiçoamento da infraestrutura que vinha sendo implantada desde 1937, sob orientação e apoio do Governo Federal, principalmente através da "Marcha para o Oeste".

¹³ A UDN foi criada em 1944, por militares que, no ano seguinte, lideraram o golpe que depôs Getúlio Vargas da Presidência da República.

energia elétrica e na construção de rodovias, que foram ampliadas de forma significativa, em especial na região Sul do Estado, que já apresentava maiores índices de desenvolvimento sócio-econômico:

A gestão de Pedro Ludovico ocorreu num contexto em que as estruturas agrárias do Estado eram alteradas em função da expansão do capitalismo nacional. Desde 1940, a construção de Goiânia e a campanha da "Marcha para o Oeste" estimularam a política de colonização e imigração; o desbravamento da região do Mato Grosso Goiano e a implantação de novas vias de comunicação intensificaram o desenvolvimento populacional de Goiás e o fluxo migratório para o Estado. Na década de 50, outros eventos, como o início da construção de Brasília e da rodovia Belém-Brasília, concretizaram esse processo de ocupação (CANESIN & LOUREIRO, 1994: 102).

Esses dados indicam que na década de cinqüenta, período da migração dos fundadores de *Bona Espero* para Goiás, o Estado passava por uma fase de crescimento e povoamento, destacando-se das demais regiões da nação brasileira. Entende-se que esse panorama pode ter motivado a migração dos fundadores da Fazenda-Escola para Goiás.

3. A condução de *Bona Espero*

O casal que atualmente dirige *Bona Espero* veio ao Brasil atendendo ao convite feito pela primeira geração de administradores, através da carta-circular enviada aos esperantistas europeus. A partir do ano de 1974, com a chegada de Ursula e Giuseppe Grattapaglia, iniciou-se uma nova fase na história da Fazenda-Escola, que marcou significativamente sua trajetória.

A exemplo dos fundadores, os atuais administradores de *Bona Espero*, também tiveram o Esperanto como um fator fundamental na decisão de imigrarem para o Brasil, afim de morar e trabalhar em *Bona Espero*.

Giuseppe Grattapaglia é italiano. Seu primeiro contato com o Esperanto foi no ano de 1948, em Turim, quando cursava a Escola Técnica da Federação Italiana Automobilística (FIAT). Certo dia, o diretor de sua escola entrou na sala de aula, passando aos alunos o seguinte recado: "*Os interessados em freqüentar um curso de Língua Internacional Esperanto terão particulares facilidades, sendo a direção da escola favorável a uma abertura dos jovens para o mundo, depois da era nacionalista que conduziu a Itália à catástrofe*" (GRATTAPAGLIA, G., 1995:45). Aos dezessete anos de idade, Giuseppe começou a freqüentar as aulas de Esperanto.

O contato de Ursula com o Esperanto ocorreu quando ela tinha dezesseis anos de idade, através de um curso noturno denominado *Internationale Sprache*, lançado pelo *American Center* em 1950, no Setor Americano de Berlim. Naquela época, Ursula freqüentava um colégio de freiras franciscanas, que, segundo ela, era uma das escolas mais conceituadas da cidade (Entrevista nº 7). Como não dispunha de recursos financeiros para pagar as mensalidades do colégio, Ursula, além de ter que se manter entre as quatro melhores alunas de sua sala de aula, também teve que oferecer sua força de trabalho, servindo a merenda escolar e limpando as escadarias do prédio.

Naquele colégio, Ursula teve contato com várias línguas estrangeiras, entre elas o Latim, o Alemão, o Inglês e o Francês. Quando ouviu falar da existência do Esperanto, resolveu participar de uma aula expositiva sobre a língua artificial. O expositor, Herman Grosser, era um pacifista sobrevivente de um campo de concentração nazista, que a convenceu a respeito da filosofia do Esperanto:

Eu estava estudando naquele tempo, eu tinha dezesseis anos, estudava Latim, Inglês, Alemão, Francês e ouvia falar de uma língua a posteriori. E pensei: como pode criar uma língua assim na mesa? Mas eu digo: ou são loucos, ou são geniais, e eu vou conhecer esses (...) eu fui lá no curso de Esperanto, e em uma hora me convenci que é uma coisa que vai ajudar a fazer a sua parte, a aproximar os povos através de uma solução, segundo os direitos humanos, a questão lingüística, da compreensão entre os povos. Como vai compreender se não se entende? Se tu não pode falar, como vamos nos entender? E aí eu estudei Esperanto, participei de congressos, conferências, acampamentos, jogos, etc. e vi que se eu trabalho para a

fraternidade, então supomos que eu posso fazer a minha parte por um mundo melhor (Entrevista nº 1).

Giuseppe Grattapaglia e Ursula Sandkühler conheceram-se no ano de 1956, em um acampamento para jovens esperantistas europeus, nos Alpes Italianos. No ano seguinte, os dois casaram-se em Berlim, em uma cerimônia religiosa celebrada em Esperanto:

A cidade apresenta ainda as cicatrizes da guerra. Dividida em quatro setores pelos vencedores, ela arrisca perder sua identidade cultural. Os espaços vazios dos quarteirões destruídos, dão um tom de tristeza àquela que já foi uma das mais brilhantes capitais européias. Mas na Igreja Católica de St. Eduard, no bairro de Neukölln, hoje é dia de festa. P. Farrer Ferdinand está treinando as perguntas e o sermão para o casamento de Giuseppe e Ursula que, pelo caráter internacional, não pode obviamente ser celebrado em uma língua nacional. Poderia ser celebrado em latim, mas depois que até a Igreja Católica abandonou o idioma dos velhos romanos, o jeito é falar em Esperanto, considerada a última língua neolatina. A Igreja está cheia de convidados alemães e italianos, sendo aquela união de jovens sobreviventes da segunda Guerra Mundial, quase uma reconciliação simbólica de dois povos amigos/inimigos das vicissitudes da história (GRATTAPAGLIA, G., 1995:46).

Desde 1957, ano do casamento, até 1974, Ursula e Giuseppe viveram em Turim, transformando o apartamento em que moravam em um ponto de encontro de esperantistas de diversas partes do mundo. Ambos sempre fizeram uso do Esperanto em suas vidas, tanto pessoal, quanto profissionalmente.

Como projetista responsável pelo Departamento de Tratores da FIAT, Giuseppe sempre manteve contato com técnicos da Inglaterra, Holanda, Japão e Alemanha, utilizando o Esperanto como meio de comunicação. Naquele período, na FIAT de Turim, o uso da língua internacional extrapolava a iniciativa individual de seus funcionários, pois fazia parte da política de *marketing* da própria empresa:

Desde 1964 a FIAT, no seu plano de expansão, segundo o lema "Propaganda em todas as direções", utiliza o Esperanto na publicação de catálogos e filmes, com notáveis resultados de venda no exterior, pois esperantista também anda de carro, exemplo irrefutável do valor prático da Língua Internacional para o comércio mundial (*Ibid.*: 46).

Como intérprete e tradutora, Ursula trabalhou com celebridades do mundo europeu, tais como o Professor Walter Hallstein, ex-presidente da Comunidade Européia, diversos Ministros da Agricultura da Europa e representantes de grandes multinacionais, utilizando o Esperanto em suas relações profissionais:

Ursula, do seu lado, utiliza o conhecimento de várias línguas no seletivo ambiente de congressos e manifestações internacionais (...) ela saboreia o sutil poder de um intérprete, fiel da balança nas discussões dos que não se entendem! Sempre, onde possível, lança a semente de uma solução lingüística democrática e racional como o Esperanto" (*Ibid.*: 47).

Giuseppe e Ursula vieram ao Brasil pela primeira vez como turistas, no natal de 1973, acompanhados de seus filhos Guido e Dário, com 14 e 11 anos de idade respectivamente. Inicialmente, a idéia era visitar os pontos turísticos mais famosos do país. Porém, a família Grattapaglia acabou permanecendo duas semanas em Alto Paraíso de Goiás, na Fazenda-Escola *Bona Espero*, da qual já tinham ouvido falar no seio do movimento esperantista mundial.

A identificação com o trabalho realizado foi tamanha, que no ano seguinte à primeira visita, ambos deixaram seus empregos e familiares na Europa e mudaram-se para o Brasil, afim de morar e trabalhar em *Bona Espero*.

Giuseppe, que até então ocupava um cargo no alto escalão da FIAT em Turim, enfrentou dificuldades para informar sua decisão à direção da empresa, pois além de contar com 26 anos de trabalho na mesma, sabia que não seria fácil comunicar que estava deixando a Itália para vir realizar um trabalho filantrópico no Brasil:

Nos bastidores daquela louca decisão estava um colóquio de Giuseppe com seu diretor, o mesmo que abria as reuniões de trabalho com uma recomendação: "Pessoal, lembre-se de que nossa firma não é uma instituição filantrópica. Nada de graça temos que dar ao usuário" (...) Como podia Giuseppe entregar a sua carta de demissão, dizendo que abandonava a firma depois de 26 anos para trabalhar de graça em uma instituição filantrópica no Brasil? Evidentemente não podia, e portanto disfarçou a conversa falando de colaboração técnica em um projeto de desenvolvimento no interior do Brasil, terra de incomensurável riqueza (...) O diretor ficou seriamente impressionado e então de repente o cifrão do dólar brilhou nos seus olhos e ele perguntou: "Mas então, se você renuncia ao salário daqui, lá deve ganhar uma fortuna!". "Bom" – respondeu Giuseppe sem mentir – "efetivamente não tem comparação entre meu salário atual e aquele que vou ganhar". "Mas será que tem uma vaga também para mim?" Instituiu o Grande Chefe, o exemplo de sábia vivência na luta concorrencial para o cargo máximo na hierarquia empresarial. Giuseppe entrou ligeiramente em pânico, mas se saiu bem dizendo: "Não, a seu nível não tem vaga." (GRATTAPAGLIA, G. 1995: 48-49).

Analisando-se a história de vida de Ursula e Giuseppe, percebe-se o quanto essa apresenta trajetórias singulares, que tiveram grande influência em suas escolhas, especialmente no tocante às motivações que levaram o casal a abandonar o padrão e o estilo de vida europeus, mudando-se para o Brasil, para morar em uma Fazenda-Escola, cuja estrutura, como Ursula afirma, muito se assemelha a um mosteiro (Entrevista nº 1).

Entre os elementos motrizes presentes na decisão de Giuseppe e Ursula, pode-se destacar dois fatores que estão intimamente ligados à história de vida de ambos, e que também relacionam-se entre si, sendo eles a Segunda Guerra Mundial e a ideologia esperantista. Isso porque Giuseppe e Ursula, em sua infância e adolescência, sofreram as seqüelas da Segunda Guerra Mundial, o que despertou em ambos um sentimento de fraternidade e de necessidade de colaboração para a construção de um mundo mais democrático e pacífico.

Além disso, percebe-se que a internacionalidade e a ideologia do Esperanto tiveram grande influência nas escolhas deste casal, tanto em nível pessoal, quanto de atuação social, política e cultural.

... Nós dois somos filhos da guerra, vivemos nossa primeira infância confrontados com a morte, com a violência, com a ditadura, com o militarismo, com campos de concentração, com mortos na rua, com casas queimando, com toda a violência que uma criança possa ver, estupros na frente de mim quando eu tinha onze anos. Eu sentia apenas uma coisa: sobreviver em paz, com dignidade e sem medo. E naturalmente fazer a minha parte por um mundo melhor. Agora, como pode uma pessoa sobrevivente da Guerra, pobrezinha, criar um mundo melhor? Evidentemente não sozinha, mas nós acreditamos que toda a evolução da humanidade é uma questão de conscientização. Eu já tava com onze anos conscientizada do que precisa para não sofrer medo, fome, violência. E eu procurava desde quando eu tinha onze anos onde eu posso fazer a minha parte para esse mundo melhor. Agora eu não via a possibilidade, porque logo após a Guerra teve o bloqueio dos soviéticos em Berlim, nós entramos em uma pior ainda porque ficamos literalmente morrendo de fome, vivendo do que os aviões mandavam através da ponte-aérea e a miséria, o terror continuava. Naquele tempo eu fui confrontada com uma idéia pacífica, nobre, internacional, que abraçava o mundo, que se chamava Esperanto (...). Eu casei com um esperantista italiano, nós em casa falávamos Esperanto, e tudo isso era um preparo para uma missão, sem eu saber. Como eu já disse, na Bíblia está escrito que a gente se escolhe, porque está escrito chamados e escolhidos, mas a gente tem que se escolher, não é Deus que te escolhe, porque nós temos o livre-arbítrio, e nós viemos a este lugar porque é uma instituição esperantista fundada por brasileiros esperantistas. E nós chegamos como turistas, mas fomos tão profundamente tocados porque aqui nós podemos viver as duas dimensões do ser humano, que é o egoísmo e o altruísmo, porque eu concordo plenamente que se você der somente altruísmo, você é um cara frustrado, você é uma freira histérica; se você vive só seu egoísmo, como hoje 99% da humanidade, você é um cara frustrado, porque sente que falta algo. Aqui, ao menos em nossa ilusão, nós acreditamos que nosso egoísmo está satisfeito, porque vivemos com água da nascente, plantamos as verduras sem agrotóxicos que nós consumimos, nós temos o sol o ano inteiro, nós vivemos com crianças alegres e nós nos sentimos felizes. Mas se eu viver só essa dimensão egoísta, não teria sentido, eu não sou fazendeira para ficar aí adorando a fazenda. Nós aceitamos com todo amor, com toda motivação, com toda garra o lado da assistência social. E nós recebemos os menores de todos os campos, de todas as motivações, para fazer esse trabalho. Eu compreendo que de um modo geral a humanidade hoje tem egoísmo e tem um egoísmo coletivo, e não estão conscientes disto, e são

infelizes, e querem ganhar cada vez mais dinheiro para ser mais felizes, mas não são. Agora eu não ganho nada mas eu sou super satisfeita e realizada (*Ibid.*).

Na opinião de Giuseppe:

Eu assino em baixo do que a Ursula falou, sobre as motivações que nós chegamos aqui. Agora eu queria só acrescentar que quando nós chegamos, no natal de 1973, aqui a situação era de extrema precariedade em todos os sentidos. E voltando lá pra nossa vidinha de consumistas, nós não podemos mais esquecer este lugar. Nós tivemos que voltar, porque lá na Itália muita gente fala: "Por que você foi para o Brasil, enquanto aqui na Itália temos muitos problemas, temos muita pobreza aqui no sul da Itália?" E eu digo que a diferença é muito grave, porque no sul da Itália o pobre é aquele que não tem televisão a cores, e lá no interior de Goiás o pobre é aquele que não tem sapatos. É bem diferente a necessidade (Entrevista nº 2).

Ressalta-se que desde a sua criação, o Esperanto tem se afirmado enquanto uma possibilidade de superação das conjunturas impostas pelos conflitos sociais, culturais e políticos das sociedades, em especial nos períodos de guerras. De acordo com Chaves (1995: 17), a proposta esperantista vem acompanhada por um ideário pacifista e anti-colonialista, fator de grande influência em seu desenvolvimento e expansão, em especial nos períodos pós-guerra. Nos depoimentos de Giuseppe e Ursula, pode-se notar o quanto eles relacionam a língua internacional à proposta de superação das arbitrariedades cometidas em prol da supremacia de um povo ou país sobre outro, bem como aos ideais de democracia e dignidade da vida humana.

Desde que se mudaram para *Bona Espero*, Giuseppe e Ursula tornaram-se uma ponte entre os esperantistas europeus e brasileiros. Como membros atuantes do movimento esperantista internacional, o casal estreitou ainda mais os laços existentes entre a Fazenda-Escola e o mundo do Esperanto:

Voltando para a Europa, em ocasiões de manifestações esperantistas, davam testemunho deste maravilhoso país, Brasil, que não é somente carnaval e futebol, como muitos pensam. Assim criaram condições favoráveis para realizar em Brasília o 66º Congresso Mundial de Esperanto, em 1981 (GRATTAPAGLIA, G., 1995:50).¹⁴

Segundo os depoimentos, com o estreitamento dos laços existentes entre *Bona Espero* e o movimento esperantista internacional, o número de visitantes estrangeiros aumentou significativamente a partir da chegada de Giuseppe e Ursula na Fazenda-Escola, assim como também houve um aumento dos recursos orçamentários para a instituição, uma vez que o casal conta com renda pessoal própria, e há anos vem colaborando na manutenção de *Bona Espero*. Além disso, no decorrer da administração de Giuseppe e Ursula, através de doações e do trabalho voluntário, foram construídos prédios e instalações mais adequadas às demandas da instituição.

Como Diretor Administrativo de *Bona Espero*, Giuseppe ocupa a maior parte de seu tempo com as tarefas cotidianas. É dele a responsabilidade com as compras de produtos de limpeza, higiene, gêneros alimentícios e remédios, que são feitas em Brasília. Além disso, Giuseppe é o responsável pela oficina mecânica da Fazenda-Escola, na qual ensina noções básicas da profissão, e por reparos e reformas nos prédios. Carinhosamente chamado de “tiozinho” pelos alunos, com frequência Giuseppe os acompanha até o lago da fazenda para que possam nadar e brincar.

Enquanto Diretora Social-Educativa da Fazenda-Escola, Ursula é responsável pelos contatos com outras instituições e pessoas que estabelecem algum vínculo com *Bona Espero*. Também é com ela que fica a maior parte da educação e do acompanhamento dos internos. Frequentemente tece elogios aos alunos, orgulhando-se de suas atitudes, desempenho e amadurecimento. Quando julga necessário, também faz críticas individuais e/ou coletivas, reunindo todo o grupo para expor e discutir os problemas do dia-a-dia. No que diz respeito à sua

¹⁴ O Congresso Mundial de Esperanto, organizado por Giuseppe e Ursula, contou com a participação de 1750 delegados, representantes de 49 países, sendo considerado como o maior Congresso de Esperanto ocorrido fora da Europa (MARINHO, 1995).

função em *Bona Espero*, Ursula afirma que não gosta de ser chamada de diretora, pois acredita que não dirige nada, apenas carrega a responsabilidade de administrar uma comunidade: “...eu não sou dirigente nenhuma, porque não existem dirigentes, existem os que carregam a responsabilidade. Eu não dirijo nada. Eu lavo louça, eu cozinho, eu leciono, eu faço tudo.” (GRATTAPAGLIA, U., 1997:19’50).

Entre os diretores de *Bona Espero*, Ursula e Giuseppe são os únicos que residem na instituição, permanecendo nessa durante todo o ano, com exceção do período em que entram de férias, geralmente, no mês de julho, no qual vão visitar parentes e amigos na Europa, deixando os alunos sob os cuidados de uma pessoa em quem confiam.

No decorrer de suas trajetórias frente à administração de *Bona Espero*, Ursula e Giuseppe tornaram-se lideranças na região. A atuação do casal foi fundamental na instalação do Ensino Médio em Alto Paraíso de Goiás, pois até a segunda metade da década de setenta, só existia o Ensino Fundamental na cidade. Após várias tentativas frustradas junto ao Governo Estadual, o casal liderou a organização de um corpo de voluntários, que iniciou as atividades relacionadas ao Ensino Médio no C.E. Moisés Nunes Bandeira. Após três anos de trabalho voluntário, o curso foi reconhecido, passando para a responsabilidade estatal (Diário de Campo, 12/11/99).

Além disso, vem de Ursula e Giuseppe a maior parcela da iniciativa que mobilizou a comunidade local para a organização do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente de Alto Paraíso de Goiás, criado no ano de 1993, sendo o sexto Conselho fundado no Estado. Desde então, Ursula ocupa a função de conselheira, e em maio de 1999, assumiu a presidência.

4. A esperança de *Bona Espero*: inovar para continuar

Ursula e Giuseppe representam hoje a segunda geração de administradores de *Bona Espero*, sendo a primeira geração representada pelos

fundadores. Estava previsto que a partir de julho de 2000, um outro casal assumiria a instituição.

Jean e Gisella Passarella são esperantistas e conheceram-se em fevereiro de 1978 em *Bona Espero*. Gisella é alemã, e estava realizando um trabalho voluntário na instituição, enquanto Jean, que é francês, veio ao Brasil como turista, para participar das festividades carnavalescas. Como integrante do movimento esperantista, Jean tinha conhecimento da existência de *Bona Espero* e decidiu visitar a Fazenda-Escola. Sua estadia em Alto Paraíso de Goiás, que estava prevista para durar apenas oito dias, estendeu-se por um ano. De volta à França, Jean continuou mantendo contato com Gisella na Alemanha, com quem veio a casar-se no ano posterior.

O próximo contato pessoal do casal Passarella com *Bona Espero* ocorreu em 1998, em uma viagem ao Brasil como comemoração de vinte anos de casamento. Durante esta visita, o casal veio acompanhado de suas filhas Sônia e Nelly, de 17 e 15 anos respectivamente. Em tal ocasião, além de rever a comunidade *bonaesperense*, o casal manifestou o desejo de fixar residência em *Bona Espero*, assumindo a sua administração:

... fazia em 98 vinte anos que Gisella e eu se encontramos em *Bona Espero*. As minhas filhas queriam conhecer o lugar, e em novembro do ano passado, em 98, a gente chegou aqui pra ver também a oportunidade se a gente podia ficar aqui, e nós achamos que temos a oportunidade. O outro problema são os problemas administrativos, conseguir o visto de permanência, pra permanecer aqui no Brasil, e a gente conseguiu, porque a lei brasileira de imigração é muito bem feita, porque ela permite a gente de ficar no país que a gente gosta, e desde agosto deste ano nós conseguimos a permanência (Entrevista nº 8).

Durante grande parte do ano de 1999, Jean deixou sua família na França e ficou morando em *Bona Espero*, para movimentar a parte burocrática dos vistos de permanência que precisavam, além de buscar uma integração na dinâmica da instituição. Questionado a respeito das motivações que o haviam incentivado a tomar a decisão de abandonar a vida na França para administrar *Bona Espero*,

Jean afirmou que desde o primeiro contato com a instituição, teve como objetivo de vida adquirir independência financeira, para mudar-se definitivamente para a Fazenda-Escola; sonho construído juntamente com sua esposa Gisella:

Desde que a gente veio aqui foi um sonho de ficar aqui. Depois de casar a gente veio aqui pra ver se tinha a oportunidade de ficar. Mas como vocês sabem aqui a gente não recebe salário. Quem quer ficar de maneira deve haver independência financeira, e nós criamos independência financeira. As nossas filhas tem hoje quinze e dezessete anos, e nós precisamos pelo menos alguns anos de cuidar delas. Não é que a gente somos muito ricos, mas ficando aqui a gente gasta pouco, e o pouco que a gente tem pode gastar para cuidar das crianças. Depois eu acho que a gente pode viver com pouco dinheiro aqui no Brasil. Tem muita gente que vive com pouco dinheiro, e não precisa de haver a referência européia para viver. Nós resolvemos esse problema financeiro. Depois, o que a gente gosta aqui é tudo o que tem: a natureza, pra mim, em primeiro lugar é a natureza. Eu não gosto de cidade. Até Alto Paraíso pra mim é uma cidade. Eu gosto de lugar não isolado, mas tranquilo. Isolado significa que a gente não quer receber gente, e não é isso. Aqui também é um lugar que tem o Esperanto. Pra nós é muito importante, porque se não tinha o Esperanto, se essa comunidade tivesse na China, eu acho que eu tivesse na China, mas o lugar felizmente está no Brasil, porque a idéia de *Bona Espero* é brasileira, não é européia, é uma idéia bem brasileira. E no terceiro ponto, o mais importante pra nós também é cuidar das crianças, porque crianças pra nós não tem nacionalidade. Uma criança até os dezoito anos não tem nacionalidade. Pode ser chinês, japonês, francês. O trabalho de cuidar de crianças nós podíamos fazer também na França, até receberíamos dinheiro, mas na França não tem esse lugar, não tem o Esperanto. E muita gente que vem aqui, quer ficar, mas tem sérios problemas de independência, e de também viver de uma maneira muito simples, não ter tudo o que quer. E num casal, muitas vezes, tem um que gosta e outro não. E nós tivemos a felicidade de conhecer e se encontrar aqui, porque a Gisella conhecia de três a quatro anos a *Bona Espero*, e conhecia a bastante tempo, era a primeira vez que chegou aqui, mas conhecia já. Tinha muita notícia. *Bona Espero* para nós é o lugar que a gente se encontrou, se namorou, se casou quase. Faz parte de nossa vida, vinte anos que nós falamos de *Bona Espero*. No final, parece uma lógica de vida, mas eu não tenho nada de espiritualidade especialmente com o lugar (*ibid.*).

Jean fazia muitos planos para quando assumisse a administração de *Bona Espero*, manifestando inclusive disposição de ampliar a atuação da instituição. Sua meta principal era aumentar o número de vagas para novas internações, mas sem perder de vista a qualidade. Para isso, entraria em contato com casais brasileiros que estivessem dispostos a morar na Fazenda-Escola:

Não é nós que vamos fazer muito, muito por *Bona Espero*. Tem um pouco de dificuldade porque a gente chega. Nós queremos ser as pessoas que conseguem encher *Bona Espero*, encher de qualidade. E nosso objetivo é isso. Não é de construir, o Giuseppe e Ursula já fizeram bastante. Agora, aqui tem casas e precisa de encher. Encher de gente, encher de qualidade. Eu queria que fossem brasileiros, porque eu acho que para fazer educação de crianças brasileiras precisam de brasileiros, porque tem um sentido muito mais brasileiros aqui. Não é que não tem, porque aqui tem gente como a Vânia, como a Ada, que ficam muito aqui, e que dão essa parte. E também as crianças não são isoladas aqui, porque agora vão na escola em Alto Paraíso. Mas eu acho muito importante também na vida de cada dia, porque nós não podemos dar algumas coisas que são tipicamente brasileiras, que pertencem à cultura brasileira. Isso eu não vou conseguir, eu sei, eu posso ler tudo, mas não nasci aqui, tenho quase 47 anos, e vai faltar. É por isso que eu acho que seja um brasileiro que chega agora (Entrevista nº 8).

A proposta que estava sendo discutida com o casal Passarella era que, quando eles assumissem definitivamente a administração da Fazenda-Escola, Ursula e Giuseppe ficariam responsáveis pela Casa do Estudante de *Bona Espero*, localizada em Alto Paraíso de Goiás, onde fixariam residência e continuariam contribuindo com a instituição.

Entretanto, o casal Passarella desistiu da idéia de assumir *Bona Espero*. O motivo alegado foi que suas filhas, nos dias anteriores à mudança, afirmaram que não viriam mais para o Brasil. Diante de tal fato, o casal comunicou à Fazenda-Escola que havia refeito sua decisão. Essa mudança de atitude contraria as próprias palavras de Jean:

Até agora, quando tinha alguma coisa pra fazer, que eu falei que vou fazer, eu fiz. Vai ser diferente do que fez Giuseppe e Ursula, porque somos diferentes. A Gisella também é diferente da Ursula, alemã também, mas diferente. Como eles foram diferentes dos primeiros esperantistas brasileiros que chegaram aqui (*ibid.*).

Observa-se ainda que a notícia da desistência do casal teve uma repercussão grande em *Bona Espero*, pois o entusiasmo apresentado por Jean durante sua estadia na instituição era tamanho, que ninguém nem suspeitava de uma possível desistência:

Percebe-se um certo ar de decepção em *Bona Espero*. Ursula e Giuseppe esperavam a substituição e nem imaginavam que Jean e Gisella pudessem mudar de opinião. Dizem que são "dois velhos cansados" e que não vêem a hora de Deus mandar um casal para assumir *Bona Espero*, pois "a responsabilidade é muito grande e o peso da idade vai chegando e se acumulando ao cansaço" (Diário de Campo, 18/08/00).

Apesar da desistência do casal Passarela, Ursula e Giuseppe continuam esperançosos de que surgirá um outro casal, esperantista ou não, interessado em administrar *Bona Espero*, dando assim continuidade ao trabalho desenvolvido pela instituição:

Não é que Jean e Gisela teriam resolvido todos os problemas, porque todos são úteis como nós, todos são úteis mas ninguém é indispensável. E acho que nós tamos aqui nesse planeta pra servir, fazer a vontade de Deus, fazer a nossa auto-realização, e ajudar o próximo a se realizar. Agora, a *Bona Espero* não é minha, eu estou aqui como voluntária, e eu acredito nas forças divinas que eles vão na hora certa despertar os corações certos de vir aqui. E portanto, eu devo apenas estar aqui agindo, esperando, abrindo as portas, os braços pra quem virá (Entrevista nº 33).

Na concepção da atual administração de *Bona Espero*, é importante que um casal assuma a direção da instituição, porque assim os alunos poderão ter exemplos cotidianos de uma vida em família:

É a coisa fascinante da minha vida, da nossa vida, porque a nossa grande felicidade é que nós nos encontramos, um homem e uma mulher pra fazer em conjunto uma missão. Isto que é a coisa mais bela, porque quando a gente chega ou ele ou ela, não adianta, porque tem que ser dois. As crianças precisam do homem e da mulher como exemplo, e a coisa fácil é dar mil Reais, mas dar um bom exemplo é muito mais difícil do que dar mil Reais. Sozinho não dá (*Ibid.*).

Além disso, da experiência que adquiriram no decorrer dos anos frente à *Bona Espero*, Ursula e Giuseppe sugerem que os candidatos aos "cargos" de administradores devem ter independência financeira e maturidade, além de capacidade de apreciar e contribuir com o trabalho social da instituição:

Aqui você tem que ter independência financeira, independência social, maturidade e capacidade de apreciar esse panorama e apreciar ver esses meninos crescendo com dignidade, sem violência, sem medo. Isso é uma sensação grandiosa (Entrevista nº 1).

Segundo Ursula e Giuseppe, as dificuldades para se conseguir pessoas que estejam dispostas a assumir *Bona Espero* vêm do trabalho realizado pela instituição, já que esse tem um caráter voluntário e não remunerado. Além disso, as pessoas que se dispuserem a assumir a administração da Fazenda-Escola, são automaticamente convocadas a doarem grande parte de suas vidas em prol da proposta da instituição e, muitas vezes, têm até que pagar para trabalhar, pois acabam contribuindo financeiramente em sua manutenção. Na opinião da atual administração, tais características de *Bona Espero*, ao mesmo tempo que garantem sua continuidade, chocam-se com os ideais sustentados pela atual sociedade, constituindo-se em empecilhos para a chegada de novos administradores-voluntários:

Nós queremos poucas coisas, mas esta que queremos é o que fazemos, que é ajudar crianças, menores, adolescentes que estão precisando. É uma coisa que muita gente poderia fazer se tivesse a decisão de abrir mão um pouco do seu egoísmo. Mas hoje estamos na era do hedonismo e do grande egoísmo coletivo. Ninguém é disposto. Os espíritas gostam de dar sopa no sábado a tarde e se sentem bem porque dão a sopa. Eu fico revoltada com essa gente, porque isso é fácil, cada um dá uma cenoura, uma batata e faz a sopa. Agora, estar de plantão 24 horas, pra quem não tem ninguém pra falar, pra chorar, pra rir junto, isso eu acho que é a realização mais bela da vida. Agora, eu penso que muita gente sabe mas não tem a coragem. Gostaria de fazer e não tem a coragem. Mas eu sei profundamente que se você se dispõe, Deus vai te dar tudo que precisares pra realizar aquilo, não falta. Eu tenho essa convicção que nada vos faltará. Ele promete "segue-me e nada te faltará". Eu vivo isso e vejo isso (Entrevista nº 33).

CAPÍTULO II

A FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO* NA ATUALIDADE

Este capítulo tem como objetivo fazer uma discussão acerca da atual conjuntura e atuação da Fazenda-Escola *Bona Espero*. Para tanto, inicia-se com uma exposição que retrata sua estrutura administrativa e física, afim de melhor contextualizá-la. Posteriormente, o capítulo traz uma análise sobre a seleção e o cotidiano dos alunos, seguida do perfil e do processo de saída dos ex-alunos.

O capítulo termina debatendo o sentido de *Bona Espero* enquanto “comunidade”, buscando explicitar os fatores que a diferenciam das “comunidades alternativas” que se instalaram em Alto Paraíso de Goiás.

1. A atual estrutura administrativa

A Fazenda-Escola *Bona Espero* é hoje uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, de utilidade pública estadual e municipal. Pessoa Jurídica de CGC nº 01.393.339/0001-68, *Bona Espero* possui registro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente nº 002 e registro no Conselho Nacional de Assistência Social nº 28978.000452/94-62. Em seus 43 anos de existência, já abrigou gratuitamente mais de trezentos crianças, adolescentes e jovens em regime de internato, sendo a ampla maioria deles oriundos de famílias de baixa renda da região de Alto Paraíso de Goiás.

Como instituição esperantista, de caráter social-educativa, são objetivos de *Bona Espero*:

- a) AÇÃO SOCIAL em favor de crianças e adolescentes em situações de risco, em forma de abrigo-internato com apoio integral e permanente em estruturas, que valorizem o conceito de família;
- b) ATIVIDADES AGRO-PECUÁRIAS para auto-subsistência dos alunos e educadores com conceitos ecológicos e proteção ambiental consciente, estimulando nos jovens o processo da busca da autonomia e da construção da cidadania;
- c) ATIVIDADES CULTURAIS em âmbito nacional e internacional através do uso da língua internacional Esperanto trazendo novos conhecimentos para a região e assim formando nas novas gerações uma consciência de cidadania mundial (ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA BONA ESPERO, 1998: Art. 2º).

Deve manter gratuitamente:

- a) internato permanente de crianças e adolescentes de ambos os sexos em casas-lares, durante o período necessário para a conclusão dos estudos de I. grau, II. grau e excepcionalmente de III. grau;
- b) funcionamento regulamentado e reconhecido de escola de ensino fundamental de I. grau completo para alunos internos e externos;
- c) refeitório coletivo para educadores, alunos e integrantes;
- d) oficina de manutenção para educação profissionalizante, aprendizagem de economia doméstica, princípios básicos de agropecuária, educação ambiental e outros;
- e) biblioteca (*Ibid.*: Art. 4º).

Desde a sua fundação, a Fazenda-Escola possui um estatuto próprio que pode ser reformado conforme suas necessidades administrativas e/ou jurídicas. Entretanto, as alterações estatutárias só podem ser feitas mediante uma Assembléia Geral convocada para esse fim, com a presença mínima de dois terços dos membros de *Bona Espero* com direito a voto (*Ibid.*: Art. 28º).

Nas Assembléias, os votantes são somente aqueles que fazem parte do quadro social de *Bona Espero*, que é composto pelos fundadores, diretores e

membros integrantes, sendo esses, as pessoas maiores de dezoito anos que participam da instituição, morando, estudando ou exercendo algum tipo de trabalho voluntário (*Ibid.*: Art. 8º).¹⁵

A estrutura organizacional de *Bona Espero* é composta pelos Conselhos Diretor e Fiscal, cujos membros são eleitos em Assembléia Geral. O mandato dos Conselheiros tem duração de três anos, podendo ser renovado em parte ou em sua totalidade (*Ibid.*: Art. 13º).

O Conselho Diretor conta com cinco membros, divididos em: Diretoria Geral, de Finanças, Administrativa, Social-Educativa e de Relações Públicas. A frequência das reuniões deste Conselho não é estipulada no Estatuto, que reza que elas acontecerão conforme a demanda e a necessidade do cotidiano da Fazenda-Escola. Além da convocação das Assembléias Gerais, são também atributos do Conselho Diretor:

Ao Conselho Diretor cabe com absoluta e direta responsabilidade, o controle, a direção, manutenção e proteção de todos os haveres da instituição, assim como a publicação em tempo dos balancetes e balanços apresentados pelo Diretor de Finanças (*Ibid.*: Art. 19º).

O Conselho Fiscal é composto por dois membros, que não necessitam, obrigatoriamente, de pertencerem ao quadro social de *Bona Espero*. Cabe ao Conselho Fiscal o controle contábil e administrativo da Fazenda-Escola (*Ibid.*: Art. 15º).

As Assembléias Gerais são a instância máxima de deliberação em *Bona Espero*. Para que essas ocorram, é necessária a presença de um terço dos *bonesperanoj*, expressão em Esperanto que contempla o quadro social da instituição. O voto é secreto, e a Assembléia tem o direito de empossar e

¹⁵ Para se tornar membro integrante de *Bona Espero*, a pessoa interessada deverá passar por um período experimental mínimo de um ano de residência na mesma, gozando, nesse período, de todos os direitos e deveres de um membro integrante, exceto de votar e ser votado. Após o período de experiência, a pessoa só poderá ser aceita definitivamente na Fazenda-Escola mediante uma decisão tomada em Assembléia Geral, com votação secreta (ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO*, Art. 8º, §1º e 2º).

desempessar diretores. Embora o Estatuto preveja eleições a cada três anos, as Assembléias costumam ocorrer anualmente, sendo que a ampla maioria de suas atas traz na pauta as seguintes questões: balanço do ano anterior; orçamento para o ano seguinte; eleição da nova diretoria e substituição de diretores – quando necessário.

Apesar de possuir sete diretores, há anos, apenas dois têm residência fixa em *Bona Espero*, sendo eles Giuseppe Grattapaglia, Diretor Administrativo e Financeiro e Ursula Grattapaglia, Diretora Social-Educativa. Giuseppe e Ursula fazem parte da Diretoria desde que fixaram residência em *Bona Espero*, tendo em vista o caráter decisivo de suas atuações na vida cotidiana e administração da instituição.

A situação ideal seriam todos morarem aqui, mais os dois Conselheiros Fiscais. Não tendo moradores, até sete, nós optamos pela possibilidade de ter alguns aqui dentro e alguns em Brasília e Goiânia, o que aparece no regulamento e ajudam tomar decisões em conjunto. A cada três anos é uma nova eleição. Se apresentam-se novos elementos, nós admitimos. Várias vezes admitimos ex-alunos, mas quando eles saem para casar, é claro eles também saem. Quem fica, já faz vinte anos, é o Diretor Geral, que é o Engenheiro Civil Emivaldo Alves Silva (...), e depois temos duas fundadoras ainda. Uma faz relações públicas em Goiânia, fala com a Secretaria de Educação, de Assistência Social, faz essas coisas. Temos um Administrador (...) e como saiu uma ex-aluna, ele também faz as Finanças, e eu Social-Educativo. Temos dois amigos esperantistas de Brasília que são do Conselho Financeiro (Entrevista nº 1).

Bona Espero não recebe ajuda financeira de nenhum órgão governamental. Como não possui recursos próprios que garantam a sua auto-suficiência, é mantida através da renda pessoal de seus atuais administradores, de doações de amigos e familiares de Ursula e Giuseppe e de Centros de Esperanto de diversas partes do mundo. As doações chegam até a Fazenda-Escola em forma de dinheiro, vestuário, roupas de cama, mesa e banho:

Para vestir essas crianças, nós temos sessenta camas, precisamos de lençóis, precisamos de toalhas, aí funciona da seguinte maneira: as famílias e parentes que deixamos na Alemanha e Itália ficam com muita dó da gente e mandam os restos, o lixo da sociedade de consumo, e nós estamos criando uma nova civilização com o lixo da sociedade. Nós temos uma amiga esperantista na Holanda que tem 75 anos e que tem um amigo que é diretor de uma piscina pública. Lá deixam por ano umas duzentas toalhas que vão pra *Bona Espero* (GRATTAPAGLIA, U., 1997:38'55).

2. A estrutura física

Bona Espero tem água farta de várias nascentes, cachoeiras e de um lago no qual se cria peixes. A água utilizada nas instalações da Fazenda-Escola advém de um carneiro hidráulico instalado em uma das nascentes. Além disso, a instituição faz uso de energia elétrica, eólica, solar e de bateria.

O leite extraído de um pequeno rebanho de vacas fornece à comunidade de *Bona Espero* um complemento protéico, já que quem vive na instituição tem que se adequar aos hábitos alimentares vigentes, que adotam o vegetarianismo como parte integrante da filosofia de vida. Também existe na Fazenda-Escola uma criação de cavalos, que servem como meio de transporte, diversas plantações intensivas de frutas, legumes, hortaliças e o início de uma agro-floresta e permacultura.¹⁶

Anualmente, produz-se grande quantidade de geléia de frutas para o consumo diário. Somente no ano de 1998, produziu-se 250 quilos de geléia de manga, que acompanha o pão integral produzido em *Bona Espero*, servido no café da manhã e no lanche das tardes.

As atuais instalações da Fazenda-Escola possuem seis edificações, sendo:

¹⁶ Os administradores da Fazenda-Escola entendem que permacultura é "um conjunto do homem na natureza, com a natureza e da natureza" (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 20'30). Entretanto, entende-se que permacultura seja uma cultura permanente e total, caracterizada pelas atividades agrícolas de extração vegetal com manutenção e conservação das matas, florestas e do meio ambiente em geral.

- 1) A casa principal, na qual se encontram os dormitórios dos alunos¹⁷; a cozinha; o refeitório; a lavanderia; o escritório (que contém os arquivos da instituição e uma pequena biblioteca); e os aposentos dos atuais administradores;
- 2) A "casa dos hóspedes", que consiste em um prédio mais antigo, porém, bastante amplo, que atualmente aloja os visitantes e voluntários, contendo duas amplas salas, oito quartos, dois banheiros, cozinha e refeitório;
- 3) O prédio que funcionava a escola, que tem três amplas salas de aula, biblioteca, banheiros e refeitório. Atualmente, esta edificação está sendo reformada, para abrigar mais dormitórios, de modo que sua utilização fica por conta das aulas de música e das consultas à biblioteca;
- 4) A garagem, que abriga as *kombis* pertencentes a *Bona Espero* e a oficina mecânica;
- 5) Uma casa menor, edificada para abrigar casais de voluntários, que conta com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, construída um pouco mais afastada dos outros prédios;
- 6) Um curral, construído logo na entrada da Fazenda-Escola, destinado à criação de vacas e cavalos que fornecem leite e transporte aos moradores.

As construções das casas e da escola possuem grandes varandas que acompanham suas fachadas, nas quais estão dispostos alguns jogos de mesas utilizados para descanso ou leitura. Na área externa da casa principal, encontra-se uma mesa de pingue-pongue, que geralmente é bastante disputada pelos alunos nas horas de lazer.

As edificações da Fazenda-Escola estão dispostas em um grande círculo, formando um "pátio" na área frontal das mesmas. Esse espaço abriga um parque

¹⁷ Cada dormitório da fazenda abriga de quatro a cinco alunos, divididos por gênero. Além das camas, os dormitórios contam também com armários individuais, nos quais os internos guardam seus pertences.

infantil com diversos brinquedos, jardins, hortaliças, pomares e um mastro com a bandeira do Brasil, além de grandes árvores que garantem sombra na maior parte do dia. Do lado direito da casa principal encontra-se um campo de futebol, sendo bastante comum presenciar meninas e meninos jogando bola. O campo tem o nome de "Lis", em homenagem à filha da professora de música de *Bona Espero*. A homenagem justifica-se pelo fato de que quando visita a Fazenda-Escola, Lis passa grande parte do seu tempo livre jogando futebol com os alunos e alunas.

Percebe-se a existência de muitos mapas fixados no espaço físico de *Bona Espero*. São mapas municipais, estaduais, nacionais e mundiais, em vários tamanhos e molduras, sendo que alguns são muito chamativos, por serem bastante coloridos.

Também observa-se a presença de várias estantes com livros, em diversos cômodos de *Bona Espero*, tais como no refeitório, local onde os alunos estudam; na sala; no prédio que funcionava a escola; e na casa dos hóspedes. Se agrupados, os livros pertencentes à instituição poderiam formar uma biblioteca de porte mediano, de dar inveja à muitas escolas urbanas e até à pequenas cidades. O acervo literário de *Bona Espero* é fruto de diversas doações, geralmente feitas por iniciativas individuais de pessoas que conhecem o trabalho da instituição.

O gênero e as temáticas dos livros são bastante variados, englobando obras didáticas, acadêmicas, pedagógicas, filosóficas, literárias, poéticas, sociológicas, psicológicas, históricas, religiosas, além de coleções completas de literatura (nacional e internacional), enciclopédias, dicionários, revistas, inclusive esperantistas, manuais de Esperanto e publicações diversas nessa língua. Os livros sobre educação e psicologia infantil destacam-se no acervo, que conta também com uma grande quantidade de livros infanto-juvenis. Observa-se também a presença de muitos brinquedos e jogos em *Bona Espero*, inclusive os de cunho educativo, que são muito utilizados pelo grupo.

2.1. Os contratos de comodato

Estatutariamente está previsto que a administração de *Bona Espero* poderá ceder, sob forma de contrato de comodato, um trato de terra de um hectare ou mais, às pessoas que mostrem interesse em desenvolver algum tipo de trabalho cultural, social e/ou educativo na área pertencente à Fazenda-Escola (ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO*, 1998: Art. 12º). Para a atual administração, os contratos de comodato expressam uma tentativa da instituição de dar utilidade à área que dispõe, tendo em vista que essa não necessita de mil hectares para seu funcionamento:

Se fala tanto de reforma agrária em nosso país e a *Bona Espero* faz uma reforma agrária particular nossa, podemos dizer, porque nós temos uma área de mil hectares e evidentemente não é tudo isso que nós precisamos pra educar as crianças. Portanto, aceitamos com muito prazer pessoas de índole muito decente, pessoas com uma ética, uma moral assim na faixa nossa, e eles, não tendo condição de comprar a terra nós cedemos pequenas áreas para eles poderem viver. Nós tivemos experiência de pequenos agricultores, mas eles não conseguiam, nunca conseguiam uma independência financeira só apenas através de uma agricultura de subsistência (Entrevista nº 33).

Bona Espero recebe quase que cotidianamente muitas visitas de pessoas da região que, ao longo do tempo, foram estabelecendo laços com a instituição. Percebe-se que os comodatários da Fazenda-Escola estão entre essas pessoas, formando um grupo muito eclético:

...quem mais aparece hoje são pessoas que têm uma entrada separada financeira, que são aposentados ou que têm um trabalho fora daqui, e eles gostam de habitar em nossa terra. Assim temos o ex-chefe de serviço do Parque Nacional, ele está aposentado e ele construiu uma casa bem bonitinha e ele, a esposa, os filhos, passam grande parte da semana aqui numa pequena área de cinco hectares, fazendo agricultura, fazendo vários

trabalhos. Depois temos também uma outra família (...) Depois temos um escritor de livros de ficção científica, um tal de Ergon, que tem uma área onde ele também realizou o ano passado vivências sobre qualidade de vida, sobre medicina preventiva, sobre conscientização, e assim adiante. Temos um grupo (...) onde estão vivendo duas médicas que estão vivendo na cidade, uma homeopata, uma obstétrica, mais professores, mais o dono de um cartório, eles estão querendo não viver na cidade, mas passam muitos dias aqui (*Ibid.*).

Atualmente, todos os comodatários possuem renda pessoal fixa, moram na região há alguns anos e têm laços já estabelecidos com a instituição. Sabendo da disposição de *Bona Espero* em ceder pequenas áreas de terra sob forma de comodato, firmaram um contrato, utilizando a área para desenvolver atividades espirituais, culturais, ou simplesmente para moradia:

Eu estive aqui em 83, eu conheci a *Bona Espero*. E sempre tenho freqüentado aqui, por afinidades de idéias, de trabalho, e há poucos anos, digamos, há três anos é que nós tivemos a oportunidade de fazer o comodato e passamos a desenvolver esse trabalho (...) A idéia do comodato surgiu já há bastante tempo. Há alguns anos, digamos, a gente tinha a vontade de viver por aqui. Conhecíamos a *Bona Espero*, e quando eles começaram a falar de comodato, quase que de imediato nós tomamos conhecimento e de imediato procuramos para fazer um contrato. Esse foi então um impulso pra gente. Veio da decisão deles já, desse espírito de dividir a terra. Partiu deles, e então nós viemos ao encontro deles (Entrevista nº 28).

De acordo com este comodatário, eles devem seguir algumas normas e regras firmadas em contrato, tais como: cercar todo o terreno pertencente ao comodato; não utilizar nem plantar drogas; não adotar práticas e condutas que apresentem desencontros com a filosofia e a proposta pedagógica de *Bona Espero*, incluindo práticas sexuais como bigamia, pornografia e homossexualidade; e não fazer cultos estranhos, como rituais satânicos, sacrifícios de animais e/ou atividades bizarras em geral (Diário de Campo, 19/08/00).

Os contratos de comodato duram sete anos, sendo renováveis por mais sete, caso não haja empecilhos decorrentes da estadia anterior dos comodatários. Esses, não pagam qualquer tipo de aluguel à *Bona Espero*, mas caso seus contratos não sejam renovados, todas as benfeitorias feitas na área do comodato, automaticamente são incorporadas ao patrimônio da instituição.

Na pesquisa de campo realizada em *Bona Espero*, em nenhum momento percebeu-se a presença dos comodatários na Fazenda-Escola. Se a existência das construções de suas casas e sedes não fosse algo tão visível dentro da área da instituição, já que essa é muito plana, suas presenças nem seriam notadas durante as visitas de campo. Entretanto, a administração espera que os comodatários colaborem na educação dos alunos, integrando atividades: “...esperamos que todos esses comodatários colaborem num certo sentido conosco, ensinando algo às crianças” (Entrevista nº 33).

Porém, observa-se que a preocupação em estar contribuindo no processo educativo dos alunos não é muito clara entre os comodatários:

... não sei se virá isto acontecer, ou não fazemos propósito disto, mas a gente pode ver a *Bona Espero* talvez assim como uma cidade que tenha diversas formas de expressão de vida dentro dela, diversas formas de se organizar, digamos uma comunidade de comunidades, talvez eventualmente haja uma integração, porque nós não somos os únicos comodatários (Entrevista nº 28).

Existe uma comodatária graduada em dança que desenvolve trabalhos culturais em sua área, sendo especialista em danças egípcias. Segundo a administração de *Bona Espero*, durante um certo período, ela ofereceu um curso de dança para os alunos da instituição, que chegaram a fazer apresentações na região. No desenvolvimento da pesquisa, não se presenciou nenhum contato desta comodatária com a Fazenda-Escola, e somente foi possível fazer entrevista com ela por telefone.

Entre os comodatários, observa-se a existência de pelo menos dois que são muito ligados à questão espiritual. Um deles é presidente de uma entidade não-

governamental denominada Fundação Arcádia de Alto Paraíso, que além de trabalhos espirituais e esotéricos, promove eventos culturais em sua sede. Em nenhuma das visitas à *Bona Espero* foi possível fazer contato pessoal com este comodatário, que, segundo informações da administração, está deixando o comodato por não conseguir mantê-lo financeiramente.

De acordo com os depoimentos, percebe-se que os administradores estão descontentes com o trabalho que vem sendo desenvolvido por este comodatário, tendo em vista que o mesmo estaria tentando “comercializar a espiritualidade” dentro de sua área, através da cobrança de altas taxas das pessoas que vinham participar de suas vivências em grupo e cursos espirituais (Diário de Campo, 19/08/00). Esse tipo de prática não é aceita pela administração de *Bona Espero*, que se diz contra a lucratividade sobre as questões relativas à espiritualidade.

Há outro comodatário ligado às questões espirituais, que durante muitos anos foi Chefe de Serviços do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Há três anos, tem um contrato de comodato com *Bona Espero*, mas só agora está construindo uma casa para viver com sua família. Além da moradia, este comodatário afirma que tem pretensões de formar uma micro-comunidade denominada “Movimento do Amor” dentro de sua área. Segundo ele, tal movimento embasa-se na “filosofia do amor”, trabalhando com os seguintes princípios:

O Universo existe em Ordem. Se existe ordem, existe Lei. Se existe Lei, existe Vontade. Se existe vontade, existe Mente; Então existe Consciência; então existe substância, Memória. O Universo é íntegro, portanto: Uma só Lei, uma só Vontade; Um só Criador. Da mesma Essência do Eterno, somos Imortais. A forma passa, a Essência permanece; e a forma repassa, e a Essência continua, Reencarna. O Ser experimenta, a consciência se expande, Evolui. Um só Criador! Somos todos um só. O Amor é a Lei. Imortalidade, Reencarnação, Evolução. O homem é um ser radiante de luz criadora (MOVIMENTO DO AMOR, 2000: verso).

Entre os objetivos do “Movimento do Amor”, está a busca do auto-conhecimento e da evolução espiritual do ser humano através do amor incondicional a todas as formas de vida e a um único Deus. Entre os panfletos distribuídos por

esse comodatário, encontram-se textos diversos que falam sobre amor, apocalipse e nova era, além de psicografias com os mesmos temas assinadas por pessoas anônimas e personalidades, como a poetisa goiana Cora Coralina (*Ibid.*: verso).

A administração de *Bona Espero* não se opõe às atividades espirituais desenvolvidas pelos comodatários, desde que não influenciem e/ou atrapalhem o andamento da Fazenda-Escola. Entretanto, ressalta que são contrários aos comodatários tentarem estabelecer formas de lucratividade dentro da área cedida, em especial se esse lucro advir de uma certa “comercialização da espiritualidade” (Diário de Campo, 19/08/00).

Para os administradores, a espiritualidade é uma questão individual em *Bona Espero*, pois faz parte da escolha pessoal de cada um. Segundo eles, a proposta de atuação da instituição não pretende se firmar em qualquer tipo de prática religiosa, limitando-se às noções gerais da ética cristã (*Ibid.*).

2.2. A Casa do Estudante

Além das instalações da fazenda, *Bona Espero* possui ainda uma sede urbana localizada em Alto Paraíso de Goiás, denominada Casa do Estudante. De acordo com os depoimentos, a necessidade da sede urbana adveio da própria dinâmica das atividades da instituição, pois comumente seus membros participam de atividades na cidade, precisando de um local de referência na mesma.

O terreno que abriga a Casa do Estudante foi doado no ano de 1996 pela Câmara Municipal de Alto Paraíso, localizando-se na Rua do Esperanto, no Bairro Novo Horizonte. O material utilizado para a construção do prédio é fruto de doações de diversas Embaixadas de países estrangeiros no Brasil, em atendimento à uma solicitação enviada pela administração de *Bona Espero*.

O prédio, bastante amplo e arejado, assemelha-se às edificações da fazenda, pois, como as demais construções de *Bona Espero*, foi feito sob a orientação de Giuseppe Grattapaglia. Construída em forma circular, a Casa do

Estudante possui, logo na entrada, um salão de grandes proporções, contendo diversos ambientes: em seu centro, estão dispostas duas grandes mesas retangulares, utilizadas para assistir televisão, para as refeições, estudos e demais reuniões; do lado direito, uma estante com livros didáticos, literários e enciclopédias, um jogo de sofás, uma máquina de costura e uma mesa com quatro lugares; à esquerda, uma outra estante com uma televisão de vinte polegadas e uma bancada com diversos jogos e brinquedos; ao lado da porta de entrada, um quadro-negro, com algumas cadeiras dispostas em fila na sua frente. Esse último espaço é utilizado para as aulas de Esperanto que Ursula Grattapaglia ministra à comunidade de Alto Paraíso de Goiás, e pelos internos, que costumam brincar no quadro-negro.

O salão principal tem ainda três portas laterais, que dão acesso à cozinha e à despensa (lado esquerdo), e ao quarto da administração (lado direito), além duas portas no fundo que acessam os dormitórios dos alunos, um jardim, que separa os dormitórios masculino e feminino, e a lavanderia, localizada à direita, ao lado do dormitório dos meninos.

Na Casa do Estudante, a água utilizada para beber e para preparar os alimentos é trazida em garrafas plásticas da fazenda, pois existe o entendimento de que a água da cidade, por conter cloro, não é saudável. Além disso, segundo informações dos administradores de *Bona Espero*, a água da fazenda é muito pura, quase alcançando um nível de destilamento (Diário de Campo, 17/09/99). Semanalmente, também são levados da fazenda verduras, legumes, frutas e geléias, que servem como complemento da alimentação.

Por ter um espaço físico bastante amplo, a Casa do Estudante abriga reuniões da comunidade de Alto Paraíso de Goiás e do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, além de um curso de Esperanto dirigido à comunidade local que, de tempos em tempos, é ministrado por Ursula.

Durante os anos de 1998 e 1999, a Casa do Estudante tinha funcionamento somente nos dias úteis da semana, quando abrigava a metade dos alunos da instituição, sob os auspícios de Ursula Grattapaglia, enquanto a outra metade ficava na fazenda, aos cuidados de Giuseppe.

Tal divisão ocorreu porque desde o início do ano letivo de 1998, a escola que funcionava na fazenda foi fechada por falta de recursos humanos e

orçamentários para sua manutenção, e desde então, as crianças e adolescentes que cursavam o Ensino Fundamental na fazenda, passaram a freqüentar a E.M. Zeca de Farias, em Alto Paraíso de Goiás. Os adolescentes que cursam o Ensino Médio, desde o final da década de setenta, estudam no C.E. Moisés Nunes Bandeira, também localizado naquela cidade.

Como a Prefeitura oferecia transporte para a metade dos alunos de *Bona Espero*, a outra metade ficava na cidade, indo para a fazenda somente nos finais de semana. A cada semana, o grupo que ia para a Casa do Estudante era revezado, ou seja, os que ficavam na fazenda durante a semana que se passou iam para a cidade, e vice-versa. O transporte dos alunos que ficavam na cidade era feito em uma das *kombis* pertencentes ao patrimônio da Fazenda-Escola.

No início do ano letivo de 2000, a Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás passou a oferecer o transporte escolar para a totalidade dos alunos de *Bona Espero*. Desse modo, os alunos ficam na fazenda, indo para a cidade todos os dias após o almoço e retornando no final das aulas. A exceção fica por conta de uma aluna que já está cursando o 1º ano do Ensino Médio, que somente é oferecido nos turnos matutino e noturno. Nesse caso, a aluna fica na Casa do Estudante durante a semana, tendo como companhia outras ex-alunas de *Bona Espero* que moram no mesmo lote.

Entende-se que o fechamento da escola que funcionava em *Bona Espero* está relacionado a uma conjuntura nacional na qual, por uma interferência do Ministério da Educação e Cultura (MEC), as prefeituras têm rompido com as chamadas escolas da zona rural, optando pelo pagamento do transporte escolar aos estudantes, que passam a freqüentar a escola na cidade mais próxima de suas residências.

De acordo com a Emenda Constitucional 14 e com a Lei nº 9.424, aprovadas no ano de 1996 pelo Congresso Nacional, a União só deve complementar recursos relativos ao ensino fundamental, quando um Estado não conseguir atingir, por conta própria, o valor mínimo por aluno estabelecido para vigorar durante determinado ano letivo (GUIMARÃES, 1999: 7).

Desde 1998, esse valor é fixado segundo as normas estabelecidas pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), programa ligado ao MEC:

...a lei que regulamentou o FUNDEF estabeleceu uma fórmula para o cálculo deste valor nacional. Segundo a lei, o valor mínimo por aluno não pode ser menor que o resultado da divisão do total de recursos previstos para o FUNDEF no ano em curso e a matrícula no ensino fundamental público no ano anterior, matrícula essa apurada pelo Censo Escolar do MEC, acrescida da previsão de novas matrículas (*Ibid.: 7*)

Entretanto, Guimarães (*Ibid.: 7*) ressalta que a União vem descumprindo a base de cálculo fixada pelo FUNDEF, ao estabelecer um valor mínimo anual por aluno muito abaixo do que é estabelecido nos termos da Lei. De acordo com dados divulgados pelo próprio MEC, em 1998, o valor mínimo por aluno deveria ter sido ancorado em R\$ 420,00, e no ano seguinte, em R\$ 409,00. Porém, em ambos os anos, o valor estabelecido foi de R\$ 315,00.

Argumentando impossibilidade financeira da União para cumprir a Lei, o MEC assume que tem usado outros critérios para estabelecer o valor mínimo anual por aluno, que se diferenciam dos que deveriam ser adotados. Com o valor mínimo fixado em R\$ 315,00, no ano de 1999, apenas oito Estados brasileiros receberam a complementação da União, sendo um da região Norte e o restante do Nordeste. Segundo Guimarães (*Ibid.: 8*), se o valor por aluno tivesse sido estabelecido de acordo com a base de cálculo da Lei, ou seja, em R\$ 409,00, dezessete Estados receberiam a complementação, incluindo Goiás: *“Em Goiás, apenas com as contribuições ao FUNDEF do governo estadual e dos Municípios goianos, o valor por aluno em 1999 será de cerca de R\$ 335,00. Em consequência, Goiás está deixando de perceber (sic.) cerca de 77 milhões de reais de complementação da União”*.

Ao rebaixar o valor anual mínimo por aluno, o Governo Federal diminui, gradativa e significativamente, a participação que lhe é atribuída pela Constituição Federal no financiamento da educação, em especial, do ensino fundamental, aumentando as desigualdades entre Estados e regiões (Cf. *ibid.: 9*).

Além disso, o FUNDEF também descumpre a Constituição Federal ao não considerar as matrículas referentes à educação de jovens e adultos, bem como as relativas à educação especial e ao ensino rural em suas bases de cálculos. Isso porque a Lei nº 9.424 estabelece que se deve adotar diferenciação do custo por aluno de acordo com níveis de ensino e estabelecimentos, o que inclui a educação especial, de jovens e adultos e ainda as escolas rurais (Cf. GUIMARÃES, 1999: 10).

Os critérios diferenciados para o tratamento dessas modalidades de ensino e escolas, deve-se ao fato de que essas têm um custo de manutenção mais elevado do que as que oferecem ensino regular e as urbanas. No caso específico das escolas rurais, observa-se que a dispersão da população interfere significativamente na relação custo/benefício do ensino, visto que geralmente funcionam com um número reduzido de alunos:

Em primeiro lugar, a dispersão da população no campo implica a existência de escolas pequenas, com número pouco significativo de estudantes, elevando muito a relação de professores por alunos. Em segundo lugar, o transporte escolar é uma das despesas com manutenção e desenvolvimento do ensino que mais tem aumentado nos últimos anos. O crescimento do número de matrículas, da taxa de escolarização das crianças e adolescentes e a permanência dos alunos na escola além da quarta série levam ao aumento do número de estudantes para os quais o Poder Público deve garantir, diariamente, transporte no trajeto residência-escola-residência (*Ibid.*: 10).

Com uma política indiferenciada para as escolas da zona urbana e rural, as prefeituras, de um modo geral, enfrentam sérias dificuldades financeiras para manter os estabelecimentos rurais em funcionamento, pois esses, além de ter um custo mais elevado do que os urbanos, ainda necessitam de transporte escolar, que também deve ser garantido pelos municípios.

Nesse sentido, os prefeitos têm optado por fechar as escolas rurais para diminuir gastos relativos à educação. Com os alunos freqüentando os estabelecimentos de ensino das cidades, as prefeituras somente terão que arcar

com o transporte escolar. Além disso, o ensino regular das zonas urbanas é bem mais barato do que o rural.

No caso específico de *Bona Espero*, observa-se que a Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás, durante os anos de 1998 e 1999, não ofereceu sequer transporte escolar para todos os alunos da instituição, o que acarretou o revezamento dos internos que ficavam na fazenda, com os que iam para a cidade, afim de que todos pudessem freqüentar regularmente a escola. Somente em 2000 é que a Prefeitura regularizou essa situação, oferecendo o transporte escolar diário para todos os alunos, indistintamente.

3. O processo seletivo dos alunos

Nos 43 anos de existência de *Bona Espero*, já passaram por lá cerca de trezentos alunos. Embora o Estatuto da instituição não estabeleça normas para o processo seletivo, percebe-se que esse tem pelo menos dois critérios: o primeiro diz respeito à opinião da administração acerca da real necessidade de internação do aluno, após uma análise detalhada de seu histórico de vida; e o segundo, que talvez seja o mais preponderante, obedece ao número de vagas excedentes, pois com apenas um casal administrando *Bona Espero*, a média de internos fica entre trinta e quarenta alunos, não ultrapassando esse quantitativo.

De acordo com a administração da Fazenda-Escola, a opção por esse número, deve-se ao fato da instituição não ser um "estacionamento de crianças", e sim, um local destinado à educação e à formação de multiplicadores:

As crianças (...) elas são lindas evidentemente, porque elas são nossas crianças e nesses anos todos nós já criamos em nossas mesas mais de 250 crianças. Cada vez quarenta, porque nós achamos que não é desejável encher, estacionar crianças, mas de educá-las para que elas sejam multiplicadores lá fora. E nós temos a felicidade de ver que hoje temos muitos jovens já formados em magistério, porque naquela região o nível de

educação é da 4ª série primária, quando nós chegamos há vinte anos atrás (GRATTAPAGLIA, U., 1997:29).

A falta de recursos humanos e financeiros tem feito com que *Bona Espero* trabalhe de forma reduzida no tocante à sua capacidade física de atendimento. Atualmente, a Fazenda-Escola possui um total de quinze dormitórios, com sessenta leitos. Entretanto, nos últimos anos, vem mantendo uma média de trinta alunos em regime de internato. Segundo os administradores, o trabalho voluntário não assegura estabilidade para a instituição, devido à rotatividade de pessoas:

Nós temos voluntários, mas eles não nos permitem assumir mais responsabilidades com as crianças, porque eles chegam e saem. Eu não posso pegar cinquenta crianças e ficar sozinha. Tem que estruturar lares, famílias com dez, doze crianças, e não com vinte e sete, vinte e oito como é hoje. Isso é muito difícil, especialmente quando são crianças da extração social que eles vêm, com os mais variados tipos de problemas (Entrevista nº 1).

De acordo com os depoimentos, o processo seletivo ocorre a partir da realidade individual de cada pessoa que requer uma vaga, ou seja, cada caso de internação é considerado e analisado enquanto um caso específico.

... o fato de nós abrigarmos, é uma grande responsabilidade para nós, e nós estamos conscientes disso, e antes de internarmos uma criança, somos extremamente cautelosos. Nós primeiramente questionamos o porque, conhecemos a família, vemos a situação, e depois nós damos um prazo de um mês, depois de seis meses, depois de um ano, pra ver se realmente é justificado. Portanto, cada caso aqui, de cada criança, é extremamente ponderado porque ele está aqui. (*Ibid.*).

Entretanto, percebe-se que a administração de *Bona Espero* nem sempre teve esse entendimento. Em um evento nacional promovido pela Associação das

Fraternidades Ramáticas do Brasil¹⁸ no ano de 1997, com o tema “Novas Formas de Viver”, a administração da Fazenda-Escola afirmou que o processo seletivo ocorria conforme orientações espirituais, e que quem chegasse até a instituição solicitando uma vaga, era aceito:

Nós temos orientações espirituais. É Deus que faz. Quem passa por nossa porteira e entra é aceito. Parece que a pré-seleção é feita “lá em cima”. As crianças chegam e pra nós é lei que ninguém que chega a cavalo, cinquenta quilômetros ou a pé, dezenas de quilômetros pra ficar lá. Eles chegam porque tem extrema necessidade. A necessidade é a seleção. Tem um pai, a mãe morreu, ele ficou com seis filhos na casa de palha. E agora? Dona Ursula. Eles vão lá e carregam pra mim. E eu aceito. Não é seleção. É individual (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 1”00’).

Nos dias atuais, nota-se uma mudança no discurso da administração da Fazenda-Escola em relação ao processo seletivo, principalmente no que diz respeito aos procedimentos adotados e às necessidades de internação:

Evidentemente para população analfabeta ribeirinha, caboclo beira-rio mesmo, ter estudo, ter um diploma, saber ler e escrever é um sonho ainda. Essa entidade já estava conhecida faz muito tempo, cada vez mais conhecida. E um fala para o outro, aquela informação, comunicação do povo, e aqui chegam em grande quantidade. Agora que temos a sede urbana, lá chegam diariamente pedidos de internação. Mas sendo eu também bem consciente do novo Estatuto da Criança e do Adolescente, sei que o melhor lugar de uma criança é junto à família. A pobreza, a miséria não é por si motivo de abrigar um menor numa instituição. Também na legislação, a última opção é a internação. Antes tem serviço, tem pagamento de multa, tem admonição (sic), tem advertência, a última é a internação (Entrevista nº 1).

¹⁸ Movimento espiritualista, seguidor das teorias de Ramatis – “guru” espiritual que viveu na Índia no século XIX, sendo hoje considerado uma entidade mediúnica por algumas facções do espiritismo. Esta Associação é ligada ao movimento esperantista brasileiro, por considerar que o Esperanto tem a missão de unir os povos no terceiro milênio.

Analisa-se que tal mudança pode ter ocorrido depois que os administradores estreitaram suas relações com o Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente de Alto Paraíso de Goiás, do qual, desde maio de 1999, Ursula é presidente. Atuando junto ao Conselho, Ursula participa de diversas reuniões e seminários relativos à questão da infância e da adolescência, o que pode ter colaborado para uma reformulação da concepção do processo seletivo dos alunos.

Porém, tanto na concepção espiritualista do processo seletivo, quanto na que busca considerar o histórico de vida dos alunos, para reunir uma maior quantidade de dados e estabelecer a real necessidade da internação, a seleção ocorre de forma individual, analisando-se cada caso.

De acordo com depoimentos e com as observações, depois da internação, o acompanhamento dos alunos por parte da administração também ocorre de forma particular:

Evidentemente o tratamento é individual, portanto não podemos superar o número de trinta porque eu devo saber se a criança está feliz, está triste, que idade tem, como se chama, porque está aqui, eu tenho que ver o indivíduo e não a massa. É portanto nossa limitação na prestação de serviço. Mas tanto é que nossa maior preocupação hoje é ter um ou dois casais pra colaborar pra aumentar o potencial de assistência social. Mas nós cuidamos bem da qualidade, da individualidade e do tratamento individual. Evidentemente um adolescente de quinze anos tem outras aspirações do que um menino de nove anos, que quer o carinho pra brincar e o de quinze anos ele quer saber como se posicionar no mundo. É bem diferente (Entrevista nº 33).

A fala da administração de *Bona Espero* é confirmada em alguns depoimentos de ex-alunos, que afirmam que no cotidiano da instituição existem diferenças significativas no tratamento de crianças, adolescentes e jovens:

...a atenção que um adolescente exige é diferente de uma criança, porque o adolescente cobra mais. Às vezes eles tem que ter um tratamento um pouco diferente, assim, não por ser melhor, mais porque o adolescente realmente

precisa de uma atenção diferente. De acordo com a necessidade, se procura atendê-los da forma que eles estão precisando (Entrevista nº 32).

Segundo os administradores, o processo de integração de um novato ao grupo é gradativo, pois a medida em que vai conhecendo a comunidade de *Bona Espero*, vai aumentando sua participação nas atividades coletivas e fazendo novas amizades. Para eles, os próprios alunos se encarregam de integrar o novato, mediando sua inserção junto ao grupo (Diário de Campo, 12/11/99). De acordo com as observações, isso realmente ocorre da maneira descrita pela administração de *Bona Espero*:

Hoje chegou um novo aluno que tem nove anos e está na primeira série. Ele foi trazido pela mãe, por uma arquiteta amiga da família e por um vereador de Cavalcante. A mãe tem uma outra filha de dez anos. A família sofreu muitas agressões por parte do pai, que é alcoólatra. Ele espancava a mãe e a filha na presença da criança, dizendo-lhe para "prestar atenção em como se batia numa mulher, porque mulher era feita para apanhar". A criança chegou muito arredia, encaminhada pela Promotora de Cavalcante, porque a mãe se casou novamente e o marido está desempregado. A mãe arrumou um emprego de doméstica em Brasília, e não pode levar os dois filhos, só vai levar a menina. O filho já apresentava muitos problemas, como indisciplina em casa e na escola, e comportamentos violentos. Quando chegou em *Bona Espero*, estava muito acuado (...) Ursula pediu para que a deixasse a sós com o menino. Pacientemente, explicou-lhe que se quisesse permanecer poderia, mas que se ficasse, não se arrependeria, pois em *Bona Espero* haviam muitas crianças com quem poderia fazer amizade, e que em *Bona Espero* ninguém apanhava. Menos arredio depois da conversa, o garoto concordou em ficar por uns dias para conhecer as outras crianças e a fazenda. A mãe, que por algum tempo duvidou que o menino concordaria em ficar, pareceu aliviada com a notícia de que ele ficaria. De comum acordo, todos se dirigiram até o Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, para a assinatura dos documentos referentes à internação do garoto. De volta à Casa do Estudante, com muito choro, o menino despediu-se de sua mãe, que após o abraço final, revelou à Ursula que naquele dia era o aniversário do filho. Sempre puxando assunto com o garoto, Ursula logo tratou de preparar-lhe um bolo para comemorar o aniversário. Ele

revelara que nunca havia tido um bolo de aniversário. Ursula também preparou-lhe um presente: uma caixa de lápis de cor, um caderno e uma caneta, todos alemães, além de dez balões, embrulhados em um papel de presente cintilante envolto com uma fita e um laço azul. No restante da tarde, o garoto brincou com as crianças que estavam em *Bona Espero*. Ursula disse que após ter topado ficar, a integração do menino no ambiente ocorreria por conta dos próprios alunos. Antes do jantar ser servido, todos se reuniram na cozinha para cantar o "parabéns". Novamente acuado com a presença dos outros alunos que haviam chegado da escola, o menino postou-se do lado de fora da cozinha, olhando o movimento pela janela. Somente no terceiro "parabéns" foi que entrou na cozinha, apagou as velas, recebeu os cumprimentos, abriu o presente, cortou o bolo e agradeceu. A noite, após o jantar, os alunos assistiram a novela *Chiquititas*. Depois, uns foram brincar, outros estudar, outros ouvir músicas e/ou ler revistas. E o menino que chegara de manhã, enfiando-se debaixo da mesa e tapando o rosto com as mãos, já saltitava pela casa com outras crianças, com um sorriso estampado no rosto. Como Ursula dissera, percebe-se que sua integração estava ocorrendo a partir do próprio grupo (*Ibid.*).

4. Caracterização e cotidiano dos alunos

A maioria dos alunos de *Bona Espero* advém de famílias de baixa renda da região Nordeste do Estado, e vivem em regime de internato, visitando os pais ou responsáveis somente no período de férias. Observa-se que as motivações para suas internações são as mais variadas, de modo que cada caso de internação, além de ter uma história diferente, conta com suas próprias particularidades.

Destacam-se as seguintes causas de internação: órfãos; abandono em família; famílias que não têm condições de manter os filhos na escola; famílias que moram em fazendas que não têm escola alguma nas proximidades; alunos que chegam num certo grau de escolaridade – em geral, na quarta série do Ensino Fundamental – e não encontram escolas perto de suas casas para continuarem seus estudos; pais separados que se casam novamente e o novo cônjuge não aceita os filhos anteriores ao casamento; mães solteiras que não conseguem sustentar seus

filhos; mães solteiras que vão trabalhar como empregadas domésticas e precisam morar nos empregos; pais desempregados; maus tratos, agressões físicas e/ou abusos sexuais por parte da família; prostituição de membros da família dentro do próprio local de habitação da mesma; falta de condições financeiras da família para oferecer o mínimo possível para a sobrevivência de seus membros:

Nós temos quatro ou cinco que estão aqui, que são da cidade, eles estão aqui por um abandono em família. Tem uma menina que tem treze anos, que desde quando tem sete vai para a escola, e não sabia ler nem escrever até hoje. Frequentando diariamente a escola, e os pais vieram pedir. Eu tenho internada, uma menina que sofreu abuso sexual em família. A promotora da cidade de Cavalcante entregou a menina. Eu tenho vindo do Juizado de Menores de Brasília, um menino órfão de pai e mãe, em situação grave de rua, e nós estamos tentando, faz um ano, de neutralizar esse passado, sem, por enquanto, saber se vamos conseguir e até que ponto. Temos crianças de famílias de prostituição, para preservá-las, com prostituição masculina até. Nós temos crianças que os pais moram na beira do rio e querem que as crianças estudem, e não poderiam estudar porque os pais são tão pobres que não podem colocar a criança na cidade porque não tem estrutura para isso. Temos crianças que viviam na cidade abandonadas pela mãe solteira, doméstica na grande cidade, deixando a criança na rua. As necessidades são tantas mas a nossa possibilidade, sem a ajuda do Governo, é muito limitada. Especialmente quanto a recursos humanos. Nós não pedimos recursos financeiros, porque não poderíamos sem recursos de famílias, tratar de mais crianças (Entrevista nº 1).

Durante as entrevistas, quando os alunos foram questionados a respeito de como eram suas vidas antes de irem para *Bona Espero*, bem como dos motivos que ocasionaram suas internações, as respostas mais frequentes foram:

Minha mãe mandou pra podê estudá aqui, que lá ela mora na fazenda e não dá jeito de dá aula (...) Tinha iscola só até a terceira (Entrevista nº 19).

Minha vida era um poco boa. Tinha veiz qui eu saia pá rua, meu irmão num dexava, quando eu quiria i pra casa das minhas amiga, meu irmão num

dexava. Eu ficava mais era dentro de casa memo (...) Vim por causa que minha mãe e meu pai morreu (Entrevista nº 24).

A vida cum minha família era boa, porque lá eu vivia cum minha família e aqui eu num posso vê eles (...) Vim porque minha mãe ela morava pra lá de Cavalcante um pouco, e ela num podia ficá cumigo em Cavalcante pra mim estudá. Aí ela arranhou uma vaga pra mim aqui na *Bona Espero* (Entrevista nº 22).

Eu morava numa fazenda perto de Cavalcante, que fica lá detrás da serra, depois de Cavalcante. Com meu pai, com minha mãe, aí eu estudava numa escola que tinha lá perto, só que lá tinha até só a quarta série, aí quando eu completei quarta série minha mãe ficou sabendo que aqui na *Bona Espero* a tia Ursula ficava com crianças pra estudá, que não tinha escola perto, aí minha mãe veio, e convesou com tia Ursula e tia Ursula me aceitou, e eu estou aqui estudando. Eu já estou na oitava série, e esse ano com fé em Deus eu vou terminar a oitava (Entrevista nº 27).

De acordo com as entrevistas realizadas com os alunos, bem como com os depoimentos da administração de *Bona Espero* e de voluntários que atuam junto à instituição, percebe-se que os internos que foram encaminhados à Fazenda-Escola através de Juizados de Infância e Juventude ou de Promotorias Públicas, em decorrência de maus tratos, agressões físicas e/ou abusos sexuais por parte da família, não revelam tais questões. Geralmente, respondem à pergunta sobre a convivência com a família com um simples e seco “era legal”.

Entretanto, analisando-se os depoimentos, pode-se perceber algumas nuances da vida destes alunos antes de suas internações em *Bona Espero*. É o caso de uma aluna de quatorze anos de idade, que chegou emocionalmente desestruturada na Fazenda-Escola:

Eu morava com o meu pai, a minha madrasta tamém e meus irmão. Vim porque eu era muito baguncenta (...) Batia nos meus irmão e quebrava tudo lá em casa. Quebrava tudo (...) Quando eu tava cum raiva, meu pai pegava eu e mandava eu i pra iscola. Eu num quiria i pra iscola, e eu pegava e quebrava os trem lá de casa. Porque eu tava cum raiva (...) era da madrasta. Ela tamém ficava cum raiva (...) Ela mandô meu pai e ele me trouxe (...) Mais eu já cheguei atentano já. Quebrei a lâmpada daqui, já fui

chegano e quebrano tudo, porque eu tava cum raiva de vim aqui. Eu falei que num gostava de tia Ursula. Até que depois eu tive muitos amigos, e agora eu gosto dela e do tio Giuseppe (Entrevista nº 23).¹⁹

Como o depoimento desta aluna, existem outros internos que relataram fatos desagradáveis de suas vidas, referentes a períodos anteriores a *Bona Espero*. Um deles reclamou de agressões físicas por parte de seus familiares, dizendo que agora, com sua convivência em *Bona Espero*, está sentindo-se melhor:

Minha vida antes era ruim. Eu vivia com meus tio, eles era ruim pra mim, aí eu vivia na rua. Aí agora depois que eu vim pra cá eu tô me sentindo melhor, porque a gente se diverte, brinca e trabalha, tem as horas certas da gente trabalhar, brincar e um bocado de coisa. A gente faz pouca coisa, brinca muito (Entrevista nº 6).

Outra aluna afirmou que gosta muito de viver em *Bona Espero*, porque, entre outras coisas, na instituição havia comida. Ela confirmou a extrema precariedade financeira, alimentícia e habitacional de sua família, dado que já havia sido informado pelos administradores:

Eu gosto demais aqui da *Bona Espero*, porque aqui é legal, a gente brinca, estuda, a gente come, aqui num falta nada, tem de um tudo (...) Lá em casa tinha vez qui faltava comida, outras vez não. Quando faltava, cumia alguma coisinha, mais num era igual aqui não, porque aqui é mais surtido, a comida é mais surtida e tem comida toda hora (Entrevista nº 19).

Um outro aluno que revelou sua insatisfação com a vida anterior a *Bona Espero*, tem quinze anos de idade e há dois anos e meio reside na Fazenda-Escola.

¹⁹ Atualmente, observa-se que esta aluna encontra-se em processo de integração com o grupo, já desenvolvendo alguma liderança, principalmente através da música, pois a mesma tem uma voz afinadíssima, que chama a atenção do restante dos internos. Em nenhum momento percebeu-se atitudes ou comportamentos violentos por parte dela, que se diz "apaixonada" pelo Esperanto, já falando fluentemente várias frases na língua internacional.

Desconhecendo o destino de seus pais, este aluno passou por diversos orfanatos, instituições e famílias em Brasília antes de ir para *Bona Espero*. De acordo com as observações, com os administradores, e com o depoimento do próprio aluno, sua convivência com a comunidade *bonaesperense* tem feito com que ele mude diversos aspectos de seu comportamento:

Eu morava lá em Brasília, morava com uma família que havia pegado minha guarda. Eu não fiquei com eles porque não deu certo, sabe. Eu era muito custoso, muito atentado. Eu vim pra cá porque ninguém agüentava eu. Eu era muito desorientado, muito desobediente. (...) Agora eu mudei muito, eu não sei explicar isso direito, mas eu só sei que eu mudei muito o meu comportamento, meu jeito de falar, meu jeito de expressar meus sentimentos, eu mudei muito. Eu era muito mais revoltado, era muito violento, muito mal educado. (...) As pessoas não me falavam isso não, eu é que notava assim, porque eu percebia de mim mesmo (Entrevista nº 26).

Para a administração da Fazenda-Escola, em muitos casos, a internação é a última opção para que os alunos possam viver, sendo respeitados em sua dignidade humana:

Evidentemente nossa prioridade é fazer com que as crianças tenham segurança em si, que tenham capacidade de enfrentar o mundo e de estar pronto para defender a sua dignidade, porque muitos deles foram violentados na sua dignidade humana e acho isso antes de mais nada a proposta (Entrevista nº 33).

Quase todos os alunos de *Bona Espero* chegam à instituição com muita defasagem na carreira escolar, ainda não alfabetizados ou semi-alfabetizados, com um histórico de repetência e/ou com dificuldades na aprendizagem. De acordo com o último censo do IBGE, o Nordeste goiano, no qual se localiza o município de Alto Paraíso de Goiás, é a região do Estado que mais apresenta problemas com o analfabetismo. Mais de trinta por cento da população dessa região, foi enquadrada como analfabeta ou semi-alfabetizada:

Pelo último censo (...) somada toda a população de 4 a 65 anos de idade foram encontrados mais de 41 mil pessoas que nunca tiveram na escola ou foram por menos de um ano à sala de aula, isso no universo dos 133 mil habitantes da Região Nordeste (ASSUNÇÃO, 2000:2).

A administração de *Bona Espero*, afirma que a realidade escolar de seus alunos advém das condições sócio-econômicas de suas famílias: "*Nossas crianças vêm de famílias caboclo beira rio e muitas vezes elas representam a primeira geração a ser alfabetizada*" (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 30'05).

Sobre essa questão, entende-se que a alfabetização significa mais do que o simples ato de saber ler e escrever, pois simboliza a construção da própria cidadania através da formação de seres humanos críticos e atuantes, conscientes de seus deveres para com a sociedade, mas sobretudo, conscientes de seus direitos enquanto cidadãos:

O significado da alfabetização em nossa sociedade ultrapassa em muito a mera aquisição de uma técnica – saber ler e escrever – a alfabetização é fundamentalmente um processo político através do qual os grupos excluídos dos direitos sociais e civis têm acesso a bens culturais que lhes são sonogados e que são um capital indispensável na luta pela conquista desses direitos, pela participação no poder e pela transformação social (Apud PEIXOTO, 1995:9).

O acompanhamento dos estudos dos alunos por parte da administração de *Bona Espero* é feito de forma individual, ou seja, cada aluno, em especial os que apresentam maiores dificuldades na escola, tem um atendimento particularizado. Em algumas ocasiões, caso hajam voluntários brasileiros na Fazenda-Escola, esses também são solicitados a estarem colaborando nos estudos dos alunos.

Observa-se que, constantemente, Ursula está auxiliando e incentivando os alunos a estudarem, dando-lhes aulas particulares nas disciplinas que apresentam maiores dificuldades, ou então alfabetizando novatos que chegaram na segunda ou terceira série do Ensino Fundamental sem saber ler, escrever, fazer

qualquer tipo de conta matemática, ou elaborar um pensamento abstrato, por mais elementar que ele seja, tal como somar um mais um sem precisar utilizar-se dos dedos ou de outros objetos.

Para complementar o acompanhamento dos estudos dos internos, Ursula conta com um grande acervo de materiais pedagógicos pertencentes a *Bona Espero*, que inclui jogos e brinquedos que estimulam a alfabetização, a capacidade criativa e a elaboração de pensamentos abstratos, proporcionando o contato com letras, números e contas. É muito comum também presenciar alunos com maior tempo de casa, que já estão com a escolaridade mais adiantada, auxiliando nos estudos dos que apresentam maiores dificuldades.

O cotidiano dos alunos de *Bona Espero* divide-se entre os estudos, as brincadeiras, atividades de lazer e o trabalho na realização de tarefas, já que a instituição não tem empregados. Existem horários determinados para o grupo desenvolver cada uma dessas atividades. Geralmente, os alunos acordam, arrumam seus quartos, tomam o café da manhã – anteriormente preparado por aqueles que estavam responsáveis pela cozinha – depois vão executar as tarefas coletivas e estudar. Somente depois disso é que têm tempo livre para brincar e/ou desenvolver outra atividade. Nos finais de semana e feriados, a rotina é a mesma, com o diferencial que as tardes são livres, geralmente aproveitadas para passeios à cachoeira e ao lago. Segundo os alunos, a organização do cotidiano de *Bona Espero* é um ponto positivo da instituição:

Eu acho aqui muito bom, porque agora eu tô aprendeno fazê, tô instudano, brinco, tô conhecono muitos esperantista, que eu até tô aprendeno o Esperanto, vamos pra lagoa, passeamos, brincamos, trabalhamos. É muito organizado, e eu acho isso bom (Entrevista n° 23).

Entre as atividades que mais gostam de fazer está a parte recreativa, em especial, os passeios à cachoeira e ao lago da fazenda, que acontecem quase todos os finais de semana. Nesses passeios, os alunos são acompanhados por um casal de cachorros da raça Pastor-alemão pertencentes à Fazenda-Escola, de nomes

Diana e Antares. Extremamente dóceis, estes cães, como os demais moradores da instituição, não comem carne, e é muito comum vê-los nadando junto com os alunos.

No lago, que se localiza próximo à sede, comumente os alunos vão com Giuseppe. Já os passeios na cachoeira, que fica cerca de dois quilômetros das casas da fazenda, só são permitidos com a presença de uma pessoa adulta e de confiança dos administradores. Durante a pesquisa de campo, observou-se que somente a professora de música que faz um trabalho voluntário em *Bona Espero*, acompanhou os alunos até a cachoeira. Isso porque o poço formado pela queda-d'água tem partes bastante fundas, e os administradores receiam que possa acontecer algum caso de afogamento entre os alunos, em especial, com os novatos que ainda não sabem nadar.

Entretanto, segundo a administração de *Bona Espero*, o grupo nunca teve problemas de afogamento ou coisa semelhante, pois a maioria dos alunos sabe nadar, e os que não sabem, vão com bóias e logo acabam aprendendo. Observou-se que o próprio grupo incentiva e ensina algumas noções básicas de natação aos que não sabem.

Na última visita feita à instituição, os alunos solicitaram à pesquisadora que os acompanhasse à cachoeira. A administração de *Bona Espero* concordou, após a recomendação de Giuseppe de que se deveria cumprir o "lema da cachoeira": *"Traga sempre uma criança a mais, mas nunca uma a menos. Você pode achar uma no caminho e trazer, mas não pode deixar nenhuma pra trás"* (Diário de Campo, 19/08/00).

Foram ao passeio 21 alunos e em nenhum foi preciso chamar-lhes a atenção por comportamentos indisciplinados. Percebe-se que respeitam muito as pessoas adultas, mesmo que essas não residam em *Bona Espero*. Neste tipo de passeio, quando a hora de sair da cachoeira e voltar à fazenda é anunciada, todo o grupo rapidamente se organiza, e cerca de cinco minutos depois já está pronto para a caminhada.

Quando estão voltando para a fazenda, geralmente os alunos colhem flores secas do cerrado, muito abundantes nos campos da região, e as levam para presentear Ursula, que as coloca em vasos espalhados pela casa.

Além disso, percebe-se que durante esse percurso, os alunos mostram-se conhecedores das flores, plantas e frutas do cerrado, e em diversas épocas do ano colhem frutas da estação, que para uma pessoa que não as conhece, passariam despercebidas. Algumas são chamadas pelos alunos por nomes curiosos, típicos da cultura da região, como uma pequena amora colhida num arbusto rasteiro que contém uma coloração vermelho-sangue, por eles denominada “sangue de Jesus”. Outras frutas encontradas são mais conhecidas, como a gabioba, pitanga, goiaba, cajuzinho do campo e murici. De acordo com os administradores:

Eles sabem distinguir o rastro do tatu e da ema, sabem as propriedades curativas das plantas do cerrado, sabem nadar como peixinhos, não conhecem torneiras e maçanetas e quebram direto (...) Se divertem muito com outras crianças da mesma idade, brincam nesse grandioso espaço de mil hectares (...) até cair na cama e são extremamente curiosos para conhecer tantas coisas (GRATTAPAGLIA, U., 1997:31'00).

Os alunos também costumam contar muitos “causos” típicos da cultura da região. Em uma das visitas de campo, o grupo estava no refeitório, e algumas pessoas observaram a passagem de uma estrela cadente. Segundo os alunos, esse tipo de luz ocorre porque o ouro que está nas serras se cansa do lugar onde está, e de tempos em tempos, resolve pular para outra serra: “*‘O ouro pula d’uma serra pra outra, cê num sabia?’ ‘Não. Eu não sabia. Quem te disse isso?’ ‘Ah! Minha mãe, minha vó. Todo mundo aqui sabe disso.’*” (Diário de Campo, 19/08/00).

Os internos também trazem para o cotidiano da Fazenda-Escola seus hábitos, suas músicas, incluindo canções sertanejas “de raiz”, além de brincadeiras como pique-pega, esconde-esconde e cantigas de roda, características de suas culturas. Além disso, a administração sempre promove festividades típicas da cultura brasileira em *Bona Espero*, tais como comemorações de datas cívicas, festas juninas ou carnavalescas. De acordo com uma ex-aluna:

...na *Bona Espero* sempre eles faiz, fazem umas festinha de sempre, de aniversário, coisa assim, essas festinha sempre eles faiz, mais são memo

festinha momo pás crianças, pá alegrá as crianças lá, coisa muito simples memo. Tem de carnaval, natal, tudo. Eles fazia aí aquelas brincadeirinha, sempre eu lembro dos minino ficá, eles fica tudo alegre, aí eles faiz pra eles (Entrevista nº 29).

Uma outra prática adotada pela instituição diz respeito às festas de aniversário de seus moradores, sempre comemoradas pelo grupo. Em muitos casos, a comemoração do aniversário dos alunos é feita pela primeira vez na instituição, visto que anteriormente as famílias não adotavam tal prática. Segundo os administradores: *“Nós temos todo ano uns cinqüenta aniversários (...) é muito. E cada um espera a vela, o presente, a mesa cheia de flores e o bolo lá no meio e assim adiante. E funciona. É muito alegre”* (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 36'25).²⁰

No espaço físico e cotidiano de *Bona Espero*, existe uma infinidade de possibilidades de atividades que os alunos podem desenvolver. É muito comum vê-los divididos em pequenos grupos, que são bastante ecléticos e não apresentam uma estrutura fixa por idade ou gênero. Um cenário observado numa tarde de sábado, por exemplo, mostrava alguns alunos tocando violão, outros ensaiando letras de músicas, andando de patins, brincando no parque, lendo gibis, brincando de carrinho, jogando baralho, enquanto um outro grupo estudava (Diário de Campo, 18/04/99). Para os administradores:

Eles são lindos, são puros, eles gostam de viver conosco. (...) Eles são criativos, confeccionam seus próprios brinquedos, não têm brinquedos importados, eletrônicos, onde você precisa de pilha. Ali funciona sem pilhas. Eles cantam, eles dançam, eles fazem teatro e nós temos sempre voluntários que tocam violão e se canta muito. Eles têm um repertório muito grande (GRATTAPAGLIA, U., 1997:31'00).

Segundo as observações, o grupo formado pelos alunos é muito alegre e integrado, dando a impressão de uma certa coesão. Carinhosamente, chamam uns

²⁰ Os alunos ficam muito satisfeitos com as comemorações relativas aos aniversários. Em algumas visitas de campo, teve-se a oportunidade de presenciar tal evento, do qual todos participam, seja na preparação dos comes e bebes, ou na colheita de flores para enfeitar a mesa.

aos outros por “mano” e “mana”. Além da liderança dos adultos, percebe-se que também respeitam muito a liderança dos adolescentes e jovens que têm maior tempo de casa, e dos ex-alunos que ainda mantêm vínculos com a instituição, freqüentando a fazenda nos finais de semana.

Não existe um líder entre os alunos de *Bona Espero*, o que se percebe é a existência de vários líderes no grupo. De acordo com as observações, tudo indica que essa liderança vem do tempo de estadia dos alunos, ou seja, quanto mais tempo de casa eles têm, maior é o espaço que ocupam, e a liderança que exercem junto ao grupo. Isso sugere que os alunos mais antigos vão se tornando pequenos dirigentes dentro de *Bona Espero*, pois além do posto de líder, também vão assumindo a organização de tarefas e atividades:

As que tão aqui mais tempo, quando chega um novo, dá apoio, ajuda, ensina o que já sabe, passa pro outro que ainda num tem muito costume do jeito que funciona a *Bona Espero*, cada um que tá aqui ajuda o seu colega que tá em dificuldade com alguma coisa, ou que num tá entendendo direito, o colega ajuda (Entrevista nº 27).

Observa-se também que o grupo formado pelos alunos não se preocupa em fantasiar a realidade para quem é de fora e chega até *Bona Espero*. Expõem com certa facilidade os problemas do dia-a-dia da instituição, os defeitos das pessoas que ali convivem, e assim por diante. Também reclamam de algumas atitudes dos administradores, como a de impor ao grupo a ingestão de verduras e legumes que eles não gostam. Em certa medida, são confidências que fazem para as pessoas que aparecem em *Bona Espero*, sejam essas conhecidas deles ou não:

Um casal de turistas paulistanos visitou *Bona Espero* nesse fim de semana, e da mesa ao lado pôde-se ouvir as crianças contando que não gostam de sopa de espinafre e beringela, mas que têm que comer. No decorrer da conversa, foram dizendo como fazem para burlar certos tipos de regras, como quando não querem comer a beringela e o prato aparece vazio: “Eu coloco no bolso e depois dou a Antares. Só que suja a roupa toda”, disse uma menina, de uns nove anos (Diário de Campo, 19/08/00).

Para a professora de música, voluntária em *Bona Espero*, os alunos da Fazenda-Escola são guerreiros e já são vencedores, pois demonstram ter muita coragem e garra para enfrentar suas histórias de vida, ao deixarem-se educar por pessoas que não são de suas famílias biológicas:

...o fato deles virem e se deixarem educar por uma outra pessoa eu acho que isso já é um ato guerreiro e isso eu falo o tempo todo, você é um guerreiro, você é uma guerreira. É muita coragem. Será que um filho meu teria coragem de fazer isso? Muitas vezes você dá chance para um filho seu ir na Europa, estudar, e eles têm medo. Será que é a necessidade da criança, imposição da vida? Mas tem pessoas que não têm essa guerra, essa garra. Então a pessoa que se deixa fazer isso, eu admiro uma criança dessa, eu admiro. Elas têm coragem. E eu falo isso para elas toda vez. Você é um guerreiro, você é uma vencedora, porque você está se deixando educar. E a maioria de nós não consegue. A gente não tem essa força pra fazer isso (Entrevista nº 11).

Uma ex-aluna de *Bona Espero* afirma que a instituição cumpre um papel muito importante na vida dos internos, porque a Fazenda-Escola representa tanto a base de educação e de vida que eles recebem, quanto uma oportunidade única de ter acesso a bens culturais inacessíveis às suas famílias de origem:

...a *Bona Espero* tem um papel muito importante na vida de muitos jovens, de muitas crianças, não só a minha, mas de muitos outros que passam por ali. Ela já foi a base e foi um barco de salvação para todos nós, porque ali nós não só aprendemos a ler e a escrever como em qualquer escola, mas nós também aprendemos a viver como uma grande família, e ali você aprende a se relacionar com outras pessoas, você aprende ética, moral e tudo o necessário para uma vida de um bom cidadão do mundo, porque eu não digo apenas do Brasil, mas do mundo, porque lá a gente tem contato com o mundo inteiro. Então *Bona Espero*, eu não sei se consegui te passar o que é, mas *Bona Espero* pra mim é tudo, é a vida (Entrevista nº 4).

Na opinião dos próprios alunos:

Eu acho que a *Bona Espero* é muito legal, porque é um preparo pra enfrentá a nova vida, depois que a gente sai daqui já tá com preparo suficiente pra enfrentá uma vida lá fora (...) Aqui tem um estudo bom, e também a tia Ursula conversa muito sobre a vida, ensina, fala das coisa lá fora como é, e tudo, que não é igual aqui, mas lá fora, ela explica direito como vai ser mais ou menos as coisas (Entrevista nº 27).

Eu acho muito bom aqui na *Bona Espero*, porque aqui é legal, porque aqui a gente estuda, antes eu não estudava não (Entrevista nº 20).

Eu tô achano bom aqui, mas só que tenho muita saudade de minha família. Eu só vejo eles só nas férias. Tirano isso, eu acho bom aqui na *Bona Espero*, porque aqui a gente aprende muitas coisas (Entrevista nº 22).

Eu tô achano bom, porque a gente aprende muita coisa. Eu aprendi já um bucado de coisa. Eu aprendi já a fazê bolo, já aprendi a fazê pão. O pessoal daqui é muito bão (...) Eu acho aqui mais melho que na minha casa, porque lá eu saía muito pra rua, e agora aqui num pode. Eu tô mais feliz é aqui. Aqui é muito bão pra gente (Entrevista nº 24).

Muito legal, porque eu tenho muitos amigos, gosto muito daqui. Gosto de estudá, brincá, trabalhá. Os voluntários eles também são muitos legais (Entrevista nº 25).

5. Perfil e processo de saída dos ex-alunos

De acordo com os dados, o perfil dos ex-alunos de *Bona Espero* pode ser traçado a partir das características dos atuais alunos, pois as causas e motivações para suas internações, apesar de também ocorrerem de forma individual, são bastante semelhantes:

Eu fui pra lá quando criança porque minha família não tinha condições de me dar uma educação, a minha mãe não tinha a mínima condição de me criar, meu pai deixou a minha mãe quando eu não tinha nem nascido, e diante disso minha mãe teve a brilhante idéia de me levar para *Bona Espero* porque desejava para mim uma vida que realmente ela não teve e ela

desejava algo melhor para mim, e eu agradeço muito a ela por isso (Entrevista nº 4).

Porque minha mãe faleceu e meu pai pediu vaga. Eu precisava ir no momento. Eu tive que ir (Entrevista nº 10).

A diferenciação no perfil dos ex-alunos fica quase que exclusivamente por conta dos filhos dos fundadores e administradores, que moraram em *Bona Espero* junto com seus pais, dos adolescentes e jovens que na década de sessenta eram encaminhados para a instituição através do SAM, e dos alunos que não eram internos em *Bona Espero*, mas que moravam próximos à instituição e freqüentavam a escola que funcionava na fazenda:

...gente que não pode por as crianças na escola, que ficam morando na roça, deixam as crianças às vezes até meio ano sem virem olhar, assim confiando né, deixam as crianças ali. Eu não, as minhas iam todo dia de casa, porque é perto e a gente tem uma vida diferente, quer as crianças junto. Mas mães que não tem jeito, que não podem tá junto, deixam as crianças sem problemas ali, confiando (Entrevista nº 30).

É que a escola era mais perto da minha casa, aí a única opção era a *Bona Espero* (Entrevista nº 31).

Existe também um outro perfil de ex-alunos de que é composto por filhos de pessoas que já foram internas ou que já estudaram na instituição. É o caso dos oito filhos de uma das primeiras alunas da Fazenda-Escola:

Eu estudei quando a escola deles aí começou, eles começaram parece que em 58, eu estudei (...) aí uns três anos em *Bona Espero*. Então eu já sei mais o menos o começo aí dessa escola e tudo aí em *Bona Espero*. E até hoje, porque eu nesse tempo sempre nunca saí daqui de perto, então eu já sei como eles funcionam mais o menos essa *Bona Espero* (...) Os meus filhos estudaram lá, foi uma força total, pra mim foi muito bom o estudo deles aí. Pra isso eles são muito bom mesmo, porque eles ensinam. Mininho com eles aprende, tanto faz estudar, como eles ensinam a viver, o jeito de mininho viver (Entrevista nº 29).

De acordo com a administração de *Bona Espero*, o processo de saída dos alunos é desencadeado a partir do momento em que eles atingem certo grau de maturidade, incluindo a sexual, e passam a ter anseios, desejos e objetivos de vida que se diferenciam e se distanciam da proposta e do cotidiano da instituição, bem como de suas regras e normas de funcionamento:

Quem quer ficar, fica. Nós não mandamos ninguém embora. Mas todos eles quando chegam na maturidade sexual, querem ter sua porção da procriação humana, eles querem ter dinheiro, eles querem ser livres, porque aqui ninguém é livre, nem nós. Porque a estrutura é que todos comem às oito, e comem às doze, comem às três e comem às sete, e eles querem levantar às nove e tomar café da manhã às onze. Agora isso, infelizmente, nem nós podemos. É a disciplina de um grupo, de uma comunidade. Essa liberdade não tem. Nós já tivemos muitos ex-alunos, no início dos anos noventa, tivemos quatro ex-alunos já formados que davam aula aqui. Ficavam aqui toda a semana, e sábado e domingo iam para a cidade. Iam beber a cerveja, iam dançar, iam para festa e conseguiam se aliar a outros, e saíam evidentemente, porque aqui é tipo um mosteiro, e não podemos exigir que um jovem fique aqui (...) Eles ainda têm que queimar as etapas. Só quando você já tem tudo, é que vem a mais alta forma de servir. Muita gente pergunta porque os meninos não continuam aqui. É porque os meninos querem ganhar dinheiro, e aqui você paga para trabalhar (Entrevista nº 1).

Observa-se que a estrutura de funcionamento que *Bona Espero* adota é bastante rigorosa, incluindo a rigidez dos horários, do cumprimento de tarefas e o rigor disciplinar. Os moradores da Fazenda-Escola devem adequar-se à sua dinâmica, pois a instituição é pouco flexível às necessidades individuais que extrapolam sua área de atuação, independentemente se são crianças, adolescentes, jovens, adultos, voluntários, visitantes ou administradores.

Além disso, percebe-se que a partir do momento em que as normas de conduta e as regras estabelecidas no dia-a-dia de *Bona Espero*, começam a entrar em choque com as expectativas de seus alunos, eles acabam saindo da instituição: “Quando ele morde o freio, quando ele quer namorar, quando ele quer ir pra festa, quando ele quer dinheiro, quando ele se torna um homem” (Entrevista nº 7).

Essa fala da administração foi confirmada em diversos depoimentos de ex-alunos, que afirmaram que seus processos de saída da instituição foram construídos a partir do momento em que desejaram ter maior liberdade de ação individual, inclusive no que diz respeito a estarem tomando decisões sobre as próprias vidas, independentemente da opinião de quem administra *Bona Espero*:

Acho que tudo na vida tem um ciclo, que quando se fecha você tem que abrir um novo caminho e foi isso. Eu vivi 22 anos como aluna, e depois como professora e chegou um momento que eu achei que eu devia caminhar por mim mesma. Na época eu tinha um filho já, que estava com dois anos e meio, eu havia construído a casa aqui. Devido às situações que a gente vai vivendo, vai necessitando de mudanças, e eu mudei pra cá, vim dar aula aqui na cidade e começar a ter a minha vida, caminhar por mim mesma. Até então eu tinha vivido com tia Ursula, e todas as decisões ela me ajudava a tomar, e tudo muito dependente da *Bona Espero*. Agora eu tenho a rédea da minha vida nas mãos (Entrevista nº 4).

Quano eles cumeça a abestá pra saí presses forró, ela tem que despachá aquele e dexá embora aquele, num tem jeito, aí ela num sigura mais, então ela só fica cum minino qui obedece ela. Se num obedecê ela num tem jeito di ficá cum eles não. Os mais velho, hoje em dia minino cresceu já num obedece mais nem os pai, quanto mais ela. Então vai ficano maió de idade, se num comportá ela já num pode mais ficá cum eles, caus que ela já num dá conta mais di sigurá, aí dá mais trabalho pra ela. Ela só fica mesmo c'us minino qui obedece, qui comporta bem. Aí fica aí. Tem minino qui fica aí até grandão aí. Se comprotá bem fica aí cum ela direto. Agora quando num comportá bem ela num tem jeito pá ficá cum eles não. Isso aí eu num tiro a razão dela não porque ninguém é obrigado, cumo diz, di ficá cum gente que num dá conta nem di corrigi. Num adianta não. Ia dá muita dor-de-cabeça pá ela. E ela carrega uma responsabilidade aí muito grande. Se os minino num obedecê num tem jeito não (Entrevista nº 29).

Entretanto, nem sempre o processo de saída dos alunos é assim. Existem casos de ex-alunos que saíram da instituição porque um dos pais, que estavam separados dos cônjuges ou que eram viúvos, constituíram novo matrimônio e quiseram retomar a educação dos filhos, além de casos em que os alunos saíram

para continuar seus estudos, tendo em vista que a Fazenda-Escola oferecia somente até a quinta-série do Ensino Fundamental:

Antes eu morava no Vale da Lua com meus pais (...) Fui pra *Bona Espero* pra estudá, porque onde a gente morava, tinha até a terceira séria, depois num dava mais pra estudá, então foi uma forma assim de continuá meus estudo, foi indo pra *Bona Espero* (...) Eu saí porque naquela época só tinha até a quinta-série, não dava pra continuar mais. Por isso, pra continuar meu estudo eu teria que sair pra estudá fora. Eu fui morar em Formosa pra estudar (Entrevista nº 32).

As minina saíro porque o pai delas casou de novo e a madrasta delas pediu pra ele buscá elas aqui. Agora elas tão lá com eles (Diário de Campo, 18/08/00).

De acordo com dados da administração de *Bona Espero*, a ampla maioria de seus ex-alunos fixaram-se no campo, vivendo com melhor qualidade de vida que seus pais:

Todo mundo se fixou, com poucas exceções, no campo, com maior qualidade, porque nós ensinamos: "Se destruir as cidades e deixarem os campo, as cidades ressurgirão, mas se destruírem os campos e deixarem as cidades, estas não sobreviverão" (GRATRAPAGLIA, U., 1997: 49'32).

Segundo os depoimentos dos administradores e de ex-alunos, a melhoria da qualidade de vida é atribuída à prática pedagógica da instituição, que extrapola a esfera escolar, estendendo-se às outras áreas de atuação e conhecimento, tais como o ensino de técnicas agrícolas:

Eu estudei cinco anos lá e gostei de estudá lá, porque é escola rural, a gente aprendia técnica agrícola também, aprendia línguas diferentes, vinha muita gente de fora, a gente aprendia muito com as pessoas de fora, de outros países, os visitantes, a gente aprendia muito com eles (Entrevista nº 31).

Entretanto, nem todos os ex-alunos de *Bona Espero* fixaram-se no campo. Existe um grupo considerável que está atuando no mercado de trabalho de Alto Paraíso de Goiás e região:

O nosso pequeno mercado de trabalho em Alto Paraíso, muito limitado, ele ofereceu boas opções para nossos ex-alunos, porque eles foram criados num grupo maior, eles sabem se comportar num grupo, eles sabem dialogar com outros, e portanto nós temos a felicidade de ter ex-alunos que são professores, que são educadores, que trabalham na Prefeitura, que trabalham em pousadas nesta região e não tem medo de enfrentar o desconhecido, eles não têm medo de abordar clientes no hospital ou novos alunos porque eles têm assim uma tranqüilidade dentro de si, porque sabem que foi aceito por um grupo de trinta, e portanto eles podem também enfrentar no mercado de trabalho. E tem outros que estão em Brasília, ótimo, ótimo (Entrevista nº 33).

Observa-se que quando o aluno de *Bona Espero* manifesta o desejo de sair da instituição, caso não queira morar com seus familiares, ou então não tenha familiares, comumente a administração encarrega-se de encaminhá-lo ao mercado de trabalho e/ou à continuidade dos estudos, seja em Alto Paraíso de Goiás ou em cidades da região. Além disso, os administradores de *Bona Espero* possuem um apartamento localizado no Plano Piloto, em Brasília, habitado por ex-alunos que vão continuar seus estudos na Capital Federal. De acordo com os dados, quase a totalidade destes alunos fizeram cursos de licenciatura, e hoje estão atuando no mercado de trabalho em Alto Paraíso de Goiás:

... um menino de dezessete e meio, está cursando a sétima série, e está fazendo o curso acelerado, falta dez décimos para terminar a oitava série, no curso de aceleração supletiva, ele não aguenta mais aqui. Aí nós conseguimos através de amigos um lugar aonde ele vai ser o caseiro, numa casa no Lago Norte, de uma família que considera ele não um empregado, mas um adolescente que tem que seguir e caminhar ainda para um futuro. Mas ele vai ter carteira assinada, direitos trabalhistas. Nós tínhamos, nos últimos oito anos, um pequeno apartamento no Plano Piloto em Brasília, e colocamos as mocinhas que terminaram a oitava série lá pra freqüentar a

escola de música, freqüentar o segundo grau, e ter uma vivência na Capital Federal, e ter um diploma de mais valor. Tanto é que muitas delas já fizeram magistério, e já estão dando aula (Entrevista nº 1).

Segundo uma ex-aluna, cujos oito filhos também estudaram na instituição, muitas coisas que eles atualmente utilizam em suas profissões, bem como o comportamento dos mesmos, são fruto do trabalho desenvolvido por *Bona Espero*:

Digo que meus minino até eu num tem o qui clamá porque eles pegaro sempre um comportamento melhó, bem mais melhó. Muitas coisa das profissão deles eles aprendero lá mais pelo meno assim entoaro bem. Meus menino toda vida eles é incutido memo no sirviço, gosta memo é do sirviço. Eles num é minino di ficá atoa, qui gosta di ficá só na rua bestano não. Eles já num gosta disso, é pegado no sirviço direto. Mas todos eles trabalham (Entrevista nº 29).

De acordo com esta ex-aluna, seus oito filhos já estão todos “encaminhados na vida”, com um certo grau de independência financeira. Percebe-se que as atuais profissões deles ilustram bem o perfil de atuação dos ex-alunos da instituição:

Estudaro na *Bona Espero*. Um fica sempre em Alto Paraíso, ele é guia de turista. Agora os otos três trabalha em serviço geral mesmo de fazenda. Agora as minina também, uma ainda tá istudano, num terminô os istudo, a caçula ainda num terminô os istudo. Uma já formô mais essa fica em Brasília. Tem uma que é casada, mais essa já formô tamém, essa mora no Maranhão. E tem outra que tá em Alto Paraíso também. Eu já tem um bucado de neto e já tá todos criado, já tão um poco independente de mim já, já tão dano conta di cuidá da vida deles (*Ibid.*).

A Fazenda-Escola também mantém uma oficina mecânica dirigida por Giuseppe, que ensina noções básicas da profissão aos alunos. De acordo com o

depoimento de um ex-aluno²¹ que morou na instituição na década de setenta, desde aquela época, a oficina mecânica já existia. Segundo ele, a oficina formava mão-de-obra para a região, cujo mercado de trabalho era carente de mecânicos:

Todos aqui sempre trabalharam, e isso é positivo, porque muitos já saíram daqui empregados na cidade, porque aqui aprendiam muitas coisas. O próprio pessoal da cidade vinha aqui buscar eles para trabalhar, principalmente na mecânica. Naquele tempo não tinha mecânico nessa região, e aqui na *Bona Espero* sempre teve a oficina (Entrevista nº 34).

Ex-alunos de *Bona Espero* visitam a Fazenda-Escola esporadicamente, sendo que existem duas ex-alunas que atualmente residem no mesmo lote da Casa do Estudante, em Alto Paraíso de Goiás. Embora não tenham mais nenhum vínculo administrativo com a instituição, percebe-se que elas ainda participam muito da vida de *Bona Espero*, auxiliando na educação dos alunos e nas tarefas a serem desenvolvidas.

Estas duas ex-alunas são professoras nas escolas públicas de Alto Paraíso de Goiás. Uma delas foi aluna de *Bona Espero* durante 22 anos, e fez um curso de Técnicas Agrícolas em Brasília, período no qual residiu no apartamento dos administradores. Atualmente, está fazendo um curso de História, que acontece quinzenalmente na cidade de Formosa. Além disso, leciona nos turnos matutino e vespertino na E.M. Zeca de Farias, e a noite é merendeira do C.E. Moisés Nunes Bandeira. Esta ex-aluna tem um filho de quatro anos de idade, que constantemente fica na Fazenda-Escola. Nos finais de semana, ela costuma ir para a fazenda, participando ativamente do seu cotidiano.

Como professora da E.M. Zeca de Farias, esta ex-aluna leciona para as crianças e adolescentes de *Bona Espero* que cursam o Ensino Fundamental. Apesar do baixo salário que recebe²², segundo ela, trabalhar com os alunos da Fazenda-Escola na qual foi criada é muito gratificante:

²¹ Este ex-aluno é filho de um dos fundadores de *Bona Espero*. Atualmente é funcionário público estadual e reside na cidade de Formosa.

²² Em março de 2000, em Alto Paraíso, um professor em início de carreira recebia cerca de R\$ 150,00.

Eu já tive muitos alunos, não só aqui, mas lá também, que foram meus ex-alunos e hoje vivem comigo até como colegas de trabalho e é uma situação de certa forma gratificante porque eu estou vendo o resultado do meu trabalho. É um trabalho que eu me doei de corpo e alma, e mesmo tendo muitas dificuldades que o professor enfrenta, desde o baixo salário até outras coisas mais, mas quando você vê um aluno conseguindo escalar a vida, conseguindo se realizar profissionalmente, se relacionar na sociedade, é muito gratificante para um professor (Entrevista nº 4).

Ao falar da importância de *Bona Espero* para a sua vida, esta ex-aluna se emocionou. Afirmou que não sabia expressar com exatidão o significado da Fazenda-Escola em sua trajetória:

Falar de *Bona Espero* é muito difícil, porque eu não encontro palavras suficientes para expressar tudo isso. A *Bona Espero* é a minha vida. Eu vivi a minha vida toda ali, praticamente. Meu filho viveu a metade da vida dele, hoje ele está com quatro anos e mais da metade ele viveu lá. Eu não sei exatamente dizer qual é o sentido da *Bona Espero*, talvez você não vai conseguir me entender, porque é só vivendo lá que a gente realmente sente e compreende (*Ibid.*).

Na opinião de outra ex-aluna, a Fazenda-Escola teve contribuições importantes em sua vida, pois lá foi o local em que ela “aprendeu a viver”:

Bona Espero foi muito importante para mim, porque eu aprendi, os meus passos todos foram aprendidos lá, a tia me ensinou a ter caráter, dignidade, aprender a viver, aprender a lidar com outras pessoas, ter respeito, foi isso o que eu aprendi lá. E a viver mesmo. Eu era criança quando eu fui pra lá, e eu aprendi a viver mesmo (Entrevista nº 10).

Entretanto, segundo esta ex-aluna, a rigidez das regras e da disciplina em *Bona Espero* não deixaram saudades:

De alguns momentos eu tenho saudades. Tem momentos que foram muito marcantes e tocantes na vida da gente, aí eu sinto saudades. Outros não. É um pouco rígido, e talvez por isso que eu não sinto saudades de outros momentos, mas dos momentos marcantes eu sinto muita saudade (Entrevista nº 10).

6. “Uma comunidade antiga em tempos modernos”

A região de Alto Paraíso de Goiás é nacionalmente conhecida pelo turismo e pelo misticismo que a envolve. Englobando o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a região possui uma reserva ecológica com inúmeras cachoeiras, *canyons*, minas de cristal e riquíssima flora e fauna, sendo bem servida de hotéis e pousadas de diversos estilos. Situada no paralelo quatorze, a região é rota de seitas e entidades ligadas aos movimentos espiritualistas e místicos, como a Era de Aquários e a Nova Era. Segundo tais grupos, que têm imputado a Alto Paraíso o título de “capital mística do terceiro milênio”, o paralelo quatorze, o mesmo de Machu Pichu, no Peru, “(...) *permite a aproximação de discos voadores, contatos imediatos de 3º grau, ‘imbocaduras’, ou passagem para o centro da Terra, e uma série de fenômenos sobrenaturais, como a visão de luzes violeta, gnomos, viagens astrais e muitos outros mistérios*” (PINHEIRO, L., 1994:6,7. Grifos do autor).

Atualmente, estima-se que em Alto Paraíso de Goiás estejam instalados cerca de 35 grupos místicos, religiosos e filosóficos, que se reúnem em “comunidades alternativas” atraídas pelo esoterismo que envolve a região:

Discordando da forma de organização da sociedade envolvente, as pessoas procuram outras alternativas para se socializar diante do mundo, da vida, e então fogem das normas formalmente constituídas, para um *locus* ainda pouco conhecido. Este é o caso de uma parte da população de Alto Paraíso de Goiás (*ibid.*: 6. Grifos do autor).

A prática de reunir grupos em “comunidades alternativas” que buscam formas de viver diferentes das normas socialmente estabelecidas, fez parte do chamado movimento de “contracultura”, que perdurou durante as décadas de cinquenta, sessenta e setenta, inicialmente através da geração *beatnik*, e posteriormente, do movimento *hippie*:

Os hippies pregavam o amor livre, a desobediência civil e tudo o que representava o sistema capitalista: consumismo, individualismo, normas morais hipócritas, entre outros pilares da sociedade em questão. Percebe-se que nesse movimento categorias do sagrado onde estão presentes, por exemplo, no habitual uso dos termos “santo” e “anjo”, que é miscigenado com uma crença de cunho oriental, que se resume na fórmula Zen “tudo é um, um é nada, nada é tudo” (*Ibid.*: 7. Grifos do autor)

No Brasil, a onda das “comunidades alternativas” teve como marco um evento realizado em São Lourenço, no ano de 1973, denominado “Ritual da Lua de Câncer”, seguido do “Ritual de Scorpio”, em Juiz de Fora, e do “Ritual de Libra”, em São Tomé das Letras. O público desses eventos era composto por ecologistas, pacifistas, *hippies*, profissionais liberais, místicos, espiritualistas e refugiados políticos do regime militar (*Ibid.*: 8).

Em 1980, esse mesmo movimento realizou um encontro rural alternativo em Alto Paraíso de Goiás, dentro da área de *Bona Espero*, que contou com a participação de cerca de 150 pessoas.

De acordo com a administração da Fazenda-Escola, um grupo de profissionais liberais foi até a instituição, solicitando que a mesma emprestasse parte de sua área para a realização de um encontro nacional de comunidades alternativas, que contaria com aproximadamente cinquenta pessoas. O encontro, divulgado na imprensa nacional, teve o triplo de participantes do que foi inicialmente mencionado, e atraiu a atenção de grupos e seitas religiosas para a região de Alto Paraíso de Goiás:

É a partir desse momento que o número de comunidades alternativas aumenta consideravelmente em Alto Paraíso de Goiás. Tais comunidades não se diferenciam muito das americanas, baseadas na fórmula Zen. Aqui também adotaram práticas espirituais do oriente tais como o Do in, Tai Chi Chuan, Raja-Yoga, Tantra-Yoga e outras. Adotaram ainda toda a simbologia das tradições místicas, como mapa astral, tarô, búzios, cristais, quiromancia, além de outras práticas consideradas de cunho mágico (PINEIRO, L., 1994.: 8).

O caráter das “comunidades alternativas” que se instalaram em Alto Paraíso de Goiás, especialmente no que diz respeito ao funcionamento e aos propósitos dessas, assemelha-se ao conceito dos “*communitas*”, defendido por alguns autores. Segundo eles, tais organizações sociais caracterizam-se por “*grupos que perderam o vínculo com a sociedade estruturada, global, contrapondo-se, dessa forma, ao modelo cervitas, ou seja, estruturado, organizado em papéis sociais, instituições...*” (TURNER, *apud ibid.*:14. Grifos do autor).

Compreendendo as “comunidades alternativas” como Turner as conceitua, percebe-se que *Bona Espero* não se enquadra nesse modelo, pois possui uma estrutura institucional bastante delineada, com clara definição de objetivos, regras e papéis sociais. Para a administração da Fazenda-Escola, a instituição está longe de procurar formas alternativas de viver, pois seu principal objetivo tem um cunho educativo e social:

Eu sinto que está no ar um desejo de viver em comunidade. Eu garanto que não é fácil. É um desafio muito grande que requer muita disciplina. Nós em *Bona Espero* achamos que não existem novas formas de viver. São formas apenas diferentes, formas talvez até antigas. Se pensarmos em Pitágoras e nos essênios, não tem nada de novo, nada. É uma comunidade antiga em tempos modernos. Apenas isso (GRATTAPAGLIA, U., 1997:7'58).

Numa tentativa de diferenciar a Fazenda-Escola dos grupos esotéricos de Alto Paraíso de Goiás, a administração de *Bona Espero* prefere caracterizá-la como uma “unidade rural de subsistência”, em contraposição ao termo “comunidade”:

“Realmente não gostaria de chamar a nossa comunidade de comunidade, mas de unidade rural de subsistência, pois o conceito de comunidade hoje muitas vezes é atribuído perigosamente a toda tentativa irresponsável de fuga do mundo material e das estruturas sociais vigentes” (Ibid.: 17’45).

Na opinião dos administradores, as “comunidades alternativas” que se instalaram na região, apesar de afirmarem viver em harmonia com a espiritualidade, não obtêm êxitos, pois vivem de forma anárquica, buscando uma vida diferente das regras socialmente estabelecidas, mas sem estabelecerem suas próprias regras e disciplina, o que colabora no insucesso e na descontinuidade delas:

Nesses quarenta anos nós assistimos a muitas, inúmeras comunidades na região de Alto Paraíso que tinham grandes idéias, eram iluminadas, tinham planos brilhantes, realmente teorias sem falhas, mas raramente conseguiam sobreviver aos problemas humildes do dia a dia. Super-comunidades, como Rumo ao Sol, os Conselheiros do Sr. Maitrê, as Cúpulas de San German, o Mundo Novo, o centro Vale do Sol, do Dr. Fritz, tudo isso existe só no nome, pois não resistiu mais do que três a quatro anos, porque a realidade do dia-a-dia era dura. Eles queriam comunidades anárquicas e nós sabemos que a espiritualidade tem uma grande disciplina. Anarquia é o caos, por isso tem que assumir que tem que ter disciplina. Todo mundo que quer ir fora do sistema é porque não quer mais viver a disciplina da sociedade. Agora, a comunidade é menos oportuno ainda. O propósito comum que se impõe para um sucesso em uma futura comunidade não pode ser tão vulgar, banal e vago como: “Eu quero viver no campo, eu quero plantar meu alimento, quero produzir sem química, quero defender a ecologia, eu quero instalar uma comunidade.” Isso é insuficiente. Terá que ser bem mais elevado (...) mais ambicioso. Não pode ser fuga do apocalipse, nem desgosto diante da falta de soluções para a miséria do mundo, o desemprego crescente, o consumismo, a violência, a droga, a poluição sonora, a concentração de renda. Não. Com isso não se faz comunidade. Pode ser por exemplo criar condições melhores e mais naturais para a própria elevação espiritual e o auto-aperfeiçoamento servindo e não sendo servido. E tudo isso sem catástrofe, sem o fim do mundo bem perto, com qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer condição, com dificuldade ou sem ela (Ibid.: 14’14).

Percebe-se que a diversidade cultural das comunidades de Alto Paraíso de Goiás, incluindo suas formas de vida e ideologias, divergem dos conceitos que a administração de *Bona Espero* adota para uma vida em comunidade. De acordo com os depoimentos dos administradores, na Fazenda-Escola a vida comunitária não é uma busca espiritual em si mesma, pois a instituição segue o propósito primeiro de ter um caráter assistencial, educativo e formador, a partir de um referencial teórico, de um Estatuto e de uma ideologia específica, no caso, o Esperanto, o que assegura uma certa continuidade ao trabalho desenvolvido, visto que esse não está alicerçado em nenhuma busca de salvação espiritual ou fuga da estrutura social vigente.

Em *Bona Espero* a espiritualidade tem um outro sentido, pois ocorre a partir da vivência e da opção pessoal de cada um, não interferindo nos propósitos da instituição, tendo em vista que esta não depende da espiritualidade para funcionar ou existir, ao contrário das demais comunidades de Alto Paraíso de Goiás, que procuram a elevação espiritual, como um meio e um fim:

A parte espiritual ela já é bem individual, porque *Bona Espero* não quer vender uma religião ou outra a essas crianças, mas dá a eles uma educação na ética cristã, nos moldes mais altos de comportamento cristão, sem dizer: "Você tem que ser crente, católico, ortodoxo, copto-armeno, batista ou luterano", porque nós achamos que as religiões são feitas pelos homens e não por Deus, e portanto, a nossa educação, a nossa proposta pedagógica ela é agilizar os potenciais de cada criança, que é um indivíduo, que é quase um pequeno Deus que tem uma grande força latente pra um dia poder ser um multiplicador na sociedade, e nossa tarefa é despertar isso, criar autoconsciência, criar auto-conhecimento e dignidade antes de mais nada, com auto-estima (Entrevista nº 33).

Entretanto, não se pode afirmar a ausência da questão espiritual em *Bona Espero*, pois essa está enraizada no misticismo que envolve a região de Alto Paraíso de Goiás, em alguns dos comodatos da instituição, e nas concepções de sua atual administração, como se pode perceber em diversos depoimentos que relatam a atuação da espiritualidade nos fatos cotidianos e históricos da Fazenda-Escola, tais como a explicação para a migração dos fundadores para o Estado de Goiás, cuja

motivação principal, segundo os depoimentos, foram as "ordens espirituais" (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 11'06), o processo seletivo dos alunos, feito através de "orientações espirituais" (*Ibid.*: 1'00"), ou a crença de que existe uma força maior atuando na dinâmica de funcionamento, manutenção e continuidade de *Bona Espero*:

Eu não digo que temos auto-suficiência, mas nós temos a condição com a comunidade internacional e a promessa da Bíblia que diz "me segue e tudo te será dado." Nós vivemos esse milagre e eu digo que essa é a coisa mais bela que pode acontecer na vida da gente, de viver as grandes leis da Bíblia: "Me segue e tudo te será dado". Eu não preciso pedir nada. Eu não peço (...) Eu não preciso porque chega na hora certa a coisa certa. Esse é o grande milagre, esta sincronicidade das coincidências (*Ibid.*: 39'10).

Sobre a questão espiritual, a administração da Fazenda-Escola faz questão de afirmar que a mesma não segue nenhuma religião ou seita, embora ensine valores religiosos baseados na ética cristã para seus alunos, e cultive práticas de meditação e oração. Segundo os depoimentos, em *Bona Espero* busca-se o respeito pela diversidade religiosa dos internos:

Nós temos crianças que vêm de famílias católicas, quimbanda, umbanda, muitos evangélicos. Nós não professamos nenhuma religião (...) Nós somos uma escola que educa crianças e cada um de nós tem sua opinião religiosa, nós temos evidentemente um templo de meditação, nós rezamos com as crianças, nós ensinamos a Bíblia e explicamos sobre todas as religiões. Eles sabem o que é budismo, eles sabem o que são islamitas, eles sabem o que são judeus e nós dizemos para as crianças que quando você é grande você pode escolher no qual você melhor se identifica. Nós não vendemos religião, como os padres jesuítas anos atrás (*Ibid.*: 44'06).

O discurso da administração da Fazenda-Escola, alicerça-se em uma certa imparcialidade religiosa, primando pelo respeito às crenças que seus alunos trazem de suas famílias. Entretanto, percebe-se que os alunos não têm um espaço

resguardado para exercerem suas religiões de origem dentro de *Bona Espero*, uma vez que lhes é colocado que a religião, é uma opção que se faz na fase adulta. Esse tipo de discurso sugere que os alunos, enquanto não forem adultos, não são capazes de optar por uma religião ou outra, mesmo que já tenham isso definido no seio de suas famílias.

Não foram percebidas práticas religiosas, espirituais ou esotéricas em *Bona Espero*. Algumas vezes, os moradores fazem orações antes das refeições, em agradecimento a Deus pelo alimento recebido, sendo que essas não seguem uma linha ou tendência específica de nenhuma religião. Segundo as observações, o que ocorre é a adoção de conceitos cristãos em planos mais gerais. Segundo o depoimento de uma ex-aluna de *Bona Espero*, cujos filhos também estudaram lá, apesar de sempre saber que os administradores são espíritas, nunca percebeu nenhum tipo de tentativa de conversão dos alunos:

Eles aí são espírita, mais os minino, religião assim pros minino eles num insina assim pra, vamo dizê, pra passá pra religião deles não. Bom, eles insina, coisa assim, coisa memo de Deus, mar de religião, mais totalmente a deles não, que eles é espírita coisa assim não. Mais eles sempre faiz suas oração, deles, coisa assim eles fazem, mais num passa os minino assim, porque eles são espírita, pros minino sigui espírita não. Só coisas gerais memo, coisa em Deus. Meus minino nem sabe qui eles são espírita, agora eu sei que toda vida eles são espírita, os minino nem sabe que eles são espírita não, eles num força os minino a pulá de religião não (Entrevista nº 29).

Além da crença em uma força espiritual maior, como na maioria das chamadas "comunidades alternativas", a negação da sociedade de consumo também se faz presente em *Bona Espero*. Na Fazenda-Escola, as carnes vermelhas não fazem parte do cardápio e raramente come-se peixe ou frango. Além disso, não têm refrigerantes, balas, chocolates e sorvetes. Em compensação, têm-se pizzas, bolos, tortas, pão-de-queijo, verduras, geléias e doces em abundância, o que garante aos moradores uma dieta rica em fibras.

A liberdade é ter poucas necessidades: menos você precisa, mais livre você é. Se deve fazer uma lista do que é necessário e do que é supérfluo. Este é o grande segredo. Não é questão de quanto você vende pra comprar, mas de quanto você precisa realmente para sua auto-suficiência. Os adultos aqui têm hábitos de consumo tão limitados que se poderia falar em auto-suficiência, porque nós plantamos mandioca, nós temos muitas plantações fruteiras, acabamos agora de produzir 250 quilos de geléia de manga para o ano todo colocar no pão das crianças na merenda. Nós não temos auto-suficiência por causa do trabalho social, porque as crianças não podem viver de mel e pão como os adultos. Eles precisam de arroz e feijão, eles precisam de verduras e pão integral, mas se é necessário nós poderíamos sobreviver com cem sacos de sal, porque a gente tem todo o resto. Certamente não se conhece Coca-cola nem Mc'Donalds, e sorvete também não faz parte do cardápio. Os meninos não conhecem e não pedem. Isto é fácil. Nós seguramos este segredo. Mas nós fazemos bolos, fazemos pudim, fazemos lindas tortas enfeitadas (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 36'25).

Os hábitos de consumo limitados garantem uma certa auto-suficiência para quem vive em *Bona Espero*. Segundo Ursula, essa questão não se trata de um retorno ao passado, e sim, de uma negação da sociedade de consumo:

Busca de passado, te asseguro que não. É uma crítica ao consumismo. Nós consideramos, já que nós pessoalmente conhecemos a sociedade sem supermercado, sem a necessidade de Coca-cola e Mc'Donalds, sem a americanização do chicle, e nós vemos que essa juventude vivia mais saudável do que a de hoje. Portanto, não é frustração, nem auto-mutilação (...) e não é uma busca do passado (Entrevista nº 1).

Como se pode notar, existe um certo ar de saudosismo na fala de Ursula, especialmente quando essa faz referência à sociedade em que viveu nos tempos de juventude, que, segundo ela, pelos hábitos de consumo limitados, apresentava-se mais saudável que a sociedade atual.

Tal questão remete-se ao que Miercéia Eliade (1992), retrata na obra "*Mito do Eterno Retorno*", na qual defende que as pessoas, estando insatisfeitas com suas condições históricas atuais, buscam um retorno ao passado, procurando

alternativas fora da organização social vigente, para se socializarem diante do mundo e da vida, fugindo das normas formalmente constituídas, para um *locus* ainda pouco conhecido.

Seguindo a lógica do eterno retorno, as comunidades alternativas agrupam-se, procurando mecanismos de legitimação e viabilização de seus novos modos de vida. Entre tais mecanismos, encontram-se as mudanças de espaço, nas quais os grupos alternativos afastam-se da sociedade global, construindo seu mundo particular e suas próprias normas institucionais (Cf. *Ibid.*).

Entretanto, percebe-se que embora *Bona Espero* tenha construído seu mundo particular, com sua próprias normas institucionais e formas de viver, ela não se afastou da sociedade global. Através da utilização do Esperanto, visitantes de diversos países chegam até a instituição, que também mantém contato com entidades relativas à infância e à adolescência de âmbito local, estadual e nacional. Além disso, *Bona Espero* não se afastou do município que a cerca, pois estabelece relações com a sociedade de Alto Paraíso de Goiás, que absorveu a experiência da Fazenda-Escola, respeitando-a e legitimando-a:

Nós vivemos em uma sociedade onde vivem quatro mil pessoas. Nós vivemos há vinte quilômetros da cidade de Alto Paraíso, na fazenda, bastante isolados, mas todo mundo, todo dia chega a cavalo. Ele chega, o caboclo chega e não diz o que quer. Ele chega e diz: "Tudo bem?" Aí ele quer comer, quer dormir, quer tomar banho, e depois, um dia depois, ele vai dizer o que ele quer. É um ritmo diferente daqui (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 1^o10'06).

A abertura de *Bona Espero* à comunidade local é uma outra característica que a difere das comunidades esotéricas de Alto Paraíso de Goiás, que em sua maioria, adotam práticas de rituais fechados, dos quais só participa quem é membro integrante. Dentro dessa perspectiva, cada templo das seitas religiosas ali presentes é tido como sagrado, e as pessoas que participam delas também:

... as comunidades alternativas procuram se afastar do "mundo", e nessa condição "fora do mundo", consideram a sociedade envolvente como verdadeiro inferno, e ali, naquela região, se encontram protegidos, enquanto o mundo não se transforma (PINHEIRO, L., 1994:15. Grifos do autor).

Na opinião da administração de *Bona Espero*, faz parte da filosofia da instituição o respeito para com o povo da região, bem como uma política de abertura à visitas e parcerias com a população local. Para eles, não se pode isolar dos vizinhos, nem tampouco julgar o povo da região, como afirmam fazer diversos grupos de Alto Paraíso de Goiás, que tratam a população local através de adjetivos preconceituosos, como "nativos", "bárbaros", "atrasados" e/ou "ignorantes", de modo que o respeito às diferenças culturais e à cultura regional é a base da relação de confiança estabelecida com a vizinhança:

Não pode haver isolamento com os vizinhos e não julgar o povo. "Há, eles são atrasados, nós somos iluminados, somos espiritualistas e eles são atrasados". Não, nós não fazemos isso. Nós recebemos diariamente muitas pessoas da região. Eles trazem uma abóbora e querem calça e camisa para cinco filhos, e nós damos. Eles trazem o que de melhor tem, os filhos. Deixam conosco, eles confiam. Nós somos estrangeiros, somos gringos, mas eles perceberam que não estamos lá para explorá-los. E por isso esta abertura com a vizinhança na comunidade é muito importante. Não tem que ter muros, não tem que ter rituais estranhos. Tem que ser aberto (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 46'02).

De acordo com os administradores, o respeito para com a cultura regional e a diversidade cultural da população local, estende-se ao interior da instituição, que procura contemplar a cultura dos alunos em sua prática pedagógica e cotidiana, buscando acrescentar elementos culturais, e não sobrepor:

Nós nunca negamos o que eles trazem, nós aceitamos, nós incentivamos, quando trata-se de valores culturais antigos da área rural, mas nós não chocamos, mas tentamos não modificar, mas de acrescentar algo que seja positivo, compreensível para eles (Entrevista nº 33).

Para a administração da Fazenda-Escola, o segredo do sucesso e da continuidade de *Bona Espero*, cuja trajetória já ultrapassa 43 anos de existência, está na união de três categorias, que envolvem a disciplina necessária ao bom funcionamento de uma comunidade, que preferem chamar de unidade rural de subsistência, o Esperanto e a ação social empreendida pela instituição. Além disso, a administração de *Bona Espero* afirma que a mesma não é um fim, e sim, um meio de se atingir objetivos: *"A comunidade não pode ser objetivo de si mesma. A comunidade é um meio, não é um objetivo. É um meio para fazer um certo trabalho junto que pode ser diferente"* (GRATRAPAGLIA, U., 1997: 23'17).

Segundo os administradores, a persistência da instituição, que já ultrapassa os 43 anos de existência, deve-se a três principais preceitos: a disciplina, que garante seu funcionamento; o Esperanto, que é a chave de conexão com o resto do mundo e que, de certo modo, garante tanto uma constante troca de experiências, quanto parte dos recursos financeiros e humanos; e a ação social em prol dos alunos:

Apenas unidade rural de subsistência não. Apenas Esperanto também não. Apenas ação social, impossível. Mas tudo isso junto dá certo e funciona. Talvez é por isso que está funcionando. Nós lutamos contra muitas dificuldades mas estamos vendo os resultados do nosso trabalho na vida das crianças e na satisfação dos adultos. As crianças tem seguridade social, antes de mais nada (...) Se sentem aceitos, se sentem amados, nós os admiramos, eles fazem teatro, isso é muito bonito (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 48'21).

CAPÍTULO III

PRINCÍPIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICOS DA FAZENDA- ESCOLA *BONA ESPERO*

Este capítulo tem como objetivo discutir os princípios e práticas pedagógicas presentes na Fazenda-Escola *Bona Espero*. Para tanto, inicia-se com uma análise acerca do referencial teórico adotado nesta, detalhando aspectos do pensamento e da prática educativa de dois educadores citados pela instituição como orientadores do trabalho pedagógico.

Posteriormente, discute-se os princípios pedagógicos que estão diretamente relacionados à prática educativa da Fazenda-Escola, tais como o Esperanto, o trabalho voluntário, as aulas de música, a produção de vídeos, a televisão, o contato dos internos com outras pessoas nas escolas de Alto Paraíso de Goiás, a divisão de tarefas e a disciplina.

O capítulo finaliza-se com uma análise acerca do trabalho, entendido enquanto processo educativo e emancipatório. Isso porque se observa que o trabalho é o eixo central da proposta educativa e da manutenção da instituição, além de ser o preceito educativo de maior destaque em sua vida cotidiana.

Ressalta-se que, num primeiro olhar, as práticas pedagógicas presentes em *Bona Espero* apareceram como fragmentos da vida cotidiana da instituição. Entretanto, com o avanço da análise dos dados, percebeu-se que aquelas não ocorrem isoladamente, pois além de interagirem-se, complementam-se mutuamente.

1. O referencial teórico da instituição

Em *Bona Espero*, os adultos da Fazenda-Escola pautam-se por "... ensinar às crianças valores humanos que formam pessoas de caráter, como a verdade, a responsabilidade na liberdade, a coragem, o amor, o respeito e a não violência" (GRATTAPAGLIA, U., 1997:24'20). Para isso, a administração afirma utilizar como referencial teórico, o pensamento e a obra de Dom Bosco, Pestalozzi, Freinet e Piaget:

Utilizamos o amor da obra deles. O desejo de fazer a nossa parte para um mundo melhor. Eu não sou bitolada em Dom Bosco, bitolada em Piaget, Freinet e Pestalozzi. Eu acho que a verdade é única, o ser humano é único e cada um precisa da sua quantia de ajuda, de necessidade, pra poder desabrochar, para poder ser alguém. Nós sempre despertamos neles, como disse outro dia na televisão a Marta Suplicy. Ela disse aquela velha história que tinha uma águia que achava que era uma galinha. E colocaram ela e disseram: voa águia. E ela pulou no chão achando que era uma galinha. Aí levaram essa águia sem condição de compreender que era águia, e foram lá na montanha e disseram: agora voa. E ela voou e virou uma águia. E nós fazemos águia dessas galinhas. Nós não dizemos: "Você tem que ser um bom enxada, tem que ser um bom obediente". Nós sempre falamos que no mundo existe os que mandam e os que são mandados. Por enquanto você é mandado, mas o dia em que você quiser mandar, você tem que ser uma pessoa responsável, você tem que assumir, ter a clarividência, a vidência, a capacidade de decisão, e isso é difícil (Entrevista nº 1).

Apesar do pensamento e da obra dos autores citados como referencial teórico pela administração da Fazenda-Escola serem bastante distintos, pertencendo inclusive a linhas diferentes da Pedagogia, dois deles apresentam algumas características muito marcantes na filosofia e nos princípios pedagógicos observados em *Bona Espero*, sendo esses, Pestalozzi e Freinet. Neste sentido, entre os quatro autores citados como referencial teórico da instituição, decidiu-se discutir somente o pensamento destes dois.

Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um educador suíço, cuja atuação foi marcada pela militância em movimentos políticos, pela defesa que fazia a favor do respeito à diversidade e por sua preocupação com a educação de crianças pobres, órfãs, abandonadas e/ou deficientes. Bastante influenciado pelo pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Pestalozzi dedicou-se à compreensão das suas idéias, colocando-as em prática (MULTIRIO, 2000:1).

Na visão de Pestalozzi, a educação deveria fazer com que as crianças tivessem acesso ao saber de uma maneira que favorecesse a formação de espíritos livres, liberados pelo conhecimento. Para tanto, fundou três escolas, com o objetivo de colocar em prática as idéias que vinha desenvolvendo (*Ibid.*: 1).

A primeira escola fundada por Pestalozzi foi Stanz (1799), que acolheu órfãos, desenvolvendo uma pedagogia fundada no amor e na confiança, que introduzia as crianças no mundo do conhecimento e do trabalho através de técnicas agrícolas e comerciais.

Na segunda escola, denominada Berthoud (1800), Pestalozzi rompeu com os métodos e procedimentos da educação tradicional, nos quais os alunos ficavam sentados, enfileirados e aprendendo por processos de memorização, introduzindo métodos ativos que colocavam os estudantes em contato direto com a natureza e com o meio sócio-cultural que se inseriam. Berthoud funcionou como um grande laboratório pedagógico para Pestalozzi, tendo em vista que lá ele pôde experimentar e desenvolver seu método, baseado em eixos como a educação intelectual, física, profissional e moral.

Em 1805, Pestalozzi fundou o Internato de Yverdon, que permaneceu durante vinte anos, atendendo estudantes de diferentes países europeus. Em Yverdon, Pestalozzi, que já era reconhecido como um grande educador, criou um instituto de pesquisas e uma escola especializada em educação de crianças com deficiências, acabando por desenvolver e estruturar seu método, que trabalha com os seguintes princípios:

- a) toda a aprendizagem passa pelos sentidos;
- b) é necessário reforçar a aprendizagem através de exercícios;

- c) os progressos do aluno devem ser acompanhados passo a passo;
- d) a atividade da criança deve ser incentivada oferecendo-lhe oportunidade para ação, iniciativas e criação; a criança deve construir sua autonomia intelectual e moral, aprendendo a aprender;
- e) os educadores também devem ser educados (*Ibid.*: 2).

Pestalozzi e seus colaboradores elaboraram materiais de apoio ao trabalho pedagógico voltados para a linguagem, matemática, ciências, geografia, história e música, associando a educação intelectual à educação física e moral. Para este educador, a educação se constrói numa tensão permanente entre os desejos do homem natural e individual, e o desenvolvimento da natureza humana universal (Cf. NASCIMENTO & MORAES, 1999:2).

Segundo Pestalozzi (*Apud ibid.*: 2), o lar era a melhor instituição de educação, base para a formação política, moral e religiosa, de modo que as instituições educacionais deveriam assemelhar-se a uma casa bem organizada. Seguindo este princípio, as escolas que fundou e atuou caracterizavam-se enquanto internatos, sendo que os professores e os alunos conviviam juntos cotidianamente, inclusive nas horas das refeições e do repouso.

Na dinâmica de funcionamento de *Bona Espero*, há indícios de vários procedimentos e princípios pedagógicos semelhantes ao pensamento e aos métodos educacionais desenvolvidos por Pestalozzi, especialmente, no que se refere ao conceito de que a melhor instituição educacional é o lar. Na Fazenda-Escola, alunos, administradores e voluntários moram juntos, convivendo e desenvolvendo em conjunto várias atividades cotidianas, tais como a manutenção dos prédios, os cuidados com a horta e com os pomares, a preparação dos alimentos e os estudos dos alunos.

Além disso, a estrutura da Fazenda-Escola, que funciona como internato, muito se assemelha a um lar ou casa, como Pestalozzi defendia em sua proposta pedagógica. Para a administração de *Bona Espero*, a mesma pode ser conceituada enquanto uma "grande família". De acordo com Ursula, o simples ato de sentarem todos à mesa para as refeições é uma importante ação cotidiana que reforça os laços afetivos da comunidade:

Eles recebem orientação e amparo e isto enquanto não dormem, quer dizer, o tempo todo. Quinze horas por dia, porque eles vivem junto com os professores. É uma benção de viver livre, beber água da fonte, cantar música, comer arroz integral. Mas se estuda, se ensina e se trabalha e muito; quinze horas por dia (...) A alimentação é em comum. Os professores cozinham junto com os alunos; alunos e os professores lavam louças uma vez por semana cada um, quer dizer, a cada dia quatro ou cinco são responsáveis pela cozinha. E nós comemos todos da mesma panela. As mesmas coisas. Não tem distinção, por isso existe o conceito de grande família e as crianças se sentem aceitas porque estão sentados conosco. Não tem empregados, todo mundo faz tudo. As crianças de manhã fazem sua higiene pessoal, arrumam sua cama, limpam seu quarto (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 32'30, 47').

Na opinião de um aluno que é órfão e que foi encaminhado para a Fazenda-Escola pelo Juizado da Infância e da Juventude de Brasília, após ter passado por diversas instituições e por uma experiência frustrada de adoção, *Bona Espero* pode ser considerada como uma casa:

Nossa, o que eu acho da *Bona Espero* eu acho uma coisa muito legal mesmo e essa *Bona Espero* fez eu crescê muito, muito mesmo. Isso é muito difícil de falar. É muito difícil de responder essa pergunta. Porque a *Bona Espero* é muito, muita coisa mesmo. A *Bona Espero* é uma casa pra mim, que eu nunca mais vou poder esquecer. Isso tá guardado dentro de mim. Eu gosto daqui demais. Gosto daqui muito (...) eu mais gosto da alegria dos meninos, da agitação, e de tia Ursula e de tio Giuseppe. Eles são muito amorosos, demais, eles são muito amorosos com nós, com todos nós crianças (Entrevista nº 26).

Segundo a professora de música que faz um trabalho voluntário em *Bona Espero*, a mesma realmente é uma grande família, fator que a diferencia da maioria das instituições que acolhem crianças, com as quais ela mantém contato:

... a educação aqui é mais direcionada, porque é uma família aqui, esse lugar é uma família. Eu estou fazendo um outro trabalho que não tem essa

mesma educação. O sistema educacional não é igual. São seis funcionários, as mães crecheiras, tem psicólogo, mas não tem a mesma educação. É diferente. A criança lá é bem alimentada, bem vestida. Mas é simplesmente um animalzinho, bem alimentado e bem vestido. Um número. E aqui é diferente (Entrevista nº 11).

De acordo com uma ex-aluna: “(...) *Bona Espero é um lar pra mim, eu ainda tenho assim como meu lar, é o meu segundo lar. Apesar de ter minha família, tudo, mas eles também fazem parte da minha vida, são uma segunda família que eu tenho*” (Entrevista nº 32).

Nas escolas que Pestalozzi fundou, os problemas disciplinares eram sempre discutidos à noite, na presença de todo o grupo. Observou-se que essa prática também se faz presente no cotidiano de *Bona Espero*, tendo em vista que, principalmente quando as normas estabelecidas não são cumpridas ou apresentam pontos falhos em sua execução, todo grupo é convocado a participar de reuniões, nas quais são explicitados os problemas que aconteceram, ou que estão acontecendo. Entretanto, em tais ocasiões, os alunos quase não falam, ficando a maior parte do tempo ouvindo o que os administradores têm a dizer.

No entendimento de Pestalozzi, não é o discurso que deve servir como guia do processo educativo, e sim, as atitudes:

A educação do homem é um resultado puramente moral. Não é o educador que lhe dá novos poderes e faculdades, mas lhe fornece alento e vida. Ele cuidará apenas de que nenhuma influência desagradável traga distúrbios à marcha do desenvolvimento da natureza. Os poderes morais, intelectuais e práticos do homem devem ser alimentados e desenvolvidos em si mesmos e não por sucedâneos artificiais. Deste modo, a fé deve ser cultivada pelo nosso próprio ato de crença, e não com argumentos a respeito da fé; o amor pelo próprio ato de amar, não por meio de palavras a respeito do amor; o pensamento, pelo nosso próprio ato de pensar, não por mera apropriação dos pensamentos de outros homens, e o conhecimento, pela nossa própria investigação, não por falações intermináveis sobre os resultados da arte e da ciência (*Apud* GADOTTI, 1996:98)

Esse tipo de pensamento também se faz presente entre os princípios pedagógicos de *Bona Espero*, uma vez que a instituição demonstra muita preocupação com os exemplos das pessoas que freqüentam a casa. Muitas normas constituídas em *Bona Espero* expressam isso, tais como a proibição do fumo e do uso de bebidas alcóolicas dentro de suas dependências, e as exigências feitas aos comodatários de que esses não adotem práticas e/ou condutas pessoais, sexuais ou religiosas contrárias aos princípios da instituição.

Além disso, pode-se identificar também a presença marcante do discurso de Pestalozzi, acerca da moral e da conduta dos educadores, na prática pedagógica estabelecida em *Bona Espero*. Segundo a administração da instituição, um dos requisitos para quem quer morar ou exercer algum tipo de trabalho voluntário, é dar sempre o bom exemplo: *“Dar sempre o bom exemplo. Eu acho que isso é a coisa mais difícil, porque as crianças são críticas, crianças estão lá, você está o dia todo no palco, o que você diz, o que você não diz, o que você faz, o que você não faz, a criança percebe e vive isso”* (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 58'01).

O outro educador citado como referencial teórico de *Bona Espero* é o professor francês Célestin Freinet (1896-1966), cujas condições sociais, culturais e econômicas de sua infância e juventude, influenciaram de forma significativa sua pedagogia. Isso porque Freinet nasceu nos Alpes Franceses em um meio rural, cuja forma de produzir ainda era artesanal (Cf. MULTIRIO, 2000:1).

Freinet acreditava que a educação é um processo eminentemente ligado à luta de classes, e, conseqüentemente, deveria ocorrer através da organização do trabalho, por ele considerado como o mais importante princípio educativo (Cf. GADOTTI, 1996: 179):

...Freinet propõe-se transformar a escola num verdadeiro meio de vida associando o trabalho produtivo à descoberta da realidade. A imprensa, o texto livre, a correspondência interescolar, o jornal, o inquérito, os utensílios de trabalho manual são as técnicas necessárias à instituição de uma “pedagogia do trabalho”, capaz de substituir a “pedagogia da saliva” (ESTRELA, 1992: 22,23).

A visão de Freinet sobre a relação escola/trabalho, o fez construir novas práticas pedagógicas de ensino, através da recontextualização da dinâmica da aula, e de sua concepção, que passou a resultar da organização do trabalho individual, coletivo e em grupo. A partir da nova dinâmica estabelecida para a aula, Freinet postulou que essa deveria ocorrer através da organização de cooperativas com gestão participativa, mediante a adoção e o cumprimento de uma determinada disciplina, por ele concebida como

...organização, planificação e também dinamismo e vida, uma vez que é a "conseqüência natural de uma boa organização do trabalho cooperativo e do clima moral da aula" e não o resultado de uma imposição exterior "com o seu cortejo de interdições e sanções" (*Apud ESTRELA, 1992:23. Grifos da autora*).

De acordo com Freinet, "só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às suas possibilidades" (*Apud Ibid.: 23*). Assim sendo, na pedagogia de Freinet, a manutenção da disciplina resulta da própria organização do trabalho e das relações humanas que o envolvem.

Um dos princípios pedagógicos mais marcante e presente em *Bona Espero* é o lema "responsabilidade na liberdade", que está alicerçado no pensamento de Célestin Freinet. Para ele, a participação responsável do aluno junto à escola, é que fundamenta o grau de sua liberdade no processo educativo:

A pedagogia de Freinet e os movimentos que ela originou marcaram uma etapa na pedagogia ocidental enquanto expressão da conquista da autonomia individual através da participação responsável na vida da coletividade. É essa participação responsável que fundamenta a liberdade do aluno (*Ibid.: 23*).

Observa-se que no interior de *Bona Espero*, quando os alunos vão atingindo um maior tempo de casa, vão assumindo responsabilidades maiores

dentro do grupo, tornando-se líderes e dirigindo as tarefas. De acordo com a administração, isso é um dos resultados alcançados pelo princípio da "responsabilidade na liberdade", observado enquanto um dos principais pilares da prática educativa da instituição, que garante tanto o seu funcionamento, quanto os resultados alcançados junto aos alunos, no decorrer de seus 43 anos de existência:

Nós temos neste momento onze jovens alfabetizados aqui dentro em sala de aula. Um rapaz que é filho de garimpo, morava debaixo da lona, ele está dando Matemática no segundo grau em Uruaçu. Eu acho que isso demonstra que a maneira com que educamos eles, com a responsabilidade na liberdade: a quantidade de responsabilidade corresponde à quantidade de liberdade, nós incentivamos a iniciativa, nós damos disciplina, como nós criamos nossos próprios filhos. Não é que somos pedagogos, mas nós temos motivação, amor e bastante compreensão. E funciona (Entrevista nº 1).

A pedagogia Freinet centra-se na criança, baseando-se nos seguintes princípios: senso de responsabilidade, senso cooperativo, sociabilidade, julgamento pessoal, autonomia, expressão, criatividade, comunicação, reflexão individual, coletiva e afetividade (Cf. MULTIRIO, 2000:2). De acordo com a administração de *Bona Espero*, ela busca incentivar vários desses princípios pedagógicos em seus alunos, destacando-se a responsabilidade, a cooperação e a criatividade:

... nós damos chance aqui dentro de ter criatividade. Nós achamos isso a coisa mais importante, justamente em um país como o Brasil, que com nada tem que fazer tudo. Se não tem criatividade, ele é como um europeu, um executor, e não faz nada (Entrevista nº 1).

Observou-se que os princípios pedagógicos da disciplina e da responsabilidade, têm um grande destaque na vida cotidiana da instituição, em especial no que se refere à pontualidade apresentada na execução das tarefas individuais e coletivas da comunidade, incluindo os alunos de todas as idades. Comumente, até as crianças menores cumprem os compromissos assumidos com o

grupo, sem que ninguém precise lhes dizer o que fazer ou quando fazer. Se um interno está escalado para a equipe de limpeza, por exemplo, ele mesmo sabe as tarefas e a hora em que o serviço deve ser realizado, assim como também sabe os horários destinados a estudar e brincar:

Eu tô achando super legal aqui na *Bona Espero*, porque aqui a gente brinca na hora certa, trabalha na hora certa, estuda, cada tempo aqui tem a sua hora, cada coisa. Aqui é um lugar muito bom. Quero ficar aqui até fazer dezoito anos. Quando eu fizer dezoito anos eu vou seguir minha vida só (Entrevista nº 17).

Tem horário pra brincar, trabalhar, tem horário pra tudo. Eu acho muito bom, organizado, tem horário pra tudo (Entrevista nº 18).

2. O Esperanto como princípio pedagógico

Desde que os fundadores de *Bona Espero* enviaram uma carta-circular aos Centros de Esperanto da Europa, anualmente esperantistas brasileiros e estrangeiros visitam a Fazenda-Escola, sendo a maior parte deles constituída por jovens que não podem pagar estadias em hotéis e solicitam hospedagem, e por jovens que se oferecem para realizar algum tipo de trabalho voluntário:

Muitos esperantistas brasileiros e estrangeiros nos visitam e colaboram (...) São jovens que não podem pagar estadias no hotel de um país aí eles pedem para ficar três meses, seis meses, um ano conosco e trazem sua cultura (...) e vivem o dia a dia com nossas crianças. Aí a necessidade de usar Esperanto (GRATTAPAGLIA, U., 1997:27'00).

Junto com a bagagem destes jovens voluntários, vêm também os traços culturais característicos de seus países e localidades, de modo que eles cumprem um importante papel na educação dos alunos de *Bona Espero*, o que confere um certo grau de internacionalidade à instituição:

Como entidade esperantista sempre se tem uma formidável ponte para todo o planeta. Homens de boa vontade da Austrália, da Finlândia, da Dinamarca, da Suécia, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, do planeta todo chegam lá em casa, na forma de jovens que passam ali um tempo. As crianças sabem cantar músicas de todos esses países, porque a noite dá tempo pra estudar e cantar... (*Ibid.*: 35'20).

De acordo com as recomendações do Estatuto, diariamente falam-se duas línguas em *Bona Espero*, sendo elas o Português e o Esperanto, que por ser uma língua internacional, é muito utilizada na comunicação com os voluntários, em especial, com os estrangeiros, o que facilita a troca de informações, e alarga o conhecimento de ambas as partes, ou seja, dos moradores da Fazenda-Escola e dos voluntários:

São adotados como instrumentos lingüísticos de comunicação entre seus membros a língua nacional Portuguesa, obrigatória como idioma oficial, e a língua internacional Esperanto, como língua auxiliar, cujo conhecimento e aprendizado são recomendados e incentivados (ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO*, 1998: Art. 3º).

Porém, o Esperanto não é ensinado em sala de aula. Ele é aprendido no dia-a-dia, através de conversas informais, participações em congressos esperantistas, troca de correspondências com esperantistas de diversas partes do mundo e consultas na biblioteca, que recebe diversas publicações na língua internacional:

Por recomendação dos estatutos da *Bona Espero*, se usam diariamente duas línguas: o Português e o Esperanto. Todas as atividades diárias com as crianças demonstram com que facilidade até pequenos não alfabetizados usam a língua. Os alunos maiores se correspondem com alunos na Alemanha, na Polônia, nos Estados Unidos, no Japão, na Rússia e em vários outros países, por isso eles têm um conhecimento do Planeta Terra muito maior do que as crianças que olham a televisão, porque as nossas vivenciam com os voluntários os países dos outros. (...) O uso do Esperanto

é tão natural porque não se estuda sentado no banco de escola, mas lavando louça, plantando flores, passeando na cachoeira ou subindo a montanha (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 26'30, 32'05).

A utilização do Esperanto dentro de *Bona Espero*, o credencia como uma nova forma de educar através da linguagem, pois o mesmo cumpre a função de mediar a relação estabelecida entre pessoas pertencentes às distintas nacionalidades, no caso, os voluntários de outros países que visitam a instituição, ou os esperantistas que trocam correspondências com os alunos.

Além disso, falando idiomas diferentes, os voluntários só conseguem estabelecer comunicação verbal com a comunidade através do uso do Esperanto. Segundo uma ex-aluna, a utilização do Esperanto dentro da instituição é de extrema utilidade, pois é através dele que o contato com os estrangeiros é estabelecido, proporcionando assim novas possibilidades de aprendizagem:

O Esperanto é muito útil lá dentro, porque sempre chega pessoas estrangeiras e a gente tem que comunicar com essas pessoas, e só através do Esperanto pra comunicarmos com eles, porque num tem outra língua, eles num entende Português, e se vem e entende Esperanto, então é a maneira que a gente consegue conversar com as pessoas, através do Esperanto (...) A gente aprende muito com eles. É uma forma diferente, porque você conhece pessoas de outros países, e é diferente a convivência com essas pessoas (Entrevista nº 32).

De acordo com os esperantistas, a língua artificial traz a proposta de efetivação de uma comunicação democrática, que busca a união de povos distintos através de uma unidade lingüística (Cf. ZAMENHOF, 1988). Para a administração da Fazenda-Escola, o caráter de internacionalidade do Esperanto faz com que seus moradores tornem-se “cidadãos do mundo”:

Através do uso da língua internacional esperanto se tomam essas crianças quase automaticamente cidadãos do mundo, homens planetários. Em *Bona Espero* somos todos bem conscientes do que quer dizer a globalização do

planeta. Somos cidadãos do mundo através do Esperanto, rumo à diversidade cultural. De certo que o Esperanto não é disciplina religiosa, mas fascinante chave de percepção descortinando as fontes de cultura superior. Ser esperantista (...) é nova forma de viver (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 24'40).

Entretanto, entende-se que somente o uso do Esperanto na comunicação com os voluntários, e a participação da comunidade *bonaesperense* em atividades do movimento esperantista, são insuficientes para afirmar que os alunos da Fazenda-Escola tenham se tornado cidadãos do mundo.

De fato, existe uma certa diversidade cultural em *Bona Espero*, composta pelos administradores, voluntários, visitantes, alunos e comunidade local, que garante uma constante troca de experiências. Porém, a abrangência dessa diversidade cultural é limitada, principalmente para os alunos, que a vivenciam somente no interior da Fazenda-Escola, tendo em vista que os princípios esperantistas e o próprio uso da língua, configuram-se enquanto algo novo em suas trajetórias, que até então não se fazia presente em suas vidas ou famílias. Além disso, quando os alunos saem de *Bona Espero*, ou retornam para o seio de suas famílias, seja no período de férias ou em definitivo, eles não são reconhecidos enquanto cidadãos do mundo, e sim, enquanto cidadãos da sociedade e do meio social interiorano ao qual sempre pertenceram.

Segundo os depoimentos dos ex-alunos, eles somente utilizaram o Esperanto enquanto faziam parte de *Bona Espero*, pois a partir do momento em que deixaram a instituição, a língua artificial não mais esteve presente em seus cotidianos:

No momento eu não estou usando, porque eu não tenho com quem falar, mas eu já tive correspondentes fora do país, tudo, isso tudo (Entrevista nº 32).

Aprendi bastante do Esperanto. Eu sabia falá bem, assim, só que com o tempo a gente esquece. Depois que eu saí de lá eu deixei de falá o Esperanto, porque não tinha ninguém pra conversar. De vez em quando a gente fala um oi, tudo bem, com uma pessoa assim, mas parei de falar. O

Esperanto é muito útil lá dentro, lá dentro é, pelo contato com os visitantes (Entrevista nº 31).

Os meus fio sabe falá isperanto porque eles tudo istudaro um pouco. Assim, muitão assim não, mais eles intende um poco di isperanto. Eles usa só assim quano chega algum isperantista quereno falá cum eles, eles sabe falá cum ele, foi bom foi por isso, porque aqui anda muito isperantista e a pessoa deve de aprendê um poquim, sinão a gente fica até sem sabê nem cumé qui conversa. Foi bom eles tê aprindido um poco porque quano vem algum isperantista eles já sabe falá cum eles (Entrevista nº 29).

Desse modo, entende-se que o uso do Esperanto é importante na educação dos alunos de *Bona Espero*, principalmente através das possibilidades que cria para a troca de experiências com pessoas estrangeiras. Entretanto, quando eles saem de *Bona Espero*, não encontram utilidade para a língua artificial no dia-a-dia. Portanto, observa-se que afirmar a cidadania mundial dos alunos através do Esperanto, seria supervalorizar a abrangência da língua em suas vidas.

Além disso, segundo o depoimento de uma das ex-alunas mais antigas, que também criou seus oito filhos na Fazenda-Escola, ela sempre percebeu algumas diferenças culturais entre a instituição e a região, em especial no que se refere à presença de pessoas estrangeiras. Entretanto, afirma que tais questões não atrapalham a qualidade da educação oferecida pela instituição e/ou a aprendizagem dos alunos, pois a prática pedagógica de *Bona Espero*, principalmente no que se refere ao princípio do trabalho, não se diferencia do modelo de educação que ela criou seus filhos:

Alguma coisa nas cultura tem diferença, porque nunca a gente quando diz que é brasileiro cum o istrangero é a mesma coisa. Tem uma diferença sim. Toda vida eu acho que tem, mas tudo dá certo, a educação lá é muito boa pros minino. Mais que tem a diferença eu acho que tem. Tupo por tudo, o estrangeiro tem a diferença aqui do brasileiro (...) Eu já tinha uma linha já certa, intão eu incentivava meus minino num rumo, naquele caminho, do trabalho. Eles lá já dava uma força maior, igual a minha, e ficava melhó pra mim (*Ibid.*).

3. O trabalho voluntário

O Estatuto de *Bona Espero* não estabelece normas para o processo de admissão de voluntários. Segundo a administração, o trabalho voluntário é aberto para qualquer pessoa que queira participar, que esteja disposta a cumprir algumas recomendações, sendo elas:

- 1) Amar a natureza em todas as suas formas, inclusive as crianças alheias;
- 2) Ter uma certa independência financeira para evitar as frustrações de uma vida monástica;
- 3) Ter equilíbrio emocional, chegando preferivelmente em companhia de um beija-flor do sexo oposto;
- 4) Não ter hábitos que dariam mau exemplo, como: fumo, álcool, droga, preguiça, maledicência, inveja, etc.;
- 5) Ter conhecimentos práticos e disponibilidade para orientação nos seguintes campos: ensino, psicologia da infância e adolescência, administração, agropecuária, enfermagem, mecânica, eletrotécnica, bombeiro, pedreiro, costura, cozinha, etc.;
- 6) Tendo conhecimentos, saber e querer e fazer as coisas; preferivelmente tudo... com nada;
- 7) Não esperar o governo, porque em regiões de poucos votos, todos os governos são omissos²³;
- 8) Não se queixar se o expediente diário é de 24 horas, o semanal de 7 dias e o salário, um cheque pré-datado no "Deus lhe pague";
- 9) Ser esperantista, o que necessariamente não quer dizer falar Esperanto (a língua se pode aprender em 3 meses), mas ter uma visão global e ecumênica;
- 10) Dar sempre o bom exemplo! (GRATTAPAGLIA, G., 1995:51,52. Grifos do autor).

²³ No ano de 1996, a população estimada da Chapada dos Veadeiros, micro-região na qual se localiza Alto Paraíso de Goiás, era de 52.687, o correspondente a 1,17% da população do Estado (CCN/UCG, 1998:15).

A recomendação de número três sugere que os voluntários de *Bona Espero* devem ser, de preferência, casais. Porém, a administração ressalta que isso não é uma regra fechada, ou seja, que também podem participar pessoas solteiras. A única objeção declarada em relação ao trabalho voluntário, diz respeito aos casais homossexuais:

Nós estamos preparando meninos e meninas para viverem harmoniosamente na sociedade. Nós temos leis da natureza e nós tentamos viver as leis da natureza. Eu não condeno preferências sexuais. Cada um pode fazer o que quiser, mas nós somos uma escola de menores e a legislação brasileira até hoje tem regras. Nós vivemos essas regras. Isso não é coisa pessoal. Isso não quer dizer que não pode chegar sozinho. Pode também chegar sozinho. Eu só digo não como é na Dinamarca, que homens casa, mulheres casam entre si e se estes chegam, criam problemas, porque o exemplo para uma criança é importante. (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 1'03'45).²⁴

Observa-se que a administração de *Bona Espero* encara o homossexualismo como um mau exemplo para seus alunos, sugerindo que o mesmo é contrário às leis da natureza, causando uma desarmonia na sociedade. Além disso, percebe-se que a administração da Fazenda-Escola sugere que a lei brasileira não permite a presença de homossexuais em instituições como *Bona Espero*, argumento utilizado para a negação dos pedidos de trabalho voluntário que advém de casais homossexuais.

Aceitas as dez recomendações de *Bona Espero* para quem quer viver em comunidade, e não tendo impedimentos relativos à sexualidade, de acordo com os administradores, a admissão de novos voluntários depende mais da escolha individual de cada um, do que da própria instituição:

²⁴ A referência feita aos países que têm leis que legitimam a união homossexual diz respeito ao fato de que a Fazenda-Escola anualmente recebe um grande número de pedidos de trabalho voluntário, principalmente de pessoas estrangeiras, podendo aparecer casais homossexuais que, como a entrevista revela, não são aceitos.

Cada um se escolhe. Eles tem que (...) pelo menos um ano viver lá, depois que a gente sentou todo mundo, todos os adultos juntos, e se conversa, e se vê, e se sente, mais que tudo se sente. Muitas vezes têm pessoas que são certa que elas são feitas para viver em comunidade. *Bona Espero* é um lugar onde se perde a máscara. Não pode se esconder. Cada um está nu, porque já é um casamento. Dois estão nus com suas boas e suas más tendências. Agora imagina em uma comunidade maior você vive evidentemente com tolerância, com amor, com compreensão, mas vive a diversidade. E ninguém é perfeito (*Ibid.*: 1'06"12).

Como estabelece as recomendações para quem quer viver em *Bona Espero*, ao serem aceitos, como os demais membros, os voluntários também têm que contribuir na divisão de tarefas da instituição. De acordo com a administração, não lhes é imposto nenhum tipo de trabalho, visto que as pessoas percebem as atividades, sabem o que tem que ser feito, e fazem se quiserem fazer: "*Quando chega um assim e diz: 'O que eu tenho que fazer? Eu digo: tem que fazer nada. Pode, se quiser. Isso é a grande filosofia'*" (*Ibid.*: 42'13).

Entretanto, percebe-se que as regras estabelecidas em *Bona Espero*, principalmente as relativas à disciplina e ao trabalho, devem ser cumpridas pela comunidade com o máximo de rigor possível, pois fazem parte da rotina da instituição. Observou-se que o visitante que chega, seja ele um voluntário, uma pessoa que foi passar um ou mais dias em *Bona Espero*, ou a própria pesquisadora, caso queira ser aceito pela comunidade, tem que se inserir em seu cotidiano. Isso quer dizer que enquanto o visitante não participa ativamente das atividades do grupo, ele é sempre visto, e tratado, enquanto um estranho.²⁵

Para a administração da Fazenda-Escola, embora não seja uma imposição, é de suma importância que o voluntário procure inserir-se nas atividades do grupo, pois se não cumpre as normas da comunidade, acaba dando maus exemplos. Além disso, percebe-se que quando um visitante não colabora na divisão

²⁵ Durante o trabalho de campo realizado em *Bona Espero*, aos poucos tal questão foi sendo percebida. Somente quando se começou a contribuir nas tarefas do dia-a-dia, conseguiu-se manter um contato mais íntimo com a comunidade, tendo-se maior facilidade de convívio e circulação, o que contribuiu inclusive na realização da observação e das entrevistas.

de tarefas, sua presença acaba prejudicando o andamento da comunidade, uma vez que aumenta o serviço, sobrecarregando algumas pessoas.

Um grande perigo é uma política de admissão muito aberta (...) "Paz e amor" estão chegando para descarregar sua responsabilidade em cima de um grupo anônimo. Não querem nem saber, só querem saber a que hora é a refeição. (...) Muita gente, cansada das responsabilidades individuais, quer ir para a comunidade para ter um guru, um forte líder, e ele pensa na minha cama, na minha comida, e eu faço alguma coisinha ali e pronto (*Ibid.*: 42'50).

Durante o ano de 1999, *Bona Espero* teve uma experiência nova com o trabalho voluntário, através de aulas de reforço escolar para seus alunos, ministradas por uma estudante do C.E. Moisés Nunes Bandeira. Durante as manhãs dos dias úteis da semana, esta jovem ia até a Casa do Estudante, em Alto Paraíso de Goiás, para fazer o acompanhamento das tarefas de casa dos internos da Fazenda-Escola. Esta voluntária estudava no período noturno, e afirmou que estava aproveitando seu tempo livre durante o dia para contribuir com *Bona Espero*:

Eu estava procurando alguma coisa para fazer, e então a Ursula estava precisando desse trabalho voluntário e eu gostei da idéia, porque é uma coisa que eu gosto de fazer, eu gosto de mexer com crianças. (...) Eu estou achando muito legal, porque eu admiro o trabalho da Ursula, aliás é um dos trabalhos que eu mais admiro aqui em Alto Paraíso, porque é um que realmente faz e eu estou gostando muito de ter participado nesta história dela (Entrevista nº 12).

Percebe-se que os alunos gostam muito da convivência e da troca de experiências com os voluntários, em especial, com os estrangeiros, que além de ensinar-lhes coisas diferentes, como brincadeiras e músicas pertencentes a seus países de origem, comumente os presenteiam com objetos que trazem consigo:

Eu gosto demais deles, eles são muito legal, trata a gente muito bem. Sempre cada um que vem aqui ensina a gente uma brincadeira ou então o Esperanto. Eu tô gostano de aprendê o Esperanto. Eu já sei um pouquinho (Entrevista nº 23).

Eu gosto deles, porque quando eles vêm aqui eles ensina a gente muita coisa, dá coisas pra gente (Entrevista nº 22).

Acho legal. Já tô até aprendeno o Esperanto (Entrevista nº 24).

Eu aprendi muitas coisas com eles, Esperanto. E também ensino. Eu tô ensinando Português pros alemão que tão aí. Eu já insinei istrada, árvore e eles tão aprendeno. / Aqui cada um aprende um poco. É tudo igual. Um aprende um poco, outros um poco (Entrevista nº 21).

Geralmente a convivência dos voluntários com a comunidade de *Bona Espero* dura em torno de seis meses, tempo suficiente para haver um estreitamento dos laços afetivos entre o grupo. De acordo com os alunos, os voluntários deixam saudades quando retornam a seus países de origem, o que pode ser percebido neste trecho de uma entrevista coletiva feita com o grupo:

Quando eles vai embora dá vontade até de chorá. / Eu fico triste. / Fazemos um desenho, escreve, escreve uma carta pra eles. / É. Mais eles não escreve de volta pra nós. / Alguns escreve sim. / É alguns escreve (Entrevista nº 21).

3.1. As aulas de música e suas contribuições pedagógicas

Desde fevereiro de 1999, os alunos de *Bona Espero* têm aulas de violão e percussão, oferecidas quinzenalmente por uma professora de Brasília como trabalho voluntário. O contato inicial desta professora com *Bona Espero* ocorreu em 1995, através do convite de um dos comodatários da instituição, para que ela e sua família realizassem um show no encerramento de um curso espiritual realizado nas dependências da fazenda. Apesar do contato inicial desta professora com *Bona*

Espero não ter ocorrido através do Esperanto, percebe-se que esse teve grande influência no aprofundamento dos laços entre ela e a Fazenda-Escola, assim como aconteceu com vários outros voluntários que desenvolveram ou que ainda desenvolvem algum tipo de trabalho na instituição:

Bona Espero, a gente foi convidado pelo Ergon, que faz parte da Arcádia, que hoje faz parte aqui do comodato de *Bona Espero*, e ele nos convidou. Eu tinha minha família que era musicista, todos nós estávamos tocando, e ele convidou a gente pra tocar numa atividade espiritual dele, num curso dele, e nós ficamos hospedados aqui na *Bona Espero*. Então, a gente ficou hospedado na casa de cima, e o curso era na escolinha, e fizemos um show ali na escolinha. Aí a Ursula se apaixonou, a gente se apaixonou. Isso foi em 95. Nós ficamos conhecendo a ideologia do Esperanto, e ela falou pra gente que ia ter um Congresso de Esperanto na Finlândia, e a gente se animou. Fomos com ela viajar. Fomos para a Finlândia, depois fomos para a Alemanha, Suécia, Dinamarca, e tocando também. Fomos tocar na Finlândia, num Congresso de Esperanto para 2.680 pessoas, mais ou menos (Entrevista nº 11).

As aulas de música oferecidas aos alunos de *Bona Espero*, estão intimamente ligadas à história de vida da professora, pois sua experiência de ensinar música teve início na Fazenda-Escola:

Eu me separei, a gente acabou a família De Castro, e eu já tinha a idéia, o sonho de fazer isso em Brasília. Eu comecei a ensinar violão, eu não ensinava antes. Depois que eu separei eu comecei a ensinar violão, deu vontade, alguma coisa em mim inquietou, que talvez eu pudesse fazer alguma coisa para a sociedade, um resgate talvez. Aí começou a idéia de fazer aquisições de violões para um trabalho específico com crianças carentes, tipo Samambaia, em Brasília, Ceilândia, eu estava prevendo. Eu falei para a Ursula e ela ficou empolgada: "Há, vem pra cá". Mas é muito longe para mim. Brasília fica a duzentos e poucos quilômetros daqui. Aí chegou um amigo nosso em comum que é maestro na Alemanha e ele viu que a música seria um resgate muito grande. E eu me propus. Não por ele, mas eu já tinha vontade desse trabalho. E eu comecei tentar. A partir de fevereiro, de quinze em quinze dias, eu ponho uma mochila nas costas e

venho pra cá e faço o trabalho. Não só o trabalho de música, mas o trabalho psicológico dentro da música (*Ibid.*).

Sobre o desenvolvimento do trabalho musical em *Bona Espero*, a professora afirma que está aprendendo e criando sua metodologia a partir da vivência na Fazenda-Escola:

Eu faço as músicas e vejo, eu começo, tenho uma facilidade de reconhecer o ser humano, é alguma coisa que eu sinto e não sei explicar. Como é muito difícil fazer um trabalho homogêneo num grupo, e fazer todo mundo tocar a mesma coisa, na mesma hora, no mesmo lugar, no mesmo tempo, mas Deus me abençoou que eu consegui. Eu aprendi, eu estou aprendendo aqui, e já estou iniciando outro trabalho em outro lugar também. Eu vejo uma criança que tem uma dificuldade, eu converso com elas todas no dia que eu iniciei: "Nós vamos fazer um trabalho mas aqui vocês vão ser profissionais, vocês vão ser artistas de *Bona Espero*, e nós somos guerreiras e a gente vai fazer uma guerra", porque existe guerra santa e a guerra perdida, que a gente mata, que faz tudo. Mas eu motivo muito pela guerra interior, pela força interior. Sempre o nosso lema é que a força de um guerreiro está no coração, ninguém pode tirar. É muito interessante, e eles já captaram. Aí eu vejo uma fraqueza, e muitos tiveram, dizendo que não conseguem, e começam a chorar. Eu falo: "Tudo bem. Retira um pouquinho do grupo, vai lá trabalhar um pouquinho, que você vai ver que nesse momento a sua dificuldade é essa e o outro está com essa facilidade. Mas depois ela vai ter a dificuldade e você vai ter a facilidade." E eles foram comprovando (*Ibid.*).

Observou-se que a professora de música tem uma relação muito íntima e amigável com as crianças, adolescentes e jovens de *Bona Espero*, que nas horas de folga, sempre são vistos a sua volta conversando em grupo ou individualmente. Segundo ela, nesses "cochichos" os alunos a legitimam enquanto confidente, revelando segredos, angústias, anseios e desejos.

Além do trabalho musical, que auxilia diretamente no processo educativo, percebe-se que a professora tem cumprido um outro papel muito importante: o de

mediar a relação dos alunos com a administração da Fazenda-Escola. Geralmente, isso ocorre através da negociação de ações e espaços dentro da instituição, que ainda não estão definidos, como a demarcação de dias e horários específicos para que os alunos utilizem o refeitório para dançar e ouvir música, ou então, assistirem a um filme, programa ou novela exibidos na televisão. As conversas mediadas pela professora, apresentaram-se mais dialógicas do que as que foram observadas sem a sua presença, contando, inclusive, com maior número de falas e argumentações por parte dos alunos:

Bom, eu ouço as crianças, e eu dou toda a liberdade, porque é importante. A Ursula tem o papel dela, a Ursula é a mãe. Talvez uma mãe chata, vamos dizer. Talvez. É como se fosse uma mãe, amam demais, mas tem aquelas chaturinhas que uma mãe tem que todo filho acha. E eu sou a confidente. "Tia, acontece isso, isso e isso!". Aí eu posiciono, porque eu permito eles falarem tudo pra mim, porque eu tenho a oportunidade de falar. (...) A gente dialoga muito aberto. E eu me aproximo mais da idade delas, porque a diferença é maior entre a Ursula e eles. Eu, pela geração, pela cultura que nós temos de mudança da minha geração, que já houve muita mudança, e eu acho legal (Entrevista nº 11).

De acordo com a professora de música, a confiança que ela adquiriu nos anos de convivência com *Bona Espero*, é produto de um processo de negociação de espaços e valores entre ela, os alunos e a administração da Fazenda-Escola:

Eu tive que chegar aqui e mostrar serviço. Não que eu quisesse. Eu tive que dar uma continuidade, uma segurança pra ela ²⁶. Porque muita gente chega aqui e querem fazer mundos e fundos, mas não tem aquela segurança. E eu cheguei, aprendi as coisas que eu podia com ela, eu vi o que eu concordava ou não. A gente conversava muito, a gente conversa muito franco com ela. O que eu gosto, o que eu não gosto. Algumas vezes a gente brigou sério. E aí ela passou a me entender, eu passei a entender, porque ela tem uma voz de comando forte, eu também tenho. Mas não que eu quisesse, nunca quis o posto dela, eu sempre falei: "Nunca quero tomar

²⁶ Nessa fala, a professora de música refere-se à Ursula Grattapaglia.

seu lugar, nem penso, nem nada. Só quero entender o seu processo pra gente conviver.” E ela me respeitou muito e com isto ela viu o serviço nas crianças. Então ela hoje tem a segurança de falar: “O nosso grupo musical, eles tocam”. Então ela tem alguma coisa para mostrar. Por exemplo, ela não pode mostrar para a sociedade, ela já mostrou muito, a criança lê, já são cidadãos da sociedade, tudo. Mas o trabalho de música é um negócio para a humanidade, é diferente. Todo ser humano gostaria de cantar, tocar, ou fazer algum batuque, qualquer coisa. Algumas pessoas querem fazer arte, pintura, mas nem todas querem. Mas a música todo mundo gostaria, todo mundo cobiça. (...) Então a Ursula, em questão das crianças, chega com a música, chega um visitante, e começam a tocar, desmonta: criança, numa sociedade carente, fazendo música (*Ibid.*).

Para a professora, o contato com a música, associado ao diálogo e ao incentivo durante as aulas, são os maiores responsáveis pelos resultados positivos do trabalho que vem desenvolvendo em *Bona Espero*:

... eu tenho certeza que elas estão se tornando mais elas, mais confiantes. Quando se pega no violão e consegue trabalhar o seu ritmo, ali você tem que usar a concentração, todo o seu ser tem que ser voltado naquele momento, e nesse momento, eu sou uma pessoa que eu trabalho muito, eu converso com uma criança de quatro, cinco anos, como se fosse um adulto, com a mesma palavra, falando as mesmas palavras, falando sobre honra, dignidade, guerra, o trabalho não tem diferença pra mim. Eles recebem isso, e eu fico impressionada como é que eles conseguem, você pensa que não, mas eles conseguem. Eu converso com o Igor, que tem quatro aninhos, e ele entende, e depois eu cobro dele naquelas palavras. A música é um disfarce, porque aí você faz alegria, você viu hoje lá na cachoeira, tudo ali, sentar junto, ali eles falam segredos, eles falam tudo. Então isso é muito importante. A música é um disfarce para mim (*Ibid.*).

Durante todas as visitas realizadas em *Bona Espero*, pôde-se constatar os resultados da iniciação musical, pois uma vez por semana os moradores da Fazenda-Escola reúnem-se após o jantar, em uma espécie de sarau musical, no qual os alunos cantam, tocam violão e percussão. Nestas ocasiões, são distribuídas

apostilas confeccionadas pela professora de música aos presentes, contendo as letras com suas respectivas notas musicais. A quase totalidade do repertório é composta por canções da música popular brasileira. A maioria das músicas é cantada coletivamente, mas algumas crianças e adolescentes cantam sozinhos músicas que foram previamente ensaiadas, posicionando-se à frente do grupo. Para a professora, a confiança e a segurança que seus alunos vêm adquirindo através da música, é um dos êxitos conquistados por seu trabalho:

Delas chegarem e cantarem lá na frente sozinhas. Eu senti bastante. A Ursula também percebe muita diferença, ela me fala. Eu sinto muita segurança, elas reivindicam mais, elas começam a questionar mais, ficando mais críticas. Eu acho fantástico. A Ursula me falava muito sobre isso também. Alguns comportamentos que elas têm que são palavras, que são atitudes que se dão ali, naquele momento do grupo. E entre eles não têm esse problema de vergonha um do outro, porque nenhum quer ser melhor do que o outro. Eles entenderam, e parece que eles querem só tocar no grupo, e eu muitas vezes quero que eles toquem sozinhos, para adiantar, mas eles se espelham no grupo para poderem fazer a música. É muito interessante. Esse é um tipo de coisa que eu estou vendo agora (Entrevista nº 11).

De acordo com a professora de música, a conduta não competitiva dos alunos de *Bona Espero* durante suas aulas, expressa um dos principais lemas adotados pela instituição, que é o conceito de "grande família", baseado na premissa de que todos que moram na Fazenda-Escola têm iguais direitos, assim como também têm iguais deveres. Nesse sentido, pode-se afirmar que *Bona Espero* não incentiva a competição entre seus moradores, pois tem como filosofia que o grupo é a base das relações estabelecidas.

As observações da professora de música relacionadas à melhoria da auto-estima de seus alunos, são confirmadas em uma entrevista realizada com uma ex-aluna de *Bona Espero*, que atualmente é professora na E.M. Zeca de Farias:

Eu tenho uma pequena, a (...) uma aluna que está comigo, e no começo quando ela veio para *Bona Espero* ela era bem mais retraída, e a gente já percebe que ela está se valorizando mais. Ela tem um problema de vista bastante sério, e isso a coloca um pouco assim, se sente um pouco inferior aos outros, mas a gente percebe que eles já amadureceram. Ela já chega na frente, já canta, já se valoriza. Então eu creio bastante que esse trabalho tem ajudado bastante na auto-estima deles (Entrevista nº 4).

Para a professora de música, o trabalho que vem realizando em *Bona Espero*, além de ser gratificante, é um espaço de aprendizagem, uma espécie de laboratório sobre as relações humanas, no qual quem ganha mais é quem tem a oportunidade de conviver – e aprender – com os alunos de lá:

Eu sou apaixonada. Apaixonada mesmo. Pra mim é muita alegria, eu nem sei explicar. Não sei, o prazer é imenso. Eu tenho muito amor em fazer isso, muito, muito mesmo. Cada olhinho, cada olho brilhando pra mim é muito importante. Hoje eu vejo o ser humano bem diferente, eu estou aprendendo muito com eles, encarar a vida diferente, porque o fato deles virem e se deixarem educar por uma outra pessoa eu acho que isso já é um ato guerreiro e isso eu falo o tempo todo, você é um guerreiro, você é uma guerreira (Entrevista nº 11).

No cotidiano de *Bona Espero*, a música não está presente somente nas aulas da professora, ou nos momentos em que os moradores sentam-se no refeitório para cantar. Ao lado da porta central do mesmo, existe um aparelho de som que fica ligado durante boa parte do dia, em especial, quando têm pessoas preparando a alimentação. Entre os CDs disponíveis para se ouvir, a grande maioria contém músicas clássicas e instrumentais, sendo que não se percebe a presença de nenhum CD com músicas infantis. O acesso ao aparelho de som é liberado a todos os moradores de *Bona Espero*, ao contrário da televisão, cuja permissão para a utilização deve ser dada pelos administradores.

Apesar da ausência de CDs infantis, observou-se que os alunos têm em mãos fitas gravadas com as músicas que gostam de ouvir, em especial, os

adolescentes, que já contam com uma maior integração social e círculo de amizades fora da Fazenda-Escola. Segundo eles, suas fitas são presentes destas amizades e da professora de música. Geralmente, são fitas de músicas que estão tocando nas "paradas de sucesso" das rádios comerciais e do mercado fonográfico, como os grupos de pagode e axé.

4. O Projeto *Bona Espero*: "produção de vídeos a partir da ótica infantil"

No decorrer do segundo semestre do ano de 1997, a FACOMB/UFG, começou a desenvolver o Projeto "*Bona Espero*", dentro da perspectiva de trabalhar a produção e a execução de vídeos com os alunos da instituição. Para a administração da Fazenda-Escola, a proposta foi uma surpresa:

Nós vivemos igual índios no Xingu aqui e as pessoas aparecem. Quando viemos, nos foi dito por intuição, que nós íamos morar em um lugar isolado, de difícil acesso, que ninguém ia nos encontrar. Vocês vão fazer uma célula da nova humanidade, que viverá mais justa, mais digna, mais amorosa. E nós pensávamos que ninguém vinha nos procurar. Nos primeiros dez anos realmente passavam-se meses e meses sem nenhum ser humano aparecer aqui. De repente eles chegaram aqui falando que queriam fazer um vídeo, e nós não vimos nenhuma razão para rejeitar isso (Entrevista nº 1).

O contacto inicial da FACOMB com *Bona Espero* ocorreu no ano de 1995, através de um Projeto de Extensão que era desenvolvido em São Jorge, povoado pertencente ao município de Alto Paraíso de Goiás:

Em 95 surgiu a oportunidade de um trabalho específico em São Jorge, dentro do Projeto Veadeiros. Trabalhando na Universidade, nessas idas e vindas a gente cruza com dona Ursula e mais umas crianças de *Bona Espero* (...) A dona Ursula apareceu com as crianças, nós estávamos com uma rádio comunitária e as crianças cantaram e nos impressionaram muito,

porque elas cantaram bonito e cantaram em Esperanto (...) A gente foi estimulado por essa possibilidade da *Bona Espero*, ou seja, pegar crianças do fim do mundo (...) e colocar num projeto de escola de educar essas crianças numa relação equilibrada com a natureza e com o seu universo, dando uma orientação segura na relação com a humanidade, não só a humanidade esperantista, mas com a humanidade como um todo. E a gente vai ver isso na *Bona Espero*. São matutos, no sentido positivo da palavra, mas que têm uma compreensão, uma vivência extraordinária (Entrevista nº 16).

O Projeto desenvolvido pela FACOMB em *Bona Espero*, produziu três vídeos, e em que pese os problemas presentes em sua execução e desenvolvimento – já discutidos na introdução desta Dissertação – a administração da Fazenda-Escola tem considerado o mesmo como reforço da socialização e da auto-estima de seus alunos:

Nós achamos que o efeito sobre as crianças é extremamente positivo, no sentido de auto-estima. O grande problema desses meninos é justamente a falta de auto-estima. E ver a si mesmo na televisão, apesar de talvez nem entender que vem da fita é uma coisa grandiosa. Eu considero que as universidades, em geral no mundo, são centros acadêmicos fechados na sua casta, sem contato com os da miséria, da pobreza. Acho que o fato de que um professor saia e se interessa, colabora com os que não sabem nem que existe universidade, não sabem nem o que é uma universidade, isso eu acho tão inovador, tão desbravador, que é um candango da comunicação, porque em geral, o fluxo da comunicação é unilateral: os que sabem jogam o que sabem para os que não sabem, e eles bebem isso sem critério, sem crítica, e sem poder discernir. Agora aqui eles deram a máquina e disseram: "Faça você o roteiro". Eu achei isso espetacular. Quando eles olhavam a fita, eles percebiam que eles não tiveram, nas frases, a concordância do singular com o plural. Por exemplo: "Das capital do país", ao invés de "da capital". Um "s" a mais, um "m" a menos, coisas assim, mas eles percebem. Portanto, o desempenho da língua (...) foi realmente uma grande melhoria. E quando digo auto-estima, essa palavra engloba um monte de coisas, inclusive o comportamento entre eles. A surpresa de um que em geral não diz nada e que de repente se desenvolve na frente da câmera com uma destria incrível. Uma menina de treze anos, que quase nunca fala, ela não

pergunta, ela só responde com monossílabas. De repente, ela fez um discurso grande, e na televisão ela disse que quer ser advogada ou professora de matemática. É uma menina que vem de uma casa de palha, eu acho isso fantástico, isso me paga por todo o meu esforço (Entrevista nº 1).

Porém, para o coordenador do Projeto, a produção de vídeos em *Bona Espero* significa mais do que a simples visita de um professor universitário a uma escola pobre:

Não é um professor sair daqui e ir para a *Bona Espero*. Eu acho que a dona Ursula, dentro da emoção desse encontro, ela precisa assim. Mas não é. É a universidade cumprindo o seu dever básico, de ficar no meio do povo, de explicar a sociedade, de compreender a sociedade. E a *Bona Espero* é uma Fazenda-Escola que está no cruzamento entre o urbano e o rural. Então a gente vai atrás da *Bona Espero*, vamos atrás dos sem terra, vamos atrás de São Jorge, para também tentar entender essa relação de cidade e campo, esse imaginário coletivo que transita entre o rural e o urbano, mas que a teoria tem que explicar sempre em detrimento do que é rural. Então quando a gente vai para lá, esses encontros não são casuais. São o ordenamento de uma certa vibração, de uma certa crença, que nos leva até *Bona Espero* (Entrevista nº 16).

A alegria expressa pelos alunos de *Bona Espero* ao receberem a visita da equipe de produção dos vídeos da FACOMB, parece confirmar a aceitação do Projeto na comunidade *bonaesperense*. Observou-se que comumente esta equipe fica cercada por crianças e adolescentes, que disputam a atenção dos estudantes e do coordenador.

Entende-se que o Projeto de produção de vídeos da FACOMB, insere-se em uma nova perspectiva de comunicação, que principia que o processo comunicativo não ocorre linearmente, sem contradições e fissuras. Tal concepção teve sua emergência no início da década de setenta, através do desenvolvimento teórico e metodológico dos chamados Estudos em Recepção, também conhecidos como Pedagogia da Recepção, Educação para a Comunicação e Educação para os

Meios, entre outras nomenclaturas que expressam distintas formas conceituais de conceber os programas que envolvem as relações entre a educação e os meios de comunicação social.

Os Estudos em Recepção, ao mesmo tempo em que consideram os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, afirmam também que a sociedade é composta por sujeitos que em seu cotidiano dão corpo ao meio em que estão inseridos, ressignificando as informações recebidas conforme sua história de vida, cultura e personalidade. Dessa forma, as pessoas não são mais vistas como depositárias de informações, ou como seres passivos à alienação dos meios de comunicação, mas como sujeitos históricos, capazes de reapropriar e ressignificar os conteúdos veiculados, de acordo com suas mediações sócio-culturais (MIRANDA, 1992).

Levando-se em conta essa concepção de sujeito ativo, diversos são os projetos desenvolvidos pelos chamados Estudos em Recepção, que ganharam corpo através de instituições educacionais e religiosas, organizações não governamentais e movimentos populares, em especial na América Latina, que tem se destacado nas pesquisas e no desenvolvimento de novas teorias interdisciplinares, aproximando a educação da comunicação, e valorizando o universo popular e a cultura nesse e por esse produzida (*ibid.*).

As perspectivas apontadas pelos Estudos em Recepção são amplas, destacando-se, principalmente, as que afirmam a necessidade do uso dos instrumentos da comunicação, como ferramentas de expressão social, com a preocupação voltada para o ensino das linguagens e dos códigos dos meios de comunicação, de modo a desmistificá-los perante a população; e as que têm uma visão mais estrutural, que entende que os meios de comunicação estão inseridos em uma conjuntura macro, mas que devem voltar-se aos micro-universos sociais. Tal perspectiva prima-se pelo desenvolvimento de mecanismos de defesa, desvelamento ideológico, capacitação crítica, potencialização das audiências e recuperação das identidades culturais dos sujeitos sociais frente aos meios de comunicação (*ibid.*: 252).

Entende-se que o Projeto de vídeos da FACOMB, ao incentivar a produção videográfica do grupo, insere-se dentro da perspectiva de ampliação dos

espaços de comunicação dos setores populares. De acordo com Quiroz (1992: 302), os Estudos em Recepção visam a construção de uma comunicação democrática e o fortalecimento dos direitos sociais, recuperando o papel do sujeito nas estratégias educativas. Para ela, os projetos de educação para a comunicação têm se consolidado enquanto um espaço de reflexão, criação, debate e realização.

Como fruto do trabalho iniciado pela FACOMB, está o enorme interesse das pessoas que residem em *Bona Espero* pelo vídeo, incluindo sua administração. Percebe-se que, se por um lado, a administração da Fazenda-Escola tem uma certa aversão à programação televisiva, por outro, apresenta um grande fascínio por materiais em vídeo.

No mês de junho de 1999, *Bona Espero* ganhou uma câmera de vídeo e, por diversas vezes, presenciou-se seus administradores filmando os alunos em atividades cotidianas, ainda meio desajeitados com a novidade tecnológica, mas demonstrando grande interesse em aprender a lidar com o equipamento e começar a produzir seus próprios vídeos.

5. A televisão no cotidiano de *Bona Espero*

Embora exista um aparelho televisor de 29 polegadas no centro da sala da casa principal de *Bona Espero*, entre os princípios pedagógicos adotados nesta instituição, observa-se uma certa aversão à programação televisiva. Até meados do ano de 1997, os moradores da Fazenda-Escola não tinham energia elétrica e, portanto, não tinham também contato com a televisão:

Nossas crianças (...) não sabem o que é Domingão do Faustão e não conhecem os problemas do Rei do Gado, nem se importam com o tráfico de drogas da Rocinha, porque essas são as notícias do Jornal Nacional, pois elas são alheias à cultura televisionada (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 30'05).

Depois que a energia elétrica foi instalada na fazenda, o contato com a televisão gradativamente foi sendo estabelecido. No entanto, os alunos são proibidos de assistirem televisão fora dos horários e dos programas permitidos pela administração:

As crianças começaram a olhar a televisão quando chegou a energia, faz dois anos. Mas não é que nós deixamos olhar todo o dia a televisão. Nós deixamos ver, mais que tudo, fitas, porque nós temos 150 fitas. Agora apareceu ultimamente uma novela de um orfanato, e nós achávamos que era extremamente rigoroso se não os deixamos olhar. Mas só essa e "Xena", domingo de manhã. "Xena", uma mulher que cria sonhos, que mostra que as meninas são gente também, que não é só o homem que é gente, porque o machismo é radicado tão grande neste país, tanto é que os meninos quando comem conosco não dizem nada, mas as meninas me contaram que nesses três dias que estive fora, os meninos falavam: "Cozinha direito, isso não está bom, isso não está gostoso". Eles fazem como o pai fazia com a mãe em casa. Machismo brutal mesmo, de exigir (Entrevista nº 1).²⁷

De acordo com Ursula, depois que começaram a assistir "Xena", as meninas têm demonstrado algumas mudanças no comportamento, procurando realizar atividades que antes eram privativas apenas dos meninos: *"Domingo passado quando assistiram 'Xena', elas pediam para buscar no mato os cavalos, para andar a cavalo. E eu deixei, porque elas também tem que viver essa dimensão, e não tem discriminação sexual aqui. Elas brincam de futebol também."* (Ibid.).

Apesar da existência de cerca de 150 fitas de vídeo em *Bona Espero*, que são permitidas para os alunos, eles não têm autorização para manusear os equipamentos de vídeo e de televisão da instituição, e tampouco para assistir alguma fita sem a prévia permissão dos administradores.

Observa-se que a "censura" existente em *Bona Espero* em relação à televisão, ocorre independentemente da faixa etária dos alunos, ou seja, a

²⁷ A novela a qual Ursula faz referência é "Chiquititas", que vai ao ar em rede nacional, às 19 horas, de segunda à sexta-feira, através do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A série Xena também vai ao ar em rede nacional através do SBT.

programação permitida é selecionada visando o conjunto do grupo, e não idades específicas. De acordo com o depoimento de um aluno que já é adolescente:

A gente só vê filme de vídeo. A maioria das fita, e finais e semanas, de vez em quando, nós assistimos os da televisão. Sempre os filme de Wall Disney, assim de criança, aí o tio Giuseppe olha primeiro, analisa o filme, e aí se for, se não for violento, se não for pornográfico, aí ele deixa nós assistimos. Agora se for violento, essas coisas outras, aí ele proíbe nós de assistimos (...) Sempre é todos ou então nenhum (Entrevista nº 26).

Apesar do controle da programação televisiva por parte da administração, nas entrevistas realizadas com os alunos, verificou-se que o fascínio exercido pela telinha é tão grande, que eles acabam burlando algumas normas estabelecidas, e assistindo alguns programas que não lhes são permitidos:

P: Você assiste televisão? R: Assisto. P: O que você assiste? R: Tem dia que a gente assiste desenho, as "Chiquititas", ou filme, ou "Xena" quando é domingo. P: O que você mais gosta na televisão? R: Os desenhos que passam. P: Que desenho? R: Do SBT, do Denis. Tem uns menininhos, o Denis. P: As "Chiquititas" você assiste todos os dias ou de vez em quando? R: De vez em quando, quando a tia deixa. P: Esse de vez em quando é o que, uma vez na semana? R: Uma vez na semana! Tem dia lá em Alto Paraíso que a gente assiste escondido, porque ela fica dando aula de Esperanto. P: Aí vocês aproveitam e assistem? R: Só as meninas grandes que assiste "Pérola Negra"²⁸. Aí nós assiste "Chiquititas" e vai estudar (Entrevista nº 5).

P: Você assiste televisão? R: Assisto. P: O que você assiste? R: "Xena", "Chiquititas". P: Quantas vezes na semana? R: "Xena" todos os domingos e "Chiquititas" a tia Ursula proibiu, aí a gente assiste escondido dela. P: Aonde vocês assistem escondido? R: Lá em Alto Paraíso, porque ela dá aula de Esperanto, aí a gente aproveita e assiste. P: Ela não dá aula em casa? R: Ela dá aula em casa. Só que ela fica na sala e a gente fica na cozinha. P: Ela já viu vocês assistindo escondido? R: Já, só que ela quase não briga

²⁸ "Pérola Negra" foi uma novela exibida pelo SBT durante o ano de 1999.

não. P: Aí vocês assistem todos os dias? R: Todo dia não, porque quando a gente tá aqui ela não deixa não (Entrevista nº 9).

Essas entrevistas foram realizadas em junho de 1999, enquanto a entrevista com Ursula foi feita em setembro do mesmo ano. No decorrer deste período, percebe-se que houve uma mudança na atitude da administração de *Bona Espero* em relação à novela "Chiquititas". Até o final do primeiro semestre do ano de 1999, não era permitido aos alunos assistirem "Chiquititas" todos os dias, sendo que durante o segundo semestre, já lhes foi permitido acompanhar os capítulos da novela diariamente.

Ao que parece, a novela "Chiquititas", por ter como enredo central a trama cotidiana de um orfanato, sensibilizou tanto os alunos de *Bona Espero*, que se amontoam diante da televisão no horário de exibição da novela, não desgrudando o olho da telinha nem durante os intervalos comerciais, quanto a própria administração da Fazenda-Escola, que acabou cedendo a favor de seus alunos assistirem a alguma programação televisiva, afirmando que seria "...*extremamente rigoroso se não os deixamos olhar*" a novela "Chiquititas" (Entrevista nº 1).

Entretanto, no mês de agosto de 2000, observou-se que a administração novamente proibiu os alunos de acompanharem diariamente a novela "Chiquititas". De acordo com os depoimentos dos administradores, a proibição advém do próprio enredo da novela, que, segundo eles, vinha trazendo tramas e histórias prejudiciais à educação dos alunos, tais como falcatrúas e mentiras entre os personagens: "*O que nós construímos em doze horas a televisão é capaz de destruir em meia hora*" (Diário de Campo, 19/08/00).

A nova proibição do acesso à televisão, indica que a relação que *Bona Espero* estabelece com esse veículo de comunicação é muito conflituosa, sendo composta por altos e baixos, advindos quase que exclusivamente das concepções da administração da instituição, pois ora existe a liberação de alguma programação aos alunos, ora a suspensão.

Um exemplo disso é a novela "Terra Nostra", que foi exibida pela Rede Globo de Televisão no final do ano de 1999 e início de 2000, cujos capítulos iniciais foram assistidos pelos moradores cotidianamente. A explicação para a mudança do

comportamento em relação a esta novela, é que ela retratava a imigração italiana no Brasil. Sendo o administrador de *Bona Espero* de origem italiana, a direção da Fazenda-Escola decidiu que quem quisesse poderia assistir. Entretanto, de acordo com os depoimentos, a novela não foi assistida até o final, pois os administradores entenderam que “o enredo inicial se perdeu na trama, e a imigração italiana virou cenas de sexo” (Diário de Campo, 15/11/99).

O caso específico da novela “Terra Nostra” bem ilustra a conflituosa relação que se estabelece entre *Bona Espero* e a televisão, tendo em vista que a programação é praticamente condicionada à vontade e ao julgamento dos administradores. Nesses termos, observa-se que o acesso dos alunos, limita-se ao gosto e aos programas que a administração da instituição acredita serem de boa qualidade. Mesmo assim, percebe-se que não existem regras claras para o acesso à televisão em *Bona Espero*, pois mesmo aqueles programas que os administradores afirmam que contribuem no processo educacional dos alunos, como a série “Xena”, exibida aos domingos pelo SBT, a qualquer momento estão sujeitos à suspensão.

Observa-se que nas entrevistas individuais, os alunos não revelam suas insatisfações em relação à proibição do acesso televisivo. A maioria deles diz que em *Bona Espero* existem tantas atividades, que acabam não sentindo falta do contato com a telinha:

Em casa eu assistia televisão (...) Mas aqui eu não sinto falta. Aqui tem muita coisa pra fazê (Entrevista nº 23).

Eu não sinto falta não, aqui é bom brincá, ir pra lagoa, i pra cachuera (Entrevista nº 20).

Entretanto, percebe-se que quando estão em grupo, os alunos revelam que a atitude dos administradores em relação à programação televisiva causa-lhes um enorme descontentamento. Durante uma entrevista coletiva, os alunos que disseram não sentir falta alguma do contato com a televisão, aproveitaram o espaço para fazer um protesto:

Tia, nosso problema agora é com a televisão. Tá ruim tia, tá muito ruim. Nossa moral tá baixa, porque proibiu de novo. / É. Nós tá com a moral baixa. Nem "Chiquititas", nem nada. Nem "Xena", nem Tico, nem Teco. / Nós só anda assistino vídeo repitido, porque os menino piqueno só escolhe os "Tio Patinhas", "Tio Patinhas". / Eu adoro televisão tia. Eu amo, muiiito (Entrevista nº 21).

O estereótipo ou pré-juízo presentes em *Bona Espero* a respeito da programação televisiva, pode constituir-se em um obstáculo diante das possibilidades oferecidas pela própria televisão enquanto um veículo que serve como entretenimento, mas que também tem uma grande carga educativa. Como a série "Xena", que no julgamento da administração de *Bona Espero* oferece ingredientes reforçadores na educação dos alunos, existem outros elementos que estão presentes na programação televisiva, exibidos através de desenhos, filmes ou programas específicos, que poderiam servir como suporte educacional para os mesmos.

Mas o estereótipo de que a televisão deve ser mantida o mais afastado possível do processo educativo, não ocorre apenas em *Bona Espero* ou no Brasil. O pesquisador mexicano Guillermo Orozco o destaca entre os obstáculos existentes para que se possa criar ações mediadoras entre os educadores e os meios de comunicação, no sentido de contribuir com o processo educativo de crianças e jovens:

Um primeiro estereótipo é pensar que os MCM²⁹ e em particular a TV, são uma *caixa idiota* e que por conseguinte há que se mantê-los o mais longe possível da escola e dos processos educativos. Agregado a este estereótipo se encontra o pré-juízo de que tudo o que vem dos MCM é pelo menos questionável e de que, ainda que às vezes os MCM divirtam, melhor que as crianças e jovens se distraiam com *coisas mais úteis* ou de *maior proveito*. Os meios de comunicação, então, são vistos como inimigos que competem com nossos esforços de instrução na aula. Portanto, eles se apresentam como uma influência nociva para o desenvolvimento educativo de nossos alunos (OROZCO, 1997-b:64. Grifos do autor).

²⁹ A sigla MCM refere-se aos meios de comunicação de massa.

Para Orozco, os educadores devem ter atitudes menos maniqueístas em relação aos meios de comunicação, mediando o debate acerca dos pontos positivos e negativos presentes em suas programações, e utilizando-se disso para criar estratégias de formação de cidadãos críticos frente aos conteúdos veiculados:

Na polêmica televisão *versus* criança, mais que proibir, ralhar, ou pior, consentir pacificamente cabe aos professores e à escola prepararem-se para assumir o papel de mediadores críticos do processo de recepção (...) É necessário exercer explicitamente uma mediação que oriente a aprendizagem dos estudantes fora da aula, que permita recontextualizá-la, sancioná-la sob diversos critérios éticos e sociais, permitindo aproveitar o que de positivo oferecem os MCM, capitalizando para a escola a informação e as demais possibilidades que esses meios nos trazem (*Ibid.*: 57-63. Grifos do autor).

Sustentado no princípio de que existe uma relação dialética entre os indivíduos, a sociedade e os meios de comunicação, a partir da década de setenta Jesús Martín-Barbero foi um dos pioneiros a lançar novos olhares à recepção, deslocando o eixo de análise das macro-estruturas, no caso específico, dos meios de comunicação, às mediações que envolvem todo o processo comunicacional. Para ele, *“a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação.”* (MARTÍN-BARBERO, 1995: 39. Grifos do autor) .

Ao recontextualizar o lugar e o papel do sujeito no processo comunicacional, Martín-Barbero (*Ibid.*:18) propõe também uma resignificação do termo “receptor”, visto que esse carrega consigo uma relação de preponderância e poder do “emissor”. No lugar de “receptor”, surge a idéia de “sujeito da comunicação”, que contém tanto uma identidade cultural, quanto um caráter ativo frente à produção de significações e sentidos às mensagens e informações que lhe chegam.

Concordando com a análise de Martín-Barbero acerca das relações existentes entre os meios de comunicação e os sujeitos sociais, Guillermo Orozco (1987-a; 1987-b) sustenta o princípio de que existem na sociedade e na vida das

peças múltiplas mediações, tendo em vista que o indivíduo é um agente social que vai sendo construído de diferentes maneiras ao longo de sua vida:

... a recepção – diferentemente da crença amplamente predominante – não é somente aquele momento preciso de estar em contato direto com a mensagem. O processo de recepção televisiva começa antes de ligar a televisão e não se conclui uma vez que se tenha desligado a tv, ou mesmo quando o telespectador se afasta dela (1997-b: 67).

Nessa perspectiva, a forma com que as mensagens e informações são recebidas altera de pessoa para pessoa, dependendo das mediações de cada um. Assim, quando um indivíduo toma contato com uma mensagem advinda dos meios de comunicação social, longe de absorvê-la imediatamente de forma passiva e alienada, ele a ressignifica e a personifica conforme sua vivência e mediações sócio-culturais.

Entre as mediações destacadas por Orozco (1997-a:116-118), encontram-se as *individuais*, advindas da individualidade do sujeito cognoscente e comunicativo; as *institucionais*, provenientes das organizações da sociedade civil como a família, a escola, o local de trabalho, a igreja e os sindicatos, que implicam em produção de significados, e, concomitantemente, em produção de cultura; as *massmediáticas*, oriundas dos meios de comunicação, através das quais o processo de percepção é modificado de acordo com o veículo utilizado; as *situacionais*, relativas à situação em que ocorre a recepção e às motivações que incentivaram a busca da informação; e as *de referência*, que dizem respeito ao contexto e ao ambiente da recepção, envolvendo questões como idade, gênero, etnia, raça e classe social. No caso específico das crianças, Orozco afirma que as mediações institucionais ocorrem, principalmente, através da família, dos amigos e da escola.

De acordo com Martín-Barbero (*Ibid.*:115-116), as mediações manifestam-se em práticas concretas que envolvem a *socialidade*, a *ritualidade* e a *tecnicidade* dentro do ambiente cultural e comunicativo. Isso porque através da *socialidade* presente nas práticas cotidianas, ocorre a negociação de poderes e espaços dentro da dinâmica social; pela *ritualidade*, os sujeitos e os grupos criam rotinas capazes de

assegurar e renovar a produção cultural e os sentidos dessa; enquanto as diferentes formas de encarar a presença da tecnologia no mundo, reflete-se na *tecnicidade*, que é composta tanto pela concepção instrumental de que os recursos tecnológicos promovem o progresso técnico da sociedade, quanto pela concepção alicerçada na interferência desses nas dinâmicas sócio-culturais, provocando diferentes percepções que interferem no processo de formação e educação das pessoas.

Os Estudos em Recepção mostram que, ao contrário do que teme a administração de *Bona Espero*, o contato de seus alunos com a televisão não vai destruir o que é trabalhado na prática pedagógica da instituição, mesmo se esse não for mediado, pois os alunos contam com suas mediações individuais, compostas por valores e conceitos anteriormente trabalhados e já estabelecidos. Além disso, existe também a mediação que a própria instituição pode desenvolver em relação à programação televisiva, tomando os pontos a serem criticados nos programas como suportes para debates com o grupo, reforçando assim, sua prática educativa.

A professora de música que exerce um trabalho voluntário em *Bona Espero* tem uma visão sobre a televisão menos séptica do que a da administração, pois a enxerga como um meio educativo, afirmando que o contato mediado com a mesma, é de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças:

A televisão para mim é um meio educativo, você não pode tirar a criança do mundo. A própria Bíblia fala: "Não os tire do mundo, mas livre do mal". A televisão também é educativa. E tem a coisa de todo mundo estar assistindo, conversando, aquele momento é muito importante, mesmo a coisa negativa na televisão, é importante discutir com eles (Entrevista nº 11).

De acordo com os depoimentos, a professora de música não tem conhecimento dos atuais estudos sobre as relações entre os meios de comunicação e a educação. Segundo ela, em sua experiência de vida como mãe de dois filhos, foi aprendendo que se deve assistir televisão junto com as crianças, para fazer a devida mediação:

Eu não sou da violência, detesto filmes violentos, mas por exemplo, uma cena de sexo, como é que você vai administrar para um filho seu vendo a televisão? Você vai apagar? Eu antigamente, quando eu tinha filho pequeno, eu mudava de canal no controle. Se passava eu mudava. Um dia alguém falou: "Você vai poder fazer a vida inteira isso para eles? Ou fingir que aquilo ali é normal? Ou no momento que passa aquilo ali, ele nem nota, se desde pequeno ele está vendo aquilo?" Aí o que aconteceu: o meu filho chegou, foi numa livraria, tinha revistas, a Revista Playboy com a mulher de tudo quanto é jeito e ele falou: "Mãe, eu vi uma mulher lá com a xoxota toda de fora, e um homem lambendo ela." Aí eu falei assim: "Ah filho, mas no mundo animal também é assim. Você não vê a cachorra não lambe? Cada um tem um jeito." Eu estava dentro de casa e ele saiu e viu. Ele foi procurar um livro, porque ele gosta de ler. Mas você pode evitar o mal? Ou você vai conversar sobre o mal com a criança, e criar oportunidade de conversar? (*Ibid.*).

Vale lembrar que o ambiente de recepção em *Bona Espero* é privilegiado, pois conta com os três principais agentes de mediação institucional das crianças, enfatizados por Orozco, sendo eles a escola, a família e os amigos. Isso porque *Bona Espero* funciona como escola e como família para seus alunos, que têm no próprio grupo um forte círculo de amizades. Com tais características, a instituição pode transformar a proibição do acesso à televisão em um espaço de debates, contando com inúmeras possibilidades e meios de se fazer a mediação da programação, de modo a formar criticamente seus alunos frente aos conteúdos veiculados, ao invés de afastá-los dos mesmos.

Além disso, mais cedo ou mais tarde, os alunos de *Bona Espero* terão contato com a televisão, seja no período de férias ou quando saírem definitivamente da instituição. Dessa forma, entende-se que a mediação dos conteúdos veiculados nos meios de comunicação por parte da instituição, seria uma atitude muito mais educativa do que a proibição, pois assim os alunos teriam a oportunidade de formar opiniões críticas sobre a televisão, ao invés de saírem de *Bona Espero* totalmente sem instrução sobre o assunto, e, o que é pior, com uma possível "sede" de televisão acumulada durante anos de proibição.

6. O contato com outras pessoas nas escolas de Alto Paraíso de Goiás

Desde o início do ano letivo de 1998, a escola que funcionava na fazenda foi fechada por falta de recursos orçamentários e humanos para sua manutenção. Desde então, as crianças e adolescentes residentes em *Bona Espero* que cursam o Ensino Fundamental, estudam na E.M. Zeca de Farias, em Alto Paraíso de Goiás.

De acordo com a administração de *Bona Espero*, depois que os alunos começaram a freqüentar a escola na cidade, eles apresentaram melhorias em sua socialização, pois antes ficavam somente na fazenda e, em que pese a diversidade de pessoas que passam constantemente por ali, apresentavam dificuldades de convivência em grupos sociais diferentes (Diário de Campo, 20/04/99).

A avaliação dos administradores de *Bona Espero* é confirmada em diversos depoimentos de pessoas que têm familiaridade com os alunos, que afirmam que a mudança da escola da fazenda para a escola da cidade trouxe muitos benefícios, pois agora eles têm a oportunidade diária de conviver em um outro ambiente, com pessoas diferentes das que circulam no dia-a-dia da instituição:

Eu acho bom sim, porque na *Bona Espero* eles ficam muito fechados, eles não têm contato muito com a sociedade, né. Aí no Alto Paraíso eles têm mais contato. Agora, tipo assim, os alunos mesmo, lá na *Bona Espero* era sempre aqueles mesmos alunos, e lá na cidade são alunos diferentes (Entrevista nº 31).

Eu encaro assim como eu encaro a televisão dentro da sociedade, eu encaro uma escola dentro de uma fazenda como essa. Eu particularmente, se eu tivesse num lugar assim eu não colocaria as crianças para estudarem, ter escola dentro do local. Eu acho que a criança precisa de socializar, precisa de conhecer o mundo, senão ela vai viver no mundo da fantasia (Entrevista nº 11).

Os professores das escolas de Alto Paraíso de Goiás nas quais os alunos de *Bona Espero* estudam, também avaliam que o contato com outras pessoas é um fator agregador no processo educativo e socializador dos mesmos. De acordo com

os depoimentos dos professores, quando foi feita a mudança, os internos de *Bona Espero* demonstraram-se bastante arredios ao novo ambiente, fechando-se em seu próprio grupo, mas em pouco tempo conseguiram integrar-se com os demais alunos:

Eu acho que é positivo sim, porque (...) eles lá têm um grupo menor, e aqui eles estão conversando, adaptando com crianças, com outro tipo de crianças, um grupo diferente e para eles é positivo. Eles vão crescer muito mais do que ficar somente com o grupinho deles lá. Eu acho que eles vão crescer muito mais (Entrevista nº 13).

Eu acho positivo. Eu acho que enriquece mais a vida deles a convivência com um número maior de crianças da idade deles. A gente nota que no início eles eram um pouco mais retraídos. Hoje não. Eles já aumentaram o número de amigos e estão mais soltos (Entrevista nº 15).

O contato com as pessoas de Alto Paraíso de Goiás, nas escolas ou na vizinhança da Casa do Estudante, possibilita a quem vive em *Bona Espero* conhecer diversas maneiras de conviver e lidar com os outros, pois as realidades apresentadas muito se diferenciam das que estão acostumados a vivenciar no dia-a-dia da instituição. De acordo com uma aluna, os laços estabelecidos na cidade ampliam o leque de amizades de quem vive em *Bona Espero*, possibilitando uma maior inserção e interação com a comunidade local:

Eu acho legal, porque a convivência lá fora num é igual a daqui da *Bona Espero*. Então, quando a gente fica lá que tem a convivência com outros colega a gente vê que é totalmente diferente, mas eu acho que é melhor, porque aqui a gente acostuma só com os que tão aqui, e quando a gente chega lá fora, a gente acha estranho, é diferente o mundo, mas a gente vai vê passado um tempo que é a mesma coisa, o mesmo mundo, só que é com pessoas diferente, outro tipo de convivência. Só esse ano que eu tô estudando lá eu tenho muitos amigos, na escola, lá perto da *Bona Espero* tem muito amigo, ex-aluno, vizinhos que moram lá (Entrevista nº 27).

Entretanto, existem outras pessoas que conviviam com os alunos de *Bona Espero* antes deles irem estudar na cidade, que afirmam que os efeitos da integração nesse novo ambiente social não são somente positivos, pois nas escolas de Alto Paraíso de Goiás eles têm contato com outras realidades muito diferentes, que acabam entrando em choque com a prática pedagógica e educativa da Fazenda-Escola:

Tem o lado positivo e o lado negativo. Por um lado, por exemplo, eu fui criada lá, vivi mais tempo lá, sem muito contato com o mundo fora, e é importante ter esse contato com o mundo de fora. Então você vive uma outra realidade, mas ao mesmo tempo você pega algumas coisas que não seriam boas, alguns exemplos, alguns tipos de vida que outras pessoas levam. Em relação aos alunos que hoje estudam aqui, eles lá têm uma vida com disciplina, com regras, com responsabilidade, e às vezes, ao virem pra cá, eu já percebi isso, que muitos estão em conflito em relação a isso, porque os colegas daqui não têm esse mesmo tipo de vida, e nem todos têm a cabeça realmente madura para aceitar isso, para conseguir assimilar isso. Lá é um trabalho muito diferente, mas também nós não podemos deixar as crianças numa redoma de vidro, numa vida artificial, eles têm que ter contato com isso, e vão aprender, mais cedo ou mais tarde (Entrevista nº 4).

Além disso, na opinião de duas ex-alunas que hoje são professoras da E.M. Zeca de Farias, mas que já foram professoras em *Bona Espero*, com a mudança para a escola da cidade, os alunos ganharam em convívio social, mas saíram perdendo no conteúdo e na qualidade do ensino. Isso porque antes, eles tinham a oportunidade de estudar em salas de aula com um número reduzido de pessoas, o que garantia um acompanhamento quase que individual por parte do professor, com uma qualidade de ensino muito superior às escolas da cidade:

Eu acho que lá em *Bona Espero* eles aprendiam mais e aprendiam a conviver com mais educação com as outras pessoas. Aqui é bom porque eles convivem com outras pessoas, eles saem de lá, não ficam o tempo todo na Fazenda. Nesse ponto é bom, mas nas matérias mesmo, na

didática, eu acho que lá era mais forte, melhor, porque tem menos alunos e o professor dedica mais tempo aos alunos, que são menos aí eles aprendem mais, porque aqui as salas são bem mais cheias e os alunos são bem menos comportados do que lá (Entrevista nº 10).

Antes era bem melhor, o rendimento. Eu fui professora lá e o rendimento era outro, porque tavam ali com a gente, a gente sabia o andamento de cada criança, então a vinda pra cá é difícil realmente, ter acabado com a escola lá é muito difícil. Primeiro o transporte pra vir, esse vai e vem, e também o aprendizado era outro. Eu estudei lá e quando saí pra estudar em outro colégio, eu não tinha dificuldade nenhuma, porque o ensino quando era lá era ótimo. Tinha mais qualidade, nem se compara com os estudo daqui. Mas por outro lado, as crianças podem ter contato com outras crianças agora. Isso não tinha antes (Entrevista nº 32).

Observa-se que a referência que essa ex-aluna faz às dificuldades relativas ao transporte dos internos de *Bona Espero* para a cidade tem seus fundamentos, pois a estrada na qual as *kombis* da Prefeitura transitam todos os dias para conduzi-los, além de não ser asfaltada, é de péssima qualidade e não recebe a manutenção adequada. Esta estrada é muito utilizada, pois dá acesso ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, ao Vale da Lua, às diversas cachoeiras e ao povoado de São Jorge, pontos turísticos bastante visitados na região, o que colabora para o desgaste de seu estado físico.

Apesar de todas as ressalvas referentes à transferência dos alunos de *Bona Espero* para as escolas da cidade, entende-se que tal deslocamento traz muitos benefícios aos internos, tendo em vista que o grupo é um meio educativo por excelência, sendo a convivência social o principal pilar da aprendizagem e do desenvolvimento dos indivíduos, em especial, das crianças.

De acordo com Vygotsky (1998), a relação homem-mundo não ocorre de forma direta, pois é mediada pelos instrumentos, pelos signos e por todos os elementos culturais presentes no ambiente no qual o indivíduo se insere; ambiente esse que é fruto das relações humanas.

Nesse entendimento, a criança, desde o nascimento, está inserida em um meio social determinado histórica e culturalmente, participando ativamente deste

ambiente, modificando-se e interferindo nos demais sujeitos que com ela interagem e no meio em que vive. Assim sendo, o pensamento é construído gradativamente num ambiente histórico que em essência é social, de modo que a interação social possui um papel muito importante no desenvolvimento cognitivo das pessoas. Segundo Vygotsky (*Ibid.*: 75), toda função no desenvolvimento cultural de uma criança ocorre primeiro no nível social, entre pessoas ou nas *relações interpessoais*, para depois atingir o nível individual, dentro do próprio sujeito, nas *relações intrapessoais*.

Desse modo, o desenvolvimento, a aprendizagem e o conhecimento, são processos que não ocorrem apenas a partir da ação do sujeito sobre a realidade, ou dessa sobre o sujeito, mas sim, através das *relações interpessoais* estabelecidas com o meio, e das *relações intrapessoais*, frutos dos processos de sintetização que o indivíduo realiza dos signos, instrumentos e elementos culturais que estão a sua volta.

O movimento de utilização dos meios externos como mediadores da ação humana, é denominado por Vygotsky (*Ibid.*: 74) como *processo de internalização*, no qual uma operação externa é reconstituída internamente, ou seja, quando as pessoas passam a pensar e atuar no ambiente social em que estão inseridas a partir da vivência que elas obtiveram no decorrer de sua formação:

A internalização das formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos (...) A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana (*Ibid.*: 76).

Isso quer dizer que é através da interação social, que os grupos culturais desenvolvem-se e adotam determinadas dinâmicas de vida que formam pessoas de acordo com seus modos culturalmente constituídos de ordenar a realidade: “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (*Ibid.*: 115).

Na perspectiva apontada por Vygotsky, o papel do outro assume uma importância significativa no desenvolvimento infantil, pois através das várias mediações da criança e das atividades partilhadas com os demais indivíduos que estão a sua volta, ela torna-se um ser historicamente social. Para este autor, o caminho percorrido pela criança para alcançar um determinado objeto ou estabelecer relações, perpassa pela mediação do outro, de forma que se aprende dos outros e com os outros.

Nesse sentido, afirma-se que o universo constituído dentro de *Bona Espero* traduz-se em um rico espaço de aprendizagem e desenvolvimento, tendo em vista que na instituição, diariamente convive um grupo heterogêneo composto por cerca de quarenta pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, com as mais diferentes formações, histórias de vida, objetivos e anseios.

Entretanto, sendo a aprendizagem e o desenvolvimento humano processos fundamentalmente sociais, entende-se que o convívio com outras pessoas que pertencem a meios sócio-culturais diferentes da Fazenda-Escola, permite que os alunos de *Bona Espero* ampliem seus horizontes, pois quanto mais diversificado forem os meios de circulação e interação social desses, maior será o desenvolvimento cognitivo que alcançarão. Ao estabelecerem contato com uma diversidade de indivíduos e comportamentos distintos dos que costumam vivenciar no interior da instituição, os alunos de *Bona Espero* estarão trocando experiências, confrontando realidades e aprendendo coisas novas com outras pessoas.

7. A divisão de tarefas e a disciplina como princípios pedagógicos

A Fazenda-Escola *Bona Espero* é mantida diariamente por quem nela vive, pois além de não ter empregados, o trabalho é um dos princípios pedagógicos defendidos e incentivados pela e na instituição. Em *Bona Espero* existem dois tipos de tarefas: as individuais, que dizem respeito aos pertences de cada um, incluindo a cama, as roupas e demais objetos pessoais; e as coletivas, referentes à manutenção

diária da instituição, que incorpora os alunos, os administradores, os voluntários e os visitantes.

A pontualidade e a disciplina com que as tarefas são cumpridas, sem que se precise estar chamando a atenção, mesmo das crianças menores, para as obrigações individuais e coletivas, é praticamente impecável. Como foi dito anteriormente, percebe-se que o rigor apresentado na execução das tarefas, em grande medida, pode ser proveniente de um dos maiores lemas de *Bona Espero*, inspirado na pedagogia de Célestin Freinet, que é a "responsabilidade na liberdade", ou seja, quanto mais responsável se é junto à comunidade *bonaesperense*, maior é o grau de liberdade que se tem dentro da mesma.

É o que acontece com os alunos que têm mais tempo de casa, pois eles, ao longo dos anos, vão se tornando líderes dentro da comunidade. Além disso, os alunos mais antigos auxiliam na divisão das tarefas, que é elaborada coletivamente em reuniões do grupo. Nestas ocasiões, é confeccionada uma lista com os afazeres e seus respectivos responsáveis. A divisão que se origina de tais reuniões tem duração de um a seis meses, como relatam os alunos em uma entrevista coletiva:

Senta todo mundo e cada um escolhe o que quer fazer. / As meninas grande pegam um papel e vai escrevendo o nome de cada um. O serviço que elas acha que pode dá pra gente, elas pega e vai escrevendo na lista. Elas pergunta pra nós, e se nós concordá, dá pra tia Ursula, e tia Ursula pega, tira xerox e cola na parede. / É, mais se uma pessoa não gosta dum serviço ela troca com outra. As grande tão aqui a mais tempo e já sabe dos serviços que tem. / A lista fica um mês ou seis meis. Cada um já sabe o que tem que fazê. Se entra uma pessoa ou sai, aí substitui (Entrevista nº 21).

A divisão de tarefas em *Bona Espero* obedece à praticamente dois critérios: o da idade, incluindo a capacidade que o aluno vai adquirindo em executar as tarefas, e o do rodízio de pessoas em determinados serviços:

...nós não podemos dar um serviço de um adolescente para um de nove anos, porque vai pesar muito pra o de nove. O serviço é dividido conforme a idade (Entrevista nº 26).

As tarefas são quase as mesmas, as das crianças é que é um pouco mais fácil que dos adolescente, mais leve (Entrevista nº 27).

...eu num gosto de limpá o banheiro (...) um dia uma menina limpa, o outro eu (...) porque tá ali na lista, na parede, a lista das tarefa (...) não foi eu que escolhi, mas era a minha vez, agora eu tenho que fazê até o fim do mês (Entrevista nº 25).

A lista da divisão de tarefas elaborada nas reuniões com o grupo, fica fixada em um cartaz ao lado da porta central do refeitório da fazenda, lugar de bastante destaque. As tarefas vão desde a organização dos quartos e da casa, passando pela preparação dos alimentos, cuidados com os animais, hortaliças e plantações, parte recreativa e auxílio nos estudos dos alunos. É muito comum presenciar crianças, adolescentes e jovens em estágio escolar mais avançado, estudando junto com os que estão sendo alfabetizados, ou ajudando aqueles que apresentam dificuldades em determinada matéria ou conteúdo escolar.

Todos lavam louças uma vez por semana, pois a cada dia quatro ou cinco pessoas são previamente escaladas como responsáveis pela cozinha. Os alimentos são preparados conjuntamente. Todos os moradores, incluindo os voluntários e os visitantes, cozinham juntos, fazendo sempre um rodízio de cardápio e tarefas.

O cardápio do dia é sempre proposto e votado pela equipe responsável. Após a aprovação, comumente é escrito em um quadro-negro localizado na parte superior da porta da cozinha, permanecendo ali até a preparação da próxima refeição. Na fazenda, a alimentação é realizada em um amplo refeitório conjugado com a cozinha, e na Casa do Estudante, no salão principal. Quando a alimentação está pronta, os moradores são avisados através de um sino localizado em uma das varandas da fazenda, e se esses gostam da comida, costumam parabenizar quem a preparou com uma salva de palmas.

Não se observou diferenças na divisão de tarefas quanto ao gênero, sendo bastante comum ver meninos ajudando na cozinha, na lavanderia ou lavando louças, e meninas cuidando da horta:

Não temos divisão de tarefas quanto ao gênero. Todos sabem limpar banheiro, todos sabem cozinhar, todos sabem limpar, e todos sabem trabalhar na enxada. Agora, na oficina, as meninas não estão muito preparadas. Mas elas insistem (Entrevista nº 1).

Segundo os depoimentos, apesar de às vezes não gostarem de alguns serviços, como limpar o banheiro, ou então não estarem dispostos, em determinados momentos, a estarem trabalhando, os alunos não reclamam da divisão de tarefas, pois afirmam que assim, ninguém fica sobrecarregado, e ainda sobra tempo para que eles possam realizar outras atividades:

É legal pra todo mundo. Cada um faz uma coisa e não carrega ninguém (Entrevista nº 21).

Eu acho que é muito bom, porque cada um tem a sua tarefa, é tudo dividido, nenhum escora no outro. Não pode dizer que trabalha muito e o outro não faz nada. Cada um aqui tem sua tarefa de limpar a casa ou de cuidar da horta, e quando um tá trabalhando, todos também tão. Aqui é todos trabalhando ou nenhum (Entrevista nº 27).

Eu acho isso muito justo, muito bom, porque num pesa muito só pra um, e quando um tá fazendo aí o outro pode ajudá. Num é só um que trabalha assim direto, direto, direto. Sempre tem todos trabalhando ou então nenhum (Entrevista nº 26).

Entretanto, observa-se que nem sempre as regras relativas à divisão de tarefas e aos horários em que essas devem ser realizadas, são cumpridas da maneira estabelecida. De acordo com os alunos, quando eles não estão dispostos a fazer algum serviço, acabam encontrando formas de não participar das atividades de trabalho:

Aqui quando eu num quero brincá eu trabalho mais de que brinco. Aí quando eu quero brincá, eu brinco mais de que trabalho. A maioria das veiz a tia nem vê (Entrevista nº 24).

Às vezes eu faço o meu serviço e ajudo quem é da cozinha. Outras eu fico só fazendo as coisas que eu quero fazer (Entrevista n 21).

De acordo com os depoimentos, quando os administradores percebem que os alunos não cumpriram as tarefas como havia sido estabelecido, eles têm que refazer o serviço: *“Quando tem que fazer uma coisa e a pessoa não faz ou não faz direito, aí a tia Ursula briga e coloca pra fazer direito, e fala assim que serviço de gente pragueiro é pra fazer duas vezes” (Ibid.).*

Além disso, constantemente os administradores reúnem o grupo para discutir problemas que surgem no dia-a-dia da instituição, tais como a indisciplina e o não cumprimento das obrigações individuais que são assumidas com o grupo. Percebe-se que em tais ocasiões, a conversa mais se assemelha a um sermão, tendo em vista que os alunos escutam, na maioria das vezes calados, o que a administração tem a lhes dizer. Poucas vezes presenciou-se debates mais calorosos, em que eles apresentam suas argumentações:

... nós formamos equipes e mandamos já, em miniatura, ensinar eles a tomar decisões, que muitas vezes dá problemas, fracassa, dar excesso de abuso de poder. Assim: uma menina tem que cuidar de cinco meninos, aí ela faz tudo o que não presta, mas nós damos a chance. Juntamos todos e conversamos. Estes são os problemas pequenos, mas eles são muito grande, porque eles formam o caráter (Entrevista nº 1).

Na opinião de Estrela (1992), entre os membros de um grupo existem normas de conduta e uma constante partilha de papéis que geram expectativas, acabando por determinar seus anseios e ações. Quando o grupo submete a vontade particular à geral, criando condições harmoniosas de funcionamento e convivência, as normas de conduta são facilmente absorvidas em seu interior, uma vez que são aceitas e legitimadas. Entretanto, *“quando as regras são impostas pela vontade do líder sem consulta ou negociação com os membros do grupo, elas podem gerar conflito e contestação e originar o aparecimento de regras informais (...) que se opõem claramente às regras estabelecidas...” (Ibid.:55).*

Pode-se afirmar que os alunos de *Bona Espero* procuram espaços e oportunidades para também exercerem um poder de autoridade, nos que estão sob sua responsabilidade imediata, o que é relatado pela administração da Fazenda-Escola enquanto um “excesso de abuso de poder” (Entrevista nº 1). Uma das questões mais observadas na instituição, é a falta de um espaço para o diálogo, em especial no que se refere aos problemas do dia-a-dia, o que pode estar refletindo em algumas atitudes dos alunos, consideradas de cunho autoritário pelos administradores.

Para uma ex-aluna de *Bona Espero*, quanto mais tempo de permanência na instituição tem o interno, maior é a disciplina e a responsabilidade que ele apresenta em diversas esferas da vida:

Se tem pouco tempo que chegou lá eu acho que não destaca muito não. Mas se tem muito tempo que mora lá eu acho que destaca sim, porque o nível de lá é um pouco mais puxado. Eu tenho que tirar por mim mesma, porque eu, no começo quando vim pra cá, no começo do segundo grau eu tive sempre boas notas (Entrevista nº 10).

A rotina da Fazenda-Escola, repleta de regras e de disciplina, tem influenciado o comportamento de seus alunos em outros momentos de suas vidas, quando estão em ambientes diferentes. Em entrevistas com professores das escolas de Alto Paraíso de Goiás, a disciplina e o bom comportamento aparecem como uma qualidade inerente aos alunos de *Bona Espero*, fatores que os destacam nas escolas que freqüentam, em relação aos outros estudantes. Para a diretora da E.M. Zeca de Farias, a disciplina é um ponto positivo na educação dos alunos da Fazenda-Escola:

Em termos de disciplina, eles são bem disciplinados, são crianças muito educadas e eu não tive problema nenhum com eles. Eles (...) se destacam, porque aqui na zona urbana as crianças têm muito problema de disciplina, muitos mesmo, e eles são exemplos, praticamente exemplos (Entrevista nº 13).

No C.E. Moisés Nunes Bandeira, a opinião dos professores acerca do comportamento dos alunos que moram em *Bona Espero* não é diferente:

... a disciplina é um ponto forte, a responsabilidade também é muito bem trabalhada com eles, eles já trouxeram esse valor. São alunos que na maioria têm um bom aproveitamento. Tem exceções, mas são dois ou três só. No mais, todos estão integrados, rendendo (Entrevista nº 14).

Eles são bastante integrados, são bastante interessados também. Eu acho que se tivesse que destacar alguma coisa no comportamento deles com relação aos outros alunos eu diria que em alguns aspectos, pelo menos na minha matéria, eles mostram bastante interesse nos trabalhos de pesquisa (Entrevista nº 15).

Uma ex-aluna da Fazenda-Escola, que atualmente é professora das crianças na E.M. Zeca de Farias, vê na vida com regras e na disciplina, o principal diferenciador entre as crianças e adolescentes que vivem na instituição, e seus demais alunos:

Eles têm uma vida com regras, com disciplina, têm horários para estudar, para brincar, têm responsabilidades, cada um tem o seu serviço, sua obrigação, e eu tenho na minha sala três alunos que são de lá, e há muita diferença entre esses alunos e os outros, justamente por isso, pela convivência em casa, que eles vêm de casa com uma bagagem, e os alunos daqui da cidade, eles têm mil problemas em casa, não digo que os alunos de *Bona Espero* não tenham, porque às vezes têm até mais, mas como eles vivem em um ambiente saudável, que tenta recuperar o que eles sofreram em casa, os traumas da família verdadeira, eles têm uma vida diferente, um comportamento diferente, eles aprendem a respeitar, enquanto que têm outros que têm problemas de disciplina de não respeitar o professor, de não nos ver como um educador, eles até agredem com palavras, com ofensas, enquanto que os da *Bona Espero* eu não creio que possa encontrar, eu não digo que não exista, mas é mais difícil, porque eles têm uma atitude de respeito, todos nós lá aprendemos a respeitar os mais velhos, e então tem muita diferença mesmo. Eles são alunos mais dóceis, realmente alunos que estão mais dispostos a aprender, têm muita

dificuldade na aprendizagem, mas eles estão com mais vontade, porque eles vêm de um ambiente um pouco mais sofrido, e lá eles aprendem também a dar valor no que eles estão recebendo (Entrevista nº 4).

De acordo com uma das primeiras alunas de *Bona Espero*, que criou seus oito filhos na Fazenda-Escola, os elementos pedagógicos mais fortes e mais presentes na vida dos internos são a disciplina, o trabalho e a responsabilidade:

... caso sai argum minino e falá qui tá robano, num foi aprendido em *Bona Espero* não. Que isso aí eles insina minino deus di piqueno, cumé qui convive, o que o minino deve fazê. Se minino pegá uma coisa assim, uma fruta ô uma coisa sem falá cum eles, aí ela vai e corrige, vai explicá que num pode fazê aquilo. Minino aí num pega mal feito aí não. Se fazê alguma coisa num tem que culpá a *Bona Espero*, porque eles aí essas coisa aí eles num apóia não (Entrevista nº 29).

Percebe-se que esta ex-aluna identifica-se muito com o modelo educacional adotado em *Bona Espero*, principalmente no que diz respeito ao princípio pedagógico do trabalho. Segundo seu depoimento, o trabalho deve ser um dos pontos principais da educação, pois assim as crianças vão valorizando-o:

...meus filho hoje é tudo trabalhado, porque desde piqueno que meus minino é sempre incentivado. Minino a gente num pode apertá cum serviço, mas tem o serviço de criança fazê tamém pra eles nunca perdê aquele costume de fazê seu servicim, pra num criá minino atoa, que eu acho qui culpa memo di minino ficá robano, essas coisa, mais é dos pai tamém. Às veiz tem minino muito solto, e minino já cumeça a fazê as pintura. Os meus num pegaro esse caminho purisso, porque tem o serviço deles di minino, o tanto qui minino pode trabalhá no dia. Coisa assim, que minino num pode fazê é trabalhá desmariado, mais tem um servicim pra eles nunca ficá atoa, se ficá atoa ninguém dá conta de criança. É difícil, minino em qui incentivá deusde piquinim. Meus minino qui si criô pelo meno foi incentivado assim do meu lado e do lado da *Bona Espero* (*Ibid.*).

Entende-se que a divisão de tarefas adotada em *Bona Espero*, além de possibilitar a afirmação do senso de responsabilidade em seus alunos, promove também o exercício da disciplina (individual e coletiva) e do compromisso com a comunidade.

Um exemplo disso pode ser ilustrado pelos períodos em que os administradores se ausentam da instituição, seja para participar de congressos, encontros esperantistas e seminários relativos à infância e juventude, ou então quando saem de férias, uma vez por ano. Em tais ocasiões, os alunos ficam com pessoas de confiança da administração, tais como ex-alunas ou voluntárias, como a professora de música. De acordo com os dados, quando estão sob a responsabilidade de outras pessoas que não os administradores, os alunos não adotam posturas e comportamentos diferentes dos que apresentam no dia-a-dia:

Toda vida teve disciplina. É tudo horário certo, té de levantá e deitá, tudo é horário certo, toda vida teve. Eu acho que isso é bão, porque os minino já fica completamente comportado, que se num tivesse ensinado eles, eles dava trabalho e às veiz quano ela pricisasse viajá, que dexasse os minino com otras pessoa, aí era hora dos minino fazê bagunça, mais os minino num faiz bagunça nenhuma. Quando ela sai, fica otra pessoa que às veiz nem num é daí, os minino comporta direitim. Eles já sabe o horário certo da cumida, tudo, então eles comporta direitim (*Ibid.*).

Um outro exemplo da disciplina coletiva e individual apresentada pelos alunos, pode ser visto nas paredes das instalações da Fazenda-Escola e da Casa do Estudante, sempre limpas e sem riscos, apesar de abrigarem uma grande quantidade de crianças. Segundo os administradores, o segredo disso está tanto no trabalho pedagógico e disciplinar desenvolvido pela instituição, quanto em diversos quadros-negros espalhados pelos cômodos das casas, que contam com giz em abundância, para que os alunos possam rabiscá-los a vontade:

Os alunos mesmos mantêm suas salas de aula arrumadas, limpas e pintadas. Não temos empregados, evidentemente. Isso quer dizer que se pinta a escola e por isso eles não sujam, porque eles pintam. E temos

quadros-negros em todas as salas, não só de aula, mas nas casas também, de maneira que podem se divertir, rabiscar onde quiser, mas nunca nas paredes (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 33'40).

Para uma ex-aluna de *Bona Espero*, a divisão de tarefas, além de ser necessária à manutenção da instituição, é um elemento educativo muito forte, pois possibilita que os alunos adquiram responsabilidade e disciplina, qualidades que, segundo ela, permanecerão com eles no resto de suas vidas:

Eu acho ótimo a disciplina, porque assim quando a criança sai dali, ela já sabe quais os limites que eles devem. A divisão de tarefas também, porque se não dividir, eles não sabem nem como poderiam fazê o trabalho, então se cada um já sabe o que fazê, já não precisa tá mandano. Eles já sabe o que deve ser feito, então cada um cuida da obrigação sua. Isso eles vão levar pro resto da vida deles (Entrevista nº 32).

Na opinião de diversas pessoas que convivem com *Bona Espero*, a rigidez das regras e o rigor disciplinar são atribuídos, em grande medida, à nacionalidade alemã de Ursula, que conta com tais traços característicos, pelo menos na visão que circula no senso comum da sociedade brasileira. De acordo com a mãe de duas ex-alunas: "*A disciplina lá é bem rígida, porque a Ursula é alemã, e eu achei muito bom porque elas ficam melhor educadas para a vida*" (Entrevista nº 30).

8. O princípio do trabalho como processo educativo e emancipatório

O trabalho como princípio educativo, bem como a própria estruturação de *Bona Espero*, são semelhantes a alguns elementos presentes na discussão de Antônio Gramsci acerca da chamada escola unitária. Entretanto, ressalta-se que esta discussão não está presente na proposta pedagógica da instituição.

Entende-se que a própria concepção da função social de *Bona Espero*, resgata o princípio elementar da escola unitária defendida por Gramsci, visto que aquela tem o intuito de oferecer uma formação a seus alunos que extrapola a esfera escolar, estendendo-se a outros aspectos da vida.

Na visão de Gramsci (1989-a), a escola deveria formar o indivíduo por inteiro, superando as dicotomias entre o ensino "humanista", para as classes dominantes, e o "profissional ou profissionalizante", dirigido às classes dominadas. Isso porque, para este autor, todas as profissões estão permeadas por conteúdos intelectuais e culturais, e embora nem todos os indivíduos exerçam funções de intelectuais na sociedade, todos são intelectuais, pois não existe atividade humana que não seja atividade intelectual, assim como não existe trabalho puramente físico:

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens* (...) todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (*Ibid.*: 7,8. Grifos do autor).

Estando os indivíduos inseridos em um constante movimento de elaboração e atividade intelectual, Gramsci defende que a escola deveria contemplar tanto o trabalho, quanto a teoria. Para isso, ele propõe a criação do que chama de escola unitária, de cunho eminentemente formativo e emancipatório, englobando tanto a prática profissional, quanto o exercício intelectual:

A escola unitária ou de formação humanista (entendendo este termo, "humanismo", em sentido amplo, e não apenas tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa (*Ibid.*: 121. Grifos do autor).

Assim como se percebe na prática pedagógica e cotidiana de *Bona Espero*, a escola unitária, no sentido gramsciano, é a escola do trabalho intelectual e manual, cujo objetivo maior é a formação de uma autonomia intelectual e moral tanto para os estudos futuros, quanto para o exercício profissional dos educandos.

Para Gramsci (*Ibid.*:130), enquanto atividade teórica e prática, o trabalho tem o papel de inserir os educandos na ordem social e estatal, expressa através dos direitos e dos deveres cívicos. Como suposto básico da escola, este autor destaca que o trabalho deve ser realizado através do conhecimento das leis naturais e de uma ordem legal que regule organicamente a vida humana.

Entre os princípios e práticas pedagógicos adotados em *Bona Espero*, observa-se que o trabalho é o que mais se destaca, sendo o eixo central da proposta educacional da Fazenda-Escola, pois além de ser fundamental para sua manutenção, serve de pilar para as demais categorias educativas e formativas dos alunos, tais como a disciplina, a responsabilidade, a moral e a autonomia:

...evidentemente educamos o homem na ética do trabalho. O trabalho faz parte da vida, já na Bíblia está escrito, e ninguém deve pensar que trabalho é punição, porque trabalho é realização, trabalho dignifica, qualquer trabalho feito com competência, com amor para o serviço do próximo é uma coisa muito positiva. Portanto, seja cantante, cozinheira, sapateiro, cabeleireiro, médico, engenheiro, não importa. Nós abordamos a possibilidade para as crianças que eles possam optar para qualquer profissão que eles desejam, agora, a preparação leva anos e tem uma base comum, que é a responsabilidade e a honestidade, ação, criatividade. Isso aprende no dia-a-dia, na vida familiar, nos pequenos trabalhos de colaboração na vida familiar (Entrevista nº 33).

Além disso, a divisão do trabalho e a disciplina, adotadas enquanto princípios educativos de *Bona Espero*, criam um ambiente que favorece a aquisição de responsabilidade e de consciência das relações existentes na ordem social estabelecida. Nesse sentido, entende-se que a proposta pedagógica da Fazenda-Escola, proporciona aos alunos possibilidades de uma elevação intelectual e moral,

uma vez que engloba a educação escolar e a formação humana, que extrapola os conhecimentos escolares, estendendo-se a outras esferas da vida.

A escola unitária gramsciana apresenta dois períodos básicos de formação, sendo que o primeiro tem como objetivo proporcionar ao aluno, a aquisição de uma cultura geral, para depois, na etapa seguinte, encaminhá-lo à preparação ao ensino universitário, englobando a atividade, a criatividade e a criticidade, tanto nos métodos, quanto nos conteúdos abordados. Vencidas essas duas etapas, o estudante seria inserido ao processo produtivo de fato. Segundo Gramsci (1989-a: 121), a escola unitária *“Deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa”*.

O primeiro período da escola unitária representaria as séries iniciais do atual Ensino Fundamental, com duração de três a quatro anos. Além de contar com as primeiras noções da alfabetização, esta fase também englobaria elementos da educação moral e política, ou seja, questões relativas à direitos, deveres, responsabilidade e relações entre Estado e sociedade:

O primeiro grau elementar não deveria ultrapassar três-quatro anos, e ao lado do ensino das primeiras noções “instrumentais” da instrução (ler, escrever, fazer contas, geografia, história), deveria desenvolver notadamente a parte relativa aos “direitos e deveres” atualmente negligenciada, isto é, as primeiras noções do Estado e da sociedade, como elementos primordiais de uma nova concepção do mundo que entra em luta contra as concepções determinadas pelos diversos ambientes sociais tradicionais... (*Ibid.*: 122. Grifos do autor).

Gramsci enfatiza que a primeira fase da escola unitária tende a disciplinar os educandos, até obter um “conformismo dinâmico” com os seus propósitos. É objetivo da escola unitária, introduzir a criança na vida estatal e na sociedade civil, para que possa aprender o convívio, as regras e convenções sociais, bem como as noções de direitos e deveres, ou seja, deve ser estruturada para possibilitar a

aquisição de disciplina coletiva e de cultura letrada aos alunos, antes do ingresso dos mesmos na escola formal:

Na organização interna da escola unitária, devem ser criados, pelo menos, as mais importantes destas condições, além do fato, que se deve dar por suposto, que se desenvolverá – paralelamente à escola unitária – uma rede de auxílios à infância e outras instituições, nas quais, mesmo antes da idade escolar, os meninos se habituem a uma certa disciplina coletiva e adquiram noções e aptidões pré-escolares (*Ibid.*, 123).

Nesse ponto, encontra-se outra analogia de *Bona Espero* com a escola unitária, pois aquela atende educandos de cinco a vinte anos de idade, o que quer dizer que existem internos na instituição que ainda não freqüentam a escola, mas que já estão inseridos em suas atividades, participando do cotidiano da comunidade, tendo contato com a cultura letrada, com uma vida disciplinada por regras e convenções que, como Gramsci enfatiza, propiciam a formação de conceitos e valores relativos aos direitos e deveres cívicos.

Entretanto, o autor afirma que a disciplina e o trabalho no interior da escola unitária, devem ser respeitados por convenção espontânea, e não apenas por imposição externa: “...por necessidade reconhecida e proposta pelos homens como liberdade e não por simples coação” (*Ibid.*: 130).

Sobre esta questão, observa-se que a divisão de tarefas em *Bona Espero*, principal reflexo do preceito pedagógico do trabalho, ocorre muito mais enquanto convenção espontânea do que por imposição da administração, como demonstram os depoimentos dos alunos, que se declaram a favor da partilha de serviços, afirmando que através da mesma ninguém da comunidade fica sobrecarregado, sendo que ainda resta tempo para outras atividades mais lúdicas, como as brincadeiras.

Ancoradas no princípio do trabalho, as categorias da disciplina, da responsabilidade, da moral e da autonomia humana, são introduzidas na prática pedagógica de *Bona Espero*, de modo que os alunos vivenciam as regras e normas referentes a direitos e deveres cívicos ali mesmo, no interior da instituição. Isso tem

auxiliado na educação dos internos, que se apresentam mais responsáveis, comportados e disciplinados, tanto na Fazenda-Escola, quanto em outros ambientes sociais.

Além disso, *Bona Espero* acaba cumprindo um papel estatal perante seus alunos, uma vez que essa arca com todas as despesas referentes ao material escolar, à manutenção e ao sustento dos internos. A atuação estatal junto à Fazenda-Escola limita-se às escolas públicas que seus alunos freqüentam e ao transporte escolar oferecido pela Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás para o grupo.

No tocante a esse ponto, Gramsci (1989-a: 121) salienta que a escola unitária requer que o Estado assuma as despesas relativas à manutenção dos escolares, que estão a cargo da família, o que implicaria na ampliação do orçamento para a educação, e na transferência da responsabilidade com a formação dos estudantes da esfera privada, referente às famílias, para a esfera pública, do Estado:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família, no que toca à manutenção dos escolares, isto é, que seja completamente transformado o orçamento da educação nacional, ampliando-o de um modo imprevisto e tomando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações toma-se, ao invés de privada, pública, pois somente assim pode envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas.

Ao defender tal estruturação para a escola unitária, Gramsci (*Ibid.*: 122,123) parte do suposto de que as crianças pertencentes à famílias pobres e rurais, não têm em seu ambiente familiar, acesso à cultura letrada e à uma série de bens culturais necessários ao sucesso da carreira escolar. Em tal contexto, ele enfatiza que a escola seria o instrumento pelo qual as crianças poderiam ter acesso a bens culturais, letrados e intelectuais, de modo a facilitar suas carreiras escolares. Isso ocorreria através da própria dinâmica da escola e dos elementos socializadores, pedagógicos e educativos ali presentes:

Numa série de famílias, particularmente nas camadas intelectuais, os jovens encontram na vida familiar uma preparação, um prolongamento e uma integração da vida escolar, absorvendo no "ar", como se diz, uma grande quantidade de noções e de aptidões que facilitam a carreira escolar propriamente dita: eles já conhecem, e desenvolvem ainda mais, o conhecimento da língua literária, isto é, do meio de expressão e de conhecimento tecnicamente superior aos meios possuídos pela média da população escolar dos seis aos doze anos de idade. (...) Assim, os alunos urbanos, pelo simples fato de viverem na cidade, absorveram já – antes dos seis anos – muitas noções e aptidões que tomam mais fácil, mais proveitosa e mais rápida a carreira escolar (*Ibid.*: 122,123. Grifos do autor).

Analisando o perfil dos internos de *Bona Espero*, encontra-se outra analogia da instituição com a escola unitária gramsciana, pois a maioria dos alunos advém de famílias de baixa renda do Nordeste goiano, considerado pelo IBGE como uma das regiões mais pobres do Estado, que conta com um índice de analfabetismo superior à trinta por cento da população (ASSUNÇÃO, 2000:2).

Quase todos alunos chegam à Fazenda-Escola com grande defasagem de escolaridade, sendo que muitos, apesar de já estarem entrando na adolescência, ainda não foram alfabetizados ou são semi-alfabetizados, representando a primeira geração de suas famílias a ter acesso à cultura letrada.

Em *Bona Espero*, os alunos entram em contato com um ambiente favorável à educação formal e à aquisição de cultura letrada, visto que a instituição conta com um leque de materiais pedagógicos e educativos inacessíveis às suas famílias de origem, tais como: os mapas e quadros-negros fixados em diversos cômodos das instalações da instituição; a abundância de livros com gêneros diversificados, incluindo os infantis e os gibis; a fartura de jogos e brinquedos, inclusive os de cunho pedagógico; os instrumentos musicais e as aulas de música; as fitas de vídeo que os alunos podem assistir; e o próprio contato diário com o grupo, composto por uma heterogeneidade de pessoas, que garantem uma constante troca de experiências.

Gramsci (1989-a: 123) enfatiza ainda que na escola unitária, o estudo deveria ser feito em grupo, com o auxílio dos professores e/ou de alunos que

apresentam melhores desempenhos: “...o estudo deveria ser feito coletivamente, com a assistência dos professores e dos melhores alunos, mesmo nas horas de aplicação, chamada individual, etc.”.

Observa-se que isso também ocorre em *Bona Espero*, visto que o acompanhamento dos estudos dos internos é feito de forma individualizada, com o auxílio da administração, de voluntários ou de alunos que estão em estágio escolar mais avançado. Como suporte das aulas individuais, a instituição conta com um acervo de materiais pedagógicos, composto por jogos e brinquedos que estimulam a aprendizagem. Além disso, os horários destinados aos estudos são comuns, de modo que todos estudam ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico.

O quantitativo de alunos, a preocupação com a qualidade da educação oferecida, a disposição física dos prédios e a dinâmica funcional de *Bona Espero*, também são muito semelhantes à estruturação que Gramsci (*Ibid.*:121,123) defendia para a escola unitária, tendo em vista que a mesma funcionaria atendendo a grupos restritos, contando com dormitórios, refeitórios, bibliotecas e salas amplas para seminários:

De fato a escola unitária deveria ser organizada como colégio, com vida diurna e noturna, liberta das atuais formas de disciplina hipócrita e mecânica, Também a questão dos prédios não é simples, pois esse tipo de escola deveria ser uma escola-colégio, com dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas, salas aptas ao trabalho de seminário, etc. por isso, inicialmente, o novo tipo de escola deverá ser – e não poderia deixar de sê-lo – própria de grupos restritos, de jovens escolhidos por concurso ou indicados, sob sua responsabilidade, por instituições idôneas.

Para Gramsci (*Ibid.*: 123), antes do ingresso dos alunos no segundo período da escola unitária, por ele denominado de “fase criadora”, os educandos já devem ter consigo os princípios da disciplina coletiva e individual. Isso porque, de acordo com o autor, a segunda fase da escola unitária, ocorreria tanto a partir de uma base já atingida de “coletivização” do tipo social, quanto da autonomia e responsabilidade para com uma consciência moral e social sólida:

Do ensino puramente dogmático, no qual a memória desempenha um grande papel, passa-se à fase criadora ou de trabalho autônomo e independente; da escola com disciplina de estudo imposta e controlada autoritariamente passa-se a uma fase de estudo e de trabalho profissional na qual a autodisciplina intelectual e a autonomia moral são teoricamente ilimitadas.

Assim, a última fase da escola unitária é um período decisivo, pois teria como principal objetivo consolidar uma base intelectual, moral, criativa, disciplinar e emancipatória nos educandos, de modo a contribuir para suas futuras especializações, sejam elas de caráter científico, no caso, referentes aos estudos universitários, ou de caráter prático-produtivo, diretamente relacionadas ao mercado de trabalho. Para isso, a escola unitária gramsciana deve ser organizada para trabalhar com os valores fundamentais do humanismo, da autodisciplina intelectual e da autonomia moral, capazes de garantir tanto a aquisição de conteúdos educativos, quanto a formação de senso criativo, crítico e emancipatório:

O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida deve começar nesta última fase da escola, e não deve ser mais um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora (GRAMSCI, 1989-a: 124).

Entende-se que tais características da escola unitária, assemelham-se à prática pedagógica adotada em *Bona Espero*, quando seus alunos alcançam o Ensino Médio e ingressam no campo científico e profissional. Nesses casos, eles vão estudar em Brasília, dependendo de *Bona Espero* para moradia, alimentação e manutenção. Demonstram já ter obtido um certo grau de autodisciplina intelectual, uma vez que em Brasília não contam com nenhum administrador da Fazenda-Escola, ou pessoa diretamente responsável por eles:

Nós tínhamos, nos últimos oito anos, um pequeno apartamento no Plano Piloto em Brasília, e colocamos as mocinhas que terminaram a oitava série

lá pra freqüentar a escola de música, freqüentar o segundo grau, e ter uma vivência na Capital Federal, e ter um diploma de mais valor. Tanto é que muitas delas já fizeram magistério, e já estão dando aula (Entrevista nº 1).

Observa-se que a prática pedagógica de *Bona Espero* tem capacitado seus alunos para atuarem no mercado de trabalho, inclusive com ganhos financeiros maiores que seus familiares, pois além da formação humanística, a Fazenda-Escola também oferece educação profissionalizante, tal como o ensino de mecânica e de técnicas agrícolas.

Além disso, dependendo do interesse do aluno, muitas vezes a própria instituição encarrega-se de encaminhá-lo para algum emprego na região. Geralmente, estes empregos são conseguidos pela administração junto às famílias que conhecem o trabalho desenvolvido em *Bona Espero*, de modo que, se o aluno demonstrar interesse em continuar estudando, provavelmente encontrará condições favoráveis junto a seus empregadores.

Um deles, (...) ficou seis meses trabalhando em Brasília, fazendo a oitava série, tem dezoito anos, disse: "Tia, eu sou muito importante para a família onde eu trabalho. Eles sem mim não sei como eles fariam". Isto achei tão interessante, porque ele é um menino medroso, que não abria a boca. Hoje ele se sente útil e vive fazendo jardineiro na casa de uma psicóloga e de um diretor do Banco do Brasil, e ele faz o jardim no Lago Norte, e freqüenta a tarde o colégio com ótimos resultados, após uma escola bastante fraca aqui. Mas ele disse: "Eu trabalho das seis ao meio dia, eu sou muito útil, eles gostam tanto de mim". Eu acho que isto é importante, criar a cidadania através da educação, e sem cidadania o Brasil não vai pra frente (Entrevista nº 33).

Porém, em nenhum momento percebe-se que *Bona Espero* tenha alguma preocupação em formar mão-de-obra para o mercado de trabalho. De acordo com a administração: "*Não se pensa em produtividade, rentabilidade, qualificação no mercado de trabalho, eficiência, concorrência. Não é empresa comercial*" (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 16'08).

Desse modo, entende-se que, tal como é a proposta da escola unitária gramsciana, o trabalho em *Bona Espero* cumpre fundamentalmente a função de diretriz educativa, vinculando-se a essa esfera como preceito básico para a formação e emancipação de seus alunos, pois a instituição, além de não se preocupar em estar qualificando mão-de-obra para o mercado de trabalho, também não está preocupada em acompanhar e contemplar as tendências empregatícias da região.

Para Gramsci (1989-a: 125), o significado maior da escola unitária, é o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o industrial, não só na escola, mas em toda a vida social, tendo em vista que o princípio unitário se faz presente em todos os organismos de cultura, transformando-lhes e emprestando-lhes um novo conteúdo. Dessa forma, as escolas e academias teriam um caráter de organizações culturais, com a função de sistematizar, expandir e criar produções intelectuais dos indivíduos que após a escola unitária, passarão para o trabalho intelectual.

Pode-se afirmar a existência de uma certa produção cultural e intelectual em *Bona Espero*, que mesmo que tenha alguns limites referentes ao próprio desenvolvimento e abrangência, apresenta contribuições no processo educativo dos alunos, tais como: os vídeos produzidos em parceria com a FACOMB; as aulas de música e a produção que delas deriva; as peças teatrais, que comumente ali são apresentadas, tanto em Português quanto em Esperanto; e as demais atividades desenvolvidas através do trabalho voluntário, como a dança: "*Eles cantam, eles dançam, eles fazem teatro e nós temos sempre voluntários que tocam violão e se canta muito. Eles têm um repertório muito grande.*" (GRATTAPAGLIA, U., 1997: 31').

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações finais tem como principal objetivo debater o papel social de Bona Espero e a sua pedagogia. Para tanto, discute-se em que termos as relações entre o ser criança e adolescente estão articulados na vida cotidiana da Fazenda-Escola. Isso porque a instituição conta com um rigor disciplinar e com uma série de regras muito definidas, que ao mesmo tempo em que garantem sua manutenção, são conflituosas em relação à infância e adolescência em seu interior.

Além disso, realiza-se uma discussão sobre a diversidade cultural, visando uma aproximação com o cotidiano de *Bona Espero*, no qual, diariamente, convive uma gama de pessoas, formando um grupo bastante eclético e heterogêneo do ponto de vista cultural.

As considerações finais terminam debatendo o papel social que *Bona Espero* cumpre perante a comunidade que atende e que a cerca.

1. Os conceitos de infância e adolescência em *Bona Espero*

Desde a fundação de *Bona Espero* até os dias atuais, a conceituação e a delimitação da infância é um ponto não esclarecido na instituição, que apesar de sempre ter abrigado alunos entre cinco e vinte anos de idade, costuma denominar todos como “crianças”³⁰.

O primeiro Estatuto da Fazenda-Escola, elaborado em sua fundação, já estabelecia que a instituição deveria acolher “crianças” órfãs e desamparadas

³⁰ Nos depoimentos da atual administração de *Bona Espero*, que foram incluídos nessa Dissertação, pode-se perceber a conceituação dos alunos como “crianças” em mais de sessenta ocasiões, com diferentes objetivos e proposições. Observa-se também que os voluntários e as pessoas que estabelecem vínculos mais estreitos com a Fazenda-Escola, referem-se aos alunos da mesma maneira.

(LIVRO ATA DE *BONA ESPERO*, 1957:1), em que pese também abrigar, desde seus primórdios, adolescentes e jovens.

Apesar disso, a conceituação e a delimitação da clientela de *Bona Espero* no primeiro Estatuto apresenta um avanço para sua época. Isso porque a concepção que circulava na sociedade brasileira dos anos cinquenta, considerava as crianças e adolescentes que tinham o mesmo perfil dos alunos da Fazenda-Escola, “menores delinqüentes”, passíveis de castigos e punição (LONDOÑO, 1996: 139).

As exceções para a conceituação dos alunos de *Bona Espero* enquanto “crianças” ficam resguardadas, praticamente, ao novo Estatuto da Fazenda-Escola, elaborado no ano de 1998, que ao fazer referência aos mesmos, os cita enquanto “crianças e adolescentes” (ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA *BONA ESPERO*, 1998: Art. 2º).

A inclusão da adolescência na delimitação do público alvo de *Bona Espero* no novo Estatuto, pode estar relacionada à militância de Ursula Grattapaglia junto ao Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente de Alto Paraíso de Goiás. Este Conselho foi criado em 1993, com a participação ativa da Fazenda-Escola, sendo que desde maio de 1999, Ursula ocupa sua presidência.

Apesar da adolescência ser um processo bem delimitado na sociedade moderna atual, pois inicia-se com a puberdade e termina com seu fim, sua significação é muito recente. Na Idade Média e em boa parte da modernidade, o sentimento de adolescência inexistia, sendo confundido com a infância, que era extremamente longa. Isso porque até os 24 anos de idade, o jovem ainda era considerado como uma “criança forte e virtuosa” (ARIÈS, 1981: 42). Vencida a fase infantil, a pessoa logo ingressava na juventude, considerada como a “força da idade”, a “idade média” da vida, não havendo, portanto, lugar para a adolescência:

A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a idéia de limitar a infância pela puberdade. A idéia de infância estava limitada à idéia de dependência (...) Só se saía da infância ao se sair da dependência (*Ibid.*: 42).

Dessa forma, o termo adolescente e as conceituações que dele derivam só vieram a ser definidos no século XX, partindo da Alemanha e espalhando-se depois pela Europa. De acordo com Ariès (*Ibid.*: 47), no limiar do século XX, a adolescência adquiriu limites muito claros, pois empurra a infância ao passado e a juventude ao futuro: "...passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e permanecer por muito tempo".

Em *Bona Espero*, existe uma intenção dos administradores de fazer com que o tratamento dos alunos seja feito de forma individualizada. Entretanto, apesar das preocupações em contemplar a individualidade, também existe uma tentativa de não diferenciação dos moradores, no sentido de reforçar a idéia que todos têm iguais direitos e deveres, em especial, no que se refere aos alunos. Tal questão é derivante de um dos lemas da instituição, que se autodenomina "uma grande família", oferecendo seguridade social a seus alunos ao aceitá-los e integrá-los junto à comunidade.

A indistinção dos moradores de *Bona Espero* pode estar reforçando o conceito de "grande família" da instituição, ou seja, os pais e os filhos, eternas crianças. Do ponto de vista da prática pedagógica, as especificidades na educação de crianças, adolescentes e jovens não são consideradas.

O discurso dos administradores, traz uma generalização do tratamento dos alunos, como se o termo "criança" contemplasse a todos. Além disso, uma parcela da prática educativa adotada em *Bona Espero*, em especial, no que se refere à questão disciplinar e ao controle das atividades, tende a igualar o tratamento dispensado aos alunos, independentemente da faixa etária na qual se encontram e do grau de compromisso coletivo e individual que manifestam com a comunidade.

É certo que, em alguns aspectos, os adolescentes e jovens da instituição são tratados diferentemente das crianças, cumprindo tarefas distintas do público infantil, pois sobre eles fica a maior parcela das responsabilidades com os trabalhos mais complexos, tais como a preparação dos alimentos, a lavanderia, a reforma de alguns prédios ou a escavação de poços e cisternas. Além disso, os quartos dos adolescentes e jovens são separados dos quartos das crianças.

Entretanto, quanto ao rigor disciplinar, os alunos são tratados no dia-a-dia sem muitas distinções. Essa prática adotada na instituição sugere que, independentemente do processo de amadurecimento e da vivência dos seus alunos, eles necessitam da mesma disciplina utilizada com os novatos e/ou com as crianças que ainda estão aprendendo sobre a dinâmica de funcionamento da Fazenda-Escola.

A indiferenciação dos internos, no que tange ao rigor disciplinar, faz com que em *Bona Espero* não haja diferenças significativas entre o lidar com uma criança e o lidar com adolescentes e jovens.

Nesse sentido, a indiferenciação dos alunos, especificamente na questão disciplinar, contradiz um dos maiores princípios pedagógicos de *Bona Espero*: a "responsabilidade na liberdade", que sustenta que quanto mais responsável se é dentro da instituição, maior é o grau de liberdade que se tem. Isso porque se os alunos são tratados da mesma forma, independentemente se são crianças, adolescentes ou jovens, ou ainda, a despeito do grau de compromisso que apresentam para com a instituição em diferentes momentos, o princípio da "responsabilidade na liberdade", nesse aspecto, não se consolida efetivamente na prática educativa ali presente.

Além da questão do rigor disciplinar, o controle que a administração exerce sobre as atividades da comunidade também é uma questão conflitante com a "responsabilidade na liberdade". É o caso da programação televisiva, cujo acesso dos alunos é totalmente controlado pelos administradores, constituindo-se, praticamente, em uma proibição dentro de *Bona Espero*, tanto para as crianças menores, quanto para o resto dos moradores, independentemente da idade.

Por um lado, o rigor disciplinar e o controle das atividades são responsáveis pelo funcionamento e manutenção de *Bona Espero*, e quem sabe, pela própria permanência da instituição durante os 43 anos de sua existência. No entanto, por outro, podem ser conflitantes em seu cotidiano, assumindo, em diversas ocasiões, um caráter impositivo. Isso porque a delimitação dos espaços, direitos e deveres dos alunos é quase toda ditada pela administração da instituição, restando aos mesmos poucas alternativas de escolhas para a definição de seus papéis junto à *Bona Espero*.

Desse modo, o rigor disciplinar, a imposição de regras, como é o caso da televisão, e a inflexibilidade das normas estabelecidas, são os principais responsáveis pela manutenção de uma outra realidade presente no cotidiano da Fazenda-Escola, que é o escasso diálogo.

Todas estas questões, fazem com que a infância e a adolescência na Fazenda-Escola adquiram uma conotação muito diferente dos ideais sustentados pela instituição, tais como os "direitos e deveres", a "responsabilidade na liberdade" e o próprio conceito de "grande família", visto que tais supostos pedagógicos esbarram-se na própria limitação da atuação dos alunos.

Além disso, é sabido que os adolescentes e os jovens estão em períodos de suas vidas que contém características muito diferentes da infância, incluindo necessidades, anseios e desejos que também são distintos. Aparentemente, a denominação dos alunos de *Bona Espero* como "crianças" parece irrelevante, mas analisando essa questão com maior profundidade, percebe-se que ela pode ser um mecanismo de controle da administração sobre os alunos. Isso porque enquanto os internos forem crianças, e assim se considerarem, viverão sob os "freios" da instituição, cumprindo suas regras e melhor adequando-se à sua dinâmica.

Como a própria administração ressalta, o processo de saída dos alunos é desencadeado a partir do momento em que eles alcançam um certo grau de maturidade, manifestando desejos e vontades pessoais, que não se encaixam na vida cotidiana de *Bona Espero*, simbolizando portanto, um enfrentamento com a ordem estabelecida pela e na instituição.

No entanto, o fato dos alunos da Fazenda-Escola somente manifestarem seus desejos e vontades pessoais quando estão vivenciando um processo de maior maturidade, não quer dizer que eles não tivessem tais anseios em outros momentos de suas vidas. Como foi dito anteriormente, existem poucos canais de diálogo no interior de *Bona Espero*, em especial na relação que a atual administração estabelece com os alunos, de modo que esses, quando vislumbram outras possibilidades e caminhos na vida, acabam expondo suas opiniões e exigindo novos espaços, que podem entrar em choque com a realidade vivida até então.

De acordo com Perroti (1992: 11), as concepções que enxergam na criança somente um ser dependente e frágil, geralmente vêm acompanhadas pela

ausência de uma reflexão sobre a criança enquanto um indivíduo social, político e cultural:

... o conservador julga a criança (e o jovem) de acordo com as premissas do sistema dominante, considerando-o como ser totalmente dependente, sem vontade própria e que, por essa razão, deve ser colocado à margem dos direitos dos seres políticos. A ausência, pois, desta reflexão no pensamento mais avançado pode ser atribuída ou à falta de uma tradição maior de estudos na área, (...) ou – e isso seria pior – a uma contradição no interior desse pensamento que considera a criança, conscientemente ou não, da mesma forma que o conservador: um ser dependente, portanto, sem direitos políticos.

A conceituação de infância e adolescência é conflituosa na prática pedagógica da Fazenda-Escola. Muito se afirma em *Bona Espero* sobre os direitos das pessoas, o respeito à diversidade cultural, à infância, mas na prática, isso tende a existir desde que não contrarie as normas e o rigor disciplinar adotados na instituição. O fato dos alunos somente defenderem suas opiniões quando já não são – ou então não se consideram – mais crianças, é um indício de que suas vozes não são muito ouvidas no dia-a-dia de *Bona Espero*.

Durante o trabalho de campo realizado na Fazenda-Escola, a ampla maioria dos alunos somente concordou em gravar as entrevistas se lhes fosse garantido o anonimato das informações, o que indica que os mesmos poderiam estar receosos quanto à repercussão de suas falas e às possíveis represálias por parte dos administradores.

2. A diversidade cultural em *Bona Espero*

Enquanto instituição educacional esperantista, no cotidiano de *Bona Espero* convivem pessoas de múltiplas nacionalidades, pois desde que os fundadores enviaram um pedido de socorro material e humanitário às entidades

esperantistas de diversas partes do mundo, a instituição anualmente recebe muitos voluntários, sendo que a ampla maioria deles são estrangeiros.

Em *Bona Espero* existe uma diversidade cultural formada pela convivência e atuação dos administradores, alunos, voluntários brasileiros e estrangeiros, visitantes e comunidade local. Com tantas culturas diferentes circulando na instituição, *Bona Espero* tornou-se uma entidade educacional que tem uma característica de internacionalidade, advinda, principalmente, da presença marcante de pessoas estrangeiras em seu dia-a-dia, seja através do trabalho voluntário, ou da atuação dos administradores.

O casal que atualmente administra *Bona Espero* optou por abandonar seus empregos e estilos de vida europeus para assumirem a instituição, bancando tanto a parte educacional e pedagógica, quanto a manutenção física e financeira. Como não poderia ser diferente, Ursula e Giuseppe trouxeram junto com seu trabalho, suas culturas, ideologias, posturas educacionais, disciplinares e pedagógicas, que até se diferenciam em muitos pontos da cultura, do estilo educacional e do posicionamento frente aos fatos cotidianos que comumente são adotados no Brasil, mas que têm garantido o funcionamento e a manutenção da instituição desde a década de setenta.

A dinâmica administrativa, a prática pedagógica e a vida cotidiana de *Bona Espero*, depende e está profundamente relacionada à atuação de suas administrações, de modo que o trabalho dos dirigentes imprime na instituição traços muito pessoais, que dão a tônica de seu funcionamento.

Enquanto entidade educacional esperantista, além de cumprir o papel social a que se propõe, *Bona Espero* também ensina e difunde a ideologia do Esperanto, que conta com um leque de valores próprios que não faziam parte da cultura originária dos alunos, visto que não estavam presentes em suas vidas antes de seus ingressos na instituição. O Esperanto somente faz parte da vida dos alunos enquanto eles estão em *Bona Espero*, pois antes de serem internados, ignoravam a existência da língua internacional, e depois de seus egressos, não fazem uso da mesma no dia-a-dia.

No entanto, o Esperanto constitui-se em um fator importante na educação dos alunos, principalmente através da mediação que ele exerce na relação

estabelecida entre os moradores da instituição e os voluntários estrangeiros, garantindo uma constante troca de experiências e cumprindo uma função pedagógica de educar através da linguagem.

Os voluntários também contribuem de forma significativa para delinear a vida cotidiana de *Bona Espero*, reforçando inclusive, o caráter de "internacionalidade" da instituição. A presença de voluntários estrangeiros em *Bona Espero*, além de contribuir na dinâmica de funcionamento da instituição, principalmente através do trabalho, não se constitui em um fator sobrepujante na cultura dos alunos, visto que o que prevalece é uma troca de experiências, de informações e de culturas, que acrescenta tanto para os voluntários, quanto para os moradores de *Bona Espero*.

Porém, a vida cotidiana e a prática educativa da Fazenda-Escola são muito diferentes das instituições que somente contam com brasileiros em suas administrações e dia-a-dia, pois junto com a força de trabalho, os estrangeiros também trazem suas culturas, seus hábitos e suas práticas educativas.

Assim, a "internacionalidade" existente em *Bona Espero* contribui em sua prática pedagógica, ampliando o conhecimento e as possibilidades de aprendizagem de seus alunos, em especial, através da troca de experiências com os voluntários. Entretanto, tanto os administradores, quanto os voluntários, nem sempre têm as mesmas condutas, maneiras de intervenção e práticas pedagógicas que são características da cultura brasileira. Por mais que eles se esforcem, dificilmente conseguirão contemplar todas as dimensões psico-sócio-culturais da atuação de uma pessoa nascida e criada no Brasil.

Além disso, existem diferenças culturais, sociais e psicológicas significativas na intervenção pedagógica de pessoas de nacionalidades distintas. Com uma diversidade cultural tão grande, *Bona Espero* acaba adotando práticas pedagógicas, disciplinares e regras, que podem diferenciar-se da cultura e dos preceitos educativos que comumente são adotados no Brasil.

De acordo com Jean-Claude Forquin (1993), existe uma relação íntima e orgânica entre a educação e a cultura, pois o processo educativo, pelo fato de preceder, ultrapassar e instituir os indivíduos enquanto sujeitos humanos, pode ser definido como cultura:

...toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente "conteúdo" da educação (*Ibid.*:10. Grifos do autor).

Nesse sentido, o autor ressalta que enquanto processo e produto das relações humanas, o termo "cultura" contém sempre uma permanente tensão entre o indivíduo e o coletivo, o normativo e o descritivo, o universal e o diferencial, havendo na atualidade, três principais conceituações: a primeira, que concebe a cultura enquanto o conjunto das disposições e das qualidades, incluindo os conhecimentos e as competências cognitivas, características e intrínsecas ao ser humano "cultivado"; a segunda, que entende a cultura enquanto os traços característicos do modo de vida de uma sociedade, comunidade e/ou grupo, contemplando inclusive seus aspectos cotidianos; e a terceira, que conceitua a cultura enquanto o conteúdo da educação, seu princípio e seu fim, visto que o processo educativo implica num esforço de fornecer aos indivíduos as qualidades, competências e disposições desejáveis ao corpo social (Cf. *Ibid.*: 11).

Tendo o empreendimento educativo a responsabilidade de transmitir e perpetuar a experiência humana, a "transmissão cultural" passa a ser uma questão fundamental no processo educativo:

A educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma "tradição docente" que a cultura se transmite e se perpetua: a educação "realiza" a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana. Isto significa que, (...) educação e cultura aparecem como as duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra (*Ibid.*: 14. Grifos do autor).

Como elementos intrínsecos um ao outro, a educação e a cultura caminham sempre juntas, visto que suas relações são interfacetadas no interior do corpo social, inclusive no que se refere à educação formal, que supõe tanto uma seleção no interior da cultura, quanto uma reelaboração dos conteúdos culturais destinados a estarem presentes no currículo escolar.

Assim, a "internacionalidade" presente em *Bona Espero* interfere de maneira significativa em seu cotidiano e prática pedagógica, pois a mesma é uma entidade educacional brasileira, mas que tem formas de atuação e dinâmicas de funcionamento muito diferenciados das demais escolas do ramo, entre outras coisas, por receber uma grande quantidade de pessoas estrangeiras através do trabalho voluntário.

Ainda sobre a questão da "internacionalidade", em *Bona Espero* existem muitos objetos estrangeiros, em especial, brinquedos, jogos, aparatos decorativos, como quadros, gravuras e esculturas, além de roupas de cama, vestuário, mesa e banho, que são doados por pessoas de outros países, em especial, aquelas ligadas ao movimento esperantista.

Porém, também estão presentes objetos brasileiros do mesmo gênero, além de muitos cristais espalhados pelos cômodos das casas e jardins, que são uma manifestação da cultura da região de Alto Paraíso de Goiás, cujo solo contém uma grande quantidade de cristais, utilizados tanto pelos grupos esotéricos e espiritualistas que ali se fixaram, na busca de uma possível "energização", quanto pela população local com fins decorativos.

No que se refere especificamente aos internos, analisa-se que a administração da instituição tenta incluir tanto a cultura dos alunos, quanto a goiana e a brasileira no dia-a-dia de *Bona Espero*, seja através das comemorações típicas que realizam, como os aniversários, as festas juninas, o carnaval, o natal, o dia dos pais, das mães e das crianças, ou das comemorações cívicas, como a Independência do Brasil, festejada pelos moradores da instituição todos os anos, no dia sete de setembro.

No entanto, nem sempre a diversidade cultural existente na instituição é contemplada, em especial no que se refere à cultura dos alunos, que muitas vezes é interposta pela prática pedagógica de *Bona Espero*, principalmente através da

rigidez das regras e da disciplina, que não apresentam muita flexibilização e tampouco consolidam-se em um espaço dialógico no interior do grupo.

Assim, questiona-se até que ponto a cultura dos alunos é desconsiderada em prol do cumprimento da proposta pedagógica de *Bona Espero*, ou seja, se existe, mesmo que de forma não intencional, uma tentativa de impor os valores adotados na instituição sobre a cultura originária dos internos. Nesse caso, além de uma “transposição didática”³¹, poderia-se afirmar que a *Bona Espero* também estaria promovendo o desenraizamento cultural de seus alunos para afirmar seus preceitos pedagógicos.

Para Forquin (1993:124), como elementos pertencentes à “transposição didática”, os conteúdos da escola passam a induzir maneiras coerentes com seus objetivos, que incluem os modos de ser, pensar, expressar e até mesmo emocionar das pessoas. Na prática educativa, o processo de transposição dos conteúdos culturais faz com que esses percam a contextualização da cultura originária, para adequarem-se a uma outra cultura, seja ela “acadêmica” ou “escolástica”.

Muitos hábitos e costumes dos alunos são diferentes da prática educativa e cotidiana de *Bona Espero*. Nesse conflito de culturas, o que acaba prevalecendo é a cultura adotada pela e na instituição, que é garantida, principalmente, através da rigidez das regras e da disciplina.

Entretanto, a cultura dos internos não é totalmente “massacrada” e sobreposta por *Bona Espero*, pois esses não são seres alienados, passíveis de preenchimento e manipulação, visto que são sujeitos históricos que também participam da vida cotidiana da Fazenda-Escola, construindo-a juntamente com os administradores e voluntários.

Os alunos trazem para o dia-a-dia de *Bona Espero* suas culturas, incluindo hábitos, formas de agir e lidar com os fatos, brincadeiras, cantigas de roda, explicações folclóricas para fenômenos naturais, além de músicas, incluindo canções sertanejas “de raiz”, características da cultura interiorana do Estado de

³¹ De acordo com Forquin (1996: 16), para alcançar o sucesso esperado na transmissão do conteúdo escolar, a educação não só seleciona os saberes e os materiais culturais disponíveis, como também os reorganiza e os reestrutura, num trabalho de “transposição didática”, em que os conteúdos ganham valor de formas, regras e modelos.

Goiás, arrumando mecanismos de expressão e manifestação cultural dentro da comunidade.

Porém, o controle muito rígido das atividades, principalmente as que se relacionam ao lazer e ao entretenimento, concretiza-se em um empecilho na proposta da instituição de estar contemplando todas as faces da diversidade cultural presente em seu interior. No caso dos alunos, muitas vezes, ao invés de contemplação, o que ocorre é uma imposição das opiniões de quem administra *Bona Espero* sobre o resto do grupo, independentemente se esses são crianças, adolescentes ou jovens.

A proibição do acesso à televisão e o controle dos programas televisivos que os alunos de *Bona Espero* podem assistir, são exemplos da imposição da opinião da administração sobre os mesmos. Além disso, a presença de muitos CDs com músicas clássicas e instrumentais e ausência CDs de músicas infantis na Fazenda-Escola, vem refletir uma visão adultocêntrica do acesso aos bens culturais que ali circulam, nesse caso específico, da música.

Observa-se também uma visão adultocêntrica no discurso da administração da Fazenda-Escola no que se refere à religiosidade de seus alunos, pois em que pese aqueles afirmarem que a instituição adota a prática de respeitar as crenças religiosas dos internos, não existe um espaço resguardado em *Bona Espero* para que eles possam exercer suas religiões. Além disso, os administradores sustentam o argumento de que os alunos somente terão condições de optar por uma religião quando forem adultos, como se tal questão não tivesse um cunho fundamentalmente cultural e social.

Mas tudo isso reflete a existência de pouco espaço para o diálogo no interior da Fazenda-Escola, pois se realmente a relação pedagógica da mesma fosse pautada menos pela imposição e mais pela dialogicidade, tais questões poderiam ocorrer de forma diferenciada, a partir de uma negociação de valores e espaços entre o próprio grupo.

De acordo com Estrela (1992: 37), os processos pedagógicos, em especial os constituídos no interior das escolas, são interfacetados pelas relações entre o poder e o saber, sendo esse o primeiro condicionante da prática educativa. Assim, o contato entre quem recebe a delegação social para transmitir o saber e

quem deve adquiri-lo, ocorre através da mediação do próprio saber, que, se compondo em uma transmissão intencional, provém do que a sociedade considera útil para sua preservação e finalidade, constituindo-se em um saber socialmente determinado.

Na visão de Estrela (*Ibid.*: 40), para se contemplar a diversidade cultural da escola, a mesma tem que se constituir em um centro de diálogo entre as diferentes culturas nela representadas, sendo que a relação dialógica a ser estabelecida “...exclui à partida as formas tradicionais de dominação-submissão, para se basear em formas de respeito mútuo que fundem uma nova convivialidade”.

Esta autora ressalta que se a relação pedagógica não contempla a diversidade cultural da escola, a mesma assume um caráter de violência simbólica, uma vez que passa a constituir-se em uma imposição, um poder arbitrário. Nesse contexto, o professor passa a ser um legitimador da violência simbólica dentro da escola, pois sua autoridade reforça o caráter impositivo assumido pela relação pedagógica, dissimulando-a.

Além disso, Estrela (*Ibid.*: 42) afirma que o espaço pedagógico tanto pode facilitar, quanto inibir a relação entre professores e alunos, e desses entre si, visto que aquele tem o poder de imputar limites, demarcar papéis, consagrar estatutos e veicular normas e valores: “O espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica”.

Segundo Forquin (1993: 123), a diversidade cultural na prática educativa só será verdadeiramente contemplada, caso seja capaz de contemplar duas dimensões relativas à própria cultura, sendo elas: o caráter *inter-societal*, que diz respeito às diferentes manifestações e práticas culturais presentes entre as nações, sociedades e/ou grupos; e o caráter *intra-societal*, relativo às distintas culturas presentes dentro dos grupos e dos próprios sujeitos que os compõem:

O pluralismo cultural não existe somente entre as nações, ele está no interior das nações, no interior das comunidades que as compõem, e os próprios indivíduos não escapam à lei geral da diferenciação interna da mestiçagem.

O autor sugere que para se contemplar a diversidade cultural, tem-se primeiro que reconhecer e respeitar as diferenças entre os grupos e as pessoas, sendo que só se reconhece e se respeita, a medida em que se percebe o outro enquanto modalidade ou expressão humana (*Ibid.*: 143). Isso quer dizer que a diversidade cultural presente em um determinado ambiente só vai ser realmente contemplada, à medida em que forem conhecidas e enxergadas todas as suas dimensões.

O primeiro passo para a concretização da contemplação da diversidade cultural presente no interior de uma escola, é a compreensão de que essa não é o centro do saber e da produção do conhecimento, pois a vida e o conhecimento das pessoas não têm início na escola, e tampouco são constituídos somente por ela.

De acordo com Gramsci (1989-b: 37), a educação do indivíduo por inteiro passa pelo entendimento de que essa é um processo eminentemente social, de modo que a escola, além de adiantar-se ao desenvolvimento do educando, deve levar em consideração sua formação individual, que em essência é social: *"...a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vinculações recíprocas, e que, portanto, todo professor é sempre aluno e todo aluno, professor"*.

Desse modo, a discussão educacional passa pelo respeito à identidade cultural e à identidade de classe, tanto dos educadores, quanto dos educandos, numa compreensão de que o espaço escolar é ao mesmo tempo hegemonia e resistência, no qual o respeito às diferenças é o ponto de partida para a vivência da diversidade cultural em sua plenitude.

3. O papel social de *Bona Espero*

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (1991; 1993), existem cerca de trinta milhões de crianças no mundo em situação de rua. Entretanto, outros autores afirmam que estes números são mais elevados, estando na casa dos oitenta milhões. Na opinião de tais autores, apenas na América Latina, cujo número de habitantes representa dez por cento da população mundial, existem

cerca de quarenta milhões de crianças em situação de rua, sendo que dessas, vinte milhões vivem no Brasil (*Apud* MARTINS, 1996:35).

É consenso entre os pesquisadores do tema e os órgãos governamentais e não governamentais, que a melhor solução para a problemática das crianças e adolescentes em situação de rua está na prevenção, existindo, portanto, uma necessidade latente de “...*elaboração de políticas públicas efetivas e eficazes para prevenir e intervir na realidade do viver na rua*” (KOLLER & HUTZ, 1996: 17)

Dentro deste debate, considera-se fundamental e necessário a adoção de práticas e políticas públicas que detenham o processo de migração de crianças e adolescentes para as ruas:

Cabe às instituições, oferecerem condições para que se profissionalizem em centros reconhecidos. Assim poderiam resgatar vínculos afetivos, comprometimento com a vida e competir em condições de igualdade com outros meninos e meninas. Este é um desafio para quem acredita nestas crianças, no seu potencial, e na solidariedade da comunidade humana (*Ibid.*: 26).

Como instituição organicamente inserida na sociedade de Alto Paraíso de Goiás, a Fazenda-Escola *Bona Espero* vem cumprindo, em seus 43 anos de existência, o papel social de incluir em seu quadro sócio-institucional, crianças, adolescentes e jovens marginalizados da cultura letrada e do acesso a bens culturais e materiais inacessíveis às suas famílias de origem. Nesse sentido, *Bona Espero*, além de proporcionar uma determinada elevação intelectual e moral em seus alunos, também atua no sentido de prevenir uma possível situação de rua que esses poderiam vir a adquirir, tendo em vista o perfil de suas histórias de vida e as precárias condições de sobrevivência da ampla maioria da população do Nordeste Goiano.

Entre os alunos de *Bona Espero*, estão presentes inúmeras condições de vida que são consideradas por diversos autores como intervenientes no processo de migração das crianças e adolescentes para as ruas, ou seja, os problemas de

relacionamento familiar, geralmente interligados à exposição a abusos físicos e/ou sexuais (*Apud* KOLLER & HUTZ, 1996: 14-15).

Entretanto, a ampla maioria dos alunos não gosta de revelar tais fatos de suas vidas, geralmente dizendo que a convivência com suas famílias era "legal". Esta questão pode ter três faces, sendo elas: uma tentativa de poupar a si mesmos ou suas famílias; uma iniciativa advinda da instituição, que tenta fazer com que esses alunos "neutralizem" os fatos desagradáveis que lhes aconteceram; ou então uma tentativa dos alunos de esconderem suas próprias histórias de vida, por vergonha ou motivo semelhante.

Porém, vários trechos dos depoimentos dos alunos expressam algumas nuances de suas condições de vida anteriores à *Bona Espero*, revelando aspectos relacionados à agressões físicas e dificuldades financeiras, além de problemas psicológicos que refletem diretamente em seus comportamentos.

Em muitos casos, a internação dos alunos na instituição é a última opção para que eles possam ter uma vida digna, no sentido de serem respeitados em sua dignidade humana. Isso porque muitos deles, antes de serem encaminhados à Fazenda-Escola, viveram em condições precárias de vida, passando necessidades básicas, como alimentação e vestuário, sendo que alguns ainda sofreram fortes agressões físicas e/ou abusos sexuais por parte dos próprios familiares.

O papel social de *Bona Espero* é o resultado da união de diversos princípios pedagógicos sustentados pela instituição, tais como o trabalho, a disciplina, o Esperanto, os voluntários, o grupo e a própria formação para a vida. Assim, a Fazenda-Escola tem muita influência e significação na vida de seus alunos, o que a credencia como o principal instrumento educativo deles, assumindo, inclusive, o papel que seria de suas famílias e do Estado.

Além disso, a Fazenda-Escola *Bona Espero* vem enfrentando, cotidianamente, o problema da educação de crianças, adolescentes e jovens que se encontram excluídos do universo da cultura letrada e do acesso à bens materiais e culturais. Isso a credencia enquanto uma alternativa novos caminhos para tal questão, pois além do acesso à bens materiais e culturais, os alunos de *Bona Espero* contam também com uma estrutura dentro da Fazenda-Escola na qual a vida

cotidiana confunde-se com a educação, de modo que a prática educativa extrapola o âmbito do ensino formal, estendendo-se à outras esferas da formação humana.

Ademais, com a limitação da intervenção do Estado na área, algumas entidades, de cunho particular, religioso e/ou filantrópico, assumem a tarefa que seria do poder público, atuando de forma mais "humanitária", no sentido gramsciano da palavra, ao oferecer condições dignas de vida àqueles que, por direito, necessitam de atendimento que deveria ser oferecido pelo poder público. *Bona Espero* se insere no bojo dessas instituições não governamentais que estão espalhadas pelos rincões do Brasil de forma quase anônima, mas que, apesar do anonimato, garantem educação formal e informal para cidadãos brasileiros que são desrespeitados em sua dignidade humana, a começar pela condição de exclusão social que estão imersos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fund. Getulio Vargas, 1998.
- ANDRÉ, Marli Elisa. Estudo de Caso: seu potencial na educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fund. Carlos Chagas, nº 49, maio, p. 51-54, 1984.
- _____. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. de Dora Flaksman. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ASSUNÇÃO, Marília. Miséria esvazia as cidades. *Jornal O Popular, Cidades*. Goiânia: Fund. Jayme Câmara, 18/06, 2000.
- BECKER, Jean-Jacques. O handicap do *a posteriori*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fund. Getulio Vargas, p. 27-31, 1998.
- BORGES, Carla. 10% das crianças goianas trabalham. *Jornal O Popular, Cidades*. Goiânia: Fund. Jayme Câmara, 23/03, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2ª Ed. São Paulo: T.A. Queiroz & EDUSP, 1987.
- BRAGA, Maria José. A notícia sob nova ótica. *Jornal O Popular, Cidades*. Goiânia: Fund. Jayme Câmara, 12/06, 1998.
- BUFFA, Ester. Contribuição da história para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. In: Contribuição das Ciências Humanas para a Educação: A História. *Em Aberto*. Brasília: INEP, ano IX, nº 47, jul/set, p. 13-19, 1990.
- _____. A articulação entre a concepção teórica e o universo empírico da pesquisa. In: *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores* (Belo Horizonte), 17 a 20 de maio de 1994. Brasília: INEP, Série Documental: eventos, nº 6, abril, p. 68-70, 1995.

- CANESIN, Maria Teresa & LOUREIRO, Walderês Nunes. *A escola normal em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- CCN/UCG. *Goiás em números*. Goiânia: CCN/CPE/UCG, 1998.
- CHAVES, Sylla. O Esperanto e Eu. In: MARINHO, Fernando J. G. (org.). *Não só Idealistas, mas Realizadores*. Rio de Janeiro: Liney, p. 15-32, 1995.
- ELIADE, Miercéia. *Mito do Eterno Retorno*. Trad. de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ESTADO DE GOIÁS. *Folhimapa Educativo: mapa político e geográfico do Estado de Goiás*. Goiânia: s/e, escala aproximada 1: 1.700.000, 2000 (mapa).
- ESTATUTO DA FAZENDA-ESCOLA BONA ESPERO. Alto Paraíso de Goiás: Fazenda-Escola Bona Espero, 1998 (digitado).
- ESTRELA, Maria Teresa. *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. 3ª Ed. Portugal: Porto Editora, 1992.
- EXÉRCITO/INDUR. *Alto Paraíso de Goiás: Cartas Topográficas*. Brasília: Serviço Geográfico do Exército, escala 1:100, 1977 (mapa).
- FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Fontes documentais: uma experiência em processo. In: *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores* (Belo Horizonte), 17 a 20 de maio de 1994. Brasília: INEP, Série Documental: eventos, nº 6, abril, p. 98-121, 1995.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRANÇOIS, Etenne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fund. Getulio Vargas, p. 3-13, 1998.
- GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.
- GOVERNO DE GOIÁS/SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Levantamento histórico e econômico dos municípios goianos*. Goiânia: (s/ed.), 1974.

- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989-a.
- _____. *Concepção Dialética da História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989-b.
- GRATTAPAGLIA, Giuseppe. Entre dois Paraísos. In: MARINHO, Fernando J. G. *Não só Idealistas mas Realizadores*. Rio de Janeiro: Liney, p. 45-52, 1995.
- GRATTAPAGLIA, Ursula. *Bona Espero: uma vivência nova era*. In: *II Congresso Ramatis do Brasil: O ser humano da nova era*. Porto Alegre: Associação das Fraternidades Ramáticas do Brasil, 72 min., color (Fita de Vídeo – VHS), 1997.
- GUIMARÃES, Pedro Wilson. FUNDEF: Entre a Realidade e a Fixão. In: *Educação em Revista*. Goiânia: SINTEGO, ano IV, nº 4, p. 6-13, 1999.
- KOLLER, Sívia H. & HUTZ, Cláudio S. Meninos e Meninas em Situação de Rua: Dinâmica, Diversidade e Definição. In: KOLLER, Sílvia H. (org). *Aplicações da Psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: ANPEPP, 1996.
- KULTURA CENTRO DE ESPERANTO. *Objetivos da Associação Universal de Esperanto*. Site: {<http://www.aleph.com.br/kce/artigo08.htm>}. 10 de dez, 1999.
- LAZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fund. Getulio Vargas, p. 15-25, 1998.
- LIGA BRASILEIRA DE ESPERANTO. *Esperanto: A Língua Internacional*. Site: {<http://www.esperanto.com.br>}. 10 de dez., 1999.
- LIVRO ATA DE BONA ESPERO. Alto Paraíso de Goiás: Fazenda-Escola Bona Espero, 1957 (Manuscrito).
- LONDONÕ, Fernando Torres. A origem do conceito menor. In: PRIORE, Mary del (org.). *História da Criança no Brasil*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1996, p. 129-145.
- LOUREIRO, Walderês Nunes. *O aspecto educativo da prática política*. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1998.

- LOURO, Guaciara Lopes. A História (Oral) da Educação: algumas reflexões. In: Contribuição das Ciências Humanas para a Educação: A História. *Em Aberto*. Brasília: INEP, ano IX, nº 47, jul/set, p. 21-28, 1990.
- MARINHO, Fernando J. G. (org.). *Não só Idealistas mas Realizadores*. Rio de Janeiro: Liney, p. 5-8, 1995.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. A América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. Trad. de Sílvia Cristina Dotta & Kiel Pimenta. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, p. 39-68, 1995.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. de Ronald Polito & Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MARTINS, Raul Aragão. Criança e Adolescentes em Situação de Rua: Definições, Evolução e Políticas de Atendimento. In: KOLLER, Sílvia H. (org.). *Aplicações da Psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: ANPEPP, 1996.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO. *Diagnóstico Preliminar dos Focos do Trabalho da Criança e do Adolescente no Brasil*. Site: {<http://www.mtb.gov.br/sit/trabinf/Diagnostico/diagnost.htm>}. 15 de jun., 2000.
- MIRANDA, Martín. Análisis Comparativo de las Experiencias Latinoamericanas. In: CENECA. *Educación para la comunicación*. Santiago: Unesco, Unicef, p. 243-253, 1992.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. Para além do fragmento: a particularidade como conhecimento da história. *Cadernos ANPEd*, 5, p. 139-157, 1993.
- MOVIMENTO DO AMOR. *Marcha para o milênio da paz mundial pelo amor incondicional*. Alto Paraíso: Movimento do Amor, 2000 (digitado).
- MULTIRIO, Multieducação. *A pedagogia de Pestalozzi*. Site: {http://www.rio.rj.gov.br/multirio/cime/ME01/ME01_021.html}. 08 de mai., 2000.
- NASCIMENTO, Valéria Furtado do & MORAES, Márcia Soares. *Pestalozzi e os fundamentos psicológicos da Educação*. Site: {<http://www.pedagogia.click2site.com/pestalo.htm>}. 08 de mai., 2000.

- NEPOMUCENO, Maria de Araújo. *A ilusão pedagógica; 1930-1945: Estado, sociedade e educação em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.
- NUNES, Clarice. História da Educação: espaço do desejo. In: Contribuição das Ciências Humanas para a Educação: A História. *Em Aberto*. Brasília: INEP, ano IX, nº 47, jul/set, p. 37-45, 1990.
- _____. Articulação teórico-empírica na pesquisa histórica: notas de estudo. In: *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores* (Belo Horizonte), 17 a 20 de maio de 1994. Brasília: INEP, Série Documental: eventos, nº 6, abril, p. 54-67, 1995.
- OROZCO, Guillermo. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. Guadalajara: Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de la Plata & Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 1997-a.
- _____. Professores e Meios de Comunicação: Desafios, estereótipos. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo: USP, Moderna, nº 10, set/dez., p. 57-68, 1997-b.
- PASSETTI, Edson. O menor no Brasil republicano. In: PRIORE, Mary del (org.). *História da Criança no Brasil*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, p. 146-175, 1996.
- PEIXOTO, Anamaria Casassanta. A escola ontem: um inventário urgente e necessário. In: *Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores* (Belo Horizonte), 17 a 20 de maio de 1994. Brasília: INEP, Série Documental: eventos, nº 6, abril, p. 09-11, 1995.
- PEREIRA, José Emílio Diniz. *A Formação de Professores nos Cursos de Licenciatura: Um Estudo de Caso sobre o Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 9-27, 1982.
- PINHEIRO, Lucas Francisco. *Crenças e estilos de vida em Alto Paraíso de Goiás*. Goiânia: UFG, 1994 (Projeto de Pesquisa).

- QUIROZ, Teresa. Estratégias Educativas. In: CENECA. *Educación para la comunicación*. Santiago: Unesco, Unicef, p. 302-311, 1992.
- REIS, Maria José Alves dos. *Tv Laranja: o vídeo na escola*. Texto apresentado no encontro anual da INTERCOM, 1997 (digitado).
- ROCHA, Nilton José dos Reis. *Tv Laranja: o vídeo na escola*. Texto apresentado no encontro anual da INTERCOM, 1997-a (digitado).
- _____. *Tv Laranja: a escola não podia ser assim (tão comportada)?* In: *Educação em Revista*. Goiânia: SINTEGO, ano II, nº 02, mai., p. 32-33, 1997-b.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Situação Mundial da Infância em 1991: educação*. Brasil: Unicef, 1991.
- _____. *Situação Mundial da Infância em 1993: educação*. Brasil: Unicef, 1993.
- VASCONCELOS, Helena Corrêa de. Avaliação da produção historiográfica educacional. In: *INTER-AÇÃO, Revista da Faculdade de Educação-UFG*. Goiânia: Editora da UFG, v. 23, nº 1/2, jan./dez., p. 37-59, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A Formação Social da Mente*. Trad. de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto & Solange Castro Afeche. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WARDE, Miriam Jorge. Anotações para uma historiografia da educação brasileira. *Em Aberto*, 23, p. 1-6, 1984.
- ZAMENHOF, Lázaro Luiz. *Essência e futuro da idéia de uma língua internacional*. Trad. de Itacir Luchtemberg. Goiânia: Zamenhof Editores, 1988.

ANEXO 1

RELAÇÃO DE ENTREVISTAS REALIZADAS

Entrevista nº 1: Ursula Grattapaglia (realizada em 18/04/1999)

Entrevista nº 2: Giuseppe Grattapaglia

Entrevista nº 3: Jean Passarella (realizada em 17/09/1999)

Entrevista nº 4: Adarci Fereira de Sousa (ex-aluna e professora da E.M. Zeca de Farias)

Entrevista nº 5: Aluna

Entrevista nº 6: Aluno

Entrevista nº 7: Ursula Grattapaglia (13/11/1999)

Entrevista nº 8: Jean Passarella (14/11/1999)

Entrevista nº 9: Aluna

Entrevista nº 10: Rosamira P. de Almeida (ex-aluna e estagiária na E.M. Zeca de Farias)

Entrevista nº 11: Vânia Nardoto (Professora de música e voluntária)

Entrevista nº 12: Paula Reis Costa Tarado (Voluntária)

Entrevista nº 13: Aldeci Saraiva dos Santos Costa (Diretora da E.M. Zeca de Farias)

Entrevista nº 14: José Antônio de Brito Filho (Professor do C.E. Moisés Nunes Bandeira)

Entrevista nº 15: Isis de Brito (Professora do C.E. Moisés Nunes Bandeira)

Entrevista nº 16: Nilton José dos Reis Rocha (Professor da FACOMB)

Entrevista nº 17: Aluno

Entrevista nº 18: Aluna

Entrevista nº 19: Aluna

Entrevista nº 20: Aluna

Entrevista nº 21: Coletiva com alunos e alunas

Entrevista nº 22: Aluna

Entrevista nº 23: Aluna

Entrevista nº 24: Aluna

Entrevista nº 25: Aluna

Entrevista nº 26: Aluno

Entrevista nº 27: Aluna

Entrevista nº 28: Álvaro Vargas Lombardi (comodatário)

Entrevista nº 29: Adília de Araújo Ferreira (ex-aluna)

Entrevista nº 30: Iloni Maria Wendling Kreling (mãe de ex-alunas e ex-professora da
Fazenda-Escola)

Entrevista nº 31: Aline Maria Kreling (ex-aluna)

Entrevista nº 32: Maria da Silva Rodrigues (ex-aluna)

Entrevista nº 33: Ursula Grattapaglia (realizada em 20/08/2000)

Entrevista nº 34: Waldec de Assis Santos (ex-aluno)

ANEXO 2

MODELO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS COM OS ALUNOS

Quantos anos você tem?

11.

Há quanto tempo você tá aqui na Bona Espero?

1 ano.

Onde você morava antes?

Na minha casa.

Aonde era a sua casa?

Alto Paraíso.

Com quem que você morava?

Com o meu irmão e minhas irmã.

Lá era bom?

Era bom.

Por que você veio pra cá, você sabe?

Porque minha mãe e meu pai morreu.

E o que que você acha daqui?

Eu acho muito bom aqui na *Bona Espero*, porque aqui é legal, porque aqui a gente estuda, antes eu não estudava não.

Você não tem saudades da sua casa?

Eu não sinto falta não, aqui é bom brincá, ir pra lagoa, i pra cachuera.

Você tem muitas amigas aqui?

Tem. São boas.

ANEXO 3

MODELO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS COM OS EX-ALUNOS

Quanto tempo você viveu em *Bona Espero*?

Foram 22 anos, dos sete até os 27 anos.

Porque você foi para a *Bona Espero*?

Eu fui pra lá quando criança porque minha família não tinha condições de me dar uma educação, a minha mãe não tinha a mínima condição de me criar, meu pai deixou a minha mãe quando eu não tinha nem nascido, e diante disso minha mãe teve a brilhante idéia de me levar para *Bona Espero* porque desejava para mim uma vida que realmente ela não teve e ela desejava algo melhor para mim, e eu agradeço muito a ela por isso.

No tempo que você esteve em *Bona Espero* você fez qual curso?

Eu fiz técnico agrícola em Brasília, e depois que eu já estava lecionando na *Bona Espero* eu fiz o Magistério, depois que eu tinha feito o técnico agrícola em Brasília.

Como foi o processo de sua saída de *Bona Espero*?

Acho que tudo na vida tem um ciclo, que quando se fecha você tem que abrir um novo caminho e foi isso. Eu vivi 22 anos como aluna, e depois como professora e chegou um momento que eu achei que eu devia caminhar por mim mesma. Na época eu tinha um filho já, que estava com dois anos e meio, eu havia construído a casa aqui. Devido às situações que a gente vai vivendo, vai necessitando de mudanças, e eu mudei pra cá, vim dar aula aqui na cidade e começar a ter a minha vida, caminhar por mim mesma. Até então eu tinha vivido com tia Ursula, e todas as decisões ela me ajudava a tomar, e tudo muito dependente da *Bona Espero*. Agora eu tenho a rédea da minha vida nas mãos.

Qual o significado da *Bona Espero* para a sua vida?

Falar de *Bona Espero* é muito difícil, porque eu não encontro palavras suficientes para expressar tudo isso. A *Bona Espero* é a minha vida, eu vivi a minha vida toda ali, praticamente, meu filho viveu metade da vida dele, hoje ele tá com quatro anos e mais da metade ele viveu lá, e eu não sei exatamente dizer qual é o sentido da *Bona Espero*, talvez você não vai conseguir me entender, porque é só vivendo lá que a gente realmente sente e compreende. Mas a *Bona Espero* tem um papel muito importante na vida de muitos jovens, de muitas crianças, não só a minha, mas de muitos outros que passam por ali. Ela já foi a base e foi um barco de salvação para todos nós, porque ali nós não só aprendemos a ler e a escrever como em qualquer escola, mas nós também aprendemos a viver como uma grande família, e ali você aprende a se relacionar com outras pessoas, você aprende ética, moral e tudo o necessário para uma vida de um bom cidadão do mundo, porque eu não digo

apenas do Brasil, mas do mundo, porque lá a gente tem contato com o mundo inteiro. Então *Bona Espero*, eu não sei se consegui te passar o que é, mas *Bona Espero* pra mim é tudo, é a vida.

Você está lecionando aqui na Escola como professora das crianças de *Bona Espero*. Como você percebeu a mudança da Escola, quando as crianças saíram da Escola na Fazenda para virem para a Escola da cidade?

Tem o lado positivo e o lado negativo. Por um lado, por exemplo, eu fui criada lá, vivi mais tempo lá, sem muito contato com o mundo fora, e é importante ter esse contato com o mundo de fora. Então você vive uma outra realidade, mas ao mesmo tempo você pega algumas coisas que não seriam boas, alguns exemplos, alguns tipos de vida que outras pessoas levam. Em relação aos alunos que hoje estudam aqui, eles lá têm uma vida com disciplina, com regras, com responsabilidade, e às vezes, ao virem pra cá, eu já percebi isso, que muitos estão em conflito em relação a isso, porque os colegas daqui não têm esse mesmo tipo de vida, e nem todos têm a cabeça realmente madura para aceitar isso, para conseguir assimilar isso. Lá é um trabalho muito diferente, mas também nós não podemos deixar as crianças numa redoma de vidro, numa vida artificial, eles têm que ter contato com isso, e vão aprender, mais cedo ou mais tarde. Eu já tive muitos alunos, não só aqui, mas lá também, que foram meus ex-alunos e hoje vivem comigo até como colegas de trabalho e é uma situação de certa forma gratificante porque eu estou vendo o resultado do meu trabalho. É um trabalho que eu me doe de corpo e alma, e mesmo tendo muitas dificuldades que o professor enfrenta, desde o baixo salário até outras coisas mais, mas quando você vê um aluno conseguindo escalar a vida, conseguindo se realizar profissionalmente, se relacionar na sociedade, é muito gratificante para um professor.

Você nota alguma diferença no comportamento das crianças que não são da *Bona Espero* e das que são, que estudam aqui?

Muitas. Como eu lhe falei anteriormente. Eles têm uma vida com regras, com disciplina, têm horários para estudar, para brincar, têm responsabilidades, cada um tem o seu serviço, sua obrigação, e eu tenho na minha sala três alunos que são de lá, e há muita diferença entre esses alunos e os outros, justamente por isso, pela convivência em casa, que eles vêm de casa com uma bagagem, e os alunos daqui da cidade, eles têm mil problemas em casa, não digo que os alunos de *Bona Espero* não tenham, porque às vezes têm até mais, mas como eles vivem em um ambiente saudável, que tenta recuperar o que eles sofreram em casa, os traumas da família verdadeira, eles têm uma vida diferente, um comportamento diferente, eles aprendem a respeitar, enquanto que têm outros que têm problemas de disciplina de não respeitar o professor, de não nos ver como um educador, eles até agridem com palavras, com ofensas, enquanto que os da *Bona Espero* eu não creio que possa encontrar, eu não digo que não exista, mas é mais difícil, porque eles têm uma atitude de respeito, todos nós lá aprendemos a respeitar os mais velhos, e então tem muita diferença mesmo. Eles são alunos mais dóceis, realmente alunos que estão mais dispostos a aprender, têm muita dificuldade na

aprendizagem, mas eles estão com mais vontade, porque eles vêm de um ambiente um pouco mais sofrido, e lá eles aprendem também a dar valor no que eles estão recebendo.

Alguma vez seus alunos de *Bona Espero* comentaram a respeito dos vídeos que eles produzem, nesse projeto com a FACOMB?

Já foi mostrado aqui na Escola, inclusive nós temos uma cópia de um filme que foi feito sobre os olhos, alguma coisa assim, não me lembro o nome muito bem. De vez em quando eles falam alguma coisa, e na Fazenda, sempre quando vai alguém, é bem divulgado esse trabalho, esses vídeos são bastante divulgados. Eu tenho uma pequena, a (...), uma aluna que está comigo, e no começo quando ela veio para *Bona Espero* ela era bem mais retraída, e a gente já percebe que ela está se valorizando mais. Ela tem um problema de vista bastante sério, e isso a coloca um pouco assim, se sente um pouco inferior aos outros, mas a gente percebe que eles já amadureceram. Ela já chega na frente, já canta, já se valoriza. Então eu creio bastante que esse trabalho tem ajudado bastante na auto-estima deles.

ANEXO 4

MODELO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS COM OS ADMINISTRADORES

Qual o critério adotado pela Bona Espero para a seleção dos comodatários?

Se fala tanto de reforma agrária em nosso país e a *Bona Espero* faz uma reforma agrária particular nossa, podemos dizer, porque nós temos uma área de mil hectares e evidentemente não é tudo isso que nós precisamos pra educar as crianças. Portanto, aceitamos com muito prazer pessoas de índole muito decente, pessoas com uma ética, uma moral assim na faixa nossa, e eles, não tendo condição de comprar a terra nós cedemos pequenas áreas para eles poderem viver. Nós tivemos experiência de pequenos agricultores, mas eles não conseguiam, nunca conseguiam uma independência financeira só apenas através de uma agricultura de subsistência. Portanto, quem mais aparece hoje são pessoas que tem uma entrada separada financeira, que são aposentados ou que têm um trabalho fora daqui, e eles gostam de habitar em nossa terra. Assim temos o ex-chefe de serviço do Parque Nacional, ele está aposentado e ele construiu uma casa bem bonitinha e ele, a esposa, os filhos, passam grande parte da semana aqui numa pequena área de cinco hectares, fazendo agricultura, fazendo vários trabalhos. Depois temos também uma outra família. Esperamos que todos esses comodatários colaborem num certo sentido conosco, ensinando algo às crianças. Depois temos um escritor de livros de ficção científica, um tal de Ergon, que tem uma área onde ele também realizou o ano passado vivências sobre qualidade de vida, sobre medicina preventiva, sobre conscientização, e assim adiante. Temos um grupo (...) onde estão vivendo duas médicas que estão vivendo na cidade, uma homeopata, uma obstétrica, mais professores, mais o dono de um cartório, eles estão querendo não viver na cidade, mas passam muitos dias aqui.

A proposta pedagógica da Bona Espero, que tem um dos pontos centrais o movimento esperantista, a um certo ponto ela se vincula também à questão espiritualista, ou é completamente independente?

Bom, nós talvez é bom corrigir o que você disse, nós não somos ligados ao movimento esperantista como instituição, apenas alguns dos responsáveis da instituição fazem parte do movimento internacional, mas aqui a proposta é não ensinar Esperanto aos carentes, mas que esperantistas do mundo inteiro colaborem na erradicação dos grandes problemas do Brasil, que é analfabetismo, que é violência sobre menores, que é falta de oportunidade de alfabetização e de alimentação e saúde. E portanto, esperantistas fazem esse trabalho, voluntários do mundo inteiro que aparecem, esse ano já tivemos uma excelente colaboradora da Finlândia, no próximo mês chega uma jovem italiana, depois vai vir um casal da Alemanha, isso é esse ano. A parte espiritual ela já é bem individual, porque *Bona*

Espero não quer vender uma religião ou outra a essas crianças, mas dá a eles uma educação na ética cristã, nos moldes mais altos de comportamento cristão, sem dizer: "Você tem que ser crente, católico, ortodoxo, copto-armeno, batista ou luterano", porque nós achamos que as religiões são feitas pelos homens e não por Deus, e portanto, a nossa educação, a nossa proposta pedagógica ela é aglizar os potenciais de cada criança, que é um indivíduo, que é quase um pequeno Deus que tem uma grande força latente pra um dia poder ser um multiplicador na sociedade, e nossa tarefa é despertar isso, criar auto-consciência, criar auto-conhecimento e dignidade antes de mais nada, com auto-estima.

Como a cultura dos alunos é vivenciada aqui dentro da Bona Espero?

Nós nunca negamos o que eles trazem, nós aceitamos, nós incentivamos, quando trata-se de valores culturais antigos da área rural, mas nós não chocamos, mas tentamos não modificar, mas de acrescentar algo que seja positivo, compreensível para eles.

Aqui tem um grupo muito complexo, no dia-a-dia tem diferença de tratamento entre as crianças, os adolescentes e os jovens?

Evidentemente o tratamento é individual, portanto não podemos superar o número de trinta porque eu devo saber se a criança está feliz, está triste, que idade tem, como se chama, porque está aqui, eu tenho que ver o indivíduo e não a massa. É portanto nossa limitação na prestação de serviço. Mas tanto é que nossa maior preocupação hoje é ter um ou dois casais pra colaborar pra aumentar o potencial de assistência social. Mas nós cuidamos bem da qualidade, da individualidade e do tratamento individual. Evidentemente um adolescente de quinze anos tem outras aspirações do que um menino de nove anos, que quer o carinho pra brincar e o de quinze anos ele quer saber como se posicionar no mundo. É bem diferente.

O princípio do trabalho é muito forte na Bona Espero. A Bona Espero tem preocupação com o mercado de trabalho?

Evidentemente nossa prioridade é fazer com que as crianças tenham segurança em si, que tenham capacidade de enfrentar o mundo e de estar pronto para defender a sua dignidade, porque muitos deles foram violentados na sua dignidade humana e acho isso antes de mais nada a proposta. Agora, evidentemente educamos o homem na ética do trabalho. O trabalho faz parte da vida, já na Bíblia está escrito, e ninguém deve pensar que trabalho é punição, porque trabalho é realização, trabalho dignifica, qualquer trabalho feito com competência, com amor para o serviço do próximo é uma coisa muito positiva. Portanto, seja cantante, cozinheira, sapateiro, cabeleireiro, médico, engenheiro, não importa. Nós abordamos a possibilidade para as crianças que eles possam optar para qualquer profissão que eles desejam, agora, a preparação leva anos e tem uma base comum, que é a

responsabilidade e a honestidade, ação, criatividade. Isso aprende no dia-a-dia, na vida familiar, nos pequenos trabalhos de colaboração na vida familiar.

Qual o perfil dos ex-alunos de Bona Espero?

O nosso pequeno mercado de trabalho em Alto Paraíso, muito limitado, ele ofereceu boas opções para nossos ex-alunos, porque eles foram criados num grupo maior, eles sabem se comportar num grupo, eles sabem dialogar com outros, e portanto nós temos a felicidade de ter ex-alunos que são professores, que são educadores, que trabalham na Prefeitura, que trabalham em pousadas nesta região e não tem medo de enfrentar o desconhecido, eles não têm medo de abordar clientes no hospital ou novos alunos porque eles têm assim uma tranquilidade dentro de si, porque sabem que foi aceito por um grupo de trinta, e portanto eles podem também enfrentar no mercado de trabalho. E tem outros que estão em Brasília, ótimo, ótimo. Um deles, o (...) voltou outro dia, ficou seis meses trabalhando em Brasília, fazendo a oitava série, tem dezoito anos, disse: "Tia, eu sou muito importante para a família onde eu trabalho. Eles sem mim não sei como eles fariam". Isto achei tão interessante, porque ele é um menino medroso, que não abria a boca. Hoje ele se sente útil e vive fazendo jardineiro na casa de uma psicóloga e de um diretor do Banco do Brasil, e ele faz o jardim no Lago Norte, e frequenta a tarde o colégio com ótimos resultados, após uma escola bastante fraca aqui. Mas ele disse: "Eu trabalho das seis ao meio dia, eu sou muito útil, eles gostam tanto de mim". Eu acho que isto é importante, criar a cidadania através da educação, e sem cidadania o Brasil não vai pra frente.

Em julho era pra ter vindo o Jean, não veio. Como fica a sucessão de Bona Espero agora, já que o Jean ia vir, não vem mais?

Não é que Jean e Gisela teriam resolvido todos os problemas, porque todos são úteis como nós, todos são úteis mas ninguém é indispensável. E acho que nós estamos aqui nesse planeta pra servir, fazer a vontade de Deus, fazer a nossa auto-realização, e ajudar o próximo a se realizar. Agora, a *Bona Espero* não é minha, eu estou aqui como voluntária, e eu acredito nas forças divinas que eles vão na hora certa despertar os corações certos de vir aqui. E portanto, eu devo apenas estar aqui agindo, esperando, abrindo as portas, os braços pra quem virá.

Por que Bona Espero permanece já há 43 anos?

Eu acho porque nós temos mais humildade no sentido de não querer ambiciosamente coisas inúteis. Nós queremos poucas coisas, mas esta que queremos é o que fazemos, que é ajudar crianças, menores, adolescentes que estão precisando. É uma coisa que muita gente poderia fazer se tivesse a decisão de abrir mão um pouco do seu egoísmo. Mas hoje estamos na era do hedonismo e do grande egoísmo coletivo. Ninguém é disposto. Os espíritas gostam de dar sopa no sábado a tarde e

se sentem bem porque dão a sopa. Eu fico revoltada com essa gente, porque isso é fácil, cada um dá uma cenoura, uma batata e faz a sopa. Agora, estar de plantão 24 horas, pra quem não tem ninguém pra falar, pra chorar, pra rir junto, isso eu acho que é a realização mais bela da vida. Agora, eu penso que muita gente sabe mas não tem a coragem. Gostaria de fazer e não tem a coragem. Mas eu sei profundamente que se você se dispõe, Deus vai te dar tudo que precisares pra realizar aquilo, não falta. Eu tenho essa convicção que nada vos faltará. Ele promete "segue-me e nada te faltará". Eu vivo isso e vejo isso. É a coisa fascinante da minha vida, da nossa vida, porque a nossa grande felicidade é que nós nos encontramos, um homem e uma mulher pra fazer em conjunto uma missão. Isto que é a coisa mais bela, porque quando a gente chega ou ele ou ela, não adianta, porque tem que ser dois. As crianças precisam do homem e da mulher como exemplo, e a coisa fácil é dar mil Reais, mas dar um bom exemplo é muito mais difícil do que dar mil Reais. Sozinho não dá.

ANEXO 5

MODELO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS REALIZADAS COM OS VOLUNTÁRIOS

Como foi seu primeiro contato com a Bona Espero?

Bona Espero, a gente foi convidado pelo Ergon, que faz parte da Arcádia, que hoje faz parte aqui do comodato de *Bona Espero*, e ele nos convidou. Eu tinha minha família que era musicista, todos nós estávamos tocando, e ele convidou a gente pra tocar numa atividade espiritual dele, num curso dele, e nós ficamos hospedados aqui na *Bona Espero*. Então, a gente ficou hospedado na casa de cima, e o curso era na escolinha, e fizemos um show ali na escolinha. Aí a Ursula se apaixonou, a gente se apaixonou. Isso foi em 95. Nós ficamos conhecendo a ideologia do Esperanto, e ela falou pra gente que ia ter um Congresso de Esperanto na Finlândia, e a gente se animou. Fomos com ela viajar. Fomos para a Finlândia, depois fomos para a Alemanha, Suécia, Dinamarca, e tocando também. Fomos tocar na Finlândia, num Congresso de Esperanto para 2.680 pessoas, mais ou menos

Quando começou o trabalho com as crianças?

Eu me separei, a gente acabou a família De Castro, e eu já tinha a idéia, o sonho de fazer isso em Brasília. Eu comecei a ensinar violão, eu não ensinava antes. Depois que eu separei eu comecei a ensinar violão, deu vontade, alguma coisa em mim inquietou, que talvez eu pudesse fazer alguma coisa para a sociedade, um resgate talvez. Aí começou a idéia de fazer aquisições de violões para um trabalho específico com crianças carentes, tipo Samambaia, em Brasília, Ceilândia, eu estava prevendo. Eu falei para a Ursula e ela ficou empolgada: há, vem pra cá. Mas é muito longe para mim. Brasília fica a duzentos e poucos quilômetros daqui. Aí chegou um amigo nosso em comum que é maestro na Alemanha e ele viu que a música seria um resgate muito grande. E eu me propus. Não por ele, mas eu já tinha vontade desse trabalho. E eu comecei tentar. A partir de fevereiro, de quinze em quinze dias, eu ponho uma mochila nas costas e venho pra cá e faço o trabalho. Não só o trabalho de música, mas o trabalho psicológico dentro da música.

Como é feito esse trabalho?

Eu faço as músicas e vejo, eu começo, tenho uma facilidade de reconhecer o ser humano, é alguma coisa que eu sinto e não sei explicar. Como é muito difícil fazer um trabalho homogêneo num grupo, e fazer todo mundo tocar a mesma coisa, na mesma hora, no mesmo lugar, no mesmo tempo, mas Deus me abençoou que eu consegui. Eu aprendi, eu estou aprendendo aqui, e já estou iniciando outro trabalho em outro lugar também. Eu vejo uma criança que tem uma dificuldade, eu converso

com elas todas no dia que eu iniciei: nós vamos fazer um trabalho mas aqui vocês vão ser profissionais, vocês vão ser artistas de Bona Espero, e nós somos guerreiras e a gente vai fazer uma guerra, porque existe guerra santa e a guerra perdida, que a gente mata, que faz tudo. Mas eu motivo muito pela guerra interior, pela força interior. Sempre o nosso lema é que a força de um guerreiro está no coração, ninguém pode tirar. É muito interessante, e eles já captaram. Aí eu vejo uma fraqueza, e muitos tiveram, dizendo que não conseguem, e começam a chorar. Eu falo tudo bem: Retira um pouquinho do grupo, vai lá trabalhar um pouquinho, que você vai ver que nesse momento a sua dificuldade é essa e o outro está com essa facilidade. Mas depois ela vai ter a dificuldade e você vai ter a facilidade. E eles foram comprovando.

Você percebe que através da música você faz um importante trabalho aqui na Bona Espero, com a socialização das crianças, a questão da auto-estima?

Eu tenho certeza. Não penso não, eu tenho certeza que elas estão se tomando mais elas, mais confiantes. Quando se pega no violão e consegue trabalhar o seu ritmo, ali você tem que usar a concentração, todo o seu ser tem que ser voltado naquele momento, e nesse momento, eu sou uma pessoa que eu trabalho muito, eu converso com uma criança de quatro, cinco anos, como se fosse um adulto, com a mesma palavra, falando as mesmas palavras, falando sobre honra, dignidade, guerra, o trabalho não tem diferença pra mim. Eles recebem isso, e eu fico impressionada como é que eles conseguem, você pensa que não, mas eles conseguem. Eu converso com o Igor, que tem quatro aninhos, e ele entende, e depois eu cobro dele naquelas palavras. A música é um disfarce, porque aí você faz alegria, você viu hoje lá na cachoeira, tudo ali, sentar junto, ali eles falam segredos, eles falam tudo. Então isso é muito importante. A música é um disfarce para mim.

Você já notou algum comportamento nas crianças depois que elas começaram com as aulas de música?

Já. Delas chegarem e cantarem lá na frente sozinhas. Eu senti bastante. A Ursula também percebe muita diferença, ela me fala. Eu sinto muita segurança, elas reivindicam mais, elas começam a questionar mais, ficando mais críticas. Eu acho fantástico. A Ursula me falava muito sobre isso também. Alguns comportamentos que elas têm que são palavras, que são atitudes que se dão ali, naquele momento do grupo. E entre eles não têm esse problema de vergonha um do outro, porque nenhum quer ser melhor do que o outro. Eles entenderam, e parece que eles querem só tocar no grupo, e eu muitas vezes quero que eles toquem sozinhos, para adiantar, tal, mas eles se espelham no grupo para poderem fazer a música. É muito interessante. Esse é um tipo de coisa que eu estou vendo agora.

É gratificante o trabalho?

Eu sou apaixonada. Apaixonada mesmo. Pra mim é muita alegria, eu nem sei explicar. Não sei, o prazer é imenso. Eu tenho muito amor em fazer isso, muito, muito mesmo. Cada olhinho, cada olho brilhando pra mim é muito importante. Hoje eu vejo o ser humano bem diferente, eu estou aprendendo muito com eles, encarar a vida diferente, porque o fato deles virem e se deixarem educar por uma outra pessoa eu acho que isso já é um ato guerreiro e isso eu falo o tempo todo, você é um guerreiro, você é uma guerreira. É muita coragem. Será que um filho meu teria coragem de fazer isso? Muitas vezes você dá chance para um filho seu ir na Europa, estudar, e eles têm medo. Será que é a necessidade da criança, imposição da vida? Mas tem pessoas que não têm essa guerra, essa garra. Então a pessoa que se deixa fazer isso, eu admiro uma criança dessa, eu admiro. Elas têm coragem. E eu falo isso para elas toda vez. Você é um guerreiro, você é uma vencedora, porque você está se deixando educar. E a maioria de nós não consegue. A gente não tem essa força pra fazer isso.

Você cumpre um outro papel aqui de ponte mediadora entre as crianças e Dona Ursula, Seu Giuseppe. Como é que é isso?

Bom, eu ouço as crianças, e eu dou toda a liberdade, porque é importante. A Ursula tem o papel dela, a Ursula é a mãe. Talvez uma mãe chata, vamos dizer. Talvez. É como se fosse uma mãe, amam demais, mas tem aquelas chaturinhas que uma mãe tem que todo filho acha. E eu sou a confidente. "Tia, acontece isso, isso e isso!". Aí eu posiciono, porque eu permito eles falarem tudo pra mim, porque eu tenho a oportunidade de falar. Por exemplo, sobre a "Chiquititas", a novela. Eu já vinha percebendo alguns lances. Aí o Giuseppe falou, a Ursula falou, aí eles proibiram. Estão falando "não vamos fazer mais". Aí elas sentam perto de mim, elas as crianças: "Ah, a Tia tá proibindo". Aí eu falo: "será que ela não tem razão, por isso, por isso, por aquilo?". Aí elas pensam, pelo diálogo que a gente tem em sala de aula. A gente dialoga muito aberto. E eu me aproximo mais da idade delas, porque a diferença é maior entre a Ursula e eles. Eu, pela geração, pela cultura que nós temos de mudança da minha geração, que já houve muita mudança, e eu acho legal.

Eu tive que chegar aqui e mostrar serviço. Não que eu quisesse. Eu tive que dar uma continuidade, uma segurança pra ela. Porque muita gente chega aqui e querem fazer mundos e fundos, mas não tem aquela segurança. E eu cheguei, aprendei as coisas que eu podia com ela, eu vi o que que eu concordava ou não. A gente conversava muito, a gente conversa muito franco com ela. O que eu gosto, o que eu não gosto. Algumas vezes a gente brigou sério. E aí ela passou a me entender, eu passei a entender, porque ela tem uma voz de comando forte, eu também tenho. Mas não que eu quisesse, nunca quis o posto dela, eu sempre falei "nunca quero tomar seu lugar, nem penso, nem nada. Só quero entender o seu processo pra gente conviver." E ela me respeitou muito e com isto ela viu o serviço nas crianças. Então ela hoje tem a segurança de falar: "o nosso grupo musical, eles tocam". Então ela tem alguma coisa para mostrar. Por exemplo, ela não pode mostrar para a

sociedade, ela já mostrou muito, a criança lê, já são cidadãos da sociedade, tudo. Mas o trabalho de música é um negócio para a humanidade, é diferente. Todo ser humano gostaria de cantar, tocar, ou fazer algum batuque, qualquer coisa. Algumas pessoas querem fazer arte, pintura, mas nem todas querem. Mas a música todo mundo gostaria, todo mundo cobiça. Eu tenho a experiência de quando a gente tá num palco, a gente se torna Deus para as pessoas. Acaba um show, todo mundo olha para você como se você fosse de outro mundo, o que é um perigo. É um perigo pro músico administrar isso, de como você é olhado. Minha filha tem uma voz muito bonita e as pessoas olham ela pela voz, para depois analisar o ser humano. Quando a pessoa conhece a minha filha antes de conhecê-la como ser humano, fica mais difícil para ela. Então a Ursula, em questão das crianças, chega com a música, chega um visitante, e começam a tocar, desmonta: criança, numa sociedade carente, fazendo música. Então eu tenho esse sonho, que eu acho que dá resultado. Eu tenho vontade de fazer esse trabalho dentro do CAJI (Casa do Adolescente e do Jovem Infrator) de Brasília, dentro da prisão mesmo. Eu tenho vontade de chegar devagar. Talvez aqui seja a minha escola, a que eu estou começando a aprender. Aí daqui, que são crianças mais fáceis, e a educação aqui é mais direcionada, porque é uma família aqui, esse lugar é uma família. Eu estou fazendo um outro trabalho que não tem essa mesma educação. O sistema educacional não é igual. São seis funcionários, as mães crecheiras, tem psicólogo, mas não tem a mesma educação. A educação aqui é mais direcionada, porque é uma família aqui, esse lugar é uma família. Eu estou fazendo um outro trabalho que não tem essa mesma educação. O sistema educacional não é igual. São seis funcionários, as mães crecheiras, tem psicólogo, mas não tem a mesma educação. É diferente. A criança lá é bem alimentada, bem vestida. Mas é simplesmente um animalzinho, bem alimentado e bem vestido. Um número. E aqui é diferente. Então eu estou trabalhando aqui, estou tomando base, estou tendo segurança naquilo que estou fazendo, saio agora lá, enfrento um outro tipo de problema, são novos desafios pra mim, agora aqui é muito edificante, esse aqui é muito edificante esse trabalho. O outro que eu estou fazendo já está me desgastando um pouco porque é mais frustrante. Porque eu vejo resultado na criança, mas eu vejo, eu não sei como, está muito novo lá, tem um mês que eu estou e eu não sei. Eu não vejo o que que pode ser aí. Aqui eu já estou vendo, mas lá eu já não sei. Mas eu tenho esperança. Eu tenho esperança mesmo. Aí vamos ver se é a sociedade que proporciona a gente fazer um bom trabalho ou se esse trabalho vai ajudar de outra maneira. É um desafio. Eu sinto, eu vejo quando há uma revolta no CAJI, porque o CAJI é em Brasília, eu fico inquieta, de repente eu fico imaginando: "Se eu levo um batuque desse, todo mundo tocando, aí daqui a pouco um violão, eu vou ocupar a mente dessas crianças, será que eu não vou ajudar?" Então eu já estou fazendo campanha para conseguir os instrumentos mas pra eu fazer o meu trabalho, porque aqui eu consegui os instrumentos para cá. Agora eu quero ter a minha banda, vamos dizer assim, meus instrumentos, e faltam só os elementos. A Ursula nem sabe disso, nem sabe porque no fundo ela gostaria que eu morasse aqui. Mas meu coração já está começando a coçar, a ficar inquieto. Não me custa nada ficar aqui de quinze em quinze dias, aí de quinze em quinze eu tô em outro. Dia de semana eu vou. No CAJI está dentro de casa praticamente. Se eu quiser ir lá, eu posso ir toda tarde se eu quiser. Já lancei a idéia, já falei com um amigo meu que tem conhecimento, conversei com ele. Aí eu deixo

Deus fazer o resto. Eu me dóo. Eu trabalho muito com a fé. Eu leio bastante. Não tenho faculdade, eu sou uma pessoa que não tenho faculdade, eu fiz até o segundo grau.

Eu te vi hoje negociando com a Ursula e o Giuseppe sobre o programa da Sandy e Júnior na televisão. Como você encara a relação das crianças da Bona Espero com a tecnologia?

A televisão para mim é um meio educativo, você não pode tirar a criança do mundo. A própria Bíblia fala: "Não os tire do mundo, mas livre do mal". A televisão também é educativa. E tem a coisa de todo mundo estar assistindo, conversando, aquele momento é muito importante, mesmo a coisa negativa na televisão, é importante discutir com eles. Eu não sou da violência, detesto filmes violentos, mas por exemplo, uma cena de sexo, como é que você vai administrar para um filho seu vendo a televisão? Você vai apagar? Eu antigamente, quando eu tinha filho pequeno, eu mudava de canal no controle. Se passava eu mudava. Um dia alguém falou: "Você vai poder fazer a vida inteira isso para eles? Ou fingir que aquilo ali é normal? Ou no momento que passa aquilo ali, ele nem nota, se desde pequeno ele está vendo aquilo?" Aí o que aconteceu: o meu filho chegou, foi numa livraria, tinha revistas, a Revista Playboy com a mulher de tudo quanto é jeito e ele falou: "Mãe, eu vi uma mulher lá com a xoxota toda de fora, e um homem lambendo ela." Aí eu falei assim: "Ah filho, mas no mundo animal também é assim. Você não vê a cachorra não lambe? Cada um tem um jeito." Eu estava dentro de casa e ele saiu e viu. Ele foi procurar um livro, porque ele gosta de ler. Mas você pode evitar o mal? Ou você vai conversar sobre o mal com a criança, e criar oportunidade de conversar?

Você acha importante as crianças terem ido estudar em Alto Paraíso?

Importantíssimo no meu ver. Eu penso assim e eu vi várias pessoas falando sobre a Febem. Que eles ficam num mundo fechado, e são rejeitados pela sociedade e não sabem se colocar dentro da sociedade. Eu encaro assim como eu encaro a televisão dentro da sociedade, eu encaro uma escola dentro de uma fazenda como essa. Eu particularmente, se eu tivesse num lugar assim eu não colocaria as crianças para estudarem, ter escola dentro do local. Eu acho que a criança precisa de socializar, precisa de conhecer o mundo, senão ela vai viver no mundo da fantasia.

ANEXO 6

MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO

Data: 18/08/00

Recepção muito calorosa em *Bona Espero*, tanto de Ursula e Giuseppe, quanto dos alunos. Como sempre, o ambiente é muito acolhedor.

Muitos alunos novatos, muitas entradas e saídas e alguns retornaram aos lares porque o pai casou e a madrasta quis as enteadas: "As minina saíro porque o pai delas casou de novo e a madrasta delas pidiu pra ele buscá elas aqui. Agora elas tão lá com eles".

Jean não vem mais porque suas duas filhas não quiseram se mudar para o Brasil – Percebe-se um certo ar de decepção em *Bona Espero*. Ursula e Giuseppe esperavam a substituição e nem imaginavam que Jean e Gisella pudessem mudar de opinião. Dizem que são "dois velhos cansados e que não vêem a hora de Deus mandar um casal para assumir *Bona Espero*, pois a responsabilidade é muito grande e o peso da idade vai chegando e se acumulando ao cansaço". Já são quase trinta anos que eles estão à frente de *Bona Espero*.

Os alunos não vão mais para a Casa do Estudante, a Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás está oferecendo transporte escolar para todos os alunos. Na Casa do Estudante só estão três ex-alunas e uma aluna de *Bona Espero* que estuda no período matutino. Ela passa os dias da semana na Casa do Estudante e os finais de semana na fazenda.

Dois voluntários alemães (um é sobrinho de Ursula e o outro amigo dele). Só falam Alemão. Uma menina novata de dez anos disse que está ensinando Português a eles, que, segundo ela, aprendem rápido.

Chegada de um aluno novato. Ursula disse que é abandono em família e que ele só precisa de amor. A integração do novato ao grupo ocorre através dos alunos. Eles mesmos demonstram interesse e disposição em fazer amizade e mediar a inserção do novato ao grupo. Os novatos são inseridos no grupo pelos próprios alunos, pelos próprios membros do grupo.

Antes do jantar, os voluntários alemães chegam ao refeitório e começam a jogar uma bolinha para uma menina, que devolve aos mesmos. De repente, forma-se uma grande roda, e eles passam para o pátio interno para prosseguir a brincadeira. Ficam ali até o sino do jantar se tocado. Crianças e adolescentes se misturam nessa brincadeira de ficar jogando a bolinha uns para os outros. O fato dos adolescentes e jovens também brincarem estarem nesta roda jogando a bolinha, com ares de felicidade, parece um pouco estranho para os moldes de adolescentes e jovens que se está acostumado a ver nos outros lugares, mas eles apresentam uma felicidade autêntica quando participam desse tipo de brincadeira. O grupo tem um certo ar de inocência. Adolescentes e jovens brincam de roda com as crianças.

Presença muito grande de brincadeiras (de roda, pique-pega, pique-esconde). Isso facilita a integração e o estreitamento dos laços no próprio grupo. O novato brinca junto com os outros alunos.

A divisão de tarefas após o jantar é negociada com o grupo – Ursula pergunta quem vai lavar e sempre surgem alunos que se oferecem voluntariamente.

Após o jantar dançam "bonchibom-bom-bom" e fazem coreografias. É uma fita com músicas baianas variadas. Um aluno ainda limpa a cozinha, alguns conversam e outro grupo brinca de pique-pega. Alguns observam o grupo que dança. A diferença entre os grupos é mais ou menos etária e por gênero. A fita das músicas foi presente da professora de música, e as coreografias as meninas disseram que aprenderam em casa, durante o período das férias. Às vezes conseguem ver alguma coisa em Bona Espero, mais aprendem mais quando vão para casa.

A cultura das crianças entra em choque com a cultura de Bona Espero. Os hábitos e costumes dos alunos são muito diferentes dos de Bona Espero. Existe um choque, principalmente para quem chega, pois são culturas conflitantes, e o que acaba permanecendo é a cultura adotada na instituição. Em certa medida contempla a cultura dos alunos, pois esses trazem para o cotidiano da Fazenda-Escola seus hábitos, suas músicas, incluindo músicas sertanejas de raiz, além de brincadeiras e cantigas de roda características de suas culturas. Eles arrumam formas de manifestações culturais entre si. Entretanto, muitos estão acostumados à cultura televisionada, coisa que não é contemplada no cotidiano de Bona Espero.

O grupo se afirma e se apoia. Não existe um líder no grupo, são vários os líderes. Percebe-se que quanto mais tempo de casa os alunos têm, maior é o espaço que ocupam, a liderança que exercem e a responsabilidade que trazem consigo e que têm em relação às tarefas. A impressão que se tem é que os alunos mais antigos vão tornando-se pequenos dirigentes dentro da instituição, pois além da

liderança, também acabam organizando as tarefas e as atividades. O grupo se mistura muito, e apresenta-se muito carente, sempre rodeando os visitantes, administradores e voluntários, sempre tocando nas pessoas, no cabelo, no braço, e esperando uma carícia qualquer. O grupo sabe melhor do que ninguém das histórias de vida de cada um ali, se apoiam e se afirmam uns nos outros. De todos os alunos de Bona Espero que foram entrevistados, apenas duas alunas solicitaram entrevista individual, separadas do grupo alegando timidez. Os demais só aceitaram falar se os colegas estivessem por perto: "se durante a 'interrogação' a gente esquecer alguma coisa, eles ajudam a lembrar", era o argumento mais utilizado. Assim, foi quase impossível fazer uma entrevista individual. O grupo quer participar, quer opinar na vida do entrevistado, fornecendo dados e se auto-ajudando. Entretanto, percebe-se que durante as entrevistas quase não ocorreram interrupções por parte dos alunos que assistiam. Analisa-se que a presença do grupo não prejudicou a opinião individual dos informantes, ao contrário, pois as entrevistas renderam mais quando foram feitas com a presença pequenos grupos. Observa-se que a posição do entrevistado era respeitada, ou seja, enquanto um aluno estava dando a entrevista, os demais limitavam-se a ouvir, e deixavam para emitir suas opiniões após o término da entrevista. Um exemplo disso foi uma entrevista realizada com uma aluna com pouco tempo de casa. Após ter respondido durante uns dez minutos as perguntas triviais, tais como aonde morava, com quem, como vivia, se sabia porque estava em Bona Espero, o que estava achando da instituição, etc., depois que o gravador foi desligado, um menino que ouvia a entrevista falou com um certo ar de naturalidade: "Ei, você esqueceu de dizer uma coisa!" "O que?", perguntou a entrevistada. "Você esqueceu de dizer que seu pai e sua mãe morreu!". Os olhos da menina se encheram de lágrimas, e logo outros alunos do grupo já estavam a abraçando, consolando. Ela olhou para todos e disse: "É mesmo. Meu pai e minha mãe morreu." E pediu para cantar uma música que é tema da novela Chiquititas no gravador, cujo enredo traz um desabafo de uma criança que foi abandonada pelos pais, descobrindo-se sozinha e carente no mundo. Naquele momento, todos os alunos que estavam no ambiente, inclusive os que não estavam participando do grupo das entrevistas, voltaram os olhos para a menina, que encheu o ambiente com sua voz afinada e se fez notada. No início, cantou sozinha, mas da metade da música em diante, pediu que os outros cantassem juntos. E foi assim que aconteceu. A atitude do grupo surpreendeu pelo respeito com a dor do próximo e pelo amparo e consolo oferecido naquele momento.

O grupo é muito alegre. Quase o tempo todo sorrindo e brincando. É um grupo integrado, que dá a impressão de muita integração. É um grupo coeso. Os alunos respeitam muito a questão da liderança, principalmente dos adultos. Até voluntários e visitantes que chegam são sempre tratados com muito respeito. O grupo espera atividades dos visitantes e voluntários, eles acham que quem vai até Bona Espero sempre vai fazer alguma coisa, alguma atividade, alguma brincadeira. Sempre estão a espera desse retorno.

O grupo é muito transparente. Eles não se preocupam em fantasiar realidades para quem é de fora e chega até Bona Espero. Expõem com facilidade os problemas, os defeitos das pessoas, inclusive dos administradores, desde que esses não estejam presentes. Reclamam de certos tipos de comida, como sopa de espinafre e beringela. Em certa medida, são confidências que fazem para qualquer pessoa que aparece por lá, seja ela conhecida ou não. Um casal de turistas paulistanos visitou Bona Espero nesse fim de semana, e da mesa ao lado ouvi as crianças contarem como fazem para burlar certos tipos de regras, como quando não querem comer a beringela e o prato aparece vazio. Reclamam de limpar o banheiro. Reclamam do fulano, do sicrano, que tal pessoa é assim, que o outro é egoísta, que a fulana está de castigo porque fez alguma coisa, essas coisas.

Os alunos e alunas têm o hábito de chamarem-se não pelo nome, mas por "mano" ou "mana", diminutivo de irmão e irmã. Isso foi observado em diversas situações.